

## APRESENTAÇÃO

O desejo de compreender a vivência da heterossexualidade masculina, por meio do aprendizado da forma de realizar pesquisa acadêmica, surgiu na graduação e culminou na busca da compreensão da experiência da heterossexualidade em homens de meia-idade.

O interesse pela pesquisa teve início durante a Graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, quando realizei, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, um estudo sobre a heterossexualidade masculina com o seguinte título: **“Ser homem de 20 a 30 anos na relação heterossexual: um estudo da sexualidade masculina”**. Essa pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 1999 a 2000 como Monografia de Bacharelado em Psicologia.

Foram entrevistados 10 homens na faixa etária de 20 a 30 anos, pertencentes a classe média, que se percebiam heterossexuais. A metodologia eleita foi a qualitativa fenomenológica, que permitiu a obtenção dos depoimentos dos colaboradores. A análise dos relatos desses homens foi realizada com o referencial teórico psicanalítico. Essa análise nos possibilitou a elaboração das categorias: 1) Ser homem é ser ativo, é não ser homossexual. 2) O “ato” como designação do “ser”. 3) A cobrança de ser homem máquina, macho, Don Juan. 4) Traição, ciúmes e competição: vivências da relação com a mulher. 5) Ideal de mulher para planos futuros: mulher companheira e “fogosa”. 6) A importância do “olhar” da mãe na segurança sexual do homem. E desse modo, vir a visualizar a compreensão da heterossexualidade.

Com a relativização dos papéis de gênero, a definição do que é ser homem deixou de ser tão óbvia como pregava a ideologia patriarcal que definia com clareza os

comportamentos e “lugares” sociais que homens e mulheres deviam ocupar. Esse processo instalou o que Nolasco (1995) definiu como a crise da identidade masculina, na qual o homem contemporâneo se encontra sem referências para definir seus novos comportamentos, como o maior cuidado afetivo com os filhos, fruto das novas exigências de uma sociedade em transformação.

Segundo esse autor, trata-se de um momento de transição, no qual a rigidez do conceito de masculinidade patriarcal não satisfaz mais as expectativas e necessidades do ser homem na atualidade. Porém, não existe ainda um novo modelo que responda com clareza a questão o que é ser homem.

A crise da identidade e dos papéis de gênero se faz presente e reflete no questionamento da própria escolha sexual, para os colaboradores entrevistados, uma vez que resultou na diminuição da distância entre os conceitos de masculino e feminino. Desse modo, a vivência da heterossexualidade é marcada por fortes angústias e inseguranças, representada pelo esforço intenso dos colaboradores em diferenciar-se do universo feminino com o objetivo de assegurar-se de sua identidade heterossexual. Isso porque essa identidade foi representada pelos mesmos, como a prova maior da masculinidade. Ou seja, ser homem, nessa perspectiva, é ser heterossexual.

Ao finalizarmos a etapa da iniciação científica, permaneceu o desejo de estender e aprofundar nossa busca em relação à vivência da heterossexualidade masculina. Surge assim a curiosidade a respeito da vivência da heterossexualidade em homens de meia idade que apesar de terem recebido forte influência da educação baseada nos valores patriarcais, vivenciaram como co-autores o processo de mudanças da modernidade na sociedade contemporânea. Surgiu, desse modo, o desejo de compreender como os

indivíduos atribuem sentidos às suas vivências heterossexuais ao acompanharem esse processo histórico.

Sendo assim, elaborei em 2001 o projeto intitulado : **“Ser homem de 45 a 55 anos na relação heterossexual: da ruptura do silêncio a reflexões de paradigmas”**. No final desse mesmo ano, participei da seleção de Mestrado no programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, ingressando em 2002. Durante o primeiro semestre de 2002 o projeto foi reelaborado e encaminhado ao comitê de ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP (FFCL-RP) e aprovado.(Anexo A). A partir desse momento foram cumpridos os créditos em disciplina.

Esta dissertação está inserida na linha de pesquisa denominada de “Sexualidade e a reflexividade da moral sexual na constituição histórico-cultural dos sujeitos na pós-modernidade”, sendo essa de responsabilidade da Prfa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns. O foco principal dessa área refere-se à reflexão sobre a sexualidade humana segundo a compreensão ontológica, assim como sócio-histórica. A docente coordena também o grupo “Sexualidade e Vida”, cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq .

A indagação a respeito dos sentidos da heterossexualidade masculina na meia-idade suscitou-me a necessidade de buscar, no cerne da história, os valores que compuseram o paradigma que definia “o que é ser homem” na sociedade moderna e assim compreender a crise desse sistema de valores, que atingiu o conceito de indivíduo e de família, resultante das mudanças sociais decorrentes do momento histórico denominado pós-modernismo ou hipermodernismo, conforme Lipovetsky (2004). Surgiu também a necessidade de localizar, nesse processo histórico, a construção do

conceito de heterossexualidade como identidade sexual ideal, um modo hegemônico de erotismo.

As mudanças sociais de âmbito macrossocial configuram um momento histórico, no qual o desemprego e a insegurança social definem o cotidiano do homem contemporâneo. Para tanto, indagamos como é ser homem de meia-idade e heterossexual nesse atual contexto; como os indivíduos percebem sua identidade; suas relações afetivas e sexuais, o que fizeram de sua história até o momento presente e os anseios para a vida futura.

A partir desses questionamentos, o objetivo consiste em compreender os sentidos atribuídos pelo homem de meia-idade à sua vivência heterossexual contextualizado na sociedade contemporânea.

Juntamente com a análise sócio-histórica do fenômeno da heterossexualidade, realiza-se a compreensão psicológica sob a ótica da psicanálise contemporânea. Nessa perspectiva, o psiquismo do indivíduo é concebido como uma construção não apenas baseada em estratos biológicos, mas também como uma constituição a partir das interações afetivas, nas quais os sentidos da existência são transmitidos por meio das emoções, crenças familiares e produções simbólicas. Assim, a psicanálise auxilia a compreensão do processo de transmissão dos sentidos e afetos envolvidos na formação e conceituação da identidade heterossexual.

Vale lembrar que a ciência também foi atingida pela crise da ideologia moderna, e as ciências naturais questionadas como sendo o único modelo possível e verossímil de se constituir o saber científico. Assim, para a compreensão do contexto científico no qual nossa pesquisa se insere, fez-se necessário entender esse processo de questionamento da ciência moderna.

Para deixar clara a trajetória percorrida com o objetivo de alcançar a compreensão do fenômeno da heterossexualidade em homens de meia-idade, serão apresentados os capítulos que compõem esta dissertação:

### **Capítulo 1- A Sociedade Moderna e seu contexto paradigmático**

Esse capítulo é composto por um percurso histórico, no qual pode-se acompanhar a lógica da ideologia moderna, por meio da elaboração de seus conceitos estruturais, como o conceito de indivíduo e da família burguesa, bem como as articulações entre o contexto sócio-histórico e a concepção de masculinidade construída no cerne da sociedade moderna patriarcal.

### **Capítulo 2 – Os superlativos da modernidade contemporânea: um novo contexto paradigmático**

Esse capítulo tem como objetivo compreender as mudanças ocorridas na sociedade moderna, devido ao aprofundamento da “lógica capitalista” que resultou em uma crise da estrutura inicial dessa sociedade. Como resultado desse processo, a ideologia moderna é abalada e com ela o conceito de masculinidade patriarcal e a família burguesa, como única possibilidade de configuração familiar.

### **Capítulo 3– A Ciência e o novo contexto paradigmático**

Esse capítulo tem como objetivo compreender as mudanças que atingiram o saber e a prática da ciência, resultantes das transformações da pós-modernidade, situando, assim, a atividade científica deste trabalho.

#### **Capítulo 4 – A Perspectiva Psicanalítica**

Nesse capítulo, conceitos da psicanálise auxiliam a compreensão dos aspectos psicológicos das vivências relatadas pelos colaboradores. É realizada a compreensão do conceito de narcisismo, segundo a visão freudiana e uma compreensão da sexualidade humana e da constituição psíquica segundo a psicanálise contemporânea.

#### **Capítulo 5 – A trajetória metodológica**

Esse capítulo compõe a metodologia utilizada nesta pesquisa que consiste na Fenomenologia. São descritos, então, a pesquisa qualitativa fenomenológica, a psicanálise e a fenomenologia, o acesso aos colaboradores, dificuldades encontradas, percurso metodológico e o perfil dos colaboradores.

#### **Capítulo 6 - Desvelando sentidos: da ruptura do silêncio a reflexões da vivências heterossexuais**

Esse capítulo constitui-se da análise compreensiva das categorias de significado. Cada entrevista foi analisada de uma vez, e classificada dentro das categorias comuns a todas as entrevistas. Antes de cada entrevista foi descrito o perfil do colaborador. As categorias comuns a todas as entrevistas são:

- Categoria I- A Infância: breves recordações
- Categoria II- Nos tempos do catecismo: descobertas adolescentes
- Categoria III- As vicissitudes da vida adulta
- Categoria IV- A reflexão dos ventos da meia-idade
- Categoria V- Os sentidos da heterossexualidade

**Capítulo 7 – Os sentidos convergentes e divergentes da heterossexualidade:  
da ruptura do silêncio a reflexões de paradigmas**

Esse capítulo contém a reflexão dos sentidos convergentes e divergentes apresentados nos relatos dos colaboradores, possibilitando uma síntese compreensiva geral desses sentidos.

**Horizontes**

Nesse capítulo são visualizados os horizontes que podem ser percorridos a partir da compreensão dos múltiplos sentidos atribuídos às experiências do ser homem heterossexual, na atualidade.

**Referências Bibliográficas**

**Anexos**

Anexo A- Aprovação do Comitê de Ética  
Anexo B- Termo de Consentimento

## Capítulo 1

### A SOCIEDADE MODERNA E SEU CONTEXTO PARADIGMÁTICO

#### **1.1 O indivíduo moderno**

O conceito de paradigma tem sua origem na lingüística, e se refere ao conjunto de elementos semânticos que se agrupam construindo sentidos lingüísticos que compõem um contexto paradigmático, fornecido pela cultura, que “*é o saber comum de um grupo social derivado do conhecimento de uma pluralidade de códigos (científicos, artísticos, éticos, sociais, religiosos) possuído pelo emissor e pelos receptores qualificados.*” (D’ONOFRIO, 1978, p.109).

De acordo com D’Onofrio (1978), nenhuma mensagem tem sentido em si mesma, seus componentes só têm sentido completo quando os correlacionamos com os demais elementos, com os quais forma um sistema, em nossa “*memória da língua*”. Os elementos da língua participam de classes, nunca estando isolados, formando conjuntos de elementos que se associam por um traço lingüístico permanente, “denominador comum” destes elementos. Nesse sentido, segundo os fundamentos da lingüística contemporânea, um paradigma é definido como uma classe de elementos que podem ser colocados no mesmo ponto de uma mesma cadeia, sendo substituíveis ou comunicáveis entre si.

As relações de gênero, assim como os inúmeros formatos possíveis da sexualidade humana, são moldados por intermédio de um sistema de valores sócio-históricos-políticos, transmitidos pelos mitos, crenças e normas de cada cultura. Assim, a forma como as relações de gênero e a sexualidade são concebidas dependem dos

valores e regras, impostas pela sociedade, em cada cultura e momento histórico, conforme o contexto paradigmático específico construído.

A heterossexualidade se apresenta, socialmente, como a forma natural e esperada de expressão sexual, sendo, portanto, pouco investigada. Pressupor que essa forma de orientação sexual não comporta conflitos e prazeres específicos, frutos de vivências moldadas por valores culturalmente vinculados, significaria reduzir essa experiência humana à vivência, exclusivamente, fisiológica. Compreendemos, então, a utilidade de retomarmos a história da sociedade capitalista como recurso para podermos visualizar o movimento pelo qual passou a sociedade moderna e o modo como, por meio de luta de poderes e contradições, foi-se constituindo o homem nessa sociedade, como também suas crenças e a maneira de representar sua vivência heterossexual, objeto de nosso estudo.

Hall (1998, p.23) descreve o contexto histórico no qual o sujeito moderno teria emergido e a trajetória que a concepção de indivíduo e de identidade percorreu, enquanto figura discursiva, desde seu nascimento até a era contemporânea. Alguns movimentos culturais da sociedade ocidental foram de fundamental importância no “nascimento” do indivíduo moderno, entre eles o autor cita a Reforma e o Protestantismo, que liberaram a consciência individual da instituição religiosa da Igreja Medieval, colocando o indivíduo diretamente em contato com os “olhos” de Deus; o Humanismo Renascentista, que coloca o homem no centro do universo; o Iluminismo, centrado no homem racional, científico, liberto dos dogmas e capaz de compreender e dominar a história e as forças da natureza.

Vaitsman (1994), ao analisar a construção do conceito de indivíduo na sociedade moderna, esclarece que o individualismo, como um conjunto de valores, apóia-se nos

princípios da Revolução Francesa. Assim, Lukes (1983 **apud** VAITSMAN, 1994) classificou quatro idéias contidas no conceito de individualismo: autonomia, privacidade e autodesenvolvimento (que corresponderiam ao princípio de liberdade) e a dignidade humana, correspondente à noção de igualdade. Esses princípios estariam, então, sendo gerenciados pela natureza racional do homem. Com base nessa idéia de individualidade, as pessoas seriam consideradas livres, portanto, iguais e racionais por natureza. A hierarquia social seria uma conseqüência da ação do homem no mundo do trabalho.

Nesse sentido, negava-se a hierarquia como decorrência da natureza humana, justificando-a pela propriedade privada (resultado do uso da Razão). Isso porque, os indivíduos sendo obras de Deus, não apresentariam desigualdades. Estas seriam o produto de um único fator: os esforços de cada um para apropriar-se das forças da natureza. (VAITSMAN,1994).

Na gênese da ideologia moderna, a hierarquia não se justificava apenas pelas categorias de classe, mas também por aquelas de gênero. Dessa construção social, surgiram duas categorias econômicas: os indivíduos racionais e proprietários e os destituídos dessa condição; as mulheres e os não-proprietários. O conceito de liberdade era equacionado como a ausência de qualquer tipo de restrição das potencialidades de um indivíduo; portanto, ele se aplicaria aos homens proprietários, libertos das coerções socioeconômicas e políticas iguais entre si. Conclui a autora: *“Claro, na ideologia moderna do século XVIII europeu, a humanidade é nomeada como um substantivo masculino”* (VAITSMAN, 1994, p.33).

Nessa concepção de liberdade e igualdade estava também implícito que os indivíduos são donos de seus corpos e de seus trabalhos, o que concretamente não

incluía as mulheres, visto que elas não detinham o controle nem do seu corpo (conquistando apenas recentemente o controle de sua fecundidade), tampouco do seu trabalho, restrito à área doméstica, desvalorizado socialmente, já que considerado improdutivo (VAITSMAN,1994).

Hall (1998) afirma, entretanto, que, conforme as sociedades modernas se tornaram mais complexas, elas se tornaram também mais coletivas, acarretando a necessidade de atualizar essa definição de indivíduo. Assim, as teorias clássicas liberais ditadas pelo governo, cujo alicerce eram os direitos e consentimentos individuais, foram obrigadas a responder às estruturas das grandes massas, nas sociedades modernas graças à vitória do regime democrático. As leis clássicas que regulavam a economia, a propriedade, o contrato de troca, após a industrialização, precisaram atuar entre as enormes formações de classe do capitalismo. O cidadão individual, como relata o autor, se transformou em uma unidade anônima, em relação à estrutura burocrática do governo, sendo o empreendedor individual transformado progressivamente nos conjuntos empresariais.

Surge então, uma visão mais social do sujeito, visto de forma contextualizada dentro das grandes estruturas sustentadoras da sociedade moderna. Um fator significativo para o surgimento dessa nova concepção de indivíduo, foi a contribuição das Ciências Sociais que tentaram localizá-lo nas normas dos grupos. Por meio de uma nova teoria, pretendeu-se explicar a influência do indivíduo no grupo e vice-versa (Id.,1998).

Entretanto, o autor observa que as transformações que as Ciências Sociais produziram foram limitadas, visto que o indivíduo soberano, com suas necessidades, desejos e interesses, permaneceu no centro dos discursos e das leis da sociedade. Na

verdade as extensas pesquisas da Ciência sobre a relação indivíduo/sociedade continuavam a conceber as duas instâncias de forma cindida (HALL, 1998).

Nesse mesmo contexto, na segunda metade do século XX, começa a surgir um movimento estético e intelectual bastante perturbador do sujeito em relação a sua identidade: o movimento cultural do Modernismo. As produções culturais do Modernismo denunciavam a figura de um indivíduo isolado, exilado e alienado, localizado no plano de fundo de uma multidão anônima e impessoal da metrópole. Na óptica de Hall (1998), a cultura desse movimento lançava luzes às contradições da concepção individualista do sujeito, assim como da visão sociológica de um indivíduo em perfeita harmonia em sua interação com a sociedade.

Poderíamos, então, nos indagar como essa concepção a respeito do indivíduo influenciou na representação da masculinidade que o sujeito moderno vivenciou e quais as heranças ainda hoje presentes nas vivências dos sujeitos contemporâneos. Em outras palavras, como uma individualidade calcada na racionalidade, na soberania dos desejos individuais, em uma liberdade designada pelo poder aquisitivo e pelo prestígio público pode ter influenciado na formação do conceito a respeito do que é *ser homem*? Essa é uma de nossas inquietações.

## **1.2 A família moderna e o mito do amor romântico**

Vaitsman (1994), ao estudar a formação da estrutura da sociedade moderna, identifica dois motivos que contribuíram para que as mulheres tenham sido excluídas da definição de indivíduo, enquanto categoria histórica. O primeiro se refere à privatização da família, a qual perdeu o seu caráter de unidade produtiva, como era definida na sociedade medieval. O segundo diz respeito à distinção e hierarquização das atividades,

a partir de então classificadas como produtivas, as pertencentes à esfera do trabalho (pública) e como improdutivas, as da esfera familiar (privada).

Essa classificação das atividades pressupunha outra distinção: os “lugares” sociais que homens e mulheres deveriam ocupar na nova sociedade que se impunha. Às mulheres caberia a participação nas atividades domésticas concebida como o oposto do mundo público do trabalho, cujo domínio das atividades era masculino. As atividades que passaram a ser consideradas trabalho e, portanto, produtivas e remuneradas eram exercidas na esfera regida pelo princípio universalista do mercado. Segundo a lei do mercado, o indivíduo poderia concorrer livremente para vender sua força de trabalho. Assim, as mulheres foram excluídas oficialmente desse conceito de liberdade, por meio da distinção entre mundo público e privado (Id., 1994).

Coube aos ideais revolucionários de 1789 a responsabilidade por esses novos “status”. De acordo com Perrot (1991), a Revolução provocou uma ruptura incisiva, geradora de um processo de separação entre público e privado, com efeitos distintos a curto e longo prazo. No momento imediato ao marco da Revolução houve uma desconfiança de que os interesses privados servissem de subterfúgio para conspirações e traições em relação aos ideais revolucionários. Em contrapartida, nesse momento, a via pública era sinônimo de transparência e pretendia criar um novo homem em seus costumes, linguagem e sentimentos, dentro de um espaço específico, remodelado, de forma que ocorresse uma transformação no indivíduo, operando de fora para dentro.

Segundo a autora, antes que o mundo privado fosse extremamente idealizado pelo amor romântico, a vida privada sofreu intensas agressões, as quais se justificavam no período fervoroso da revolução, visto a desconfiança de que tudo o que era privado, podia se tornar conspiratório, daí a necessidade de que nada passasse despercebido à

transparência do âmbito público. Dessa forma, era necessária uma vigilância constante em relação aos interesses públicos para impedir que interesses particulares, privados aflorassem. Assim, o ideal consistia na abertura das reuniões políticas ao público. Num país dominado pela vida pública, que se traduzia como sinônimo de político, a expressão dos interesses privados era interpretada como atitude contra-revolucionária. Nessa concepção, o homem público que não defendia a Revolução de forma intensa, era rotulado como um homem corrupto no privado. (PERROT, 1991)

Surge uma ideologia, na qual a proposta de uma nova sociedade encarna um conceito inovador do que é ser homem naquele momento histórico. Na concepção revolucionária, para a autora, ser homem de honra e de coragem é ser transparente em sua atitude política, em sua fidelidade com a vida pública, sendo capaz de abdicar completamente de sua vida privada. O homem de respeito nesse contexto deveria realizar uma revolução interna, de forma a se moldar nos ideais revolucionários, abrindo mão de seus interesses privados (PERROT, 1991).

Segundo Hunt (1991), no início do movimento de ruptura, houve grande adesão da participação feminina. Muitas mulheres adotaram, inclusive, vestimentas que as identificassem como adeptas da Revolução. A forte adesão feminina acarretou temores nos deputados de que essa participação tivesse como consequência um processo de masculinização. Assim, foi definido pelos líderes do governo revolucionário que as associações feministas estavam indo contra a “ordem natural” das coisas, na medida em que emancipavam as mulheres de sua identidade exclusivamente familiar e privada. Assim, afirmou um representante do Comitê Chaumette: *“Onde já se viu que a mulher abandone os cuidados do lar, o berço dos filhos, para ir à praça pública, discursar na tribuna?”* (HUNT, 1991, p.26, 27).

Com base nesses argumentos, todas as associações feministas foram suprimidas, sendo, a partir de então, cada vez mais intensa a legitimação da ideologia que designou a mulher como representante do mundo privado, da vida familiar. Conseqüentemente, a participação ativa das mulheres na vida dos negócios se torna uma realidade indesejável socialmente e intolerável pela maioria dos homens (Hunt, 1991).

Nesse processo histórico, os “lugares” e papéis sociais dos homens e mulheres foram sendo definidos e diferenciados. Assim, por intermédio do combate de determinadas formas de comportamento, definiam-se os modelos ideais esperados socialmente para cada gênero (Id., 1991).

Esperava-se, como relata a autora, que o homem fosse um indivíduo transparente e corajoso em assumir sua atitude política, que deveria ser a republicana, conseguindo ter sucesso nos negócios (ser proprietário), sendo, então, um bom provedor do lar. Resguardando-se, então, da vida privada, provaria sua seriedade enquanto homem público, interessado nas questões políticas e não apenas em seus interesses particulares. Da mulher, por sua vez, esperava-se, que fosse a referência do lar, sendo uma excelente doméstica, mãe e esposa exemplar (HUNT, 1991).

A longo prazo, a Revolução intensifica a distinção entre público e privado. Essa ideologia, então, contaminou a Europa como um fenômeno histórico característico do movimento burguês que aos poucos vai se consolidando como categoria social dominante. Na Inglaterra do início do século XIX, como conseqüência de uma evolução econômica e da influência dos evangélicos, houve um progressivo distanciamento entre o domicílio privado e o local de trabalho público. Assim, estreitou-se a diferenciação dos papéis sexuais (PERROT, 1991).

O desenvolvimento do espaço público propiciou, no decorrer do processo, o surgimento de uma definição mais precisa do espaço privado, que se concretizou mais objetivamente no início do século XIX. O domínio da vida pública ampliou-se, propiciando a edificação do movimento romântico, que retornava o indivíduo a si mesmo, tendo como alicerce a definição da família em um espaço doméstico e privado, determinado com maior precisão (PERROT, 1991).

A distinção dos dois mundos (público e privado) vem solidificar a idéia sobre a diferença *natural* entre homens e mulheres. Segundo Vaitsmam (1994), o discurso médico do século XIX veio legitimar tal concepção por meio do saber do discurso científico, reforçando a razão do Estado Patriarcal, que não apenas defendia as diferenças naturais entre homens e mulheres, como estabelecia de forma bem definida os papéis de cada gênero no mundo que deveria ocupar. Essa ideologia é consolidada por meio de legislações referentes aos papéis de cada gênero no casamento e na família, definindo-se, assim, direitos civis e políticos *desiguais* para homens e mulheres (VAITSMAN, 1994).

Segundo a perspectiva da autora, a família conjugal moderna e individualista estruturou-se por meio de uma hierarquia baseada na divisão sexual do trabalho, que impedia a vivência da liberdade e igualdade da mesma forma para os dois sexos. O individualismo definiu-se como um individualismo patriarcal, instituindo uma hierarquia entre homens e mulheres tanto na esfera privada quanto na pública. Em suma, a individualidade feminina e masculina só podiam se expressar como manifestações do privado ou do público, por meio de papéis bem definidos para cada um.

Segundo Lobato (1997, p. 149), o amor conjugal romântico teve sua expressão precoce na literatura inglesa, em “Romeu e Julieta” de Shakespeare, atingindo a França a partir do século XVIII. O conceito de amor, nesse contexto, retomando o ideal literário, caracterizava-se pelo imprevisível, visto que a predestinação seria a origem desse amor. Sendo assim, na prática da paixão, o indivíduo seria livre, no sentido “jurídico”, das coerções sociais para escolher seu cônjuge, o que está de acordo com a definição de indivíduo moderno. Entretanto, o indivíduo teria sua liberdade limitada ao ser tocado pelo amor inesperado que surge do desejo mais íntimo. Há, dessa forma, uma “naturalização do amor romântico” concebido como algo “intrínseco à natureza humana”.

O amor romântico nesse momento histórico, serviu como base ideológica de sustentação da dicotomia entre mundo público e privado, visto que pregava a felicidade do casamento baseado no amor conjugal, idealizado. O amor teria como arranjo a complementariedade de papéis considerados opostos, ocupados, de um lado, pelo homem público, provedor do lar e, por outro, pela mulher doméstica, esposa e mãe (LOBATO, 1997).

Dessa forma, Friedan (1972 **apud** LOBATO 1997) defende que, em nome do amor entendido como único, da satisfação sexual e da promessa de intimidade e segurança da vida bucólica do lar e dos filhos, as mulheres renunciaram ao seu direito de realização individual, deixando de desenvolver plenamente sua capacidade humana de criação.

Lobato (1997) aponta que, para Friedan, assim como para outras feministas, não é o amor que está equivocado, mas a política na qual está conceituado, uma política de forças e poderes desiguais, nos quais, enquanto o homem realiza seu poder criativo e

social, as mulheres vivem em função do amor, de forma a anularem sua própria individualidade, legitimando o papel que lhe foi designado pela divisão sexual do trabalho citada por Vaitsman (1994).

### **1.3 Ser homem segundo a ideologia moderna: o homem (hetero) de verdade**

Nolasco (1997, p.17), ao pesquisar a identidade masculina constituída no contexto patriarcal, revela a crença na existência de um modelo de homem idealizado e perseguido pelos meninos desde criança. Trata-se, da concepção de uma essência, que, quando se apresenta verdadeiramente masculina, designa o "homem de verdade".

Na concepção de masculinidade patriarcal, sustentada pelo modelo "homem de verdade", o menino aprende, desde pequeno, a negar as habilidades que propiciem a construção de vínculos profundos de afetividade, fundamentais para uma relação de intimidade e cumplicidade. Nessa perspectiva, os relacionamentos interpessoais masculinos são delineados por relações sociais nas quais as características marcantes se referem ao silêncio a respeito de suas vivências pessoais (Id.,1997).

De acordo com o autor, o ser humano cresce, acreditando que homens e mulheres são o que são por natureza. Assim, instituem-se os papéis de gênero como sendo naturais da essência de cada gênero. No contexto patriarcal, define-se a mulher como possuidora de um dom inato para a educação, de atitudes ternas de cuidado e afeto, estando, instintivamente, pronta para o cuidado dos filhos. Em contrapartida, os "homens de verdade" devem se abster desse cenário do cuidado dos filhos, uma vez que não possuiriam, em sua essência, essa inclinação (NOLASCO, 1997)

Esse padrão de masculinidade se constitui como modelo de identificação para o menino que vivência, em sua relação com o pai, uma forma de contato, marcado pelo "silêncio" e pelo "estranhamento". O autor, então, denuncia que intimidade nessa cultura, localiza-se apenas no universo feminino, como uma experiência do "*...íntimo, que está muito dentro (...) ligado por afeição e confiança*". Assim, a noção de intimidade permanece negada no processo de construção da masculinidade e, portanto, impedida de ser desenvolvida. (NOLASCO, 1997, p. 20).

A aquisição da masculinidade, de acordo com essa visão, traduz-se como uma experiência solitária, na qual as vivências pessoais devem se definir por intermédio do superficialismo e da atividade orientada com o objetivo de demonstrar aptidões para a realização de tarefas. Essa concepção se justifica por meio da ideologia patriarcal, na qual o ditame da lei define o mundo das emoções restrito ao universo feminino, sendo socialmente permitido à mulher sentir-se insegura e expressar seus sentimentos, sem, com isso, denegrir sua representação de feminilidade. Essa experiência afetiva pode expressar-se de forma "visceral", nas mulheres, ocorrendo o oposto para os homens que aprendem a necessidade de excluir essa dimensão de sua vida com o objetivo de se tomarem "homens de verdade". Por meio desse processo, as mulheres desenvolvem maior habilidade para integrar em sua vida mental e social os seus sentimentos, enquanto os homens são educados para separar seus projetos profissionais de sua vida e de suas emoções. O autor afirma, portanto, que as mulheres experimentam a possibilidade de desenvolver melhor seus recursos para enfrentar situações de intensas dificuldades emocionais sem que sua identidade sexual seja colocada em questionamento (NOLASCO, 1997, p. 22)

O sentimento de identidade é descrito pelo autor como tendo correlação direta com sua identidade sexual, sendo modelado, por meio das experiências psicológicas, vivenciadas na infância e adolescência, assim como com o modelo cultural em que se inserem essas vivências. O autor aponta, ainda, dois momentos da constituição da identidade do indivíduo. No primeiro, a criança está sendo cuidada pela mãe e se apresenta totalmente dependente, sentindo-se absolutamente fundida a essa figura. De acordo com o autor, a intensa luta para se diferenciar dessa mãe, marca o princípio da constituição da masculinidade. A relação com a mãe se traduz por um contato afetivo profundo, representando o modelo de afetividade que se estenderá para sua vida adulta.

No entanto, o filho precisa dispor de recursos e condições para se diferenciar dessa figura feminina, visto que essa se constitui em uma relação íntima. Assim, essa relação materna delinea a experiência de intimidade, na qual são vivenciados sentimentos de *"posse, filiação e extensão do outro"*, que devem ser superados e negados, fortemente, para se atingir a representação da masculinidade "homem de verdade". A segunda etapa desse processo se realiza pela capacidade de percepção e "compreensão do mundo", na qual o filho começa a "manipular" a mãe, assegurando-se uma distância mínima e necessária para a aquisição da identidade (NOLASCO, 1997, p. 23)

O sentimento de se perceber em "si mesmo", segundo o autor, define o sentimento de identidade. A identidade para o homem, afirma Nolasco (1997, p.23) *"...se constitui por meio do reconhecimento e do aceite, por parte do pai, de suas potencialidades e limitações"*. No modelo patriarcal, a forma como estão delineados os papéis, no âmbito familiar, determina para a mãe a função de cuidar e amar o filho; para o pai, satisfazer suas necessidades financeiras. Na concepção do autor, essa redução da

função paterna se apresenta muito aquém das necessidades afetivas do filho, reforçando o temor de não conseguir ser dono de si mesmo. Essa insegurança se reflete na dificuldade do menino de ir em busca de relações alicerçadas na qualidade do vínculo afetivo. Como consequência desse processo, o autor argumenta que a crença no "homem de verdade" serve como subterfúgio na tentativa de reparar as ausências do pai no cotidiano da criança, legalizando um ideal de individualidade masculina que tente escamotear as carências dessa falta, mas que, na realidade, não satisfaz as demandas afetivas do menino.

O autor critica esse modelo de masculinidade, denunciando que os papéis de mãe e pai não são facilitadores no desenvolvimento de comportamentos que não se restrinjam a responder a estímulos dos meios externos. Sendo assim, o sentimento de ser homem, nesse contexto, dá-se por intermédio de realizações e feitos externos, em substituição das experiências de internalização afetiva. Portanto, essa concepção de "homem de verdade", na visão do autor, define-se como uma "identidade de fachada", um refúgio para a insegurança a respeito de si mesmo (NOLASCO, 1997, p.24).

DaMatta (1997, p.42) descreve um cenário propício para a formação da identidade patriarcal, ao analisar a relação social hierárquica, desenvolvida na sociedade brasileira, que servia de referência na construção da identidade de gênero. O autor relata que o mundo social patriarcal foi constituído de "relações hierárquicas e complementares", designadas pelas instâncias "masculino/feminino", "rico/pobre", "casa/rua" etc., nas quais as instâncias de maior poder "engolfava" a inferior. Sendo assim, no âmbito familiar, em suas palavras "*...o pai não era apenas um representante de sua família, como quer a ideologia moderna, mas, no contexto legal e público, ele é a sua família.*"

No plano sexual, o mesmo se repetia na seguinte dinâmica descrita pelo autor: o detentor do poder ("homem") comia, "engolfava" o outro ("mulheres e veados") que realizavam sua função de "comida" passiva. Essa estrutura também se expressava, como afirma DaMatta (1997, p. 42), no plano jurídico, pela adoção do nome do pai e por sua obediência incontestável.

O mundo, nesse cenário, poderia ser resumido, segundo o autor, pela dicotomia entre feminino e masculino. No entanto, dentro dessa definição, poderia ser identificada uma gradação hierárquica que iria decrescendo no valor social do que se define como masculino e como feminino. Essa gradação é exemplificada pelo autor, por meio das nomenclaturas vinculadas no interior da cultura, conforme as quais o nível mais elevado de masculinidade estaria representado pelo "macho", descendo para os "homens comuns", atingindo o limite do território masculino, representados pelos "mordidos de cobra", alcançando o universo dos "homossexuais ativos", descendo para os "passivos", atingindo os "mulherzinha afeminados" e terminando no território das mulheres, no qual não eram necessários "testes e demonstrações", pois tratava-se de um continente seguro, sempre pronto à "engolfada" masculina (DAMATTA, 1997, p.42-43).

Seguindo um semelhante ponto de vista, Nolasco (1997, p.24) afirma que o ideal patriarcal de masculinidade consiste em um modelo problemático, uma vez que pressupõe que, para atingi-lo, se faz necessário grande esforço, visto que aqueles que não conseguem, são definidos como seu oposto e representam tudo o que deve ser socialmente combatido. Trata-se das dicotomias representadas pelos "bichas", opostos dos "machos"; pelos "bem-sucedidos", opostos dos "fracassados"; do homem "público", oposto do "doméstico" (NOLASCO, 1997, p.24).

Por conta de um sistema que valoriza um sexo em detrimento do outro, Nolasco (1997) denuncia o alto índice de violência, no âmbito doméstico, de homens contra mulheres, afirmando que esse índice supera o da violência na esfera pública. O autor denuncia a combinação entre sexo e agressão, na esfera doméstica, como uma experiência implícita no código valorativo do sistema patriarcal. Na opinião desse autor, a cobrança de iniciativa em relação à masculinidade, associada à desvalorização do sexo feminino, estimula os meninos a confundirem atividade com violência, principalmente, contra a figura feminina. E afirma que muitos homens adultos, na tentativa de resolução de seus conflitos, utilizam a força física como estratégia.

Nesse contexto, a violência sugere, para o autor, um modo precário de tentativa do homem sentir-se individuado, separado em relação a um outro indivíduo. A dificuldade de estabelecer relações de intimidade está associada a essa limitação, no processo de individuação, pois segundo o autor: *"...para construir relações de intimidade é necessário primeiramente saber-se e sentir-se diferenciado.* Nessa perspectiva, o modelo "homem de verdade" apresenta-se como uma estratégia de ocultar essa fragilidade afetiva, porque, nas palavras de Nolasco (1997, p.27), *"Para um homem, o uso da violência pode ser entendido como resposta inconsciente à ameaça de feminilização que pesa sobre o eu e sobre a cultura da qual faz parte."*

Desse modo, apesar da necessidade da negação das limitações humanas, implícitas no padrão "homem de verdade", existe a percepção da fragilidade dessa definição de masculinidade, que se confirma na intensa preocupação masculina com temas, citados pelo autor, como: "impotência, fertilidade, ejaculação precoce e tamanho do pênis" (NOLASCO, 1997, p.24). Nesse sentido, DaMatta (1997, p.34-35), relembando sua infância em uma cidadezinha mineira, relata uma brincadeira chamada

"tem pente aí?", na qual um amigo apalpava o traseiro do outro, repetindo esse chavão. A brincadeira, como nos conta o autor, tinha como finalidade ridicularizar a vítima, pondo à prova sua sensibilidade em uma parte proibida do corpo masculino, "o traseiro". O esperado era que se reagisse, porém sem muito alarde, pois quem reagia com violência, demonstrava sinal de uma sensibilidade extra nessa parte, o que poderia denunciar que foi "mordido de cobra", designando uma tendência homossexual em sua forma passiva, condição altamente oposta ao ideal masculino. Na compreensão do autor, aquela não era, apenas, "uma brincadeira de mau gosto", mas, antes de tudo, um ritual com o objetivo de modelar a masculinidade.

Sendo assim, esse autor observa que a brincadeira incomodava, porque se tratava de uma "autocrítica social" que explicitava uma questão da masculinidade pouco discutida, por se tratar de um campo problemático da identidade masculina no Brasil. A brincadeira, em seu entendimento, era a expressão legítima da "ideologia" que permeava a construção do masculino, já que deixava transparecer o ideal esperado do "homem verdadeiramente macho" e, ao mesmo tempo, denunciava um lado obscuro que deveria permanecer intocável, por representar a fragilidade e a ameaça ao ideal masculino (Id., 1997, p.36-37).

Em seu relato, DaMatta (1997, p.41) observa que, naquela comunidade, falava-se de partes consideradas inocentes do corpo, como o "rosto", mais discretamente, sobre o "tamanho do pênis", mas nunca se referia ao "traseiro", pois poderia ser interpretado como comprovação de feminilidade. Essa parte do corpo era, apenas, abordada nas anedotas sobre os homossexuais, ou em brincadeiras, como "tem pente aí?", tidas como inocentes. O autor relembra o incômodo do tema, observando que o traseiro representava um orifício de "dimensão interior", tida como frágil e considerada a parte

mais feminina do corpo. A brincadeira, em sua análise, expunha o incômodo fato de os homens possuírem um traseiro, assim como as mulheres.

Nesse contexto, o autor afirma a preocupação em relação ao pênis, já que se constituiria em uma parte do corpo "sujeita à comparação" e que, nesse sistema, media o tamanho da potência, sendo simbolizado popularmente por nomes de objetos de representação agressiva. Em virtude disso, o falo era o representante explícito do ser homem naquela sociedade. Esse fato, assim como a brincadeira citada, denunciava a verdade sobre a condição masculina: nascer homem, com um pênis, não era suficiente para se sentir e ser aceito como tal. Era necessário que o indivíduo agisse com "firmeza e certa dureza", demonstrando por gestos e hábitos sua adaptação às normas de masculinidade ditadas socialmente. Qualquer deslize poderia ser sinal de ameaça à sua identidade (DAMATTA, 1997, p.39).

Outro inimigo da masculinidade, citado pelo autor, consistia no perigo da impotência, pois o objeto da potência masculina não era controlável, não se podendo prever quando o falo iria falhar. Por conseguinte, a brincadeira "tem pente aí?" denunciava essas fragilidades do ser homem, demonstrando que, ao mesmo tempo em que se possuía um falo, existia também o traseiro, o qual deveria ser negado. Essas experiências, segundo o autor, deixavam transparecer o fato de que ser homem, nesse contexto, era mais uma questão de relacionamento e adequação aos valores sociais do que uma questão de "essência", como o conceito de macho de verdade pressupunha.

Por intermédio de uma visão antropológica, observa que o Brasil, por ser uma sociedade "mestiça", vivencia, também, uma sexualidade "ambígua", que defende a atração dos opostos, mas que não consegue negar a existência dos intermediários. Esse fato, em sua concepção, provavelmente justificaria o intenso

temor da homossexualidade e da impotência, que apontam para a seguinte conclusão de DaMatta (1997, p.49) "*...para que uma pessoa pudesse ser um homem, deveria primeiro sentir-se ameaçada de virar mulher*". Sendo assim, a crise da identidade masculina, para o autor, já estava implícita na própria ambigüidade existente entre a ideologia e a vivência prática da masculinidade no contexto patriarcal brasileiro.

Nolasco (1997), assim como DaMatta (1997), realiza uma desconstrução do discurso ideológico essencialista a respeito da identidade masculina, problematizando a concepção patriarcal como uma forma inflexível e agressiva de representar os papéis de gênero. O falocentrismo, na visão de ambos os autores, desvaloriza a mulher, submetendo-a ao poder masculino e, ao mesmo tempo, aprisiona os homens, em um padrão de masculinidade rígido e inatingível, com exigências próximas do que se espera das máquinas.

Nolasco (1997), ao se reportar à crise da masculinidade no mundo patriarcal, observa que as análises referentes ao tema têm sido cada vez menos incômodas, tanto na literatura especializada como nos meios de comunicação. Isso ocorre porque começa a ficar claro que mais do que um enfoque individual trata-se de uma crise de valores culturais. O autor, então, define a crise masculina como uma tentativa de ruptura com o ideal de "homem de verdade" que impossibilita os homens de entrarem em contato com seus sonhos, ouvindo seus sentimentos e necessidades, abandonando a cobrança de possuir apenas vitórias, em um modelo robótico de perfeição. E, a partir de então, integrar o ser homem na condição de humanos falíveis, sem que por isso seu valor social ou sexual seja questionado.

Essa reflexão a respeito do modelo "homem de verdade" tenta eliminar o impedimento da vivência da afetividade por parte dos homens, propiciando a liberdade

para a experiência de relações autênticas de troca e intimidade. O autor faz referência à cobrança atual em relação aos papéis do homem na participação doméstica e defende que, para possibilitar o desenvolvimento de relacionamentos de fato, marcados pela intimidade, é fundamental "democratizar o espaço pessoal", visto que, com a relativização dos papéis de gênero resultante da crise do paradigma patriarcal e com a instauração de um novo contexto na sociedade capitalista contemporânea, o modelo "homem de verdade" começa a ser melhor compreendido e questionado como parâmetro hegemônico de masculinidade (NOLASCO,1997, pág. 28).

Pode-se observar, portanto, que ambos os estudiosos da crise da masculinidade sugerem, como caminho, a retomada da relação afetiva, como meio de se atingir um sistema de relacionamento entre os gêneros de maior satisfação, revendo as exigências e compartilhando os prazeres. Nolasco (1997) definiu essa tarefa atual como "democratizar a vida pessoal", que tem semelhante objetivo com o que defende DaMatta (1997), ao sugerir a ruptura com o esquema das dicotomias, que estão a serviço de uma violenta hierarquia social e sexual. As dicotomias são interpretadas pelos autores, como definindo opostos incommunicáveis, em suas supostas "essências". Essa idéia é desmistificada em suas análises, deixando, ambos, a sugestão de que a identidade masculina possa comportar características denominadas femininas e vice-versa, sem que isso ameace sua validade.

Desse modo, a crise da modernidade e de seus valores atinge o cerne da ideologia patriarcal que sustentava o conceito de masculinidade e de feminilidade, ocasionando uma crise de identidade, de assunção de papéis sociais e familiares, denunciando os limites do sistema patriarcal e sua insuficiência para sustentar

satisfatoriamente as demandas de um novo contexto paradigmático que se configura no cenário da sociedade contemporânea.

#### **1.4. A crise do paradigma da modernidade**

A organização social sustentada pela ideologia moderna começa a ser questionada à medida que os pilares de sustentação dessa estrutura são abalados em sua essência. Instala-se uma crise sócio-político-cultural, que ocasiona uma ruptura caótica dos valores vinculados pela sociedade capitalista em seus primórdios. Conseqüentemente, a idéia de estabilidade defendida pela tradição, religião e pela família burguesa é atingida, resultando no que Hall (1998, p.23) denominou de “descentralização do sujeito moderno”.

Hall (1998, p.34) cita algumas produções científicas e culturais que contribuíram para a “descentração” do sujeito moderno, por exemplo, a obra de Marx, a qual, na década de 70, foi interpretada de forma a denunciar as determinações sócio-históricas pelas quais os homens estariam sujeitos, o que lhes tolheria a completa autoria em relação a seu destino histórico. Já a psicanálise, com o conceito de inconsciente, contesta a soberania e controle total do indivíduo por meio da razão, como pressupunha o pensamento cartesiano.

Outro importante pensador citado por Hall (1998) é Foucault, que realiza uma profunda análise histórica e política das relações de poder no ocidente na modernidade, denunciando a alienação do sujeito pela manutenção do *status quo*, ideologicamente defendido como algo natural e imutável e, portanto, dificultando a conscientização do quanto os indivíduos, seus corpos e sua força de trabalho estão assujeitados a essa estrutura.

O trabalho da Lingüística é também lembrado pelo autor como fundamental na contestação da essência do conceito de indivíduo, uma vez que, para esse referencial teórico, a língua e, conseqüentemente, a individualidade é construída de forma coletiva e não individual, visto que está inscrita no interior das regras de uma língua, no interior de uma cultura.

Hall (1998) esclarece que essas produções culturais denunciam o quanto a forma de se vivenciar as relações humanas está sendo tecida por um sistema de valores, que constrói e reconstrói continuamente sentidos possíveis de se conceber a existência humana em civilização. Seguindo o mesmo raciocínio, surge o conceito de gênero e a luta feminista com o mesmo propósito de explicitar o caráter sócio-político-econômico da desigualdade entre os gêneros, desmistificando o argumento essencialista de uma identidade masculina ou feminina, preestabelecida em um único sentido possível.

Nesse mesmo pulsar de contestações originadas da falência da ideologia moderna, emergem, na década de 70, inúmeros movimentos sociais que expressavam o desejo de mudanças. Como protestos às práticas desiguais que se configuravam na sociedade, surgem os movimentos estudantis, reivindicando direitos civis, protestando contra as ditaduras do “Terceiro Mundo”, associados com “1968”, assim como os movimentos contra a discriminação racial, os antibelicistas e os feministas (HALL, 1998).

Conforme o autor, esses movimentos se opunham ao mesmo tempo à política liberal capitalista do Ocidente e à política stalinista do Oriente, defendendo a espontaneidade e os atos de vontade política, opondo-se a toda forma burocrática de organização. Eles refletiam o enfraquecimento da classe política e das organizações políticas de massa, contribuindo para sua divisão em vários movimentos sociais

separados. Esse fato foi denominado de “*Política de identidade*”, a qual designava para cada movimento uma identidade social de seus defensores. Assim, a política apelava aos gays e às lésbicas, ao feminismo, aos movimentos pela luta racial dos negros (Id.,1998, p.45).

Hall (1998) sublinha a fundamental contribuição do movimento feminista à contestação do sistema patriarcal da sociedade moderna. Esse movimento questionou a rígida definição entre público e privado, indagando a respeito de aspectos anteriormente inquestionáveis, como a família romântica burguesa, a sexualidade, a divisão do trabalho doméstico, assim como a educação dos filhos. Sendo assim, o questionamento atinge a reflexão a respeito da formação das identidades individuais e de gênero.

Segundo Katz (1996, p.120), os movimentos feministas liberais e radicais das décadas de 60 e 70, nos Estados Unidos, iniciaram uma reflexão crítica não apenas à dominação masculina, mas também à instituição social da heterossexualidade normatizada, definida e legalizada como correta, saudável e esperada. Iniciou-se, segundo o autor, a primeira crítica explícita do formato hegemônico da heterossexualidade. Denunciou-se, então, a existência de uma “política sexual” que legitimava uma “política heterossexual”.

Essas críticas acusaram a existência de políticas que mantêm o *status quo*, definido pelo domínio patriarcal heterossexual. Desvelaram a “política dos sexos”, na qual as diferenças sexuais eram concebidas como naturais e serviam de base para a desigualdade de direitos e status social entre homens e mulheres. Apontaram para a “política reprodutiva”, fruto da primeira, na qual a mulher deve ter como valor primordial a reprodução, visto que possui uma natureza maternal fundante em sua identidade feminina. Iniciou-se, assim, uma reflexão que propõe a distinção entre sexo

biológico e a idéia de uma feminilidade e masculinidade tidas como sociocultural e politicamente definidas e, portanto, passíveis de serem diferentemente significadas (KATZ, 1996, p.121).

Nesse contexto, relata Katz (1996, p.121), o termo “política sexual” teve como objetivo desconstruir a idéia dominante de “política” como sinônimo de “voto” e de “sexual” como decorrente de “individual” ou “biológico”. Essa idéia se contrapõe absolutamente ao conceito de identidade estável e pré-definida do indivíduo moderno, descrito por Hall (1998).

Surge, na década de 60, o conceito de identidade de gênero que, segundo Katz (1996), definiu a masculinidade e a feminilidade como o resultado de valores e vivências sociopolítica e culturalmente construídos. Louro (1996) aponta para o fato de que o conceito de gênero se contrapõe aos argumentos da existência de uma *essência* feminina ou masculina natural, universal e imutável, apoiando-se na idéia de processo histórico, edificado por meio do discurso da lingüística, inscrito em um determinado contexto cultural. A distinção entre gênero e sexo se fazia necessária desde a criação do conceito de gênero, na luta contra as interpretações biologistas, nas quais as diferenças biológicas explicavam e justificavam as diferenças e *desigualdades* entre homens e mulheres.

Mais do que um aprendizado de papéis, o gênero, para a autora, é constituído e instituído pelas múltiplas instâncias sociais, pelas instituições, símbolos, formas de organização social, discursos e doutrinas. Essas diversas instâncias sociais são instituídas pelos gêneros e também os instituem, generalizando e fixando seus sentidos. As polaridades parecem ser essenciais à construção de gênero. A idéia de feminino e

masculino como opostos pertence a um esquema lógico, o qual dificulta a percepção e constituição do mundo e dos relacionamentos de outra forma (LOURO, 1996).

Scott (1988, p.14) recusa a idéia das “oposições binárias” como masculino versus feminino; ativos versus passivos; unidade versus diversidade como sendo naturalmente constituintes da concepção de masculinidade e feminilidade, definidas segundo o gênero. Segundo a autora, essas oposições são uma forma social de denotar significados para o que é ser homem, o que e como é ser mulher. Um modo que a estrutura patriarcal encontrou de dissociar os mundos feminino e masculino, defendendo a idéia de que a identidade de um é o oposto da do outro e justificando, assim, a definição imposta de seus lugares sociais.

Scott (1988) cita também outros pares de conceitos regidos pela lógica binária como: público/ privado; produção/reprodução; cultura/natureza, etc. Essa autora propõe uma desconstrução dos sentidos culturalmente delegados aos gêneros, refletindo sobre o dilema, que, de um lado, localiza a luta pela *igualdade* e, de outro lado, o desejo de que a *diferença* entre homens e mulheres seja valorizada, mas não utilizada como forma de desigualdades. Para a autora, não se deve anular as diferenças entre os sujeitos, mas sim afirmar que tais diferenças têm sido usadas como justificativas para tratamentos não equivalentes entre os gêneros.

Definindo o processo de formação de identidade como uma construção sócio-político-cultural, Scott (1988) aponta para a existência de *diferenças* no interior de cada indivíduo, seja ele homem ou mulher. Entretanto, na perspectiva biológica, essas identidades eram pensadas como pólos distintos e puros em sua essência. As diferenças, propostas pela autora, rompem com a idéia de unidade, impossibilitando o conceito de *uma* identidade masculina ou feminina naturalmente definida em uma forma fixa e livre

de contradições. Nessa óptica, fatores como classe, etnia, religião, idade, atravessam a pretensa unidade de cada elemento do par binário, transformando em múltiplos os sujeitos femininos e masculinos pensados no singular.

Corroborando esse ponto de vista, Louro (1996) observa que a flexibilidade em relação aos sentidos que se podem produzir e as pluralidades sociais possíveis de ser atingidas, devem pressupor que as certezas a respeito da existência, o fazer acadêmico e as práticas profissionais devem ser sempre provisórias. Apenas desse modo serão passíveis de evolução e maiores contribuições para os novos desafios humanos que, da mesma forma, se renovam.

Sendo, portanto, as concepções de feminino e masculino, as relações de gênero e a forma como é vivida a sexualidade construídas por essa rede de símbolos e significados vinculados culturalmente, torna-se possível compreender que tanto mulheres como homens estão no sistema atual sendo sujeitos e assujeitados a normas e padrões de como ser e agir. Assim, se as mulheres vivenciaram e ainda vivenciam desigualdades e opressões por conta da concepção patriarcal e seus ditames deterministas, os homens, da mesma forma, foram enquadrados e inseridos em um sistema que não lhes permitia outra opção de masculinidade. Prevalencia a idéia rígida de masculinidade, estereotipada, constituída por uma cobrança de eficiência no mundo público, de modo a ser um bom provedor no privado, entretanto, isento do direito de usufruir da intimidade e afetividade do mundo privado. Tais concepções distanciaram homens e mulheres, dificultando o diálogo e a compreensão de dois mundos incomunicáveis, o que permanece como um desafio ainda na atualidade.

A heterossexualidade, ao ser analisada por essa mesma perspectiva, denuncia sentidos que estão sendo construídos ininterruptamente por intermédio das articulações

de significados transmitidos culturalmente, os quais denotam formas de prazeres, cobranças e conflitos. Conhecer esses sentidos contribui para a apropriação e conscientização das formas de se vivenciar a heterossexualidade, aproximando-nos da experiência humana real daquilo que se pressupõe ser o padrão sexual ideal. Assim, problematizar o que nos parece “*normal*”, “*natural*” e “*esperado*” é sempre um desafio, e por isso tão sedutor.

### **1.5 A heterossexualidade: uma construção, um contexto paradigmático**

Katz (1996) ao analisar as normas que padronizam a vivência da sexualidade na contemporaneidade, opõe-se a idéia de que a heterossexualidade como sinônimo de escolha sexual seja a resultante de determinações biológicas e defende que essa forma de se conceituar e definir a escolha sexual é derivada de uma construção sócio-histórico- político e cultural. Ou seja, trata-se de uma maneira pela qual as instituições sociais por meio da cultura atribuiu significados e regras que definem os limites entre os termos e os sentidos da heterossexualidade e da homossexualidade.

Para esse autor, a heterossexualidade na sociedade contemporânea representa o ato sexual reprodutivo dos sexos, ou seja, é sinônimo da diferença dos sexos e o mesmo que o erotismo de homens com mulheres. O autor, por meio de uma análise sócio-política e histórica dos termos homo e heterossexual afirma que a reprodução, a diferença entre os sexos e o prazer sexual já existem há muito tempo, mas têm sido combinados em vários sistemas culturais de formas diversas e, passando, entretanto, a produzir uma ética heterossexual como sinônimo de normalidade, e de padrão esperado de sexualidade, apenas há cem anos. (Id., 1996).

Katz (1996) sublinha a necessidade de se estudar profundamente o “processo social da normalidade”, segundo o qual define-se um parâmetro de normalidade inquestionável, transformado em uma verdade absoluta, como no caso da ética heterossexual na sociedade Moderna. Isto justifica, segundo o autor, o elevado número de pesquisas sobre o homossexual, tido como desviante do padrão e um pequeno número de pesquisas que se detém a estudar a heterossexualidade.

Segundo o autor, o questionamento da origem exclusivamente biológica da heterossexualidade gera angústia em muitas pessoas, visto que a idéia de que ela possa ser fruto de sentidos construídos no social, pode suscitar a sensação de desprestígio dessa prática, como se assim, ela se tornasse menos verdadeira. Esse medo, é fruto da impregnação da ideologia determinista a qual defende que a inclinação sexual real de um indivíduo é estabelecida fisiologicamente, sendo, portanto, naturalmente verdadeira. Ou seja, que o sentimento sexual se dá pela biologia, em um “*a priori*” às relações sociais. Assim, o autor defende, que a construção simbólica de nossas verdades não desafia a realidade, uma vez que a qualidade emocional, os valores estéticos, culturais e éticos de qualquer forma de se vivenciar a sexualidade independem da biologia para serem vividos como verdadeiros (KATZ, 1996).

Foucault (1980) ao estudar a história da sexualidade humana, conclui que a cada momento histórico as vivências e relacionamentos eróticos são definidos e normatizados por meio da cultura e ideologia vinculadas pelas instituições sociais. Desse modo, distingue as diferenças de concepção a respeito da vida erótica na Grécia antiga e a concepção do erotismo na sociedade ocidental contemporânea. O autor

apresenta, então, dois processos de produção da verdade sobre o sexo: por um lado, as sociedades que adotavam uma “*ars erotica*” (China, Índia, Roma ), por outro, a civilização ocidental que produziu uma “*scientia sexualis*” (FOUCAULT, 1980, p.57).

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e retido como experiência. O prazer é conhecido em relação a si mesmo, segundo sua intimidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Ou seja, esse saber deve recair na própria prática sexual, para trabalhá-la como experiência, ampliando seus efeitos e constituindo em um saber que deve ser mantido como segredo, não por motivos de suspeita de infâmia, mas para mantê-lo com discrição, como uma forma de atingir sua eficácia e virtude como manda a tradição. Nesse contexto, o homem mais velho é considerado um mentor mestre que deve transmitir o saber erótico por meio da prática erótica com o jovem aprendiz. Assim, o mentor sábio na arte erótica deve transmitir os segredos da sabedoria da vida erótica, de modo esotérico, orientando o iniciante com disciplina e severidade. Os efeitos desta arte magistral se resumem em: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças (FOUCAULT, 1980).

Por outro lado, a civilização ocidental desenvolveu, no decorrer dos séculos, procedimentos para dizer a verdade sobre o sexo, por intermédio do *saber*, que se opõe à arte grega das iniciações e do segredo magistral. Esses procedimentos eram executados por meio do ritual da confissão. Na Idade Média, segundo Foucault (1980), a confissão era uma prática importante para a produção da verdade. Foram então desenvolvidas técnicas de confissão, sendo regulamentadas pelo sacramento da penitência no “Concílio de Latrão”, em 1215. Conforme o conteúdo confessado poderia

resultar no recuo da pena criminal do indivíduo. Assim, aperfeiçoou-se os métodos de interrogatórios, aumentando a importância da administração real da inculpação das infrações, com as implantações dos tribunais de Inquisição, que concedia à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos.

A confissão, então ganhava conotação de *status*, de garantia de identidade, de valor atribuído por alguém para outrem, ou seja, atribuiu-se à confissão o poder do reconhecimento por alguma autoridade das próprias ações ou pensamentos do indivíduo. Assim, o indivíduo era autenticado pela referência e vínculo com outros, como a família e a igreja. Essa vivência reforçou a idéia de que o indivíduo deveria ser reconhecido em sua identidade pelo discurso da verdade que era capaz de ter sobre si mesmo. Nesse momento, segundo o autor, houve a legitimação da individualização pelo poder (FOUCAULT, 1980).

Na cultura ocidental, na visão desse autor, é na confissão que a verdade e o sexo se ligavam, pela expressão obrigatória e minuciosa de um segredo individual, sendo a verdade um suporte ao sexo e às suas manifestações. Assim, a confissão foi a matriz geral que regeu a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. O discurso científico do século XIX, em sua perspectiva, substituiu essa prática sobre a verdade em relação ao sexo (Id., 1980).

Assim, Foucault (1980) aponta para algumas mudanças dos meios e dos processos de se legitimar a confissão no decorrer do desenvolvimento da cultura ocidental. Constata que a confissão perdeu sua situação ritual, exclusivamente religiosa, ampliando suas motivações e efeitos esperados, pela diversificação de novas formas de acesso, como por meio das consultas médicas e narrativas autobiográficas.

Desse modo, a partir do século XIX, a ciência subordinada aos imperativos da moral do sexo reprodutivo, realiza classificações e normas médicas, na visão do autor, com o pretexto de dizer a verdade, provocando medos relativos ao não enquadramento ou à constatação de oscilações que estivessem em desacordo com as normas do sexo reprodutivo. Praticava-se, segundo a crítica de Foucault (1980) uma medicina insistente e indiscreta, pronta para servir a opinião dominante, proclamando de forma pouco criteriosa suas repugnâncias.

Nesse contexto, desenvolveu-se também novas maneiras de percorrer os discursos sobre o sexo, confessando-se não apenas o que foi feito, mas também falando-se dos pensamentos e obsessões, o que permitiu que se construísse um “arquivo dos prazeres do sexo” legitimado por um saber científico, institucionalizado pela medicina, pela psiquiatria e pela pedagogia. Tratava-se da classificação dos prazeres, descrevendo “extravagâncias excepcionais”, “anormalidades”, “perversões”. Assim, a confissão passa a se sustentar em um discurso da verdade, não mais articulado ao pecado e à salvação, mas que fala do corpo, da vida e dos comportamentos sexuais saudáveis para a saúde do corpo e da mente, ou seja, o discurso científico (FOUCAULT, 1980, p.53).

Katz (1996) descreve, nesse cenário, o crescente movimento dos médicos psiquiatras que começaram a representar o papel de especuladores sobre a normalidade e a anormalidade sexual. Entretanto, antes da invenção do conceito da heterossexualidade, o termo instinto sexual contrário designava o que ficou denominado pelo saber médico de “inclinação homossexual”, a qual pressupunha a existência de um instinto sexual não contrário: a inclinação heterossexual. A partir daí, com a abordagem médica da sexualidade, a heterossexualidade instituiu-se como a sexualidade saudável. Surge, então a idéia de que o anormal e homossexual são um enigma e o normal e

heterossexual, um pressuposto. Assim, segundo o autor, as categorias heterossexual e homossexual apareceram em público, pela primeira vez, no meio médico, ligados como opostos, o primeiro bom e o segundo ruim.

Segundo o autor, a produção Freudiana é fruto desse contexto e co-responsável para a implantação do padrão dominante da heterossexualidade. Freud (1905, **apud** KATZ, 1996) utiliza o termo heterossexual para referir-se a uma emoção, a um desejo erótico, a vários impulsos, a um tipo de amor, assim como a um tipo de atividade e pessoa. Esses usos referem-se ao sentimento e não aos atos como ocorria no antigo modelo reprodutivo. Revela o autor, que no sentido moderno do uso freudiano, o sentimento hetero define o ser heterossexual, independente da pessoa praticar ou não atos heterossexuais.

Nesse contexto, Foucault (1980) afirma que as operações terapêuticas, calcadas no discurso científico, exerceram o domínio do sexo, sob o regime do normal e do patológico. Assim sendo, o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica, sendo a superfície de outras doenças, centro do instinto, das imagens, do prazer e da conduta. A confissão aparece, então, como indispensável no diagnóstico e eficácia por si só na cura. Nessa concepção, os médicos são por excelência os intérpretes da verdade sobre o sexo (id., 1980).

A ciência do sexo, portanto, não teve por objetivo reduzir a prática sexual. A vontade de saber sobre a sexualidade gerou a normalização do indivíduo, funcionando como uma estratégia de controle desse indivíduo e da população, como esclarece Foucault (1980, p.71) : *“trata-se de definir as estratégias de poder imanente a essa vontade de saber. E no caso específico da sexualidade, constituir a “economia política” de uma vontade de saber.”*

Assim, tanto Foucault (1980) quanto Katz (1996) analisam a sexualidade como uma construção sócio-histórico-político e cultural, produto de uma sociedade com seus conceitos, regras e hábitos que dão contorno às questões filosóficas e práticas a respeito do ser humano, como quem ele é, como deve sentir e pensar, como deve obter prazer, e se relacionar com seu corpo, e seus desejos.

Como se pôde acompanhar, esses pensadores, críticos em relação às práticas e paradigmas da sociedade moderna, contribuíram para a instalação da crise da modernidade, vivenciada na atualidade e denominada por alguns autores de pós-modernidade, como adota Vaitsman (1994), modernidade-tardia como prefere Hall (1998), ou ainda Hipermodernidade como conceitua Lipovetsky (2004). Essa crise se configura como consequência de transformações velozes no âmago da sociedade capitalista que devastou as certezas arraigadas da modernidade a respeito de suas instituições como a família, a identidade do indivíduo, sua sexualidade, os conceitos de masculinidade e feminilidade. Trata-se do cenário social da contemporaneidade, repleto de inúmeras incertezas e indefinições a respeito das temáticas existenciais do ser humano.

Assim, nosso próximo passo consiste na compreensão desse novo cenário; o da hipermodernidade que constitui o contexto atual no qual se insere nossos colaboradores que por estarem na meia-idade acompanharam em suas histórias essas transformações sociais.

## Capítulo-2

### ***OS SUPERLATIVOS DA MODERNIDADE CONTEMPORÂNEA: UM NOVO CONTEXTO PARADIGMÁTICO***

A partir da década de 60, identifica-se um movimento dentro da estrutura da sociedade moderna que conduz a inúmeras mudanças. Esse movimento foi interpretado e nomeado de diversas formas por sociólogos e filósofos, como será analisado no decorrer dessa trajetória elucidatória a respeito do mundo contemporâneo, no qual insere-se o “homem” coadjuvante do presente estudo.

Lipovetsky (2004) defende que a modernidade do modo como foi concebida, desde sua origem, na Revolução Francesa, sofreu metamorfoses para adaptar-se às conseqüências de seu próprio desenvolvimento. Percorrendo o caminho da Revolução Industrial, passando pela revolução tecnocientífica e alcançando a revolução cibernética, houve transformações nas condições sociais, culturais, econômicas e políticas, decorrentes da necessidade de adaptar-se a uma nova ordem social. Em sua concepção, os reais responsáveis pela modernidade contemporânea foram o “consumo de massa” e seus valores da “cultura hedonista” e “psicologista”, tendo as correntes teóricas e os movimentos libertários um papel importante contra a opressão das instituições modernas um papel importante, porém secundário nas transformações sociais.

Lipovetsky (2004) identifica três fases desse processo de metamorfose da modernidade: a da modernidade, extensamente descrita por nós, até o momento presente; a da pós-modernidade, que se caracteriza, como um momento de transição

para um novo formato sócio-cultural denominado por ele de Hipermodernidade, a fase contemporânea. Para esse filósofo, a pós-modernidade não foi a libertação do ser humano das opressões capitalistas, ao contrário, elas se tornaram camufladas e menos explícitas, em nome da ideologia individualista hedonista, apesar de toda a crítica realizada nas décadas de 60 e 70.

A pós-modernidade, na concepção do autor, teria seu princípio com o aumento da industrialização, com o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, assim como com o maior aperfeiçoamento dos métodos de comercialização, com o surgimento do “marketing, das grandes lojas, marcas e publicidades”. Nesse novo cenário, a “lógica da moda” começa a fazer parte da política de produção, assim como da ideologia do “consumo de massa”. (LIPOVETSKY, 2004).

Assim, as normas e modelos ditados pelas instituições sociais modernas são substituídos, no pós-modernismo, pelas condutas escolhidas pelo indivíduo segundo o seu próprio referencial subjetivo. Desse modo, segundo Lipovetsky (2004), não há mais norma imposta sem discussão, mas sim um desejo de seduzir em todos os âmbitos da vida em sociedade. Como consequência desse processo, nas décadas de 60, 70, o anseio por mudanças na estrutura repressora da modernidade fez emergir um indivíduo narcísico, ávido para viver o “culto ao presente” e ao “hedonismo individualista”.

Lipovetsky (2004, p.62) verifica que as transformações sociais, impulsionadas pela febre da ideologia consumista, não passaram isentas de críticas contra a alienação consumista, a “despolitização”, a “atomização social”, a “fabricação de falsas necessidades”. No entanto, conforme o autor, tais contestações não conseguiram diminuir o clima otimista que se instaurava nas décadas de 60 e 70. Assim, em sua concepção, define maio de 68 como uma “revolta sem objetivo futuro, antiautoritária”,

afirmando ter sido a “libertação dos costumes” mais caracterizada pela festividade e contemplação das paixões do presente, do que a preocupação com as possíveis grandes conquistas do futuro (Id., 2004 p.62).

O autor cita alguns fatores que contribuíram para essa visão mais otimista e descompromissada em relação ao futuro, como o índice de desemprego mundial que se apresentava “suportável”, assim como o fato de que a maioria dos países desenvolvidos vivia um período de crescimento da renda. O autor cita também alguns fenômenos como a “contracultura”, a “emancipação dos costumes” e a “revolução sexual”, que se configuravam como aspectos positivos desse processo. Delineia-se, para o filósofo, um “*carpe diem*” ao mesmo tempo “contestador” e “consumista”. Nesse cenário histórico, desponta a figura do “Narciso Libertário” (LIPOVETSKY, 2004, p.62).

Conforme analisa o autor, o valor da tradição que perpassava pelos inúmeros grupos sociais, como a precisa distinção dos papéis sexuais; o papel importante da Igreja no controle sobre as consciências; o ideal de Nação, que justificava o sacrifício dos indivíduos; a promessa dos partidos revolucionários de libertação da luta de classes, todos esses estandartes da modernidade foram abalados na transição para a pós-modernidade. Nesse momento histórico há, na visão de Lypovetsky (2004, p. 52), um “*enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização...*”.

Apesar dessas mudanças, Lipovetsky (2004, p. 52, 53) atesta que a idéia de uma pós-modernidade que significasse a ruptura com as estruturas do passado durou muito pouco, visto que, após um breve momento, na década de 70, de diminuição da pressão social, emergiram novas opressões aos indivíduos provenientes do aprofundamento dos preceitos capitalista resultando na sociedade declarada pelo filósofo como

“Hipermoderna”, a qual define-se por meio do superlativo: “...*hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado...*”. Com o imperioso avanço da “tecnologia genética”, da “globalização liberal” e dos “direitos humanos”, a nomenclatura “pós-moderna” torna-se obsoleta, pois, em seu ponto de vista, a modernidade não chegou em seu fim, mas intensificou-se ainda mais. (Id., 2004 p.53).

Lipovetsky (2004,p.53) entende por “Hipermodernidade” a sociedade contemporânea caracterizada pela “*modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas*”. Nesse cenário, ocorre uma descentralização da ação do Estado; a privatização da família e da religião; o império da lógica do mercado, representado pela valorização da “concorrência econômica e democrática”, pela “ambição técnica” e os “direitos do indivíduo”. Trata-se de uma nova Modernidade descrita pelo autor como “desregulamentadora e globalizada” (Id., p.54).

O autor descreve os impactos sociais e comportamentais de tais mudanças, observando vários aspectos sociais que precisaram adaptar-se às exigências de desempenho dentro da ideologia do “excesso”. Assim, descreve a expansão e variedades de mercadorias com o advento dos shopping centers, o alcance da tecnologia, visando oferecer o inédito, superando-se em temas tão sedutores como a “morte”, a “alimentação” e a “reprodução”. O constante superar de limites nas cenas de “hiper-realismo” dos meios de comunicação em relação ao corpo, ao erótico, e à violência, assim como por meio dos extensos números de sites, páginas e caracteres da internet são expressões, citadas pelo autor, na busca de um “sempre mais”, que norteia o funcionamento social em todos os âmbitos do coletivo (Id., 2004, p. 54,55).

Por intermédio dessa mesma dinâmica, o autor confirma o quanto o comportamento individual também se tornou orientado pela busca da superação dos limites, pela via do consumo, o que pode ser comprovado, altos índices de compulsões, dos quadros patológicos como a bulimia, a anorexia, os vícios e as obesidades. Delimitam-se, assim, duas posições contraditórias: por um lado, multiplicam-se as “patologias individuais”, o “consumo anônimo” e a “anarquia comportamental”, por outro, a preocupação com o cuidado com o corpo, com a saúde e com a higiene. Na hipermodernidade, o comportamento individual tem como regulador o próprio indivíduo, estimulado pela ideologia consumista, sendo, portanto, orientado ora pela prudência, ora pelo desequilíbrio “caótico”. Esse modelo é decorrente dos valores contraditórios de uma sociedade, na concepção do autor, “esquizofrênica” uma vez que estimula, ao mesmo tempo, a “independência” e a “dependência subjetiva”, assim como a “ordem e a desordem”. (LIPOVETSKY, 2004, p.55, 56).

Nesse processo, denominado pelo autor de “turbocapitalismo”, há uma supervalorização da “rentabilidade imediata”, resultando em demissões em massa, acarretando um elevado índice de desemprego. Nessa perspectiva, a insegurança tomou conta de todos os aspectos da vida em sociedade, sendo o “terrorismo”, a “catástrofe” e as “epidemias” os atores principais do cenário da mídia. Como decorrência dessa experiência, multiplicam-se a literatura e a abordagem de temas como “segurança”, “urgência humanitária”, “preservação do planeta” e como preservar a saúde. Ou seja, busca-se, como contraponto, atitudes de limitação dos danos (Id., 2004 p.63,64).

Dessa forma, a cultura do “*carpe diem libertador*” cedeu lugar à obsessão das normas e prescrições médicas referentes à prevenção da saúde. O indivíduo hipermoderno está, concomitantemente, sendo guiado pelo “exagero” desordenado e

pelos comportamentos reguladores que delimitam o excesso em nome da “qualidade de vida”, do retorno aos valores sentimentais e éticos, que denotam segurança. Com base nessa configuração, o autor define a sociedade hipermoderna como um “*caos paradoxal, uma desordem organizadora*”, na qual o preocupante não deve ser o temor, em relação ao excesso de sexualização, ou a imposição da lógica do prazer, mas sim a “fragilidade das personalidades”, decorrente da descentração do poder normatizador das “instituições coletivas” (LIPOVETSKY 2004, p.82,83).

Hall (1998, p.71-72) afirma que: “*todas as identidades estão localizadas no espaço e tempo simbólicos*” e que, portanto, ao se redefinir o conceito de “lugar”, abala-se a experiência de identificação. Deste modo, o “lugar” de identificação no qual se construía a identidade na modernidade, pela transmissão da tradição, foi intimamente modificado com a revolução tecnocientífica, acarretando mudanças estruturais na forma de se conceber e de se vivenciar a identidade do sujeito na “Modernidade Tardia”.

Assim, para Hall (1998), a identidade nacional sofre certo desgaste, sendo o indivíduo influenciado por diversas culturas diferentes, conectadas por meio das telinhas. Concomitantemente há, devido à fragmentação do tecido social por meio do enfraquecimento das instituições sociais, uma paradoxal valorização das identidades regionais, representadas pela cidadania e por leis que dizem respeito à comunidade local. Vaitsman (1994,p.43), nesse mesmo sentido, define que na sociedade contemporânea, “*... a pluralidade, o particular e o local contrapõem-se à idéia de unidade, de geral e de universal, que constituem o eixo do modernismo.*”.

Nesse contexto sócio-político-cultural e econômico, Vaitsman (1994,p.49) esclarece a respeito da identidade do indivíduo na atualidade: “*...a experiência fragmentada e descontínua é uma característica que perpassa a cultura e a identidade*

*pós-moderna*”. Segundo Vaitsman (1994, p.50), a identidade do homem contemporâneo se constitui em torno da multiplicidade de papéis, imagens e funções que pode adotar, sendo freqüente a presença de contradições e descontinuidades referentes à identidade do indivíduo. Nesse cenário cultural, se tornou corriqueiro escolher múltiplas identidades e abandoná-las com rapidez, de forma a produzir, na visão da autora, um desgaste e fragilidade na autenticidade individual e o “aumento na conformidade social”.

Como resultado desse processo, Lipovetsky (2004) observa o vertiginoso crescimento das psicopatologias como os distúrbios compulsivos, de ansiedade, de depressão, assim como os sentimentos cada vez mais freqüentes de insuficiência e autodepreciação..

No hipernarcisismo, então, o “Narciso libertário” transformou-se em um narciso menos obcecado pelo desejo do gozo, e mais pela preocupação em sobreviver, pelo temor em relação às doenças, ao desemprego, ao envelhecimento. O aprofundamento da individualidade e o enfraquecimento da tradição, assim como o processo de globalização, de competição exagerada, o aumento do desemprego e o temor do terrorismo são alguns fatores que provocam insegurança. Nesse cenário, Narciso se constitui como uma figura amedrontada, visto que tornou-se cada vez mais responsável pelas suas escolhas e atitudes em um universo tão amplo de possibilidades e perigos como o da sociedade contemporânea (LIPOVETSKY, 2004).

## **2.1. A família na sociedade contemporânea**

Katz (1996, p. 184) defende que a conquista das mulheres, a partir da década de 60, desvelou incoerências da ideologia heterossexual patriarcal. Assim, a luta feminina

por seu direito à inserção no mercado de trabalho, foi marcada por intensas batalhas por parte das mulheres contra os empregadores, reivindicando o fim da discriminação sexual e iniciando-se a derrocada dos "mitos" referentes aos sexos. Nesse percurso, ao se integrarem ao mercado de trabalho, elas, mesmo ganhando menos que os homens para realizar os mesmos cargos, enfrentaram, duramente, a hierarquia ditada em suas relações heterossexuais patriarcais.

Na luta pela emancipação feminina, nesse contexto, outra reivindicação do movimento feminista referiu-se ao direito da mulher de dispor de seu erotismo, anteriormente reservado apenas ao homem. Como consequência desse processo, o pedido de divórcio aumentou, significativamente, da década de 60 à década de 80, revelando inúmeros escândalos vivenciados por casais heterossexuais. Esses acontecimentos, na perspectiva do autor, somados ao avanço tecnológico na área da reprodução humana, na qual desenvolvem-se técnicas e práticas de fertilização em laboratório, ocasionam um forte abalo na ética heterossexual, apoiada na distinção dos papéis sexuais e na moral do casamento, fundamentada na reprodução natural, fortemente apregoada pela igreja (KATZ,1996).

Vaitsman (1994) relaciona o enfraquecimento da dicotomia entre público e privado, como uma das consequências da luta feminista, que questionou o conceito de indivíduo moderno patriarcal e relativizou os papéis de gênero na sociedade, resultando em mudanças ocorridas na família na pós-modernidade. Para a autora, a participação da mulher em vários âmbitos sociais, incluindo aqueles que, na modernidade, eram exclusivamente masculinos, abalou o modo patriarcal de se conceber as relações íntimas, destituindo a primazia da família conjugal romântica como único modelo possível.

As mulheres, ao reclamarem para si o direito de se incluírem na concepção de indivíduo, deixam de ter como único projeto de vida os cuidados da esfera privada, o que abriu espaço para a instabilidade e a efemeridade nas relações íntimas, acarretando crise no casamento e na família. Vaitsman (1994, p.51) observa que a ideologia do momento pós-moderno, caracterizada pela fragmentação, pelo caótico e pela multiplicidade de códigos, resulta na vivência de inúmeros formatos de relacionamentos íntimos e de constituição familiar, marcados pela “heterogeneidade”.

A autora aponta para a convivência dessas experiências, diversas que denomina de pós-modernas, concomitantemente, com a família tradicional burguesa, baseada na ideologia patriarcal. Acrescenta ainda, que, mesmo nas classes médias urbanas, nas quais havia a predominância mais rígida da dicotomia de papéis sexuais, a diversidade se impôs como ideologia e prática. A autora define o pós-moderno, no casamento e na família, como a possibilidade legítima da vivência de distintos e múltiplos padrões de relacionamentos afetivo-sexuais, que coexistem e se relacionam entre si. Trata-se da heterogeneidade das relações da vida privada, que inclui a diversidade de formatos de casamentos e famílias (Id., 1994).

Ao analisar esse processo de mudanças socio-políticas-culturais e comportamentais, Katz (1996) afirma que a diminuição da dicotomia hierárquica entre os gêneros teve como consequência a diminuição da distância referente à orientação sexual, sendo a homo e a heterossexualidade cada vez mais convergentes. Esse fenômeno se revela, em sua visão, devido à lenta desconstrução do discurso da heterossexualidade, por meio de seu questionamento e de novas práticas que perpassam as relações pessoais e sociais. O autor cita algumas dessas práticas ao se referir à crise da família tradicional que, com os inúmeros divórcios, propiciou a formação de outras

modalidades de famílias, como a união de casais separados, agregando os filhos de casamentos anteriores. Da mesma forma, com o progressivo aumento do liberalismo dos valores morais, a constatação do crescente número de jovens, a partir da década de 70, que moravam sozinhos separados dos pais ou família, ou junto com outros jovens, pertencendo ou não ao mesmo sexo, o que se tornou socialmente comum (Id., 1996).

Com base nessas mudanças, na forma de orientação das relações pessoais e sociais, para Katz (1996), a ideologia que alicerçava a ética dominante heterossexual perde sua coerência, uma vez que, com a crise da família heterossexual burguesa, não há como argumentar a respeito da estabilidade hetero, em contraposição à instabilidade como marca exclusiva das relações homossexuais. Do mesmo modo, as práticas sexuais particulares que distinguiam a vivência erótica do hetero e do homossexual, não são mais argumento para separar essas categorias como opostos, porque, segundo o autor, cresce a produção de manuais eróticos, destinados aos heterossexuais que apregoam comportamentos, anteriormente, definidos apenas como característica da vivência erótica de orientação homossexual.

Sendo assim, o autor defende que essas mudanças sociais têm acarretado a diminuição da polaridade dicotômica também entre as categorias homo e heterossexual, estimulada pela “lógica do consumo” que substituiu a “ética do trabalho” pela “ética hedonista consumista”. Nesse novo parâmetro, o valor da reprodução está sendo substituído pelo valor do consumo e a ética sexual, seja ela homo, hétero, masculina ou feminina, tem “discursado” em nome do “princípio do prazer”. Como consequência desse processo, o autor observa que a classe média passou a dar mais valor na obtenção de prazer inclusive sexual, o que diminui, ainda mais, em seu entendimento, a distância da classificação entre homo e hetero em sua busca de prazer, pois o que os distinguiria,

nesse novo contexto, seria, exclusivamente, o sexo de seus parceiros, mas não mais suas práticas e finalidades sexuais (Id., 1996, p. 188).

A idéia de uma inquestionável heterossexualidade baseada na moral patriarcal não convence, ideologicamente, sobre a existência de "*...uma coisa heterossexual (...) à parte do discurso*". O autor, observa que o conceito da heterossexualidade, historicamente recente, é tomado como algo tão antigo quanto a história da humanidade. Na compreensão do autor, esse conceito não é tratado como uma das inúmeras possibilidades de "Eros", mas como a hipótese dominante que deveria nortear a prática da vivência erótica, considerada natural e normal. Seguindo tal raciocínio, se a heterossexualidade é dada como algo básico e inquestionável não haveria o que questionar politicamente. Esse é o argumento que a ideologia moderna teria utilizado para manter a heterossexualidade como o único modelo esperado e aceito socialmente (KATZ,1996, p. 183).

Assim, Katz (1996, p.190-191) defende que a distinção entre o hétero e o homossexual se refere a "*...um sistema de domínio histórico específico - de sexos e erotismos desiguais socialmente*", mas que está estruturado na argumentação da ideologia essencialista que dificulta essa crítica social, visto que procura suas origens na Biologia e na Fisiologia para classificar a sexualidade, colocando "*...nosso problema em nossos próprios corpos, não em nossa sociedade*". Conforme o autor, as mudanças, observadas na sociedade e na família, apontam para a superação dessa dicotomia hierárquica desigual. Esse sistema sexual, provavelmente, irá se desfazer juntamente com seu discurso, assim como ocorreu, segundo o autor, com as categorias de "escravo" e "senhor" que, aos poucos, foram se tomando obsoletas e desapareceram.

## **2.2 O homem de meia-idade na sociedade contemporânea : um momento de crise**

A meia-idade tem sido um tema em voga nas pesquisas da atualidade, visto que em decorrência das transformações sócio-culturais-políticas e científicas da sociedade contemporânea, os conceitos que estruturavam o ser humano em sua identidade social e pessoal estão em intensa transformação, de modo que a própria idéia do envelhecimento e da qualidade de vida na velhice têm sido modificadas, como consequência verifica-se o aumento na expectativa de vida da população mundial. Desse modo, as questões existenciais do homem contemporâneo também se modificam, em um mundo de maiores recursos e, ao mesmo tempo, de maior complexidade e cobranças em relação à consciência da própria existência e da existência em comunidade (REIS, 1998).

É nesse contexto que Mardegan (1997,p.20) situa a crise da meia-idade do homem contemporâneo. Para o autor, a meia-idade consiste em um momento no qual o homem vivencia a percepção de que já caminhou boa parte de sua trajetória de vida, iniciando um contato mais íntimo com a idéia do envelhecimento.

O autor compara o homem ao Lobo, *“animal vigoroso, veloz e resistente quando jovem. Anda e caça em conjunto sempre durante a noite, mas ao envelhecer, abandona a alcatéia e torna-se solitário”*. Assim também descreve o homem na sociedade atual, criado para ser “macho”, viril e bem sucedido. Quando jovem, recebe a mensagem de que deve conquistar o mundo e realiza infinitos planos e projetos grandiosos. Entretanto, quando chega a “hora do Lobo”, na meia-idade, o homem inicia questionamentos a respeito do que conseguiu realizar daqueles projetos da juventude e talvez perceba que muitos daqueles sonhos podem não ter se realizado, devido a seus próprios limites, assim como os da realidade. Nesse instante, pode ocorrer a “crise da meia-idade”, a qual é definida pelo autor como sendo *“um período de transição da*

*vida adulta, pela qual passa a maioria dos homens, cuja característica principal é o processo de revisão que o indivíduo faz de sua vida” (Id., 1997, p.19).*

Mardegan (1997) observa que o processo dessa crise pode começar em qualquer momento entre os 35 e 50 anos, visto que depende de diversos fatores e se configura em uma vivência muito peculiar que pode ter inúmeros formatos e conseqüências, conforme a história, os valores e a subjetividade de cada indivíduo.

Reis (1998) refere-se á entrada na fase da meia-idade de um indivíduo como o avesso da adolescência, visto que observa a oscilação de humor, a ocorrência de “fantasias estranhas”, de questionamentos existenciais, de nostalgia ou irritabilidade imprevisíveis, o que resulta em uma mudança de comportamento que denuncia a sensação de “medo”, nem sempre consciente pelo sujeito.

Nesse sentido, Margan (1997) afirma que é sempre mais fácil observar os sintomas e conseqüências desse momento, do que as reais causas que acometem o indivíduo. E, como fruto, é mais comum para as pessoas do convívio do indivíduo criticarem as mudanças de comportamento e humor, do que compreenderem esse processo que nem mesmo a própria pessoa, inicialmente compreende. Isto porque tanto para Margan (1997), quanto para Reis (1998), trata-se da vivência do contato com a realidade da existência humana, que pressupõe o envelhecimento, a decadência física e a morte, temas tão amedrontadores na cultura ocidental. Para Reis (1998, p.1) essa experiência se torna ainda mais difícil, uma vez que, há tempos perdeu-se o contato com “*a natureza e os ciclos naturais*”, deixando de encarar essas passagens da vida com naturalidade.

Desse modo, em uma sociedade com raízes altamente patriarcais, na qual o vigor, o poder econômico e a onipotência são os ditames da lógica capitalista, chegar

à meia-idade torna-se ainda mais assustador, ao ter que encarar a realidade das possíveis “demissões voluntárias”, depois de anos de trabalho e dedicação em uma empresa, procedimento que prioriza mão de obra mais jovem e mais barata. Esse fantasma associado à percepção do envelhecimento do corpo e das mudanças próprias de um momento no qual os valores dos 20 anos não servem mais, podem gerar muita angústia, assim como inúmeras defesas a essa dor, que ficam caracterizadas pela mudança de comportamento do indivíduo. Essas mudanças podem ser expressas de inúmeras formas, como cita o autor, por meio da mudança do estilo de vestir, da compra um carro esporte, trocando um casamento de anos por uma companheira muito mais nova, ou ainda, somatizando inúmeras doenças (MARDEGAN, 1997).

Entretanto, segundo Cuschnir (1992 **apud** Reis, 1998, p.136), aquele que conseguir encarar essa angústia, pode se beneficiar muito dela, pois explica que o homem persegue ao longo de todo o seu desenvolvimento o título de “Ser Homem” e para isso precisa passar por várias aprovações, começando na adolescência pela comprovação de que é capaz de ter relações heterossexuais e não ser homossexual; cumprida essa etapa, precisa elevar-se ao nível de homem independente que ganha dinheiro e se sustenta. Entretanto essa escalada não para, é preciso um aperfeiçoamento profissional para alcançar prestígio e poder aquisitivo para casar-se e sustentar uma família. Desse modo, se alcançar um *status* social e de poder econômico, pode receber o comprovante de “Ser Homem”.

Assim, o homem que aí chegou, percebe que sua vida girou em torno de valores e objetivos que não mais o satisfazem, visto que já se tornou homem e para isso viveu investindo no “fazer” e não no “sentir”. Daí começa a questionar o sentido de todo esse

esforço, a sua capacidade de amar, de ter sido feliz no casamento que escolheu, no modo de vida que até então desenvolveu. Cuschnir (1992) defende que os homens não têm medo da solidão, pois poucos entram em contato com ela, visto que antes mesmo de tomarem uma decisão de terminar um casamento, já estão com outra mulher. Entretanto, o medo é de perder a casa, o contato com os filhos, enfim, o mundo que o estruturou até aquele momento, e que foi o seu objetivo de vida. Juntamente com todas as características específicas dessa fase, o homem de meia-idade nos dias atuais ainda é cobrado em aceitar as mudanças e dividir seu espaço de trabalho com mulheres no mesmo cargo. Além disso, não conseguem ter a mesma autoridade em casa, com filhos e com a mulher como há anos atrás. Todas essas são novas demandas da contemporaneidade, as quais, segundo o autor fazem esses homens sofrer (CUSCHNIR, 1992 **apud** REIS, 1998, P. 139).

Mardegan (1997) concorda que esse processo promove um abalo na estrutura de vida do indivíduo, inclusive nas suas crenças a respeito de si mesmo, do que é e onde pensa que pode encontrar satisfação e felicidade. Desse modo, trata-se de uma crise de identidade, na qual os pilares que sustentavam a masculinidade patriarcal são abalados, pois suas representações sobre casamento, amor, sexo, *status* financeiro e profissional são questionadas. Assim, nessa transição imbuída do desejo de mudança, o homem deve entrar em contato com a distância que precisou criar entre si mesmo e os seus sentimentos e necessidades afetivas. Isso, porque aprende desde criança que sentimento é coisa de mulher, mas sexo é coisa de homem. Assim, esse último “*servirá para provar sua masculinidade e o outro simplesmente não é coisa de homem*”. Em um primeiro momento da crise, esses conceitos podem ficar ainda mais fortes, quando o homem tem necessidade de sair com mulheres mais novas, as quais não têm nenhum

valor sentimental para ele, ou se exhibir com novas aquisições. Entretanto, se for capaz de desconstruir esses valores e encontrar novas perspectivas, mais autênticas com suas reais necessidades, adquirindo maior lucidez em relação a suas demandas afetivas, pode de fato encontrar um novo sentido em seu existir, sem que isso ameace sua masculinidade (Id.,1997, p.47).

Nesse sentido, Cuschnir (1992, **apud** REIS, 1998, p.138) defende que, se o homem de meia-idade aproveitar essa crise, ao contrário de se sentir “falido”, superado, pode aproveitar para fazer uma transformação interna, corrigindo a direção em relação aos enganos de sua vida, atualizando seus valores, libertando-se das pressões em relação ao desempenho, ao visualizar novos projetos de vida, que condiziam mais com as necessidades de seu presente momento. Desse modo, o autor percebe a meia-idade como uma etapa de “acomodação”, na qual o indivíduo pode e deve usufruir das conquistas e sabedoria acumuladas e se preparar para um “futuro fértil”, com mais tolerância às limitações. Conclui, assim, que os homens privilegiados são aqueles que podem fazer uma reparação da figura paterna, compreendendo melhor, nesse estágio, os sentimentos do seu pai e as limitações que vivenciou em sua formação com essa figura. Dessa forma, fica mais fácil acolher as próprias limitações humanas e masculinas.

Na perspectiva de Cuschnir (1992, **apud** REIS, 1998), uma qualidade de vida na velhice implica a compreensão desses sutis “detalhes” que dizem respeito ao ser homem e ser mulher e a capacidade de cada indivíduo encontrar dentro das possibilidades sociais e pessoais uma vida familiar, profissional e econômica que o inclua e que lhe permita se sentir dinâmico e respeitado pelos que o rodeiam.

O novo contexto paradigmático no qual nossos colaboradores na meia-idade se inserem, define novas formas de expressão culturais e científicas. Assim, sentimos a

necessidade de compreender as mudanças no paradigma da ciência moderna, objetivo de nosso próximo capítulo.

### Capítulo 3

#### ***A CIÊNCIA E O NOVO CONTEXTO PARADIGMÁTICO***

As transformações provenientes do avanço da modernidade, detalhadas até o presente momento, atingiram diretamente a produção científica, ocasionando uma mudança estrutural no modo de se conceber e de se praticar as ciências. Santos (2003) afirma ter ocorrido uma mudança no paradigma que rege a produção científica na sociedade contemporânea, para que a ciência acompanhasse as novas necessidades de uma sociedade em frenética mutação.

Ao retomar a história, Santos (2003) recorda a construção do paradigma da ciência moderna, a qual teve seu ponto de partida na revolução científica do século XVI, com a contribuição de pensadores como Copérnico, Galileu e Newton, que auxiliaram a transformação do modo de pensar e atuar sobre a realidade, abandonando os cálculos esotéricos e substituindo-os pelos cálculos realizados por intermédio da razão. Segundo o autor, o modelo da racionalidade proveniente dessa revolução foi desenvolvido até meados do século XVIII, no âmbito das ciências naturais, sendo apenas no século XIX estendido às Ciências Sociais, que começavam a emergir. A partir de então, o modelo de racionalidade se constituiu como um paradigma global. Esse modelo distingue-se por meio de fronteiras rígidas do conhecimento não-científico do senso comum e dos

estudos humanísticos, concebidos como irracionais, como os estudos históricos, filosóficos e teológicos.

Esse modelo se constituiu de modo totalitário, uma vez que não considerava racional outras formas de conhecimento que não se enquadrassem em seus princípios epistemológicos, assim como em suas regras metodológicas. Desse modo, esse paradigma edificado no cerne da sociedade moderna combate rigorosamente todas as formas dogmáticas do saber, características da sociedade medieval. Trata-se, de acordo com Santos (2003), da imposição de um novo discurso e prática sobre a ciência, que vêm expressar os interesses e a ideologia de uma nova classe social: a burguesia.

Essa nova visão do mundo faz uma distinção clara entre natureza e o ser humano. Aquela tida como passível de ser compreendida por meio de mecanismos que possibilitem dissociar seus elementos, de forma a dividi-los e classificá-los, com o objetivo de poder, então, definir relações sistemáticas entre tais elementos sob a forma de leis. Assim, o conhecimento científico é adquirido por intermédio da observação sistemática e rígida dos fenômenos da natureza. Para alcançar tais objetivos, a ciência moderna contou com as idéias matemáticas que forneceram a ela o instrumento de análise, a lógica da investigação e o padrão de representação próprios da estrutura da matéria. No paradigma da ciência moderna, então, conhecer era sinônimo de quantificar, sendo o rigor científico mensurado pelo rigor das medições. Nesta concepção, a qualidade dos objetos passou a ser desconsiderada, visto que o que não era possível de ser quantificado se tornou irrelevante. Santos (2003, p. 30) observa, então, que as leis da ciência moderna privilegiam o “*como funcionam as coisas*” em lugar de “*qual o agente, ou qual o fim das coisas*”.

O paradigma científico da modernidade, na percepção do autor, rompe com o saber do senso comum, uma vez que nessa forma de ciência a obtenção da causa formal é conquistada a partir da eliminação da intenção, ao contrário do que ocorre no conhecimento do senso comum, no qual causa e intenção convivem sem conflitos. É com base nesse mecanismo que a ciência moderna, na visão de Santos (2003), confirma a coerência de seu paradigma calcado no rigor, assim como sua verdade é sustentada na idéia dos sucessos na manipulação e transformações do plano real. Esse conhecimento científico se baseia na idéia de que o mundo da natureza é um mundo da simplicidade, devendo ser classificado por leis, uma vez que tem como pressuposto teórico e metodológico a concepção de ordem e estabilidade das leis universais que regem o mundo.

O autor cita a mecânica de Newton como exemplo desse pressuposto, visto que nela o mundo material seria o equivalente a uma máquina cujo funcionamento pode ser determinado com exatidão por meio das leis da Física e da Matemática, em virtude de representar um mundo estático e constante e, por isso, nitidamente compreensível para o racionalismo cartesiano. Essa idéia de um “*mundo-máquina*” transformou-se na representação universalista da Idade Moderna, o mecanicismo. Esse conhecimento, segundo o pesquisador, teve como objetivo menos conhecer profundamente a realidade, do que ser funcional na dominação e transformação do real, adequando-se, no plano social, aos interesses da burguesia ascendente. As leis de Newton e sua simplicidade se traduziram em uma lei hegemônica da sociedade moderna, de forma que foram sendo aos poucos adotadas para compreender as leis da sociedade.

Segundo Santos (2003), no século XVIII, cria-se o clima intelectual propício para o germe do desenvolvimento das Ciências Sociais, a partir do século XIX.

Entretanto, essa ciência nasce no berço do racionalismo cartesiano e do empirismo de Bacon, desembocando no positivismo, para o qual haveria apenas duas formas de conhecimento científico: as práticas de estudo da lógica matemática e o modelo mecanicista empirista das Ciências Naturais. Esse modelo foi absorvido pelas Ciências Sociais por duas vertentes distintas. A primeira, inicialmente dominante, denominada de “física social”, parte do princípio de que as Ciências Sociais podem ser estudadas segundo as leis do modelo das Ciências Naturais. Para isso, se faz necessário reduzir os fenômenos sociais a fatos externos, observáveis e mensuráveis.

Nessa prática, foi observado que nem sempre era fácil conseguir tais objetivos sem distorcer os fatos. Surgem críticas a respeito desse modo de produzir conhecimento nessa área, devido à argumentação de que os fatos sociais não podem ser universalizados, visto que são construídos historicamente e determinados culturalmente. Considere-se também que o fenômeno social é subjetivo, uma vez que é produzido por meio do comportamento humano e, portanto, absolutamente imprevisível.

A segunda vertente, conforme Santos (2003, p.38), marginalizada nesse contexto e que, aos poucos, foi conquistando prestígio, lutava pela legitimidade de uma metodologia própria que compreendesse “*os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e dos sentidos que os agentes conferem às suas ações*”, utilizando-se de métodos investigativos e qualitativos no lugar de quantitativos, com o objetivo de atingir a descrição e compreensão dos conhecimentos intersubjetivos determinantes dos fenômenos sociais. Apesar dessa postura ser o sinal do início da crise do paradigma científico da modernidade, para o autor, ela ainda pertence a esse modelo, uma vez que partilha com ele a distinção entre natureza e ser humano.

Santos (2003), ao delinear a crise do paradigma da ciência moderna, define uma pluralidade de condições que contribuíram para esse fato, afirmando que o aprofundamento do próprio conhecimento científico mostrou os limites desse modelo. Einstein, em sua opinião, teve grande participação na ocorrência dessa situação, ao discorrer a respeito das leis da relatividade e da simultaneidade. Segundo essas leis, a simultaneidade de acontecimentos distantes não pode ser mensurada, mas apenas definida, sendo, portanto, arbitrária. Como consequência, rompe a idéia de simultaneidade universal, tornando-se inválidos os conceitos de tempo e espaço absolutos da teoria Newtoniana. A Física e a Matemática podem realizar medição local, mas um acontecimento simultâneo em um sistema de referência pode não ser simultâneo em outro.

Outra contribuição para a crise do paradigma dominante, segundo Santos (2003, p. 44, 45), provém da Mecânica Quântica, a qual demonstra que não é possível medir a realidade sem alterá-la de algum modo, ou seja, *“que não conhecemos do real senão a nossa intervenção nele”*. O autor cita o cientista Heisenberg, que demonstrou o *princípio da incerteza*, no qual verificou que não seria possível diminuir o erro de medição da velocidade e da posição das partículas, visto que, ao diminuir o erro de uma, aumentaria o da outra. Desse modo pode-se constatar a complexidade da distinção entre sujeito e objeto, que deixa de ser dicotômica, passando a se caracterizar por um *“continuum”*.

O autor cita a importante contribuição dos avanços da Microfísica, da Química e da Biologia para a reflexão a respeito da ciência. Nessa área, Santos (2003, p.47) cita a fundamental contribuição do físico-químico Ilya Prigogine, com sua *“teoria das estruturas dissipativas”* e seu *“princípio de ordem através das flutuações”*, que definem

uma nova concepção de “*matéria e natureza*” sugerida e concebida, segundo a compreensão de Santos (2003 p. 48):

Em vez de eternidade, a história; em vez de determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade; em vez da ordem, a desordem...

Segundo o autor, essa teoria não se restringiu a um fenômeno isolado, tendo influência em um movimento convergente, tanto nas Ciências Naturais como nas Sociais, culminando no que o autor denominou de um movimento de “vocação transdisciplinar”. Essa movimentação científica possibilitou uma reflexão epistemológica diversificada e profunda sobre o conhecimento científico. Santos (2003, p. 50) define essa reflexão por meio de duas “facetas” importantes: a primeira diz respeito ao interesse que surge por parte dos cientistas, em desenvolver competência para problematizar sua prática científica e a segunda trata-se do retorno da necessidade, no final do século XX, de “*complementar o conhecimento das coisas*” com o conhecimento de quem conhece as coisas, ou seja, própria pessoa que conhece. Desse modo, as análises socioculturais e das instituições científicas e sociais deixam de ser um campo exclusivo da Sociologia, tornando-se uma prática relevante na reflexão epistemológica.

Para Santos (2003), a crise do paradigma dominante da ciência tem conseqüências não apenas nessas causas teóricas, como também nas transformações que a sociedade capitalista atravessa na contemporaneidade. Segundo sua interpretação, a idéia de autonomia por parte da ciência, que descrevia o cientista com uma ideologia de espontaneidade científica, ficam obsoletas frente ao processo global de industrialização da ciência, a partir das décadas de trinta e quarenta. Essa industrialização teve como

conseqüência o compromisso com o poder socioeconômico e político, os quais passaram a exercer forte influência na escolha das prioridades científicas. Sendo assim, para o autor, o resultado dessa revolução epistemológica deve fazer emergir um paradigma que seja não apenas científico, mas também social.

No decorrer do desenvolvimento da sociedade pós-industrial, o saber foi tornando-se cada vez mais prático com o auxílio da tecnologia. Lyotard (2004) relata que no final do século XVIII, com a primeira Revolução Industrial, há a descoberta de que para haver riqueza é necessário desenvolver técnica; entretanto, a técnica exige um investimento de riqueza, ou seja, que o investimento em tecnologia aumenta a “performance”. Daí surgem os investimentos em fundos de pesquisas, quando a ciência transforma-se em força de produção, fonte geradora de capital.

Nesse contexto, na visão do autor, o desejo de aumentar o lucro por meio da tecnologia, precedeu a preocupação com o desenvolvimento científico, visto que, nesse momento, a “administração da prova” tem como objetivo persuadir o destinatário da mensagem científica em favor do desempenho e da eficácia e não mais em relação à verdade. As instituições, desse modo, abandonam a legitimação da ciência por meio de um relato a respeito da verdade, substituindo-o pelo relato sobre a eficácia pragmática, resultante do saber técnico-científico. O investimento na ciência, então, não se justifica em torno da procura pela verdade, mas sim para aumentar o poder. Lyotard (2004) justifica sua argumentação, afirmando que a disputa entre as nações no mundo contemporâneo não se realiza mais por quem produz mais mercadorias, mas qual potência é capaz de desenvolver, armazenar e vincular maior número de informações que seja possível ser representada na linguagem tecnológica, informatizada.

Assim, esse autor cita inúmeras produções e inclinações científicas que auxiliaram no surgimento desse novo paradigma, no qual as disciplinas se inter-relacionam, como por exemplo, a Física com a Psicologia e com a Psicanálise, a partir da Mecânica Quântica, que resultam na superação da dicotomia mente-corpo; a retomada do conceito de inconsciente coletivo de Jung por Capra, como uma forma de expandir o conceito de mente de Freud de dentro para fora, para além dos indivíduos. Nessa linha, muitos estudiosos contribuíram, na visão do autor, para a edificação do paradigma científico da sociedade pós-moderna, no qual se verifica a superação das dicotomias definidas pelas idéias de natureza/cultura, mente/matéria, sujeito/objeto, coletivo/individual, etc. (LYOTARD, 2004).

Nesse processo, afirma Santos (2003, p.71, 72) há o rompimento também da polaridade Ciências Naturais/Ciências Sociais, com a tendência de revalorizarem-se os estudos humanísticos. As Ciências Humanas, nesse momento, seguem o mesmo movimento, superando a distinção entre sujeito e objeto, privilegiando a “*compreensão do mundo à manipulação do mundo*”. Assim, a fusão das ciências sociais com as ciências naturais localiza a pessoa no centro do conhecimento, considerando que “*Não há natureza humana porque toda natureza é humana.*”

Sendo assim, a ciência pós-moderna desenvolveu conceitos que dissolveram as fronteiras que dividiam a realidade e orientavam a prática da ciência moderna. Nesse novo paradigma científico, então, o mundo é compreendido como sendo natural e social concomitantemente. Essa compreensão, portanto, resulta do fruto de uma produção textual, própria das analogias construídas na interação da comunicação. A produção da ciência pós-moderna, segundo o autor, apresenta-se como um jogo comunicativo, no qual o cientista é o autor de uma biografia a respeito da realidade. Dessa perspectiva, há

a confluência de “...sentidos e constelações de sentidos vindos, tal qual rios, das nascentes das práticas locais e arrastando consigo as areias dos nossos percursos moleculares, individuais, comunitários, sociais e planetários” (SANTOS, 2003, p.73).

Santos (2003, p.77), ao discorrer a respeito do conhecimento pós-moderno, define-o como sendo total e também local, visto que serve para a solução de temas e projetos concretos circunscritos em determinados momentos por grupos sociais locais. Desse modo, é um conhecimento produzido dentro da possibilidade da atuação humana, inscrita em um “espaço-tempo local”. Entretanto, por meio da comunicação, definida para o autor como sendo a lógica da produção desse conhecimento, o saber local intercrucza-se com outros produzidos em outras localidades, formando uma complexa e interdisciplinar rede de sentidos que compõe um saber total.

Liotard (2004) recorda que, no contexto das transformações da sociedade pós-moderna, instala-se a crise da ciência moderna e, conseqüentemente, a filosofia especulativa com seu discurso universalista sobre a verdade, a ética e a política perde sua credibilidade para continuar tornando legítima aquela prática científica, assim como as instituições que a reproduziam. Ao expandirem-se os jogos de linguagem, há uma modificação no vínculo social que não mais se caracteriza por um discurso unidimensional, mas, ao invés disso, se constitui por uma complexa teia de inúmeros jogos de linguagem, definidos por diferentes regras.

Esse fenômeno é justificado pelo autor por meio do aparecimento de novos códigos lingüísticos, decorrentes do desenvolvimento social e tecnológico da sociedade capitalista pós-industrial. Desse modo, a sociedade torna-se mais complexa, havendo uma fragmentação e uma determinação local na linguagem do saber. O pesquisador cita como exemplo o desenvolvimento da linguagem da máquina, a linguagem do código

genético, as novas noções musicais que expressam a complexidade de um novo universo, o qual nenhum indivíduo é capaz de dominar totalmente. Essa realidade derruba a crença da autonomia conquistada pelo controle da razão tão defendida pela filosofia especulativa da ciência moderna, visto que torna impossível a evidência de uma metalinguagem universal que emancipe o indivíduo como detentor de uma verdade e um saber unívoco (LYOTARD, 2004).

O desenvolvimento do saber na condição pós-moderna apresenta duas características descritas por Lyotard (2004, p.79,80): a “multiplicidade de suas linguagens”, caracterizando maior flexibilidade dos métodos para sua obtenção; a valorização do caráter pragmático da nova proposta de linguagem. O progresso do saber dá-se por novas argumentações a respeito das regras da produção do saber e, também, com a invenção de novas regras para essa produção. Esse novo modelo corresponde a um descentramento da razão como idéia central no jogo do saber, sendo o metadiscurso universal substituído pelas múltiplas variações possíveis dos sistemas formais, compondo, como defende o autor, uma “metalinguagem universal”, porém não consistente, uma vez que comporta paradoxos. Dessa forma, a linguagem que certamente seria definida como um falso raciocínio na lógica moderna, pode encontrar legitimidade em seu pronunciamento dentro da “comunidade dos *experts*” (Id.,2004, p.80).

Santos (2003, p.77,78) afirma que o conhecimento científico da pós-modernidade é “imetódico”, sendo definido pela “pluralidade metodológica” , pois acredita que:

Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta.

Sendo assim, Santos (2003, p. 78,79) defende a idéia de que cada método responde apenas ao que lhe é específico e que, por isso, a inovação científica consistiria em “...*inventar contextos persuasivos que conduzam à aplicação dos métodos fora do seu habitat natural.*”

Trata-se do que o pesquisador denominou de “transgressão metodológica”, que repercute na possibilidade do cientista construir seu estilo ou gênero literário, uma vez que, na ciência pós-moderna, não há um estilo “unidimensional” rigidamente definido, possibilitando a existência de pluralidade de estilos nos quais estará impressa a “imaginação pessoal” do autor científico. Abre-se espaço para o que o autor definiu como uma “maior personalização do trabalho científico”, acarretando também uma maior “tolerância discursiva” em relação à “pluralidade metodológica”. Seguindo essa lógica, o autor defende a idéia de que, no novo paradigma científico, “*o conhecimento é autoconhecimento*”, uma vez que realiza uma ruptura na idéia dicotômica entre sujeito e objeto, integrando o conhecimento científico ao universo íntimo do humano (Id.,2003, p.83).

Desse modo, a ciência pós-moderna reconhece que nenhuma forma de conhecimento é essencialmente racional, mas apenas a intersecção entre os vários conhecimentos pode ser. Assim, deixa-se interpenetrar por diversas formas de conhecimentos, inclusive o do senso comum, do saber prático e cotidiano que dão sentido à experiência humana. O senso comum ampliado pelo conhecimento científico pode, na concepção do autor, “...*estar na origem de uma nova racionalidade. Uma racionalidade feita de racionalidades*”. Na ciência do paradigma pós-moderno, o salto mais significativo é o que segue do conhecimento científico para o do senso comum, de forma a se concretizar como uma ciência transparente e acessível, a qual se transforme

em uma linguagem comum. Nessa perspectiva, a ciência pós-moderna valoriza o conhecimento tecnológico, desde que esse se traduza em “autoconhecimento” e “sabedoria de vida”. (SANTOS, 2003,p. 90,91).

A idéia do consenso, na condição pós-moderna, de acordo com Lyotard (2004, p.118), tornou-se questionável, mas o valor de justiça ainda possui uma ressonância social. Em sua concepção, entretanto, faz-se necessário encontrar uma prática da justiça que não esteja relacionada ao consenso. Um primeiro passo nesse sentido, segundo o autor, seria o reconhecimento da “heterogeneidade dos jogos de linguagem” que se opõem à imposição de um discurso da imposição da verdade. Em segundo lugar, admitindo-se a complexidade da realidade social, validar por meio de regras locais a regulação de cada enunciado emitido, levando-se em consideração a circunscrição espaço-temporal de cada metarrelato.

É nesse novo contexto paradigmático, no qual a realidade social torna-se veiculada por meio dessa “heterogeneidade de jogos de linguagens” e as áreas dos saberes se inter-relacionam, que se situou a prática científica deste trabalho, de modo a abordar o fenômeno da heterossexualidade masculina em suas dimensões psicológicas, por meio da psicanálise e socio-histórica e política, utilizando a metodologia fenomenológica.

Assim, nosso próximo passo consiste em apresentar a perspectiva psicanalítica, para assim, possibilitar ao leitor o diálogo entre as áreas do saber já citadas.

## Capítulo 4

### **A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

EROS é o amor personificado. Em grego (éros), do verbo (érasthai) “desejar ardentemente”, significa com exatidão “o desejo incoercível dos sentidos”. Em indo-europeu tem-se o elemento (\* e) rem “comprazer-se, deleitar-se” com o qual talvez se possa fazer uma aproximação. (BRANDÃO, 1998, p. 209)

PSIQUÉ é igualmente a alma personalizada. Em grego (psykhé), do verbo (psýkhein), “soprar, respirar”, significa tanto “sopro” quanto “princípio vital”. V. *Dicionário Mítico-Etimológico, s.u.* Psiqué. (BRANDÃO, 1998, p.209).

NARCISO (Nárkissos), deve ser um empréstimo, como indica o sufixo-(issos). Uma aproximação com (nárke), “entorpecimento, embotamento” é devida à etimologia popular, por causa do efeito calmante do narciso, (BRANDÃO, 1991, p. 736).

#### **4.1 O narcisismo segundo Freud**

O termo “narcisismo” foi citado por Freud, pela primeira vez, em 1909, durante uma reunião na Sociedade Psicanalítica de Viena, sendo apontado como um estágio intermediário entre o auto-erotismo e o aloerotismo (amor objetal). Posteriormente, na segunda edição dos *Três Ensaios Sobre a Teoria Sexual*, Freud descreve o narcisismo como uma perversão sexual na qual o próprio corpo é tratado como um objeto sexual. (FREUD, 1910 **apud** FREUD, 1923).

Entretanto, em 1914, Freud formula a Teoria Clássica do Narcisismo, colocando-o no interior do desenvolvimento da libido e considerando-o não mais como uma perversão, mas sim como um conceito estrutural, o qual tem como idéia central o

EU como *objeto* das pulsões sexuais. Ou seja, o Narcisismo consistiria em um investimento libidinal no EU, sendo constitutivo do ser humano: não só uma etapa evolutiva, mas uma estrutura estável, que permanece narcisista mesmo depois de ter encontrado o objeto. Freud explicou essa idéia fazendo uma analogia entre uma ameba e seus pseudópodos, descrevendo as investidas sobre os objetos como emanções da libido, que permaneceria no EU:

Assim, formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionada com os pseudópodos que produz (FREUD, 1914, págs 91-92)

O “EU”, nos primeiros trabalhos de Freud representa o *Self*, sendo que em *Uma Introdução ao Narcisismo* (FREUD, 1914), o conceito de Eu ocupa um lugar de transição, estando presente a semente do modelo tripartido da mente e também o conceito de instância auto-observadora, precursora do conceito de Superego. A partir de 1923, Freud define e limita o conceito de Eu como uma instância mental com atribuições e funções próprias, o Ego (FREUD, 1923).

O termo *narcisismo* aponta para a lenda segundo a qual Narciso se apaixona pela própria imagem refletida no lago. Tratando-se de um investimento libidinal sobre uma imagem unificada do eu, não um corpo fragmentado como no auto-erotismo. Pode-se dizer, ainda, que o conceito de narcisismo abriu caminho para a teoria da identificação, lançou as bases de uma nova teoria de escolha objetal e introduziu uma nova concepção de Ego, culminando na formulação da segunda tópica em *O Ego e O Id.* (Id., 1923).

Freud (1914) introduziu o conceito de narcisismo por intermédio do estudo das catexias libidinais nas parafrenias, distinguindo o Narcisismo Primário (normal) do

Narcisismo Secundário (patológico). Como o narcisismo da esquizofrenia constitui um fenômeno secundário e a libido regressa ao *Self*, seguindo um caminho já percorrido na direção oposta, Freud sugere que deve ter havido um narcisismo infantil primário, que seria definido como a catexia original do Ego, consistindo no investimento libidinal primitivo do Ego do qual, posteriormente, emanam as porções de libido dirigidas aos objetos exteriores, sendo que uma parte persiste no ego. Freud identificou como características do narcisismo primário: a onipotência do pensamento, a crença na forma taumaturgica das palavras, uma técnica mágica para lidar com o mundo externo e uma superestima do poder dos desejos.

Um dos principais motivos do autor adotar a hipótese do narcisismo, foi a descoberta de uma escolha que não seguia o objeto, mas o eu. Freud, então, distinguiu duas escolhas diferentes de objeto: o tipo anaclítico e o tipo narcísico. Freud (1914) designou de uma escolha objetual do tipo anaclítica, àquela em que há o investimento libidinal em objetos reais ou imaginários, com os quais o ego do indivíduo se vincula. Trata-se do direcionamento do “instinto objetual sexual” para um objeto amado. No entanto, para que isso se processe, na concepção de Freud (1914, p.105), faz-se necessário que o ego suporte a dependência, à qual ficará submetido em relação ao objeto amado, visto que, em suas palavras “... *uma pessoa apaixonada é humilde. Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituído pelo amor de outra pessoa por ele*”.

O psicanalista faz, inicialmente, a distinção entre os instintos libidinais e os do ego, mais tarde, em 1920, sendo unificados com o nome de pulsões de vida (Eros), cuja energia é a libido, em oposição à pulsão de morte, representada pela energia da destrutividade (Tânatos).

O autor observa que a orientação a ser percorrida por esses instintos libidinais (para um objeto externo, ou para o próprio ego) reflete um sentimento de auto-estima egóica. Ou seja, ao amar (quando esse afeto pode ser “ego-sintônico”) o ego se liga, e necessariamente, priva-se, ao investir sua libido no objeto amado, o que acarreta uma redução de sua auto-estima. Entretanto, ao ser amado e poder vivenciar esse amor, a auto-estima eleva-se novamente. Portanto, a auto-estima é alimentada, prioritariamente, pela satisfação advinda da capacidade de vivenciar a relação libidinal objetual, apesar das reminiscências do narcisismo primário também influenciarem, concomitantemente, no desenvolvimento da auto-estima (FREUD, 1914, p.106).

Contudo, Freud (1914, p.106) observa que, quando os instintos libidinais são reprimidos, a “catexia erótica” é sentida como uma ameaça, na qual o ego teme ser sugado, de forma a se tornar insuficiente para alcançar seu ideal de ego. Nesses casos, a satisfação por intermédio da relação de amor é impossível, sendo necessária, para que o ego se sinta fortalecido, a “retirada da libido dos seus objetos”, ocasionando um retorno dessa ao ego, caracterizando o narcisismo que, nas palavras do psicanalista, descreve “um novo amor feliz”, que é representado pela ilusão narcísica do retorno ao narcisismo primário, momento em que a libido objetual e a libido do ego não podiam ser diferenciadas. Assim, no caso da escolha objetual do tipo narcísica, a grande parcela do desenvolvimento do sentimento de auto-estima resulta dos “resíduos do narcisismo infantil” e da “onipotência”, atestada pelas experiências que confirmam a realização do “ideal do ego”. Nesse tipo de escolha, o ego escolhe a si mesmo como objeto de amor, ou escolhe um Ideal do Ego, com o qual faz uma identificação narcísica, podendo amar-se, por meio de um objeto idealizado.

Sobre este tipo de escolha, Freud (1914, p. 101) discorre: “*O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal*”. Freud (1914) explica que a escolha, na vida erótica, do tipo narcísica se caracteriza pela identificação secundária do ego com o Ideal de Ego, como uma tentativa ilusória de retorno à situação fusional da sexualidade primitiva, que caracteriza o pensamento onipotente narcisista em relação às suas próprias atitudes e realizações.

Freud (1923, p. 49) define o Ideal de Ego como sendo “*tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem. Como substituto de um anseio pelo pai...*”. Para Freud o Ideal de Ego é herdeiro do complexo de Édipo, constituindo-se também como a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Devido ao surgimento do ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo, ao mesmo tempo, colocando-se em sujeição ao id. Pois, de acordo com Freud (1923, p. 51), em virtude da formação do ideal, o ego assume e reexperimenta o que “*a biologia e as vicissitudes da espécie humana criaram no id e neste deixaram atrás de si*”. Sendo assim, o que pertencia à parte mais baixa da vida mental (vicissitudes libidinais do id) de cada indivíduo é transformado, mediante a formação do ideal de ego, no que é mais elevado na mente humana pela escala de valores (o simbólico).

Em *O Ego e o Id* Freud (1923, p.44) discorreu sobre a origem do ideal do ego, definindo que, anteriormente a ele, está oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a identificação com o pai em sua “*pré-história pessoal*”. As escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual, relacionadas ao pai e à mãe, teriam seu desfecho numa identificação direta e imediata, reforçando a identificação primária.

Como resultado da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo, há a formação de um “precipitado do ego”, contendo tanto as identificações maternas quanto paternas, unidas, uma com a outra, de alguma maneira. Essa modificação do ego, após o complexo de Édipo, foi definida por Freud de ideal do ego ou superego, o qual confronta-se com os conteúdos do ego, contendo tanto as escolhas objetais do id, quanto suas proibições (FREUD, 1923, p. 53).

O ideal do ego, agora definido como superego, contém o que Freud chama “a natureza mais alta do homem”, “o representando de nossas relações com nossos pais”. O ideal do ego também contém os valores e regras sociais introjetados, sendo definido por Freud como o representante do mundo interno, contrastando-se com o representante do mundo externo, da realidade: o ego. Sendo assim, os conflitos entre o ego e o ideal refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico (FREUD, 1923, p. 51).

#### **4.2 As sexualidades e seus desdobramentos : o olhar psicanalítico de MC Dougall**

Mc Dougall (2001), ao abordar o tema da sexualidade humana, delinea o caminho pelo qual o ser humano trilha, no curso de seu desenvolvimento psíquico, com o objetivo esperado de superar etapas primitivas de vivências da sexualidade, próprias de um aparelho psíquico ainda imaturo, conquistando a condição mais elaborada das vivências da sexualidade adulta, caracterizada pelo funcionamento de um aparelho psíquico mais fortalecido para enfrentar a realidade da existência humana. A autora observa, entretanto, que esse processo de desenvolvimento não ocorre de forma simples e linear, visto que, em sua perspectiva, a sexualidade humana é constituída por meio de vivências traumáticas que expressam os conflitos psíquicos entre as pulsões internas e as forças repressoras do universo externo e interno. Desse modo, mesmo que o

desenvolvimento psicosexual do indivíduo atinja um estágio de predominância do funcionamento da sexualidade adulta, ainda assim contém nuances próprias da vivência da sexualidade arcaica. Em outros indivíduos, esse desenvolvimento pode ter ficado predominantemente arraigado ao funcionamento característico das vivências da sexualidade dos tempos mais primitivos da mente.

Ao descrever esse processo de desenvolvimento, essa autora observa que os conflitos psíquicos entre as pulsões e os limites da realidade externa, na busca do indivíduo por amor e bem-estar tem seu início na primeira ligação libidinal do bebê com o “seio-universo” (primeiro objeto de amor). Nessa primeira ligação, o bebê projeta no seio seus impulsos eróticos e sádicos, visto que esses ainda encontram-se fundidos. Nesse período, instaura-se o que a autora define de “amor canibal”. Lentamente, por meio das frustrações e do ódio de não possuir o objeto sempre que desejado, a mente infantil vai constituindo a noção da existência de um “outro” separado do próprio “self”. Essas experiências de separação e frustração resultam em certa forma de sofrimento e decepção do bebê em relação ao seu objeto de amor inicial. Assim, para a lógica da mente infantil nesse momento do desenvolvimento, ser feliz significa não experimentar a frustração própria da ausência do objeto, ou seja, de anular a espera da satisfação de suas pulsões. Daí o desejo e as tentativas de suprimir a diferença entre o “self” e o objeto (Idl, 2001, p. IX, X).

Mc Dougall (2001) observa que a sexualidade dos tempos primitivos da mente deixa marcas essenciais, na sexualidade adulta, da fusão entre pulsões de vida e de morte, por meio da qual amor e ódio eram indissolúveis. A tensão entre essas duas forças torna-se, como considera a psicanalista, o estímulo que impulsiona a vida e alimenta a infindável busca em direção à resolução desse conflito. Essa dicotomia, nessa

concepção, resultaria em uma tensão vital, sempre presente em todos os formatos de amor e sexualidade da vida adulta.

A cena primária que se define como a representação, pela mente infantil, de intercurso sexual das figuras parentais, consiste no registro psíquico da somatória de “saber inconsciente” e da ficção pessoal que a criança reuniu a respeito das relações sexuais entre os seres humanos, em especial, a do seus pais. A cena primária fica marcada não apenas pelos aspectos genitais e conflitos fálico-edipianos, mas também por intermédio de fantasias pré-genitais, citadas por Mc Dougall (2001, p.XVI), como as “*orais-eróticas, orais-devoradoras, as anais-eróticas, as anais-sádicas, as confusões bissexuais, as fantasias arcaicas de trocas vampirescas, ou o medo de perder o sentimento de identidade*”. O predomínio dessas fantasias no mecanismo psíquico do indivíduo ocasionam desvios nos relacionamentos sexuais e amorosos, uma vez que esses tornam-se sinônimos de morte e destruição.

As dificuldades da criança em vivenciar as fantasias arcaicas pré-genitais imbuídas de amor e ódio pelas figuras parentais, assim como dos pais em serem acolhedores em relação a essas dificuldades, resulta em conflitos no indivíduo adulto em relação ao sexo, visto que esse toma a conotação de um ato violento de destruição e desintegração, assim como o amor pode tornar-se sinônimo de aniquilamento e morte. A autora observa que esses mecanismos encontrados pela mente são muitas vezes comunicações não-verbais, sintomas que denunciam conteúdos inconscientes que persistem na luta para encontrar algum tipo de expressão, visto que a simbólica por meio das palavras ainda não foi possível. (Id., 2001).

Mc Dougall (2001, p.X) observa que, diferentemente do que pensava Freud, as pesquisas da psicanálise atual indicam que a descoberta da “alteridade” e da “diferença

sexual” ocorrem muito antes da angústia vivida na crise do momento edípico. Assim, a autora observa que a descoberta das diferenças geram naturalmente angústias, que se forem acolhidas, com a ajuda de figuras afetivas, proporcionam um amadurecimento psíquico.

Assim, por intermédio do discernimento da diferença sexual, inicia-se a representação da noção do indivíduo fazer parte de um determinado gênero. Segundo a psicanalista, a criança vai identificar-se como pertencente ao gênero feminino ou masculino pelas “representações mentais” resultantes das imposições do “inconsciente biparental” e dos valores culturais que moldaram os conceitos que os pais lhe transmitiram. A autora defende que esses são fatores ainda mais determinantes na constituição da identidade de gênero do indivíduo do que os fatores resultantes do substrato biológico ( MC DOUGALL, 2001, p.X, XI).

Desse modo, para a psicanalista, a identidade do indivíduo constitui-se segundo o discernimento do que é semelhante e o que é diferente ao próprio eu. Nessa perspectiva, a aquisição de uma identidade pessoal e sexual sólida exige a vivência de inúmeros processos de luto, nos quais faz-se necessário abandonar o desejo de ser o que é diferente do próprio self (Id., 2001).

Mc Dougall (2001) aponta para a importância dos desejos bissexuais no desenvolvimento psicosexual do ser humano, confirmando que o bebê sente-se atraído libidinalmente pelos dois genitores, vivenciando o desejo de ter o amor restrito de cada um deles. Assim, segundo a autora, aceitar a inevitável realidade da monossexualidade consiste em uma das “feridas narcísicas” da infância, visto que toda criança vive a ânsia de possuir os órgãos sexuais de ambos os genitores, os quais são imbuídos de mistério e poderes magníficos, segundo a fantasia infantil. Nessa fantasia, ela imagina que, se

possuísse esses misteriosos órgãos genitais, iria também possuir o poderes de homem e mulher neles contidos (Id.,2001, p.XI).

Mc Dougall (2001) enfatiza os avanços na teoria psicanalítica a partir de Freud, observando que alguns aspectos como os relacionados à sexualidade feminina foram melhor esclarecidos, assim como expandiu-se a compreensão sobre a forma como os fenômenos da mente infantil são vivenciados para meninos e para meninas. Segundo a autora, na psicanálise contemporânea a maioria dos psicanalistas concordam que a inveja do pênis, como acreditava Freud, consiste apenas em uma explicação parcial dos obstáculos que a menina enfrenta para atingir a situação psicosexual de uma mulher adulta. Entretanto a inveja do pênis não ocorre apenas para a menina, visto que no menino ela também é vivenciada pela angustiante percepção de que seu pênis é muito pequeno para rivalizar com o do pai. Desse modo, se na vida adulta permanecer, no homem, a convicção de que possui um pênis menor do que deveria ser, tornando-se preso à fantasia inconsciente de que existe um único sexo idealizado e realmente potente, surgirão angústias e sintomas semelhantes aos da mulher jovem que fixou-se à fantasia inconsciente de perceber-se como um “menino castrado” (Id., 2001, p. 05).

Da mesma forma que o pênis do pai é invejado pela criança de ambos os sexos, segundo a autora, há um consenso entre os psicanalistas na atualidade, que considera o corpo da mãe e sua sexualidade do mesmo modo invejados e admirados por meninos e meninas. Essa inveja por parte do menino seria da mesma natureza da inveja que a menina possui do pênis do pai e das façanhas sexuais sonhadas por ela, em relação a esse órgão. Dessa forma, as crianças dos dois sexos vivenciam a percepção de que a mãe encarna em seu corpo o fascinante poder de atrair o pênis do pai e de fazer os bebês desejados por ambos (Id., 2001).

Mc Dougall (2001, p.05,06) define a resolução da bissexualidade humana como uma experiência altamente angustiante, visto que exige um trabalho de luto bastante dolorido, pois atinge a fantasia onipotente do ser humano de ser completo e absolutamente potente. Isto porque, as crianças, ao percorrerem o curso do desenvolvimento psíquico esperado, lentamente vão descobrindo as diferenças entre os sexos e percebendo os limites que encontram para realizar seus desejos de “ser e ter” ambos os genitores. Desse modo, ocorre um abalo na convicção da “completude narcísica”, da absoluta “fertilidade” e a realização plena dos próprios desejos.

Desse modo, a psicanalista conclui que para haver a “*internalização de uma representação simbólica da complementariedade dos dois sexos*”, há a necessidade de ter havido a renúncia ao desejo bissexual da criança de “ser e ter” ambos os genitores. A aceitação da monossexualidade atesta a realidade dolorosa de que o ser humano não é completo em si mesmo e que necessita do outro para experimentar alguma sensação de completude e, por isso, a autora defende ser esse um dos abalos narcísicos mais dolorosos vivenciados pelos seres humanos (MC DOUGALL, 2001, p.06).

Aceitar o fato de que é possível ser apenas uma das metades do par sexual é percebido pela criança, em sua necessidade narcísica, como uma afronta da realidade que se agrava ainda mais ao ter que entrar em acordo, na crise edípica, com os próprios impulsos homo e heterossexuais, assim como com a impossibilidade de possuir sexualmente seus genitores (MC DOUGALL, 2001).

Mc Dougall (2001) descreve que nas crianças de ambos os sexos são dois objetivos perseguidos pelos desejos homossexuais vivenciados na infância. Por um lado a criança deseja possuir sexualmente, para si mesmo, o pai do mesmo sexo. Conseqüentemente a esse desejo, surge outro desejo que consiste em querer ser o

genitor do sexo oposto, adquirindo todo o poder e privilégio que esse possa representar na fantasia da criança. Essas duas correntes homossexuais originárias dos desejos primários do ser humano estão presentes no inconsciente de todo adulto e expressam-se de inúmeras formas em adultos de orientação tanto homo como heterossexual.

Certamente essas vivências psíquicas em nível inconsciente denotam o intenso desejo da mente infantil de sentir-se absolutamente acolhida, aceita e integrada, de forma que não haja nenhum obstáculo para a realização da sensação de plenitude em relação ao objeto amado. Daí a enorme ânsia de não ter de abrir mão de nenhum dos lados da bissexualidade, assim como o desejo de ser único para cada genitor, de modo que em fantasia o terceiro elemento sempre deve ser roubado em seu atrativo potencial e eliminado por representar a ameaça concreta da separação entre o indivíduo e seu objeto de amor. As figuras parentais devem ser acolhedoras com tais necessidades, não se tornando, entretanto, permissíveis a tais desejos, auxiliando a criança a suportar as perdas e frustrações (Id.,2001).

Mc Dougall (2001) cita alguns caminhos que podem contribuir para a integração dos impulsos homossexuais edipianos, que servem de exemplificação tanto para meninas quanto para meninos. E defende que esses caminhos podem ser meios de integrar os desejos narcísicos e homossexuais possibilitando seu investimento na vida sexual, nas relações familiares, sociais, assim como na profissional.

O primeiro desses percursos consiste na “estabilização da auto-imagem”, na qual a libido homossexual é utilizada como forma de fortalecer a “auto-imagem narcísica”. Ou seja, orienta para si mesma um pouco do amor e estima que experimentou pela mãe (no caso da menina e pai do menino) e por seu corpo, com o objetivo de ter afeição aos seus órgãos sexuais. Assim, a criança deixa de querer “ter” o genitor do mesmo sexo e

deseja sê-lo. Consequentemente, a inveja do órgão sexual do genitor do sexo oposto transforma-se em desejo (Id., 2001, p. 15).

Outro caminho indicado pela autora, refere-se “a intensificação do prazer erótico”, alcançada quando o indivíduo ao abandonar o intenso desejo de ser do outro sexo, aumenta seu desejo e prazer ao relacionar-se com o prazer erótico de seu parceiro. Isto pois, segundo a autora, no “ato sexual” revivemos a “ilusão” narcísica de sermos dos dois sexos por intermédio de momentos de fusão.

Outro modo de canalizar tais impulsos é conduzido por intermédio de seus empregos criativos. Mc Dougall (2001, p. 16) considera que em toda produção artística e intelectual há a manifestação de fantasias narcísicas e homossexuais, visto que em tais produções encontram-se elementos femininos e masculinos simultaneamente. Há o que a autora denomina de “rebentos criados partenogenicamente”.

A gratificante emoção experienciada pelas amizades de mesmo sexo, sempre isenta conscientemente de seus propósitos homossexuais, caracterizam outra via de integração dos impulsos homossexuais. Por intermédio dessas, segundo a psicanalista, a vida afetiva de homo e heterossexuais fica mais “aquecida” (Id., 2001, p. 16).

Sendo assim, a identidade definida pelo sentimento heterossexual, para a psicanálise contemporânea, é conquistada por intermédio desse percurso, no qual os lutos pelo abandono da bissexualidade foram vividos de modo a permitir que o indivíduo integrasse seus impulsos homossexuais pelos caminhos sugeridos pela autora. Esse desenvolvimento não ocorre de modo linear e ideal para nenhum ser humano, podendo ter variações sintomáticas, inibições e dificuldades de inúmeras variedades, mesmo em indivíduos que desenvolvem uma identidade sexual e uma atividade erótica egossintônica. Indivíduos que desenvolveram uma orientação heterossexual e

encontraram dificuldades de integrar seus impulsos homossexuais, podem desenvolver uma sexualidade egodistônica, sintomática, apresentando, inclusive dificuldades em várias áreas da vida adulta, como conquistas sociais e intelectuais. O mesmo pode ocorrer, observa a autora, com pessoas de orientação homossexual que não conseguiram integrar seus impulsos hétero, tendo conflitos em assumir sua monossexualidade. (MC DOUGALL, 2001).

O desenvolvimento psicosssexual do indivíduo e o sucesso na elaboração das experiências primitivas da mente, segundo a autora, irá depender significativamente dos “temores” e dos “desejos inconscientes” dos pais, assim como suas expectativas em relação à criança. Ou seja, dependerá da condição parental de acolhimento das fantasias e anseios primitivos do bebê. Por meio dessa lógica, a autora afirma que os “vestígios” no adulto dos tempos primitivos da mente dependerá dos registros do inconsciente biparental e das projeções dessas figuras sob a criança, assim como da criança em relação aos pais, como também dos fatos e simbolismos que acolhem a concepção e o nascimento da criança. É por intermédio dessas vivências nessas relações afetivas que a criança vai plasmando em seu psiquismo os sentidos e as verdades a respeito de sua “identidade biológica, sexual e psicosssexual” (MC DOUGALL, 2001, p.127,128).

O conceito de “fado”, defendido por Bollas (1989 apud MC DOUGALL, 2001, p.129), como oposição à noção de “pulsão de destino”, definido como todo acontecimento que independe dos esforços do indivíduo e sobre os quais não possui nenhum domínio. A idéia de pulsão de destino, por sua vez refere-se ao desejo do indivíduo de “utilizar objetos”, com os quais consiga “articular” movimentações e mudanças em direção ao encontro do self sentido como realmente autêntico. Nessa concepção, o “fado” refere-se ao imutável, ao “inexorável”, enquanto o “destino” tem

em sua essência a idéia da possibilidade, do “potencial” de iniciativa do indivíduo para modificar algum tipo de realidade interna ou externa.

Adotando tais conceitos, a autora observa que o “fado” no aspecto da realidade psíquica representaria os eventos traumáticos e incontroláveis da alteridade, da diferença sexual e da morte. A autora associa também a fala dos pais, com seus valores e expectativas em relação ao filho, assim como seus silêncios que representam afetos, com o “fado”, a “herança fatídica” que pode enriquecer a vida psíquica ou causar fortes marcas traumáticas na mente da criança pequena. O “destino” por sua vez diz respeito a forma como o sujeito conduz os acontecimentos os quais possui algum controle. Assim, se o fado não é responsabilidade do indivíduo, já que lhe foi imposto, o destino, entretanto, diz da responsabilidade em relação aos objetos internos e a forma como eles serão orientados segundo a própria “pulsão de destino” (Id.,2001, p.129).

Mc Dougall (2001, p.130) utiliza-se desses conceitos para expandir sua idéia a respeito das prisões que os indivíduos adultos encontram-se ao ficarem fixados em repetições de mecanismos psíquicos com o objetivo de resolverem situações primitivas que não puderam ser aceitas e integradas psiquicamente. A autora defende que tais situações de “manutenção” estariam a serviço da vida, como expressão do que denominou de “pulsão de sobrevivência psíquica”. Desse modo a autora questiona a idéia Freudiana de que as repetições neuróticas ou psicóticas estariam a serviço da pulsão de morte, uma vez que, em sua visão, elas servem como meio do indivíduo tentar proteger o sentimento de identidade sexual e subjetiva, mesmo em suas formas mais patológicas. Entretanto, o sofrimento e a dor psíquica podem impelir o indivíduo a uma busca em direção a sua verdade, o que pode possibilitar a revisão desse aprisionamento,

quando o indivíduo pode exercer alguma modificação nesse seu destino, como descreve a autora nos casos em que pode-se usufruir dos benefícios da análise.

#### **4.3 Neo-compreensão psicanalítica dos fenômenos sexuais**

Mc Dougall (2001, p.186) ao refletir a respeito da terminologia “perversão sexual”, critica-a, uma vez que observa o caráter pejorativo e moralista que o termo carrega em si, visto que socialmente o termo suscita a idéia de que o indivíduo desviou-se do bem. Desse modo, estende sua crítica ao uso dos diagnósticos psiquiátricos que classifica os indivíduos como psicóticos, psicossomáticos, etc., tendo pouca utilidade real, uma vez que as variações da estrutura psíquica dentro dessas classificações teóricas pouco muda, diferentemente da realidade da estrutura psíquica e genética humana que caracteriza-se pela “singularidade”.

Sendo assim, a autora utiliza uma visão mais “construtiva” a respeito das necessidades da produção dos sintomas, os quais são uma forma infantil de tentar solucionar o conflito e o sofrimento mental, ou seja, uma forma de livrar-se da “dor psíquica”. Para a autora, o mesmo ocorre em relação as sexualidades que apresentam queixas sintomáticas. Em sua concepção, todos os indivíduos ao confrontarem-se com as dificuldades próprias da condição humana e dos limites das figuras parentais, com seus conflitos inconscientes, desenvolvem meios de “sobrevivência” psíquica. O que difere nesse percurso é a história de cada um e os meios utilizados para esse fim; nossa singularidade.

Mc Dougall (2001, p.186) ao refletir sobre os limites que permitem definir a vivência da sexualidade como sintomática, questiona em que medida os “atos sexuais e os relacionamentos objetais sexuais” podem ser considerados sintomáticos. A autora

pergunta quando a homossexualidade, a feminilidade e masculinidade, por exemplo devem ser consideradas sintomáticas? Analisa, então, as práticas sadomasoquistas, o fetichismo, o voyeurismo e o exibicionismo como meios encontrados para tentar permanecer em uma relação heterossexual. Assim, considera que as dificuldades clínicas das relações heterossexuais não são mais simples e óbvias do que as que se relacionam às escolhas objetais homossexuais.

Mc Dougall (2001,p.187,188) aponta para a prática de múltiplos comportamentos “fetichistas” e “sadosoquistas”, assim como “travestismos” que incrementam o jogo erótico da experiência de casais heterossexuais que vivenciam um relacionamento amoroso estável. Essas experiências não geram conflito, visto que não são sentidas como “compulsivas” e absolutamente necessárias para a obtenção do prazer sexual. Assim como há homossexuais que vivenciam sua prática sexual, e sua realização afetiva sem a necessidade de rebuscados roteiros eróticos. Por outro lado, segundo a autora, indivíduos heterossexuais que apenas conseguem atingir um prazer real por intermédio de práticas fetichistas e sadosoquistas. O mesmo, ocorre com determinadas pessoas de orientação homossexual, definidos como “homossexuais desviantes”.

Assim, como sugere Mc Dougall (2001, p.187,188) em de seu livro, intitulado como: “As múltiplas faces de Eros” a sexualidade humana, seja qual for sua orientação sexual, comporta múltiplas faces e sentidos, consistindo em um fenômeno complexo e portanto difícil de ser classificado, se não pelo incômodo e sofrimento que possa gerar para os indivíduos que o vivencia. Desse modo, a autora esclarece que as experiências eróticas geralmente são vivenciadas de forma “egossintônica” para o os indivíduos, mesmo quando, por motivos convencionais esses são taxados de “perversos”. Entretanto, quando essa vivência gera muitos conflitos e sofrimento, de forma a ser

sentida como “egodistônica” para o sujeito, instala-se uma problemática e certamente sintomas que inviabilizam a obtenção de prazer. A autora aponta para os preconceitos e discriminações sociais com determinados formatos da sexualidade como com os homossexuais, que podem gerar tais vivências egodistônicas, nas quais o próprio indivíduo tem dificuldade de assumir sua orientação sexual, vivendo conflito em relação a sua própria identidade.

Dessa forma, a psicanalista observa que existem múltiplos formatos de relacionamentos homossexuais, assim como de relacionamentos heterossexuais. Por mais egodistônico que seja a composição da sexualidade do indivíduo, segundo a autora, a pessoa não deseja abandonar sua orientação sexual, ou a “solução” que encontrou para sua “sobrevivência psíquicas” que resultaram na singularidade de sua sexualidade. Ao contrário, deseja harmonizar-se com suas escolhas e necessidades sexuais. Assim, afirma a autora que muitos atingem no processo de análise maior riqueza e integração em suas vivências sexuais. Entretanto, com aqueles que não encontram êxito nessa tarefa, a manutenção do próprio funcionamento do indivíduo faz-se necessário, visto que ele consiste no único meio de preservar a “identidade subjetiva e sexual” (MC DOUGALL, 2001, p.188).

A psicanalista utiliza a nomenclatura “neo-sexualidades” para referir-se aos homossexuais e heterossexuais desviantes e justifica essa utilização por verificar que esses indivíduos criam “neo-realidades” para tentar resolver os intensos e dolorosos conflitos psíquicos que os acometem, oriundos de experiências infantis traumáticas, ou por transmissões desorientadoras das figuras paternas a respeito da “identidade sexual”, dos “papéis de gênero”, assim como dos conceitos de “feminilidade” e “masculinidade” (Id., 2001, p.188)..

A pesquisadora discorda da linha de analistas que considera a homossexualidade como um todo uma forma patológica, e concorda com Freud (1905) que distinguiu a homossexualidade (“inversão”), das “perversões sexuais”. Para a autora, há significativas diferenças no funcionamento e desenvolvimento psíquico dos homossexuais e dos neo-sexuais e as semelhanças que servem de argumento pelos analistas que não fazem tal distinção, como a estrutura edípica bastante semelhante nos dois grupos, são percebidas também em sexualidades que não se encaixam em nenhuma dessas categorias (Id., 2001, p.189).

Desse modo, a multiplicidade de “estruturas psicosexuais” possíveis no ser humano apresentam-se de forma tão vasta e complexa que a autora propõe utilizar os termos homo e heterossexuais no plural, visto que trata-se de um prisma de possibilidades. Outras sexualidades lembradas pela psicanalista consiste nas formas auto-eróticas que têm como característica comportamentos masoquistas, fetichistas e de travestismos que não são apenas vivenciados na fantasia, mas em um cenário solitário criado pelo indivíduo. A autora sugere denominá-las como formas de “masturbação desviantes” (MC DOUGALL, 2001, p.189).

A autora conclui que a riqueza do relacionamento amoroso e sexual pode ser medida qualitativamente por intermédio da “estrutura psicosexual” do indivíduo e de forma quantitativa pela importância que a atividade sexual exerce na “economia” de sua vida psíquica. Como a condição psicosexual do indivíduo é constituída nas relações intersubjetivas desde o nascimento, para a orientação e prática sexual ser egossintônicas, foi necessário um processo complexo de identificações com um sistema sólido de orientações e significados.

Desse modo, a comunicação por meio das palavras, assim como os silêncios pronunciados pelas figuras paternas têm uma importância ímpar na constituição da mente do indivíduo. A interpretação realizada dessa comunicação por intermédio da criança, assim como os mecanismos de defesa que utiliza em relação à mensagem imbuída de conflitos e desejos inconscientes dos pais vai consolidando a estrutura psíquica em pleno desenvolvimento. A autora observa que ao haver uma discordância entre o discurso explícito e as exigências inconscientes em relação ao papel da criança nos conflitos parentais, ou em relação a sexualidade ocorre uma possível “confusão mental”, com conseqüências importantes no desenvolvimento psicosssexual do sujeito.

Mc Dougall (2001, p.193) chama a atenção para a palavra “escolha” e defende a idéia de que ninguém escolheria livremente ficar “preso” em sintomas como os rituais dos “neo-sexuais”, assim como não escolheria viver tão solitariamente como no caso das “sexualidades auto-eróticas”, desse modo, compreende os desvios dessas sexualidades como o “melhor” meio encontrado na infância para resolver as confusões produzidas pelas comunicações ambíguas advinda das figuras parentais a respeito da identidade de gênero, da masculinidade, da feminilidade.

Kaës (1998), ao pesquisar o processo de transmissão da vida psíquica entre as gerações, o qual tem responsabilidade na constituição psicosssexual dos indivíduos, como foi defendido até o momento, descreve a ocorrência de debates em relação ao tema. Tais debates tentam encontrar um caminho de compreensão para a crise que afeta a vida psíquica na atualidade, reflexo das transformações intensas das relações sócio-culturais, que tornam as estruturas sociais frágeis e incertas. Trata-se de uma crise que atinge a forma de estruturação do aparelho psíquico, as formulações do inconsciente, assim como as identificações e formas de representação psíquica. Ao deparar-se com

tais desafios, surge, também, um questionamento em relação às formas de tratamento e de conhecimento da vida mental.

Nesse cenário, segundo o autor, a questão central em debate refere-se à participação cada vez mais verificada e assumida do papel do “outro”, ou de muitos outros, no destino da vida psíquica do indivíduo. Ou seja, torna-se incompatível com a experiência atual, conceber o psiquismo como resultante unicamente determinado pelos limites daquilo que se define como interno, sem levar em conta a vivência, o contexto intersubjetivo representado pela família e pelo grupo social inscritos e influenciados pela marca do “tempo da geração” (KAËS, 1998, p.05).

Entretanto, segundo Kaës (1998, p.06), desde a criação da psicanálise com Freud, ocorre o debate que defronta por um lado a ilusão da existência de um indivíduo que se auto produz absolutamente em sua vida psíquica, e por outro, a crença na ilusão da existência de um grupo que se define com um “espaço”, no qual há uma complementariedade e um “engendramento recíproco” entre os indivíduos.

Kaës (1998) observa que a transmissão psíquica foi uma questão pertinente na obra psicanalítica, entretanto em Freud ficou por muito tempo sem ser colocada à prova. Com as necessidades surgidas das mudanças sociais, aprofundam-se os estudos com o objetivo de deixar claro o que se transmite de um psiquismo para o psiquismo do outro, ou seja, no que consistem as “configurações psíquicas”. Kaës (1998, p.09) esclarece que na transmissão psíquica o que são transmitidos são objetos dotados de seus “vínculos” e “sistemas de relação de objeto”. Para o autor, uma característica dos objetos de transmissão psíquica define-se por meio do negativo, ou seja, aquilo que não se “retém” na memória, do qual não se “lembra”, como cita o autor: *“a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados.”* Esses são, para o

pesquisador alguns conteúdos da transmissão psíquica. Entretanto, não se transmite apenas o negativo, visto que, conforme o pesquisador, é por intermédio dos “ideais”, dos “mecanismos de defesas”, das “certezas” e “identificações” que se sustentam os “vínculos intersubjetivos” e as “continuidades narcísicas”. O autor afirma, ainda que é nos grupos e nas situações analíticas que essas configurações de objetos serão vivenciadas.

Desse modo, o grupo é o espaço no qual se efetuam as trocas transferenciais, uma vez que as transferências são “difratadas” sobre os inúmeros objetos do grupo. Elas formam o material que possibilita os vínculos intersubjetivos, permitindo, portanto uma provável atualização dessas vivências por meio do “*desenrolar sincrônico, na transferência, dos nós diacrônicos*” (KAËS, 1998, p.13). Segundo o psicanalista, na vida em grupo, a cadeia associativa organiza-se por meio de uma “fonte tríplice de recalçamento”: o conteúdo que diz respeito à unicidade do indivíduo, como sua história e sua estrutura mental; em seguida, aquilo que é produzido pelos próprios líderes em situações relacionais em um grupo; e, por último, aquilo que os integrantes do grupo são capazes de construir para a realização do grupo. As essências do material recalçado apesar de terem origens específicas, unem-se de modo particular em cada indivíduo, reaparecendo no trabalho associativo por intermédio do “retorno do recalçado”, próprio de cada indivíduo, de acordo com a possibilidade de acolhimento ou proibições que o grupo é capaz de propiciar.

Eiguer (1998, p.21) aponta para o crescente número, na atualidade, de pesquisas a respeito da transmissão da vida psíquica entre gerações, as quais contribuem na atuação clínica, por intermédio da descoberta de conceitos e do desenvolvimento de técnicas que levam em conta os “segredos”, os “lapsos de memória”, assim como os “lutos” não

elaborados. Nessa perspectiva, conceitos como a “identificação”, a “clivagem”, o “irrepresentável”, o “simbólico”, como observa o autor, serão repensados, visto que o pressuposto de uma “intersubjetividade familiar” torna-se uma idéia valorizada. Esse fato explica-se pela importância cada vez mais aceita sobre o papel dos anseios imaginários que cada um dos pais, baseados na representação de seus ancestrais, tem acerca da criança, assim como suas disponibilidades afetivas em relação a ela. Compreende-se, assim, que os pais servirão de modelos ativos de identificação para o indivíduo.

Partindo dessa compreensão, a transmissão da vida psíquica entre gerações configura-se como um fenômeno universal, uma vez que, a partir dela organiza-se a mensagem transmitida que irá definir o complexo mecanismo da constituição do psiquismo. Essa “designação de sentido” está subjacente à “ordenação da castração paterna”, a qual impossibilita o acesso ao objeto sexual pela criança, localizando, segundo Eiger (1998, p.23), “*o campo sexual no coração do psiquismo*”.

Desse modo, o autor afirma que é a “proibição de saber” que provoca intensa violência e que causa resistência à mensagem simbólica que deve ser transmitida. A transmissão das representações psíquicas entre gerações será mais ou menos violenta, de acordo com os antigos traumatismos vivenciados pelos antecessores à transmissão. Assim, de acordo com o autor, é por meio do vínculo afetivo entre o casal que se intercomunicam as “representações de objeto” e os sentimentos que irão ajudar a decodificar e compreender o ancestral. As representações e sentidos que são transmitidos entre as gerações orientam a escolha de objeto dos parceiros, como o estilo de família que deseja constituir, e os valores educacionais escolhidos, segundo o ideal familiar transmitido pelo modelo dos ancestrais recebidos. Seguindo essa lógica, os

“objetos ancestrais” podem ser atraídos a ligar-se a outros objetos de outros indivíduos que possuam configurações, não raramente, complementares às suas. Isso explica, segundo o autor, as atrações devido à “curiosidade”, em alguns casos, e o “desejo de reparação” em outros casos de dupla. Assim, as “analogias” e as “complementariedades” entre as representações ancestrais de cada casal, resulta de uma configuração específica e singular, obedecendo, conforme o autor, a duas tendências: uma baseia-se na “castração”, enquanto a outra, ao contrário na “sedução ou no narcisismo”. Esses motivos que exercem a atração na escolha amorosa, para o autor, operam, na maioria das vezes, sem que os indivíduos tornem-se cômnicos deles. (EIGUER, 1998, p.24).

Desse modo, é por intermédio do vínculo do casal que se edificam os outros vínculos familiares, definindo-se as diferenças e segundo a visão da criança, inaugurando a origem da família. Sendo assim, a transmissão psíquica entre gerações permite a herança do “modelo de parentesco”, o qual orienta os lugares de cada membro no grupo familiar, indicando com precisão as proibições, influenciando na constituição do superego individual, assim como moldando os projetos de vida de cada um de seus participantes, por intermédio da transmissão dos mitos e de seus ideais. Por meio do “modelo de parentesco”, nesse processo, surgem as falhas da transmissão, provenientes da violência da transmissão psíquica entre as gerações, as quais, influenciam na estruturação do superego, ocasionando as possíveis insuficiências superegógicas, ou um superego altamente rígido.

O conceito de “objeto transgeração”, para Eiguer (1998, p.27) refere-se a um ancestral ou antepassado de geração anterior que serve de identificação aos membros da família, gerando fantasias que interferem na constituição da configuração psíquica de

alguns elementos do grupo familiar. A transmissão do “objeto transgeração” efetua-se por intermédio das “representações de objeto”, as quais, no inconsciente encontram-se presentes em dois formatos diferentes que se combinam: as representações de coisas que remetem à “imagem visual”, abundante em analogias e de fácil veiculação; e a representação de palavras que suscita a “imagem sonora” e está ligada à produção dos sentidos e das sínteses, características das “relações sintagmáticas e paradigmática” que cumprem sua função de organizar a fantasia em associações de idéias.

Assim sendo, para o autor, o objeto da transmissão da vida psíquica entre gerações apresenta a característica específica de se definir como um objeto de investimento que se encontra em outro indivíduo, “anteriormente erotizado”. Ou seja, não se trata de um objeto que sirva de via direta de uma “descarga pulsional”. Eiguer (1998) observa que se trata de realizar uma mudança na teoria analítica, considerando que “a libido da criança” tem como fonte, além de sua vida pulsional, “a libido de sua mãe”, como aceitam os psicanalistas Ferenczi (1932) e Laplanche (1987) citados pelo autor. Eiguer (1998, p.27,28) explica a dinâmica encontrada nessa transmissão:

O psiquismo da mãe atrai, orienta, desembaraça a pulsão da criança, ela indica o caminho do sexual, afastando o que não é; ela ajuda a transformar a excitação em sensação, como o faz com a percepção e a fantasia simbólica.

Essa forma de conceber o “objeto-fonte libidinal” auxilia na compreensão a respeito do investimento do objeto de transmissão psíquica entre gerações, realizado de forma ativa pela mãe por seu objeto, o bebê. O investimento da libido da mãe no bebê, dá-se inicialmente por meio de representação da linguagem, assim, se ocorre a queda do “investimento libidinal da mãe” pela criança, por culpa, ou alguma experiência de luto, faz surgir nesta um vácuo da “não-representação”, o “irrepresentável”, o qual será tão

insuportavelmente angustiante quanto a criança não tolerar conhecer a origem desse “desinvestimento” (Id., 1998, p.28).

Desse modo, Eiguer (1998, p.28) explica que na teoria clássica da relação de objeto, fala-se de “carga-desprazer”, de “descarga-prazer”; de “pulsão de morte” e “perda da tensão”; ou ainda da “particularidade do objeto”. A teoria da relação de objeto de transmissão psíquica entre gerações se referirá à “representação” e ao “irrepresentável”. O irrepresentável resulta da proibição de conhecer ou de um desinvestimento materno, mas que em ambos os casos, houve anteriormente a esse momento, um vínculo entre mãe e bebê que se tornou um registro para a criança, por intermédio do qual pode-se acessar essa experiência até então inominável. É o que ocorre, segundo o autor, na relação analítica, na qual o analista, juntamente com o paciente, reconstrói, por meio do vínculo transferencial, essa vivência transformando seu registro, por intermédio da designação de sentidos para essa experiência. Desse modo, o autor sugere que seria mais adequado referir-se ao “impensável” do que ao “irrepresentável”.

Portanto, para Eiguer (1998, p.30), o inominável configura um espaço da falta do “Nome do Pai”, podendo resultar na rejeição de um ancestral dos pais, gerando “confusão entre gerações”, “distorções de papéis”, assim como dos “lugares” que cada um ocupa no grupo familiar. O autor cita alguns exemplos, observando que um objeto de transmissão psíquica entre gerações que inspira “culpabilidade” e “idealização”, está presente em famílias que vivenciam lutos inacabados; assim como um objeto de transmissão psíquica entre gerações pode inspirar “sentimentos edípicos” em famílias neuróticas, ou ainda sentimentos de admiração por sua “capacidade de infração da lei” em “famílias perversas”.

A relação do indivíduo com seu objeto ancestral ocorre por meio do autoerotismo “*retroalimentado pelo erotismo dos pais*” que propicia a transformação, como cita o autor, da “*excitação à sensação, da perplexidade à exaltação, da angústia ao afeto...*”. Assim, a zona erógena mais sugestiva nesse processo seria a zona oral, uma vez que a “*devoração imaginativa*”, muitas vezes, ocorre de forma traumática, “*maciça e não digerida*”, como na “*incorporação*”, assemelhando-se ao processo de canibalismo, no qual estão envolvidas as experiências de “*morte*” e “*luto*”, nas quais, segundo Eiguier (1998, p. 31) :

...a única saída provisória para o indivíduo seria a apropriação imaginária do corpo no “*triturar mastigatório*” pelo controle interno, na falta de poder “*alcançar*” suas exigências, seu parasitismo, em resumo, seu rancor. Não podendo enterrá-lo, de uma vez por todas, come-o.

Esse processo pode resultar em um acesso direto à patologia de um membro do grupo familiar que venha romper com o andamento do percurso familiar. Entretanto, ao pensar o processo de luto, o autor observa que Freud, ao revisar o conceito de objeto, faz surgir como fundamental a questão da existência simultânea de uma “*realidade exterior*” e uma “*interior*” (FREUD 1915 **apud** EIGUER, 1998, p.31).

O autor observa que a idéia de Freud sobre existência de uma fantasia original filogenética, a qual estimula no indivíduo uma fantasia secundária que diz respeito a um traumatismo ocorrido na origem da humanidade e serve de base para a compreensão da transmissão psíquica entre gerações. Isto pois, segundo esse raciocínio, sentimentos vivenciados derivados dessa experiência traumática primitiva são transmitidos pelos ancestrais, como a “*culpabilidade*”, citada pelo autor, como uma herança dos nossos ancestrais mais distantes, derivada do assassinato do pai, que deixa seus vestígios no

inconsciente dos indivíduos ainda na contemporaneidade (FREUD 1915 **apud** EIGUER, 1998, p.32).

Desse modo, para o autor, no conceito de “arcaico” freudiano, encontram-se os elementos da transmissão psíquica entre gerações como: “*o traumatismo que precede a vida dos genitores, a designação de uma lei, a transmissão inconsciente através de mensageiros intermediários.*” Assim, o ancestral primitivo seria equivalente ao ancestral do pai, o avô mais próximo que inspira as ações dos pais, e faz renascer a “*lembrança do temor da violência primitiva*”, como aquelas que envolvem a castração e a cena primária. Assim, o autor questiona a importância da hipótese biogenética para explicar o fato de todo indivíduo reviver tais cenas, visto que com frequência, a criança ouve histórias sobre tais “cenas ancestrais”, assim como contos e narrações alegóricas que servirão como associação à criança de seus objetos de transmissão psíquica (FREUD 1915 **apud** EIGUER, 1998, p.32,33).

Segundo Eiguer (1998, p.33), a transmissão da vida psíquica entre gerações manifesta-se por meio das inúmeras possibilidades de representação dos “papéis simbólicos” assumidos pelo pai, pela mãe e pela criança, segundo a função correspondente a cada um no grupo familiar. O pai de família assume outros lugares, diferentes desse, de acordo com o vínculo, ao ser irmão de sua irmã, filho de seus pais. Assim, observa o autor, que “*O olhar do (s) outro (s) conta muito para que o papel se desenrole e seja assumido.*” Seguindo esse mesmo raciocínio, o autor observa que o “*ancestral se apresenta como um outro (do) pai*”, sendo a relação da criança permeada por “pais interpostos”.

Dessa forma, os elementos que influenciam na educação da criança, assim como na transmissão psíquica dos sentidos que irão determinar as identificações entre as

gerações, podem ser representados pelo avô paterno, pelo tio materno, pelo nome de um morto próximo ou de um santo de devoção. Todos esses exemplos citados pelo autor irão plasmar um sentido na identidade do indivíduo, que será transmitida entre gerações de modo inconsciente. Assim, delinea-se a expectativa a respeito do projeto que se idealiza para a criança.

Sendo assim, Eiguier (1998, p.34,36) define o objeto da transmissão psíquica entre gerações como sendo o “mensageiro”, por intermédio do qual transmite-se o “parentesco”, a “cultura” e a “lei”. A fantasia sobre a história familiar tem um papel fundamental na constituição psíquica da criança, uma vez que sugere a “diversidade” de vivências afetivas e de personagens determinantes dessas vivências fundantes da estrutura psíquica. A experiência da história familiar nesse nível autoriza a “dupla filiação” por meio da aceitação de um mestre, outra figura paterna além do pai, que exercesse a função da transmissão da cultura e da lei. Essa constatação, segundo o autor, pode gerar muitas fantasias e, dependendo da valorização que a sociedade designa para a figura materna e paterna, podem-se encontrar sentidos diversos para tais vivências psíquicas.

Desse modo, ocorre a distinção entre o pai imaginado como “procriador” (história familiar) e o “não procriador” (o ancestral, o padrinho). Eiguier (1998, p.37) constata que, segundo a prática antropológica, *“a filiação é designada pelo grupo social”*, por intermédio da qual se torna realidade. O autor sugere que o mesmo mecanismo deve ser aplicado à família nuclear, ou seja, o pai é aquele que deve ser considerado e respeitado como tal pelo grupo mais próximo, especialmente pela mãe, personagem principal na designação da figura paterna para a criança. Por outro lado, o registro no qual se inscreve a transmissão dos vínculos de parentesco é “legado pela

descendência ancestral”, por meio da qual os pais se identificam e transferem a seus descendentes. Assim sendo, a fantasia que a criança pode vivenciar a respeito de um pai genitor diferente do pai que a educa, dependerá diretamente da representação que seus pais fazem de sua própria capacidade de procriação e de seu direito à vivência do prazer erótico. Da mesma forma, a fantasia que a criança possui de que seu genitor é o amante da mãe e não o pai que o educa, dependerá da forma como a mãe manifestará sua vida sentimental. Dessa forma, concomitantemente à designação explícita, a vivência e mensagens implícitas dos pais definirá de forma indireta quem será o “genitor” ou “genitora” e quem será o “pater” ou “mater” que realizará de fato as funções paternas e maternas.

O autor observa que, em relação ao erotismo, freqüentemente, o pai genitor é aquele que compartilha o prazer com a mãe, enquanto o pai educador é aquele que se abstém a ele. Desse modo, o “quarto personagem”, definido pelo autor como sendo o objeto de transmissão psíquica, é fantasiado fora do contexto edípico, sendo representado pelo limite, pela interdição que *“não suscita paixões, mas produz proteção”*. Os dois pais com as duas “facetas do erotismo fálico-genital” são associados em algum nível, embora apenas o interditor estabeleça relação com a importância da “função paterna”. Essas elaborações apontam para o objeto de investimento na idealização e na desvalorização, no erotismo e na abstinência, as quais a criança investe a figura paterna. O pai também investe a criança em sua função filial com os afetos envolvidos nesse vínculo pai-filho. Distúrbios nesse processo, como a pedofilia, pais perversos e sedutores das crianças são responsáveis por freqüentes quadros de patologias (Id., 1998, p.37).

Segundo Eiguer (1998, p.39), o vínculo com o objeto de transmissão psíquica realiza uma “função reguladora”, servindo de “alternativa” quando o “vínculo pai-filho” é perturbador em sua função. Kaës (1994 **apud** EIGUER 1998, p.39) ao chegar a conclusões semelhantes as suas, em relação à questão da “fantasia de transmissão”, conclui que o indivíduo constrói psíquica e inconscientemente uma fantasia a respeito do lugar que ocupa no “vínculo de geração”. Desse modo confere um significado para o que lhe acontece, com base nas experiências das gerações anteriores e, mesmo que recuse essa percepção, estaria dando um direcionamento para o seu desejo. Ou seja, a fantasia de transmissão serve de “mediadora” para a construção da “representação psíquica”. Entretanto, a fantasia não é elaborada quando os “elementos psíquicos” e as “funções pré-conscientes” não foram transformados pelas gerações anteriores, dificultando a realização da transmissão acompanhada de fantasia. Nesses casos, a “transmissão bruta”, na qual não houve um processo de elaboração pelas gerações anteriores, ocasiona uma repetição dos *“objetos psíquicos não acolhidos pela função simbolizante da palavra”* por meio das gerações. Essa transmissão caracteriza-se pela sua forma traumática.

Em contraposição, na transmissão acompanhada de fantasia, a qual Kaës denominou de “tradicional”, acontece uma transição que possibilita ao indivíduo visualizar um “Eu metafórico”, por meio do qual reinventa sua história, a qual recebeu de forma inconsciente, e que ressignifica, colocando-se na ilusão de ser “sujeito” dessa. Assim, segundo o autor: *“E é porque pensa em ser sujeito que se o torna, e que pode fazer sua parte nas coisas para transformá-las em palavras vivas”* (KAËS, 1994, **apud** EIGUER 1998, P.39).

Eiguer (1998, p.40) compreende o “*investimento do objeto de transmissão psíquica entre gerações*” como uma relação mútua de objetos, na qual assim como a criança representa o ancestral, esse também a representa por intermédio da “fantasia do pai”. O vínculo da transmissão psíquica, portanto, constitui uma relação com a aliança vincular do casal, por meio da “filiação” e “consangüinidade”. Esses vínculos se inter-relacionam segundo leis imaginárias constituídas nas vivências afetivas, por intermédio das quais cada membro do grupo familiar fantasia como o outro representa seu vínculo afetivo, assim como, o seu lugar nesse grupo. Trata-se do que o autor denominou de os “movimentos afetivos e ativos”.

Para o autor, essa estrutura grupal definirá as regras familiares, por meio das quais são determinadas as barreiras para cada vínculo, os impedimentos incestuosos, os direitos e deveres de cada um, como também a permissão para a vivência de determinados desejos. Nesse processo, para a instituição familiar, o vínculo da transmissão psíquica entre gerações proporciona uma herança organizadora, estruturante, positiva, concomitantemente à parte denominada pelo pesquisador de “maldita”, na qual a “maldição”, a “fatalidade”, os “fardos” das vivências dos ancestrais são também herdados. O autor, prefere, portanto utilizar o termo “Mal-dita” do que o termo “não-dita” para designar os termos ditos de forma confusa, nebulosa que definem as experiências indesejáveis (Id., 1998, p.40).

Eiguer (1998, p.41) retoma à mitologia e descreve as cinco gerações da Genealogia dos Átridas, de Orestes, como sendo marcadas por um modelo de transmissão psíquica entre gerações, caracterizada pelo “*retorno trágico do crime não pago*”, na qual, cada descendente dedica sua existência à vingança de um crime cometido a um parente próximo. Desse modo, o autor defende a idéia de que há o

“*retorno do ancestral recalçado*”, ocasionando o ressurgimento algumas gerações mais tarde daquilo que se acreditava esquecido ou resolvido.

Ao longo das cinco gerações da genealogia, há a formação e transmissão da “parte maldita”, e o compromisso de resolvê-la com sangue, o que gera novos crimes, resultando no que o autor definiu como um “*ciclo estereotipado pela introjeção da lei, a continuação de um superego edípico e o vir-a-ser do sujeito*” (Id.,1998, p.82). Eiguer (1998, p.82) ao reproduzir a história da genealogia dos Átrias, observa que as primeiras gerações reproduzem o comportamento de seus antecedentes de forma “impulsiva”, “automática”, trata-se de um registro definido como sendo “menos mentalizado”, o que resultava nas diversas formas e variações de “repetição inconsciente”, caracterizada pela “compulsão a transmissão e à ação”. Há nesse processo um esforço para a resolução da parte maldita, que é transmitida e vivenciada de forma ainda mais vil e destruturante, uma vez que o descendente compreende o seu papel nessa dinâmica, assim como “*o ato que seu ancestral não pôde executar*”, do qual não consegue se desvencilhar.

Entretanto, Eiguer (1998, p.82) observa que, no decorrer das gerações, nessa genealogia, a conduta que o descendente repete em relação ao seu antecedente torna-se “menos determinada”, surgindo também um sentimento de remorso e lástima, inexistente nas primeiras gerações. Da mesma maneira, atuações como a prática concreta de incestos, vivenciadas nas gerações anteriores são vivenciadas, nas gerações posteriores, segundo a condição da “dimensão do desejo”, não sendo necessária à realização concreta desse.

Desse modo, o autor observa um movimento evolutivo na dinâmica da transmissão psíquica entre gerações da genealogia dos Átridas, no qual, há gradativamente, uma passagem da postura dos descendentes do nível concreto, das

ações impulsivas, para a possibilidade de ações reflexivas e de contenção das pulsões e representações dos sentidos em nível mental. Para o autor, Orestes parece ser um marco nessa história, visto que ao cometer o crime considerado o mais hediondo, ao matar sua mãe, diferente de seus antecedentes, sente-se culpado, sendo capaz de experimentar a dor mental. Inicialmente esse personagem sente-se absolutamente atormentado por fantasmas (Eríneas) produzidos por um superego arcaico que o condena e o persegue pelo crime cometido. Ao ser absolvido por um tribunal liderado por Apolo, que defende a idéia de que a mãe não é tão importante quanto o pai que oferece proteção e impõe a segurança e a lei, sente-se perdoado. Assim, as Eríneas que eram representantes das perseguições próprias do superego primitivo de Orestes, transformam-se em Eumênides (acolhedoras) e representam o “desejo de reparação” e a capacidade de “tolerância”, próprios de um superego protetor, internalizado por meio da “verdadeira proibição”, a inconsciente. Após esse processo de elaboração, segundo o autor: *“Seu ascendente não viria mais do terror que inspiram, mas de sua segurança tutelar”* (EIGUER, 1998, p. 60).

Essa evolução é marcada, então, pela passagem da ação à representação, da transmissão sem a fantasia da transmissão psíquica, para a possibilidade dessa fantasia que libera os descendentes da compulsão desenfreada à repetição alienada, do “retorno ao ancestral”. Na visão do autor, Orestes seria o último assassino da genealogia, uma vez que sua dor teria “absorvido” todas as tragédias desde o primeiro a iniciar essa história de violência. Isso, pois, segundo o autor, Orestes torna-se “sujeito” dentro dessa história coletiva. O autor define, então sua concepção de sujeito nesse processo:

Penso que “o sujeito” não deveria ser senão a conseqüência formidável da confrontação com a função paterna. (...) Confrontação que implica ruptura, e lembrança de todas as faltas de um indivíduo

que, por existir, desfaz-se de si, e aliena-se. Mas, na sua ambição de ruptura, o indivíduo só deve levar em conta a lei, e a fazê-la sua, apesar de si.(...) O indivíduo é a lembrança permanente da inexistência do ser, de sua pequenez face ao humano. Ele provoca e entretém uma crise no narcisismo, uma machucadura no destino do ego.(...) Seu apetite de originalidade (...) designando-o como ser castrado.

(EIGUER,1991, **apud** EIGUER1998, P.61)

Dessa forma, em termos de dinâmica, o objeto de transmissão psíquica entre gerações é fruto de conflitos decorrentes de compromissos com a história ancestral que geram sintomas, distúrbios, identificações, assim como dificuldades de caráter. A transmissão da vida psíquica entre gerações gera a dicotomia entre a mensagem simbólica, proteção e a violência, assim como é palco de conflitos entre o ancestral e o indivíduo que deseja existir por si mesmo, livrando-se do “peso do passado composto”. Trata-se da luta entre pulsão e objeto de transmissão psíquica entre gerações. Em termos de tópica, segundo o autor, o ego é marcado por “clivagens” e “espaços vazios”. Quando o ancestral impõe-se, por meio do silêncio, ou por meio das revelações da parte maldita, o narcisismo do indivíduo é abalado. Assim, em sua concepção, o superego apenas pode ser melhor compreendido, quando a relação objeto-outro é admitida “*em ação na sua constituição*”. (EIGUER, 1998, p. 84).

#### **4.4 Eros e Psiqué : o mito**

Brandão interpreta o mito Eros e Psiqué, segundo a versão do autor Lúcio Apuleio e realiza uma poética compreensão do encontro entre a alma (feminina) e o amor (masculino). Compreensão essa que pode servir de reflexão a respeito dos sentidos que se atribui ao masculino e ao feminino, assim como à vivência do encontro amoroso.

Na versão relatada pelo autor, o mito se desenrola da seguinte forma: havia em uma cidade um rei e uma rainha que tiveram três filhas muito bonitas, sendo a beleza da caçula tão estonteante que não havia expressão humana, que pudesse contemplar sua formosura. Desse modo, os homens, ao invés de pedi-la em casamento, adoravam-na como se fosse uma Deusa, o que fez com que os templos e cultos da Deusa Afrodite ficassem vazios e esquecidos. Assim, Afrodite, a “*Grande Mãe, origem de todos os elementos, alma do mundo inteiro...*” cheio de ódio por ser trocada por uma simples menina, ordenou que seu filho Eros, rapaz de maus hábitos, e causador de escândalos por infringir os costumes morais, castigasse Psique. Assim, a bela garota por meio dos poderes de Eros, deveria se apaixonar pelo homem mais horroroso da cidade (BRANDÃO, 1998, p.210).

O rei, pai de Psiqué, havia casado as duas filhas mais velhas, e temendo o ódio dos deuses pela beleza de sua filha mais nova, foi consultar o Oráculo. Segundo a previsão do Oráculo, Psiqué deveria ser levada em um manto fúnebre até o alto de um rochedo, onde um monstro horrível com ela se uniria.

Eros, entretanto, em lugar de ferir Psiqué com seus poderes, foi ferido por ela, ordenando ao vento Zéfiro que a transportasse para um belo vale florido no cume de uma montanha. Ao despertar, Psiqué deparou-se com um lindo bosque e um palácio encantado, com colunas de ouro, teto de cedro e marfim e decorado com pedras preciosas. Encantada, Psiqué adentra ao palácio e é atendida por vozes que adivinham os seus desejos e lhe servem como se fosse uma Deusa. Na mesma noite, Eros, sem se deixar ver, faz de Psiqué sua mulher. Todas as noites Eros e Psiqué se amavam na escuridão, sem que Psiqué pudesse vê-lo e antes que o sol surgisse ele sumia, ficando Psiqué habituada a sua solidão no castelo, sendo consolada apenas pelas vozes que a

serviam. Eros então tinha um pacto com Psiqué no qual ela não deveria vê-lo, visto que isso colocaria a felicidade do casal em risco.

Entretanto, suas irmãs ávidas de curiosidade queriam investigar sobre a vida de Psiqué. Após muitas conversas e carícias, Psiqué consegue a permissão de Eros para suas irmãs visitarem seu castelo. Essas munidas de curiosidade e inveja pelo esplendor do castelo onde sua irmã morava convenceram Psiqué a ter curiosidade de ver o marido, alegando que ele era um monstro, uma “serpente imunda” e por isso não se deixava ver.

Apesar do aviso do esposo de que ela não contemplasse seu rosto, condição para que eles tivessem uma filha que seria uma deusa, Psiqué envenenada pela influência das irmãs resolve descobrir quem é o seu esposo. Então, quando Eros ao seu lado dormia tranqüilo, a jovem fora de si, com um candeeiro na mão e um punhal na outra, esperando encontrar um monstro, se aproxima do esposo e, ao ver a mais bela criatura, fica perdidamente apaixonada e emocionada, desejando-o ardentemente, então começa a beijá-lo e deixa um pouco de óleo quente cair na pele de Eros que acorda em sobressalto e a abandona, sem falar uma só palavra. Então, ao sair voando, Eros pousa em um “cipreste” e diz a Psiqué que suas irmãs serão castigadas pelo mal feito e que o seu castigo será ficar longe de seu amor.

Começa então a longa busca de Psiqué por seu amor e nesse itinerante caminho de dor e solidão que a levava cada vez mais ao desencontro de Eros, Psiqué não desistia de seu desejo ardente de viver esse amor. Enquanto isso, Afrodite avisada do acontecido, foi ao encontro com Eros e derramou sobre ele sua explosão de ódio castrador, próprio de uma mãe dominadora. Então, a “Grande Mãe” pede ajuda às Deusas-Mães para encontrar Psiqué e se vingar. Psique, ao ser vista perto do palácio de Afrodite, foi capturada, torturada e flagelada pelas suas servas *Inquietação* e *Tristeza*.

Não se sentindo satisfeita, Afrodite impôs-lhe quatro tarefas infinitamente difíceis de serem cumpridas. Psiqué foi enfrentando, a cada etapa, uma tarefa mais difícil que a outra, em uma trajetória de dor e desespero, na qual muitas vezes desejou desistir, mas foi encorajada por forças internas de seu ser e pela ajuda piedosa que encontrava em seu caminho a cada desafio. Nas três primeiras tarefas que enfrentou, segundo a interpretação do autor, Psiqué descobriu a força do masculino em si mesma, força essa que mesmo a “Grande Mãe” não acreditava poder existir na mulher. Essa força conferiu a Psiqué a determinação para continuar a enfrentar as dificuldades. Na última tarefa, Psiqué restaura em si a força do feminino e da beleza. Essa integração entre feminino e masculino que esse percurso de dor resultou em Psique, é o responsável por sua vitória nesse árduo desafio no caminho da individuação e, em consequência dessa, do encontro amoroso com Eros (BRANDÃO, 1998)

Assim, para o autor, enquanto Psiqué enfrentava a dor do processo de individuação e integrava em si o feminino e o masculino, Eros era também transformado por esse processo, deixando de ser um garoto dominado pela mãe, incapaz de assumir seus desejos, um “*fugitivo queimado*”, em um homem que salvava a mulher amada e a assume como tal. Isso pois, conforme o ocorrido, Psiqué ao fraquejar em sua última missão, enfeitiçada em um sono de morte, é salva juntamente com a filha que carrega no ventre. Assim, ao reconciliar feminino e masculino, Eros e Psiqué podem se encontrar em um mesmo nível, assumindo as responsabilidades de um amor a dois, de modo individuado. E só então podem realizar o projeto de um casal de ter uma filha e de assumir essas conquistas à luz da consciência individual e coletiva (Id., 1998).

Assim, para Brandão (1998), há uma transformação no *status* do amor de Eros e Psiqué, quando esse amor é submetido às vicissitudes da realidade, ocasionando nos

amantes um abandono da condição narcísica de aprisionamento em um castelo de prazeres protegido das dificuldades da relação a dois, dos conflitos entre o feminino e o masculino, assim como entre o permitido e o interditado. Ao enfrentar as verdades e limitações das realidades que separavam os amantes, esses são capazes de integrar em si as diferenças para poder realizar um encontro amoroso a dois. Segundo o autor, essa passagem fica simbolizada no momento em que Eros salva Psiqué, resultando em sua saída do estado narcísico de sono mortífero de estar centrada apenas em si mesma, para olhar e poder “ver” o ser amado nesse novo momento do amor entre eles.

## Capítulo 5

### ***TRAJETÓRIA METODOLÓGICA***

#### **5.1 Pesquisa Qualitativa Fenomenológica**

A escolha da metodologia qualitativa fenomenológica ocorreu porque essa modalidade oferece ao pesquisador os passos necessários para viabilizar a compreensão- interpretação do fenômeno indagando. Todavia antes de expor esses passos, iremos situar a fenomenologia enquanto filosofia e posteriormente como um método.

Desse modo, apresentaremos ao leitor um breve histórico que relata as origens dessa corrente filosófica, a qual embasará a metodologia utilizada nesta pesquisa, segundo Martins e Bicudo (1989).

No século XVII, a filosofia passa a refletir sobre a existência da ciência física e surge a necessidade de haver método para saber se um conhecimento é verdadeiro ou não. Surgem, então duas correntes: o Racionalismo e o Empirismo. Dentro da primeira

corrente destaca-se René Descartes, que constrói o racionalismo, dando prioridade ao sujeito sobre o objeto. Há, então uma valorização da razão, do entendimento e do intelecto. Fica estabelecida a dicotomia corpo-consciência, permanecendo o corpo como objeto de estudo da ciência e a mente apenas como objeto de reflexão filosófica. (ARANHA e MARTINS, 1986).

O Empirismo por sua vez, enfatiza o papel da experiência sensível no processo do conhecimento. Nesta corrente destacam-se autores como Francis Bacon e John Locke, o qual passou a enfatizar o papel do objeto. Segundo este raciocínio, o racionalismo limita o homem ao âmbito da razão e o empirismo limita-o ao âmbito da experiência sensível.(Id.,1986).

No século XVIII, surge a filosofia do Iluminismo que prioriza o poder da razão de reorganizar o mundo humano. Immanuel Kant questionou se é possível uma razão pura independente da experiência, tentando assim, superar a dicotomia racionalismo - empirismo. Após a Revolução Industrial, surgiu o cientificismo, segundo o qual a ciência é considerada o único conhecimento possível, sendo o método das ciências naturais o considerado como o único válido. Desenvolveu-se, então, o positivismo, tendo como principal representante Augusto Comte. O positivismo preocupa-se em analisar como o fenômeno ocorre, não abordando suas causas, ou seja, os conhecimentos considerados reais são aqueles que repousam sobre fatos observados (ARANHA e MARTINS, 1986).

A partir do final do século XIX, começaram a surgir as ciências humanas, tentando estabelecer o método adequado à compreensão dos fenômenos do comportamento humano. Surgem as correntes naturalista e humanista, a primeira tenta

adequar o método das ciências naturais às ciências humanas e a segunda busca um método diferente dos já usados levando em conta as características do objeto de estudo.

O objeto das ciências humanas é o próprio ser que conhece. A realização desse estudo está envolto por algumas dificuldades, sobretudo aquela trazida pela subjetividade que impede a descentralização do eu no processo de conhecer, pois o sujeito que conhece é da mesma natureza do objeto conhecido. A maneira de enfrentar esta dificuldade determina o tipo de metodologia que caracteriza as ciências humanas. Sob a influência do positivismo surgiu a psicologia experimental, aplicando o método das ciências da natureza às ciências humanas, voltando-se para os aspectos do comportamento que podem ser verificados experimentalmente (ARANHA e MARTINS, 1986).

Dá-se, então, um momento de crise das ciências, crise da filosofia e das ciências humanas. Trata-se de um momento de questionamentos acerca dos fundamentos e métodos científicos. Segundo Dartigues (1992), a partir de 1880, a segurança do pensamento positivista começou a ser abalada, pois os fundamentos da ciência tornaram-se objeto de interrogação. Neste contexto de crise, o matemático Edmund Husserl (1859-1938), com o objetivo de mostrar que tanto a filosofia quanto as ciências humanas eram viáveis, entrou em contato com Franz Brentano, que propunha um novo método de conhecimento do psiquismo.

Dartigues (1992), enfatiza como principal contribuição de Brentano a distinção que este faz entre fenômenos psíquicos, que segundo o autor comportam uma “intencionalidade”, e fenômenos físicos, afirmando que os primeiros podem ser percebidos e que o modo de percepção original que deles temos constitui o seu conhecimento fundamental. A tese fundamental de Brentano é a do caráter intencional

da consciência. Segundo o autor, a intencionalidade é o caráter específico dos fenômenos psíquicos e a consciência é intencionalidade por ser sempre consciência de alguma coisa.

Brentano considera a realidade sendo apenas um modo como o objeto pode ser dado à consciência, denominando, portanto toda realidade como individual ou singular sempre, ao passo que o conhecimento apreende o real na sua generalidade. A fenomenologia, enquanto corrente filosófica surgiu, então neste contexto em que se buscava solucionar a crise pela qual as ciências humanas estavam passando, sendo seu precursor Franz Brentano. (DARTIGUES, 1992).

A fenomenologia propõe a superação da dicotomia racionalismo-empirismo, pois para ela toda consciência sendo intencional, tende para o mundo. Assim, não há objeto em si, independente de uma consciência que o perceba, pois o objeto é um fenômeno, isto é, é algo que aparece para uma consciência. A concepção de Husserl acerca da intencionalidade da consciência revela sujeito e objeto como inseparáveis e, então, tenta-se superar a dicotomia sujeito/objeto com a supremacia do conhecimento fenomenológico (MARTINS e BICUDO, 1989).

Os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, como dotados de uma “essência”. Cada objeto possui uma essência que é determinada pela intuição e qualidade que lhe atribuímos. Assim, existem tantas essências quantas significados nosso espírito é capaz de produzir. A Fenomenologia tornou possível à psicologia um novo método para questionar os fenômenos psicológicos, procurando, desta forma, interrogar as experiências vividas e os significados a estas atribuídos pelo sujeito, ou seja, o de não privilegiar o objeto e/ou o sujeito, mas sim, a relação sujeito-objeto-mundo. (DARTIGUES, 1992).

Assim, a descrição da realidade é a preocupação central da fenomenologia, colocando, como ponto de partida de sua reflexão, o próprio homem, para encontrar o que realmente é dado na experiência, e para descrever o que ocorre efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação. Assim, a fenomenologia se mostra como uma filosofia da vivência. A análise fenomenológica, como modalidade de pesquisa qualitativa, busca desvelar o que está oculto acerca do fenômeno que está sendo interrogado. Tal análise não se atém a generalizações. Dessa forma, a fenomenologia permite um modo de reflexão que inclui a possibilidade de olhar as coisas como elas se manifestam, descrevendo os fenômenos como eles se apresentam. Ela permite o acesso à vivência original do experienciado e estuda-o de forma rigorosa (DARTIGUES, 1992) .

Segundo Martins e Farinha (1984), a fenomenologia tem sua origem em duas expressões gregas: “phainomenon” (fenômeno), que significa aquilo que se mostra por si só, ou seja, o manifesto, e “logos”, tomado como o significado de discurso esclarecedor. Assim, fenomenologia significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo.

Martins e Bicudo (1989), fazem referência aos momentos que constituem o método da pesquisa fenomenológica : a **descrição**, a **redução fenomenológica**, a **variação imaginativa** e a **compreensão-interpretação**.

A **descrição** ou depoimento constitui, dentro desta modalidade metodológica um dado de importância significativa no desenvolvimento da pesquisa fenomenológica, e ela não comporta um estilo literário, normas, regras, listas de palavras ou semelhanças que devam ser expressas. A descrição permite ao inquiridor o acesso à vivência original do fenômeno.

Com o propósito de assegurar um rigor científico na investigação, utilizamos o critério proposto por Rezende (1990, p.19) que define e descreve características necessárias para que o depoimento contenha “*a estrutura semântica do próprio fenômeno*”. Assim, todo depoimento deve ser: *significante, pertinente, relevante, referente, provocante e suficiente*.

A descrição do fenômeno deve ser *significante* e conter o sentido existencial da consciência perceptiva do ser que vivencia o fenômeno (“ser-no-mundo”). Para Rezende (1990, p. 18,19): “*Descrever é dizer o que há, o que existe, o que acontece, o que se dá a conhecer.*” E essa descrição surge do discurso de um ser simbólico, que atribui significados a sua história existencial, pela qual se interessa a fenomenologia.

A *pertinência* diz respeito à capacidade de descrever o fenômeno sem omitir os aspectos relevantes que o integram em sua estrutura significativa, e sua multiplicidade de sentidos. O senso da pertinência é senso da estrutura do fenômeno tal como ele realmente se constitui, como articulação do sentido dos sentidos (Id., 1990, p.21).

A *relevância* do discurso diz respeito “*à situação concreta da estrutura do fenômeno*”, aquilo que é de relevância em sua história. As características citadas até o momento devem compor juntamente um discurso descritivo adequado, uma vez que, quanto mais pertinente e relevante, proporcionalmente mais *significante* será o discurso.

A *referência* demarca as múltiplas relações estabelecidas no interior da estrutura do fenômeno, e em seu contexto. Afinal, lembra o autor, que a fenomenologia situa o sujeito no mundo, e conseqüentemente, o discurso significativo de sua experiência existencial.

Rezende (1990) afirma que o ser humano não apenas reage, de maneira previsível, em relação a determinadas situações provocantes, mas também age de forma

específica segundo sua liberdade de corresponder à provocação, sua percepção e simbolização do fenômeno apresentado. O discurso *provocante* coloca em evidência o sentido que o sujeito delegou de forma consciente à experiência descrita, expressando sua liberdade de engajar-se pela conscientização ou pela alienação.

A descrição é *suficiente* ao percorrer os “*diversos lugares de manifestação do sentido*”, sem a pretensão de esgotar os infinitos sentidos de expressão do discurso. Assim, uma descrição suficiente “*não quer dizer completa e acabada*”. (REZENDE, 1990, p. 26).

A **redução fenomenológica** consiste em um estado de alerta, de suspensão do juízo de valor diante do fenômeno interrogado, o que supõe uma atitude de neutralidade e objetividade. Isto não significa que o pesquisador adota uma postura ingênua, que fica do lado de fora observando o fenômeno. Este momento constitui o que Husserl chamou de “*epoché*”, palavra que significa suspensão ou parada, uma saída da maneira comum de olhar e abordar os preconceitos e crenças em relação ao fenômeno interrogado. Imbuído desta postura o pesquisador inicia a leitura e re-leitura dos discursos dos entrevistados com a intenção de identificar as unidades de significados, as quais não são elementos que existem “*per se*”, mas apenas em relação à perspectiva adotada pelo pesquisador. (MARTINS e BICUDO, 1989).

As unidades de significados não se encontram delimitadas de maneira clara nos discursos dos entrevistados, mas mostram-se por meio de várias leituras e à medida que o inquiridor estabelece uma relação empática com a situação vivida pelos entrevistados. Ao mesmo tempo há um cuidado para não se deixar ficar na absorção ingênua, pois o que se busca nos discursos são os significados, atribuídos pelos entrevistados, que emergem dos depoimentos de acordo com a leitura que deles se fizer. (Id., 1989).

Baseado na perspectiva do pesquisador, seja ela psicológica ou pedagógica é que os discursos são lidos cuidadosamente para identificar as unidades de significados. Assim, a pesquisa fenomenológica dirige-se para os significados como revelações sobre as percepções que os entrevistados têm acerca de um fenômeno específico. O que se constitui, então, como dados são os aspectos estruturais, invariantes, os padrões que se repetem do fenômeno, os quais nesta modalidade de pesquisa são chamados de unidades de significados. Este momento da obtenção das unidades de significado ocorre por intermédio do recurso da **variação imaginativa**. (MARTINS & BICUDO, 1989).

Assim, para Martins e Farinha (1984, p.132), *“A imaginação é um ato mágico, um encantamento destinado a fazer surgir o objeto no qual penso, a coisa que desejo, de forma que eu possa apropriar-me de tudo isto no seu surgir.”*

Após, então, a obtenção das unidades de significados, é possível seguir rumo à compreensão por intermédio da **análise compreensiva** psicológica do individual. Na análise psicológica o pesquisador localiza, em cada conjunto de unidades, sua inteligibilidade, que envolve a articulação e a expressão das significações próprias de cada entrevistado, significações estas que podem parecer óbvias ou ocultas, porém todas vinculam significações diferentes para caracterizar o fenômeno em sua unidade essencial básica. (Martins e Bicudo).

Este é um dos momentos mais difíceis da pesquisa fenomenológica, pois são necessários certos “insights psicológicos” para chegar à descoberta da evidência do fenômeno indagado. Segundo Martins & Bicudo (1989), de acordo com a intersubjetividade realizada por intermédio da variação imaginativa e da reflexão crítica, é possível chegar à compreensão dos significados atribuídos pelos entrevistados, não

havendo, portanto em momento algum um distanciamento do relato original do entrevistado.

Após a estruturação na perspectiva individual do fenômeno, o pesquisador busca na compreensão das convergências e/ou divergências dos significados imanentes, chegar à estrutura psicológica geral do fenômeno interrogado, isto é do “insight” da generalidade essencial que perpassa o total dos discursos analisados. Nesse momento a análise dirige-se à compreensão do fenômeno estudado de modo mais amplo, sem, no entanto, esgota-lo.

## **5.2 Psicanálise e Fenomenologia**

Segundo a fenomenologia, toda consciência é intencional, visto que não percebemos o mundo como um dado bruto, desprovido de significados, o mundo que percebemos é um mundo para o sujeito que percebe. Daí a importância dada ao sentido, à rede de significações que envolvem os objetos percebidos: a consciência se dá imediatamente como doadora de sentido. Assim sendo, enquanto para a análise na perspectiva do paradigma Behaviorista a reeducação de uma criança manhosa por exemplo consiste em descondicionar a resposta manha e substituí-la por outro comportamento socialmente adequado, a manha na perspectiva da análise fenomenológica, não é, ela significa, e é pela emoção que a criança se exprime na totalidade de seu ser. Ela diz coisas com o choro, e este choro precisa ser decodificado para ser compreendido e interpretado .(ARANHA e MARTINS, 1986).

Neste sentido, estes autores realizam uma “ponte” entre fenomenologia e psicanálise, uma vez que ambas se ancoram no paradigma interpretativo, cujo método de análise é a hermenêutica. A psicanálise enquanto teoria trabalha com uma realidade

hipotética considerada inverificável nos moldes tradicionais da ciência positivista : o inconsciente. Ou seja, com a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, vinculou-se a idéia de que todos os nossos atos têm uma realidade interior representada na nossa conduta e carregam significados ocultos que podem ser interpretados. A energia que preside esses atos é de natureza “pulsional”.

Segundo Hanns (1996), “Trieb” é o substantivo em alemão traduzido como pulsão ou instinto e designa “*força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene*”. Nesta língua é empregado em quatro momentos que se entrelaçam, conforme a definição do autor:

Abarca um princípio maior que rege os seres vivos e que se manifesta como força que coloca em ação os seres de cada espécie; que aparece fisiologicamente “no” corpo somático do sujeito como se brotasse dele e o aguilhotinasse; que se manifesta “para” o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal. Estes significados são sempre muito próximos e sempre correlacionados com um núcleo básico de sentido: algo que propulsiona, coloca em movimento.

(HANNNS, 1996, p. 338)

Assim, para Freud (**apud** ARANHA e MARTINS,1986) a energia de natureza sexual ficou denominada de libido. A sexualidade em sua concepção não é tida como sinônimo de genitalidade, assumindo um significado muito mais amplo, como toda forma de gratidão ou busca de prazer. No entanto, para viver em comunidade, o homem precisa controlar e regular seus desejos, adiando a satisfação de uns e abandonando por completo a de outros. Com isso se forma o que Freud denominou de Superego ou Consciência Moral.

Sendo assim, cabe ao ego maduro estabelecer um equilíbrio entre estas forças antagônicas provenientes do princípio do prazer e do princípio do dever, adequando-as ao princípio da realidade. Quando o conflito é muito grande e o ego não suporta a consciência do desejo, este é rejeitado, o que Freud denominou de recalque.(Id., 1986).

Hanns (1996) define, então “Verdrangung” em alemão traduzido como recalque ou repressão:

O verbo verdrangen genericamente significa “empurrar para o lado”, “desalojar” (...) remete a uma sensação de “sufoco”, “incômodo”, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda. Contudo, apesar de ter sido desalojado, o material permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo a mobilização de esforços para mantê-lo longe.

(HANNS 1996, p.355)

Para Freud (**apud** ARANHA e MARTINS,1986), então, a energia associada à idéia que foi recalçada não permanece no inconsciente, visto que por ser energia precisa se expandir, então reaparece em formas de sintomas. Estes sintomas devem ser decifrados na sua linguagem simbólica. O simbolismo é um modo de representação indireta e figurada de uma idéia, conflito ou desejo inconscientes.

Na investigação do inconsciente, um dos caminhos seguido e proposto por Freud (**apud** ARANHA e MARTINS,1986) foi através da interpretação dos sonhos, uma vez que o que nos recordamos destes é o conteúdo manifesto, que muitas vezes nos parece sem sentido, incoerente. No entanto, segundo o autor, o sonho tem um conteúdo latente que pode ser descoberto pela decifração do seu simbolismo. Para alcançar esta decifração, o autor propõe a técnica de livre associação, na qual o próprio indivíduo, através do fluxo espontâneo das idéias, sai em busca do sentido oculto.

Nesta busca do que foi silenciado, o sujeito vivencia com o analista o fenômeno denominado “transferência” que consiste no processo pelo qual o paciente dirige ao psicanalista afetos antigos de amor e hostilidade, de forma inconsciente, o que permite a vivência de novas experiências fecundas para a elucidação do que foi ocultado. (ARANHA e MARTINS,1986).

De acordo com Hanns (1996), “Übertragung” é o substantivo em alemão que significa “transferência”:

No termo Übertragen há um “arco” que mantém aceso o processo de ida e vinda, seja temporalmente, entre o passado e a atualidade, seja geograficamente, entre o longe e o perto, ou de uma pessoa a outra. Em alemão o termo possui uma plastilidade e reversibilidade: aquilo que se busca, traz e deposita pode ser levado de novo embora para outro lugar e outro tempo. Genericamente refere-se à idéia de aplicar (transportar) de um contexto para outro uma estrutura, um modo de ser ou de se relacionar.

Hanns (1996, p. 412)

Desta forma, tanto a fenomenologia como a psicanálise estão distantes do objetivismo Behaviorista, que pressupõe a observação impessoal do comportamento do sujeito, tornando-o objeto de investigação. Ao contrário disto a fenomenologia, como também a psicanálise levam em conta a subjetividade do indivíduo humano a ser conhecido, assim como a do pesquisador. Ou seja, consideram o objeto um sujeito ativo em suas significações da realidade, na admissão de significados e formas para o mundo que se impõe para ele (ARANHA e BICUDO 1986).

Na perspectiva destes autores, na fenomenologia, o indivíduo a ser conhecido sente e atribui significados a sua experiência, de acordo com sua subjetividade, com sua tomada de consciência do fenômeno que se apresenta a ele, a psicanálise não considera

o passado algo objetivo, mas uma realidade que adquire novas nuances neste “novo olhar” do presente sobre o passado. Afinal o inconsciente é atemporal.

### **5.3 Acesso aos Colaboradores:**

Para o acesso aos Colaboradores da pesquisa realizou-se contatos com pessoas do nosso cotidiano, que foram informadas à respeito dos objetivos da pesquisa e os pré-requisitos solicitados: ser homem entre 45 e 55 anos, que se definem heterossexuais, com nível superior completo e proveniente da classe socioeconômica de média renda. Os participantes indicados são todos do Estado de São Paulo.

O primeiro contato com os entrevistados ocorreu por telefone, nos apresentávamos, explicávamos o objetivo da pesquisa e perguntávamos sobre a disponibilidade em participar da entrevista individual. Nesse momento foram agendados o local e a data convenientes para a realização da entrevista.

O encontro para a entrevista iniciou-se com um diálogo à respeito da natureza da pesquisa, seus objetivos e o modo como iria ser realizada. Nesse contexto foi explicada a questão do sigilo e do anonimato (substituição dos nomes por codinomes). Solicitou-se a leitura e assinatura de duas cópias do Termo de Consentimento Informado (Anexo2), ficando uma com o colaborador e outra com a entrevistadora. Após a leitura o colaborador poderia se sentir livre para desistir de realizar a entrevista, mesmo que essa necessidade surgisse no decorrer da mesma. Nesse contexto, a entrevistadora se colocou à disposição para responder as dúvidas que pudessem surgir.

Os relatos dos colaboradores fossem gravados em áudio, conforme suas anuências.

#### **5.4 Dificuldades Intrigantes**

Enfrentamos dificuldades para encontrar homens heterossexuais que se dispusessem, sem maiores resistências, relatar e refletir sobre o tema da heterossexualidade.

Este fato é relevante ao compreendermos o significado do não comparecimento de alguns homens às entrevistas agendadas e confirmadas. Outro dado significativo refere-se a expressão verbal de alguns homens ao serem informados sobre o tema da pesquisa.

Foram contactados 11 homens, 2 não compareceram, 1 não aceitou. Das 7 entrevistas realizadas, apenas 6 alcançaram os critérios para serem utilizadas como uma descrição fenomenológica. Nesse momento descreveremos dados intrigantes dessa trajetória.

André (nome fictício) ao ser informado sobre o objetivo da pesquisa fez um demorado silêncio ao telefone e pediu para que repetíssemos, então explicamos novamente. Assim, ele concordou e marcamos uma data para o encontro. No dia da entrevista entramos em contato com ele para confirmar o compromisso, então confessou que fazia dois dias que estava ansioso para me avisar que não seria possível a entrevista naquele dia. Tentamos marcar outra data e perguntei se ele gostaria que eu explicasse novamente algo sobre a pesquisa. Ele disse que não precisava, mas que havia achado estranho pesquisar algo que não se tem o que dizer, “algo comum” (palavras do colaborador). Mesmo assim aceitou marcar para outro dia e conversarmos mais sobre sua impressão. Esse encontro foi marcado para dois dias após o telefonema; André não compareceu ao lugar combinado.

Outro colaborador que não compareceu à entrevista foi Marcelo (fictício) Ao ouvir a explicação sobre os objetivos da pesquisa apenas disse: “não entendi direito o que você quer saber. Como eu percebi que sou heterossexual?” Então retomamos a explicação e ele disse: “sei lá, sou meio tímido para falar dessas coisas...não, mas tudo bem, vamos lá, acho que posso te ajudar.” No dia da entrevista, ligamos para confirmar o compromisso e não o encontramos no telefone fixo, e o celular acionava a caixa postal. Deixamos um recado confirmando o local e hora combinados, entretanto, Marcelo não compareceu.

Roberto, ao ouvir as explicações a respeito da pesquisa, exclamou espontaneamente em tom perplexo: “Ah, então agora a heterossexualidade virou tema de pesquisa!” e logo emendou “olha não vai dar eu sou um homem público e não vou me expor”. Reafirmamos o caráter ético sigiloso do trabalho e ele em tom ríspido respondeu: “Não vai dar mesmo, vou contribuir pouco para a sua pesquisa, porque anda tudo em dia com a minha heterossexualidade, tá bom?”

Édson (fictício) que ao ser contactado imediatamente se colocou a disposição, entretanto foi difícil encontrar um horário que fosse disponível para ele. Após várias tentativas, conseguimos uma data um mês após o telefonema. Ligamos com antecedência para confirmar o compromisso, então, Édson pediu desculpas e disse precisar viajar a serviço, que estava corrido, que era melhor eu não contar com sua colaboração.

Tivemos o caso de Jorge, que desde o contato pelo telefone aceitou e “brincou” dizendo: “e onde vamos fazer essa entrevista, heim? Isso não é perigoso, não?” Então reforçamos o caráter e o objetivo profissional da pesquisa, perguntando novamente se realmente estava interessado em colaborar. Ele disse: “Desculpe, estou só brincando, eu

vou sim te ajudar”. Jorge compareceu, mas parecia estar muito ansioso, pediu para que repetíssemos a questão norteadora o tempo todo e não conseguiu aprofundar seu relato, de forma que ficou inviabilizado a utilização de sua entrevista.

Pedro, um dos nossos colaboradores, ao declarar os sentidos de sua heterossexualidade, percebe que em momento algum em sua existência havia refletido e questionado “*do ponto de vista racional*” suas vivências. Assim, nas palavras de Pedro:

E, então, a presença do homem, e, em mim, sempre foi tão natural que eu não, eu jamais cheguei a questionar a minha, a minha sexualidade, talvez esteja agora questionando, quer dizer, tá dando pra pensar porque eu sou hétero, porque eu nunca fiz essa pergunta para mim mesmo...

Podemos inferir a respeito dos significados dessas situações, no sentido de como se faz desconcertante o questionamento da sexualidade masculina heterossexual, e como parece incompatível e inaceitável indagar sobre o inquestionável! Entretanto, podemos perguntar, porque tanto susto em desnudar algo tão “obviamente” posto?

Por identificarmos essa dificuldade, devemos parabenizar ainda mais e agradecer a rica contribuição dos colaboradores que foram capazes de enfrentar esse desafio frente ao novo: romper com o silêncio a respeito da heterossexualidade, da masculinidade, daquilo que diz respeito ao secreto e ao sagrado; o próprio sentimento de identidade!

### **5.5 Percorso Metodológico**

Utilizamos a entrevista compreensiva com o objetivo de estabelecer um *rapport*, facilitando a espontaneidade e liberdade dos colaboradores, homens heterossexuais de

meia-idade, no relato de suas experiências. A entrevista foi mediada pela seguinte questão norteadora:

*“Na sua história de vida, quando você começou a se perceber heterossexual e como isto tem sido? Na infância, na adolescência, até os dias atuais?”* Sempre que preciso, a pergunta era repetida de outra forma para melhor compreensão do colaborador, como por exemplo: *“No decorrer de sua história, na infância, adolescência, até hoje, como você foi se percebendo heterossexual? Quais as experiências que mais contribuíram para isso?”*.

A fenomenologia eleita como método propiciou, então, a obtenção dos relatos dos colaboradores. Bruns (2003) descreve os passos necessários no percurso metodológico. O primeiro consiste na transcrição dos depoimentos dos colaboradores e na leitura de todos os relatos com o objetivo de familiarizar-se, de modo empático, com as experiências descritas.

Em um segundo momento, o pesquisador parte para a discriminação das unidades de significados que são obtidas após várias leituras de cada depoimento. Essas unidades não estão por si só identificadas no discurso, mas são apreendidas segundo a perspectiva do pesquisador.

O terceiro passo caracteriza-se pelo agrupamento das unidades de significado em categorias que expressam a transformação da linguagem do dia-dia presente nos relatos em linguagem psicológica. Segundo a autora, essa transposição de linguagens é “pertinente” visto que ao relatar livremente, os colaboradores *“ocultam realidades múltiplas que o pesquisador deseja explicitar”* (BRUNS, 2003, p.73).

Nesse trabalho, após as releituras das entrevistas chegamos às seguintes categorias:

- Categoria I- A Infância: breves recordações
- Categoria II- Nos tempos do catecismo: descobertas adolescentes
- Categoria III- As vicissitudes da vida adulta
- Categoria IV- A reflexão dos ventos da meia-idade
- Categoria V- Os sentidos da heterossexualidade

O quarto momento refere-se à síntese e integração dos insights, contidos em nas unidades de significados localizadas nas categorias.

Como os relatos dos colaboradores estão expostos, quase que integralmente, no momento da análise, as entrevistas não serão anexadas ao término da dissertação.

### 5.6 Perfil dos Colaboradores

Tabela 1 - A idade, escolaridade, área de atuação e classe econômica de cada colaborador

Colaborador	Idade	Escolaridade	Área de Atuação	Classe Econômica Familiar *
Fujji	46 anos	Ensino Superior Completo	Educação	A 2
Alexandre	46 anos	Ensino Superior Completo	Educação	A 2
Nilton	45 anos	Ensino Superior Completo	Administração	A 2
Pedro	56 anos	Ensino Superior Completo	Educação	A 2
Luis	49 anos	Ensino Superior Completo	Jornalismo	B 1
Rui	46 anos	Ensino Superior Completo	Arquitetura	A 2

\* Dados com base no Levantamento Sócio Econômico - 2000- IBOPE. ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - 2003 -

Tabela 2 - Estado civil, número de filhos e religião de cada colaborador

Colaborador	Estado Civil	Nº. Filhos	Idade dos Filhos	Religião
Fuji	Solteiro	-	-	Budista
Alexandre	Casado	2	14 - M 12 - F	Católico
Nilton	Casado	2	22 - M 20 - M	Espírita
Pedro	Separado (2 vezes)	4	35 - F 34 - F 24 - F 20 - M	Ateu
Luis	Casado (pela 2ª vez)	1	10 - F	Ateu
Rui	Casado	2	13 - M 03 - M	Católico

## Capítulo 6

### ***DESVELANDO SENTIDOS: DA RUPTURA DO SILÊNCIO A REFLEXÕES DA VIVÊNCIAS HETEROSSEXUAIS***

Nesse capítulo apresentaremos a análise das entrevistas realizadas com o intuito de desvelar os sentidos do fenômeno da heterossexualidade para nossos colaboradores.

Assim, esses corajosos homens contribuíram para a ruptura da cultura do silêncio a respeito de um tema difícil de ser refletido, devido a concepção patriarcal, na qual a identidade heterossexual do homem deve ser inquestionável, não havendo motivos, portanto, para ser pensada. Nossos colaboradores ao concordarem em participar dessa viagem para dentro de si mesmos, desvelaram os sentidos de suas vivências heterossexuais, atribuindo significados a essas vivências desde a infância até os dias atuais. Desse modo, será realizada a análise da entrevista de cada colaborador, sendo essa dividida nas seguintes categorias:

**I- A infância: breves recordações**

**II- Nos tempos do Catecismo: descobertas adolescentes**

**III- As vicissitudes da vida adulta**

**IV- A reflexão dos ventos da meia-idade**

**V- Os Sentidos da Heterossexualidade**

Iniciaremos, então, nossa viagem pelas histórias vividas pelos colaboradores nas fartas veias da vida e compartilhadas conosco, pela humana capacidade de doar sentidos a essas vivências.

No início da análise de cada entrevista, será apresentado um breve perfil de nosso colaborador, com o intuito de conhecermos melhor com quem iremos compartilhar nossa viagem simbólica a respeito da heterossexualidade masculina na meia-idade.

### **Colaborador 1- Fujji**

Na infância, o colaborador morava em uma cidade do interior do Estado de São Paulo e pertencia a uma família grande, sendo descendente de imigrantes japoneses. Quando criança, gostava de ficar observando as meninas no banheiro e no pátio da escola, visto que tinha muita curiosidade de se aproximar do sexo oposto, uma vez que foi estudar em uma sala mista, apenas na terceira série primária, quando, segundo ele, a escola ficou mais interessante.

Na adolescência, o colaborador era esportista e por isso era muito conhecido na escola e vivia com meninas ao seu redor que o paqueravam. Entretanto, a realização sexual era alcançada por meio da masturbação e mais tarde na zona de meretrício. O colaborador fez curso na área de educação.

Na vida adulta, já como professor, o colaborador teve muitas mulheres, porém não se envolveu afetivamente. Segundo ele, seus relacionamentos mais duradouros foram altamente superficiais, porque ele priorizava muita a realização sexual, tendo dificuldade de estabelecer relações de cumplicidade e companheirismo.

Na meia idade, ainda solteiro e sem filhos, o colaborador realiza uma reflexão a respeito do modo como viveu e percebe o quanto deseja atualmente encontrar uma companheira para amar e ser amado de forma autêntica e cúmplice. Esse é o seu maior

objetivo. O colaborador estava com 46 anos na época da entrevista e sua religião era o budismo. Pertence a classe econômica A 2.

### **Categoria I- A Infância: breves recordações**

Se começar na infância, é...eu gostava de ver as meninas peladinhas (risos), eu gostava de ver elas de calcinha, sabe, tanto é que eu ficava bisbilhotando o próprio banheiro das minhas primas, eu acho que a coisa primeira é isso aí, né? Não sei se a gente pode falar do despertar da sexualidade, acho que é isso, na infância é isso, eu achava interessantíssimo, eu adorava ver assim...é quando minha tia entrava no banho e minhas priminhas (risos), e a gente ficava olhando, (...) Foi assim, né, quando eu tinha 7 anos, eu gostava de..., foi quando eu entrei na escola, porque na época não tinha essa coisa de maternal, pré, você já entrava no primeiro ano de grupo, o chamado hoje primário. Então você já começava com a alfabetização, e coincidentemente minha sala era uma sala de, então, somente de meninos, tinha só menino e quando a gente ia entrar pra sala, a gente ficava na fila, no pátio, olhando as meninas lá. Depois que ficou interessante, depois no terceiro ano de grupo que a gente já tinha uma classe mista, e as meninas usavam saia, apesar de que era saia que ia até lá no joelho e você ficava observando, observando, então era essa...só que na época cê não tinha tanta imagem, tanta propaganda.

Fuji, ao se lembrar do tempo da infância, descreve seu interesse e curiosidade explícitos e conscientes pelo sexo oposto, tanto que, nas situações com as primas e a tia ou na escola estava sempre procurando circunstâncias que o aproximassem do universo reservado ao sexo feminino. Dessa forma, o colaborador relata como já possuía, nessa fase uma percepção das diferenças sexuais, assim como do universo no qual ele se identificava, o masculino. Assim, o colaborador associa o seu “*despertar da*

*sexualidade*” com interesse pelo sexo oposto. Em sua experiência, a sexualidade era um aspecto de sua vida que podia existir de modo integrado em sua auto-imagem, sem maiores conflitos ou preconceitos.

Conforme a perspectiva psicanalítica, a sexualidade faz parte da constituição psíquica do ser humano, desde sua concepção e portanto as pulsões estão presentes e atuantes desde o nascimento. Fujji vivenciou a percepção de seus desejos e curiosidades de modo bastante natural. Assim, na infância, seu desejo buscava expressão por meio da “pulsão de olhar” o que, segundo seu relato, lhe conferia imenso prazer, ao ver as meninas de saia e suas primas entrarem no banho. (MCDUGALL, 2001).

Fujji nos dá a dica de que esse prazer conferido pela “pulsão de olhar” ficava ainda mais estimulado pela escassez de imagens da figura feminina com que tinham acesso na época.

### **Categoria II- Nos tempos do Catecismo: descobertas adolescentes**

E a gente vai crescendo nesta coisa de ficar observando mesmo o sexo oposto, né? Vai crescendo, crescendo, e chega a época do famoso: olha começou aparecer os pêlos, né? A expressão de criança é: ah, comecei a ter cabelo no saco, inclusive eu lembro uma vez, aí eu já estava no ginásio, e tinha este negócio de fazer exame médico e lá no exame médico todos os garotos tinham que ficar pelados, né, sem roupa e a nossa conversa qual que era: ih eu já sou macho, já sou homem, porque eu tenho cabelo no saco.

Fujji descreve o início de sua puberdade e relata a auto-afirmação que ocorria em relação à própria masculinidade, ao perceber que o corpo estava mudando e que iniciava a fase de desenvolvimento das características da adolescência. O

colaborador conta o orgulho que ele e seus amigos sentiam ao perceber seu desenvolvimento físico e como isso era vivido como sinônimo de virilidade, de se tornar homem. Nesse sentido podemos perceber a força da idéia do determinismo biológico, por meio da qual as características biológicas seriam um sinal da essência “*a priori*” da masculinidade do garoto. Nessa lógica, possuir “*cabelo no saco*” era um indício da virilidade masculina. (KATZ, 1996; LOURO, 1996).

No cenário descrito por Fujji os garotos eram testemunhas uns dos outros das evidências de suas masculinidades, certamente vivenciando situações de comparação e competição, e revivendo fantasias edípicas, nas quais a rivalidade com a figura parental do mesmo sexo entra em jogo, assim como a necessidade de reconhecimento por parte dela de suas potencialidades de garoto. (MCDOUGALL, 2001).

...Só que era época da puberdade mesmo, e é uma explosão, né, é muita masturbação mesmo é uma coisa curiosa que você não sabe, você não viveu esta época, nós não tínhamos a playboy, não tínhamos os vídeos pornô, como temos hoje, e tínhamos sim, o Catecismo, que eram revistas, mas tudo desenhado a mão, então nesta entrevista seria interessante eu citar este caso. A revista era chamada Catecismo, autor muito famoso era o Carlos Zéfiro, pra quem tiver ouvindo esta entrevista, da minha idade conhece bem esta revistinha. E era isto daí, corria pro banheiro com estas revistinhas e lá dá-lhe masturbação ... E a gente vivia com isso daí, corria pro banheiro com o quê? Com essas revistinhas, né? E lá vai masturbação, ta? E a gente não tinha assim essa liberdade que nós temos hoje. Então, por exemplo, era muito restrito onde você estava. O grupo de alunos, de um lado, e o grupo das alunas, de outro lado. A gente tinha, por exemplo, aquela coisa de chegar nas meninas, era difícil né? Era uma coisa assim, não era tão fácil como é hoje né? Hoje, uma criança de cinco, seis anos fala

assim: “aí, eu já tenho namoradinho na escola”. Elas falam mesmo, ou eles falam também. Na nossa época não era assim, né?...

Fujji observa que, em sua época de puberdade, havia uma diferença cultural em relação aos dias atuais, não havendo playboy e filmes pornôis que deixassem tão explícito o contato com a vida erótica, mas havia o “Catecismo”, manual sexual para os adolescentes em uma fase denominada pelo autor de “*explosão*”, devido à intensidade do desejo sexual que nesse momento era satisfeita com muita masturbação, “prática auto-erótica” de satisfação sexual.

Nessa etapa, portanto, a energia libidinal se concentra no indivíduo que entra em contato com suas pulsões libidinais em um momento no qual corpo e mente passam por modificações que o preparam para a possível realidade de vincular-se com um “objeto de amor”, segundo as necessidades da sexualidade genital, quando o processo psicosexual não sofreu percalços que impossibilitasse a passagem da vivência predominantemente “pré-genital” para a “genital”, de modo egossintônico. (MCDOUGALL, 2001).

Essas diferenças culturais, citadas por Fujji, certamente definem específicas formas de modelar os sentidos das descobertas sexuais para os púberes e de conduzir os desejos e a orientação de tais desejos em cada momento histórico, visto que nesse processo, diferentes valores e formas de repressão sexual irão reger os caminhos trilhados por Eros. (FOUCAULT, 1980).

Nesse sentido, o colaborador cita a maior liberdade conquistada em relação à sexualidade nos tempos atuais, nos quais, em sua visão, há maior facilidade para o contato entre os rapazes e as garotas. Fujji observa que em seu tempo de puberdade

esses dois mundos eram incomunicáveis. Essas diferenças culturais que permeiam as relações de gênero, assim como as vivências eróticas descritas pelo colaborador denunciam o resultado das transformações sociais pelas quais passou a sociedade moderna, como pudemos verificar com Hall (1998), ao apontar para as mudanças advindas do movimento feminista, assim como com as apontadas por Lipovetsky (2004), ocorridas no cerne da sociedade moderna que abalou as estruturas de referência dessa sociedade, como a família romântica burguesa e seus valores morais. Essas mudanças, segundo Katz (1996), atingiram os papéis de gênero, diminuindo a distância entre os papéis definidos para cada gênero, tendo como resultado uma maior liberdade de expressão e de relacionamento entre garotos e garotas, na atualidade, como observa Fujji.

...Mas, aos 12 anos, eu tive a minha primeira experiência sexual, 12 anos. Mas é uma coisa assim, dá pra descrever assim: muito simples, só que muito traumático também. Bom, nessa época, nós fomos fazer uma viagem, de excursão, os meninos, e nós fomos pra S.C. (...) E foi exatamente nessa cidade que nós fomos conhecer a zona do meretrício, né? Tinha um bando de iniciantes, né? E quem nos acompanhou foi um rapaz que tava na excursão, ele era mais velho. E ele falou assim: “não, eu já fui na zona, então vocês vão lá comigo que, pode deixar que a gente, que...”, quer dizer, cê imagina como é que foi a primeira experiência, né? E foi uma coisa curiosa, porque lá, em S.C, é, aconteceu uma coisa muito engraçada, porque a hora que nós chegamos lá, na zona, “o que eu vou fazer agora? O que faz isso aqui?” né? Difícil. Mas eu sei que, cê tinha noção, noção que você aprende de conversar com os amigos, e de lendo as revistinhas de sacanagem, né? Mas assim, experiência de... e lá aconteceu o seguinte, é, tinha uma mulher, que ela ficou encantada comigo, porque lá não tem japonês, a hora que apareceu, ela falou assim: “aí, é esse daqui”, né? (...) E com essa mulher em S.C, que se encantou comigo, porque não sabia o que era japonês, viu lá, já fui pra cama com ela. Agora, a

experiência foi assim, uma trombada de automóvel mesmo, porque, foi duro, né? Inclusive, acho que eu tava assim, tão tenso, não sei, o ato sexual em si, ele se consolidou, mas é, foi, foi eu colocar lá dentro e, já, já senti orgasmo, e murchou ali, sabe? Uma coisa assim, de falta de experiência mesmo.

Fujji, ao relatar sobre sua iniciação sexual, descreve sua primeira vez como sendo tão traumática como uma “*trombada de automóvel*”, visto que enfatiza que tinha 12 anos e conta-nos o quanto se sentia despreparado para enfrentar essa realidade, ainda mais na situação tão específica de inúmeras pressões, na qual a pessoa com quem iria ser iniciado era uma profissional no assunto. Além disso, o fato de a mulher ter se encantado com ele e para ela também ser uma nova experiência transar com um japonês, ao mesmo tempo em que pode tê-lo deixado com a sensação de ter sido preferido, certamente pode ter aumentado ainda mais sua cobrança de ter que mostrar sua virilidade, não apenas de homem, mas também não negar o valor e a potência de sua herança viril, “transmitidas por seus ancestrais”. Ou seja, de não trair o ideal de masculinidade que lhe foi transmitido. (EIGUER, 1998).

Ao pensarmos, segundo a perspectiva psicanalítica, podemos compreender a intensidade da pressão relatada pelo colaborador, naquela situação, visto que, aos 12 anos, passar pelo ritual da iniciação sexual com uma mulher mais velha, sendo escolhido por ela, pode ter suscitado nele intensas fantasias edípicas de ter que satisfazer a própria figura materna. Assim, a angústia proveniente da experiência do complexo de castração pode ter se atualizado, nesse “teste”, no qual ao mesmo tempo em que deveria provar a virilidade herdada, viveria o temor de ser castrado pela transgressão da lei, ao reviver as fantasias eróticas com a figura materna. Isso, pois, como vimos em Mc

Dougall (2001), essas fantasias, permanecem em nosso arcabouço inconsciente e nos revisitam de forma camuflada e inesperada, em nossas vivências afetivas e sexuais.

A sensação de sentir-se aterrorizado com sua própria cobrança, naquela situação, fica bastante explícita em seu pensamento: “*o que eu vou fazer agora? O que faz isso aqui?*” *né? Difícil*”. Seu relato sugere a impressão de que mais do que uma iniciação sexual, aquela era uma experiência que iria atestar sua própria potência como homem, como se mesmo sem experiência, devesse ter nascido tão macho, que logo na primeira vivência, essa virilidade tivesse que aflorar e dar os seus sinais. Entretanto, não é isso o que ocorreu, visto que a falta de experiência foi mais decisiva, e certamente por isso, essa experiência tenha sido tão traumática para Fujji, como ele próprio a define.

Fujji, compreende, ao relatar essa história, o quanto a habilidade sexual de um homem pode ser desenvolvida com a experiência e com o tempo que constrói um conhecimento a respeito da vida erótica, o que com 12 anos ele ainda não possuía. Esse relato e o sentido que Fujji atribui a essa experiência para justificar sua rapidez no ato sexual com a profissional do sexo, vai de encontro com o que Foucault (1980) defende, ao observar que a vida erótica é moldada segundo os valores culturais e construída por meio das experiências vividas, ou seja, que “Eros” é educado e treinado em cada cultura segundo suas normas e que, portanto, não há sentidos para essas vivências que se definam “*a priori*” à experiência vivida. Por esse motivo pareceu tão ameaçador para Fujji sua iniciação sexual, visto que ao perguntar-se “*o que eu vou fazer agora?*”, certamente acreditasse que precisava saber a resposta para passar nesse “teste” de virilidade.

E, aliás, todos os colegas da minha época, a nossa primeira experiência não era com a namorada, e sim com quem, com a mulher da zona, ta? Você se sente de certa forma, batizado. Porque todos

passavam por isso daí. Até por exemplo, os colegas de turma anterior. Tinha meus irmãos também, eu sou o caçula. Então, colegas do meu irmão, acima de mim, a experiência que eles tinham, que eles tiveram, foi exatamente a mesma que eu, né? Então era uma coisa, tipo, linear, que nós, pra iniciar, tínhamos que passar pela zona do meretrício. Então, todos, invariavelmente, tinham a primeira relação com a mulher de zona, né? Isso na minha época. Porque...mesmo sabendo que, às vezes, ia dar completamente errado, né?

Fujji observa que havia um fenômeno cultural que consistia em uma espécie de ritual, que todo garoto de sua época deveria passar, na puberdade, para se sentir fazendo parte do mundo dos homens. Esse ritual, na concepção do colaborador, era quase um “batizado”, por meio do qual o garoto se sentia mais seguro para dizer e provar que já era homem, pois já havia se relacionado sexualmente com uma mulher profissional em sua iniciação sexual, na Zona do Meretrício. O colaborador relata que apesar do medo e da tensão da iniciação sexual, assim como da sensação de que poderia “*dar errado*”, ou seja, que certamente ele não iria alcançar as expectativas que exige a lei machista de ser um *expert* “na cama” com 12 anos, com uma mulher tão experiente. Apesar disso, o ritual conferia ao pequeno macho uma segurança de estar fazendo parte de um clã, com quem se tornava cúmplice de seu próprio sentimento de ser aceito e incluído na cultura do macho, na cultura heterossexual.

Nesse “batizado” deveriam estar presentes os representantes das figuras parentais, de um lado os amigos, geralmente um amigo-mestre mais velho já experiente e a mulher profissional do sexo. Esse ou esses amigos simbolizariam os “olhos” do juiz que faria a lei ser cumprida, quase que um inspetor do “Ideal de Ego” internalizado pelo garoto, que iria servir de padrinho em seu batizado. A mulher por sua vez serviria de representante de todas as mulheres, permitidas pelo “pater”, que deveriam ser

conquistadas pelo pequeno macho. Trata-se de um ritual, no qual o modelo de masculinidade é transmitido pela cultura por meio da “ação”, da execução de uma tarefa que atesta a masculinidade. (EIGUER, 1998; FREUD, 1914).

DaMatta (1997) descreve uma realidade parecida em uma cidade brasileira do interior, na qual os garotos deveriam seguir rituais de comportamentos que dosavam sua masculinidade. Nesses rituais, como na brincadeira “tem pente aí?” citada pelo autor, eram transmitidos os símbolos, os valores e a lei que definiam as condições específicas para que o garoto pudesse ser incluído no time dos “homens verdadeiramente machos”.

A exigência da conduta que enquadrasse o garoto na lei patriarcal machista, designava a concepção de homem representado por Nolasco (1997) pelo “homem de verdade”, que consistia na idealização de uma figura masculina definida por uma essência naturalmente masculina e viril que se verificava pela ilimitada potência sexual e pela ausência de qualquer característica feminina, em especial a sensibilidade afetiva, a intimidade emocional e a passividade.

Certamente podemos perceber nos relatos de Fujji a presença desse imperioso modelo patriarcal de masculinidade que desde muito cedo cobrava a prova e a autoafirmação do machinho em relação a sua suposta essência de “homem de verdade”.

... Cê imagina que a experiência foi desastrosa, porque, chegou lá, eu não fazia nem idéia do que era doença venérea, muito pouco, a gente só sabia que tinha que tomar cuidado, né? Tanto é que o pessoal da minha turma usava uma expressão, a gente não falava em gonorréia, né, falava assim “guinorréia”, era uma coisa muito engraçada, a gente tinha noção, sabia que era doença, que era perigoso, e que tinha que tomar cuidado, né? Assim: “não vai com fulana, porque ela ta doente, não vai com ciclana que ela ta doente, cuidado, aí eu peguei doença da fulana, quando eu transei com ela”, né? Inclusive, a gente não usava a

expressão transar, né? Era trepar mesmo, né? (...) Mas no fim, tinha que falar pros amigos, né, que foi muito bom, que, enfim, era uma maneira de você se auto-afirmar, primeiro dizer, você já não era mais virgem, né (...) E segundo, dizendo que deu tudo certo, né, e com mais um agravante, a gente sempre que ia na zona, tínhamos o problema que nós éramos de menor, então era uma pressão. Pressão por quê? Se o juizado pegasse a gente lá, eles levavam a gente pra casa, e falavam pro pai da gente: “oh, seu filho estava lá na zona”, e era complicado isso, né? Como é que você vai encarar seu pai, sua mãe: “onde cê tava? Tava na zona?”, nossa, era um choque pro meu pai e pra minha mãe. Então, fazia de tudo também. Às vezes, ia pra lá, mas o que? O medo, né?

Fujji descreve o cenário no qual o ritual da iniciação ocorria, demarcando os conflitos, temores e pressões inerentes à experiência de passagem para o mundo masculino. Em seu relato, observa como seria praticamente impossível não ser “desastrosa” essa vivência, uma vez que ela se configurava por meio da ausência de orientação e informações precisas sob os perigos e conseqüências da iniciação sexual na zona como, por exemplo, com o que dizia respeito à gonorréia, o grande mal que assolava a vida sexual das pessoas na época, a AIDS dos tempos contemporâneos. O mesmo ocorria em relação ao temor de ser pego, por ser menor de idade e de ter que se responsabilizar por suas ações frente aos pais, caso isso ocorresse. Burlar a lei, superar todos esses desafios e temores delineava o caráter imperativo do que mandava a lei da virilidade machista.

Assim, em nome da aquisição do *status* de macho, o garoto tinha que enfrentar as pressões próprias do *script* da Zona do Meretrício. Além disso, deveria também enfrentar os medos internos, relativos às fantasias de impotência e insuficiência, ressoantes das vivências de perdas acumuladas no decorrer do desenvolvimento

humano, como por exemplo, na trama edípica, em que o menino é obrigado a renunciar ao seu desejo incestuoso em nome do amor pelos seus genitores e por si mesmo, de forma a abandonar a fantasia onipotente de poder tudo, visto que nas autoridades paternas a lei do pai impõe-se em detrimento de seu desejo. (MC DOUGALL,2001).

Assim, essa sensação de impotência resultante das feridas narcísicas causadas pela imposição da realidade, certamente confrontava a idéia da existência de um “homem de verdade”, absolutamente potente, causando temor nos garotos ao se sentirem tão distantes do ideal de Ego (homem de verdade) a ser atingido em sua masculinidade. Como relata Fujji, mais tarde quando já estavam mais seguros, podiam assumir entre os colegas: “ *Depois conversando com os colegas, após alguns anos, observa-se : “ oh, aquilo que eu falei foi tudo mentira”, e que realmente no dia lá não deu certo mesmo, né?*”.

Sendo assim, o que ditava a lei do universo masculino, nesse contexto, era que o menino fosse capaz de superar todas essas pressões e deixasse de ser virgem, provando sua virilidade ao relatar para suas testemunhas, seus colegas, a sua capacidade e coragem de entrar para o mundo dos “homens de verdade”. Como argumenta Nolasco (1997), o “homem de verdade” consistiria apenas na construção de um ideal que camufla as dificuldades de ser realmente um homem absolutamente independente e onipotente em sua virilidade. Por ser um modelo altamente idealizado, segundo o autor, ele sustenta-se por meio da incessante comprovação dessa virilidade, visto que a qualquer distração, as fragilidades e dificuldades próprias do ser humano podem aparecer, mostrando a distância entre um ideal humanamente inatingível e a capacidade de ser homem potente, porém falível. Essa humanidade pôde ser compartilhada em

desabafo com os amigos, em um momento de maior segurança com relação à própria masculinidade, no caso de Fujji.

...E a gente não tinha assim essa liberdade que nós temos hoje. Então, por exemplo, era muito restrito onde você estava. O grupo de alunos, de um lado, e o grupo das alunas, de outro lado. A gente tinha, por exemplo, aquela coisa de chegar nas meninas, era difícil né? Era uma coisa assim, não era tão fácil como é hoje né? Hoje, uma criança de cinco, seis anos fala assim: “aí, eu já tenho namoradinho na escola” (...) Então, de repente, você ia em festas, que a gente, na época, chamava de brincadeiras. Depois de uma certa época, as meninas já se recolhiam, as coleguinhas, né? E cê ia pra onde? Ah, cê ia lá pra zona, bagunçar. Mas aí, isso aí, não sei se você perdeu a seqüência, doze anos, primeira experiência. Aos 13 anos, eu namorei. Mas assim, a primeira namorada, aquele negócio de você ir ao cinema, e, primeiro pegar na mão, e fica aí, um mês, dois meses, depois que vem um beijo, coisa desse tipo né? Então não era assim, que nem hoje, sabe, diferente, né? Acho que o pessoal deve estar surpreso com essas coisas da gente, mas na época era assim. E mais, era interior, não era um grande centro, então as pessoas tinham um sério problema. Eu acho que era justamente esse, de você, até ser retraído. E você cresce, você se desenvolve nesse meio com certas dúvidas, né, do que era certo. De repente, você começa, por exemplo, com essa primeira namorada, ta, ela foi só minha primeira namorada, e eu nunca tive relação sexual com ela. Porque na época, se a mãe dela soubesse que ela fosse fazer isso daí, vontade a gente tinha, mas se ela soubesse que fosse fazer isso daí, acho que a mãe dela matava ela. Cê veja como é que era a pressão, não era uma coisa muito fácil.

Fujji relata que, em sua época de puberdade, década de 70, em uma cidade do interior, os valores eram mais repressores em relação à sexualidade, principalmente com as meninas, o que dificultava as descobertas e vivência de intimidades com as garotas de sua idade. Assim, no social, com a menina que o elegeu para namorar demorava

meses para dar um beijo e não era permitido viver intimidade sexual. Ao contar a forma como as regras definiam o comportamento naquela época, o colaborador percebe como essa vivência é diferente para a criança e o jovem de hoje, devido à maior liberdade adquirida, pelo processo sócio-político e cultural descrito por Hall (1998), segundo o qual movimentos da década de 60 e 70, como os movimentos estudantis e feministas tiveram grande influência na liberação sexual.

Segundo raciocínio semelhante, Vaitsman (1994) afirma que nesse momento social de mudanças, não apenas a liberdade sexual estava em jogo, mas também a contestação da rígida definição de papéis de gênero, por meio da luta por direitos iguais. As mudanças de valores sociais parecem soar como tão intensas para o colaborador, que ao lembrar de sua vivência e comparar com o comportamento do jovem na atualidade, ele justifica para o interlocutor do seu relato, preocupando-se se esse acreditaria que poderia ser mesmo aquela a experiência real e ditada a todos naquela época.

Nesse contexto, Fujji relata o conflito que os jovens viviam entre os desejos e as repressões dos valores culturais inculcados pelas instituições modernas, tão internalizados por eles.(MCDOUGALL, 2001).

Aí depois, disso daí, dos 13 anos, a gente ia muito nessas histórias de brincadeiras dançantes. Como é que são essas brincadeiras dançantes? É , vai ter brincadeira na casa de fulano, na casa de fulana, cê botava uma vitrolinha lá, e a parte mais legal da brincadeira, é quando tinha aquelas músicas lentas, que a gente costumava dançar juntinho, agarradinho, e realmente de ficar, de se abraçar com a menina, dançar com ela, sentir tesão mesmo sabe? E até assim uma coisa estranha, uma revelação aqui, de vez em quando a gente ficava de pinto duro, o negócio ficava aparecendo na calça. É uma coisa, assim, era tesão puro mesmo, tesão de adolescente, né? Mas assim, não tinha uma menina que transasse, com 13 anos, na época. Então depois disso, era

a zona, né? Sabe? Parece que você ia afogar as mágoas lá, na zona, é isso, sabe? Essa é a fase da adolescência. Mas é gostosa porque, cê sempre tava namorando, e a ponto de você ficar namorando de ficar com a cueca tudo melada, e sem poder realmente consumir o ato sexual, de poder transar mesmo. Enfim, na época não tinha isso aí, ta? Então esse foram meus 13, 14, 15 anos, ta?

As brincadeiras da puberdade descritas por Fujji eram as festinhas, nas quais garotas e garotos se reuniam para se divertir e dançar. Nessas brincadeiras, o momento mais interessante, em sua visão, eram as músicas lentas, quando meninos e meninas dançavam “agarradinhos”, oportunidade de ter o contato permitido com o sexo oposto da mesma faixa etária. Esse era o momento da emoção de estar com uma garota, do tesão mais genuíno, do desejo que se anunciava e deixava marcas na roupa. Entretanto, pelas normas sociais, esse desejo não podia se concretizar, tendo que ser vivenciado pelas meninas apenas na fantasia e, pelos meninos, segundo o relato de Fujji, na Zona do Meretrício, onde eles afogavam as mágoas por desejar ardentemente determinada menina e não poder realizar esse desejo, se não com a prostituta.

Desse modo, nessa fase, logo o garoto aprendia que mulher para desejar, namorar era a menina que tinha uma família, que no horário estipulado voltava para casa e com quem não era possível realizar seus desejos sexuais, visto que eram garotas de família e deveriam ser respeitadas. Assim, o desejo sexual era realizado com a prostituta na Zona do Meretrício, mulher com quem sabia que era apenas para “desafogar as mágoas”, para servir de refúgio na falta da garota realmente desejada. Assim, a garota amada ficava impedida e proibida para a realização sexual, assim como com sua figura materna na trama edípica. (MCDOUGALL, 2001). Certamente, então, se transmitia a mensagem de que mulher para amar não é mulher para realização sexual.

Podemos perceber que o relato do colaborador expressa os valores e conceitos da sociedade nas décadas de 60 e 70, em cidade do interior, visto que denuncia as diferenças de papéis e comportamentos esperados para cada gênero, configurando uma realidade patriarcal machista, uma vez que ao rapaz cabia superar os limites humanos para provar sua virilidade, ao mesmo tempo em que possuía maiores privilégios e liberdade de exercer seu desejo sexual, tanto, que existia um lugar propício e profissional, no qual esse privilégio pudesse ser exercido. Às garotas, entretanto, cabia vivenciar sua sexualidade de forma romântica, reprimindo seus desejos, enquanto o príncipe não chegasse e o pai não permitisse! Assim, nota-se como estavam presentes nessa realidade as “oposições binárias”, citadas por Scott (1988, p.14), como masculino-feminino, ativo-passivo, público-privado, cultura-natureza, que definia os papéis de gênero.

Aí, aos 16 anos, aí eu tive uma experiência com a namorada, ta? Só que daí também não foi muito bom, não sei, porque, ela tinha medo. E a gente não falava muito essa história de camisinha. O que ela tinha muito medo é de engravidar. Então, às vezes a gente ficava, pra te ser sincero, confesso, o nome dela era V., eu não sei se alguma vez ela teve prazer comigo, ta? Cê sabe que, hoje se eu encontrasse com ela, “escuta, na época, cê sentia prazer?” Eu não sei te responder, sinceramente eu não sei. Mas a gente chegou a transar. Fazer sexo... e sabe, o medo por parte dela era muito grande, visto que a pressão sobre as filhas era muito maior. Então a filha se sentia, assim, acuada. Só pra você ter uma idéia, nessa época, as filhas tinham que voltar pra casa que horas? Falou que era 10 horas, vixe, era 10 horas mesmo. Elas voltavam pra casa. E a gente? A gente ficava até um pouquinho mais tarde, né? Como elas não sabiam pra onde a gente ia, a gente ia pra lá. Era isso, sabe?

Aos 16 anos, Fujji relata que conseguiu ter relacionamento sexual com sua namorada, entretanto, os sinais da repressão sexual que tolhiam o direito da garota entrar em contato com seu próprio desejo, já mostravam suas conseqüências, visto que a tensão, ao tentar vivenciar uma relação mais íntima, era tão grande, que o próprio prazer da garota ficava comprometido. Conseqüentemente, a experiência acabou não sendo muito boa também para o colaborador que confessa sua preocupação de não ter conseguido fazê-la sentir prazer. O grande temor era em relação a uma gravidez indesejada, visto que, assim, ficaria “público” o fato de a garota ter tido relação sexual. Novamente, nesse momento, percebemos que, apesar da prática da relação sexual com a namorada, não havia liberdade para a descoberta do prazer a dois. Assim, a garota ficou com o medo e sem o prazer, graças o conflito entre o desejo e as repressões superegóicas, enquanto Fujji ficou com a frustração de não se sentir potente o suficiente, apesar dos limites da realidade, de fazê-la sentir prazer. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001).

Nesse episódio de Fujji, podemos observar novamente a influência do que é esperado para cada gênero como um determinante importante que delinea a experiência erótica entre homem e mulher, visto que por meio das oposições binárias constrói-se um abismo entre o mundo masculino e o feminino, que estabelece regras para os rapazes absolutamente inaplicáveis às garotas e vice-versa.

Dessa forma, desde muito pequenos, menino e meninas aprendiam, segundo o relato do colaborador, o lugar social de cada um, assim como o comportamento adequado para cada um. O mundo público era desde cedo mais inacessível às meninas que logo tinham que se recolher para o privado, enquanto que esse mesmo mundo era apenas masculino a partir de uma determinada hora da noite. Esses valores embutidos

nas vivências de Fujji expressam a ideologia moderna da época, que apesar de já estar em processo de transformação, nessa época, ainda carregava em si os germes da sociedade patriarcal dividida entre mundo público (masculino) e mundo privado (feminino). A relação de poder entre os gêneros, denunciada por Scott (1988) está claramente descrita nos relatos de Fujji, desde as experiências de sua infância.

Assim, enquanto a liberdade de poder ter uma vida erótica e sentimental mais completa não vem, Fujji, aos 16 anos, vivencia o prazer sexual de forma cindida, visto que com a namorada encontra o envolvimento e o sexo sem satisfação, porém se comporta socialmente como namorado; na Zona do Meretrício, por sua vez, realiza realmente seu desejo sexual, de forma clandestina com uma profissional no assunto.

E logo depois, isso ai aos 15, nessa época era esportista, né? Sempre viajando, sempre conhecendo meninas de outras cidades, e a gente tinha um certo, um certo ar de ser até artista da Globo, por que onde você ia, você era conhecido. “ Quem é o Fujji? Ahh, ele é jogador de vôlei, joga bem!!!”. Então, essas pessoas eram de destaque, em campeonatos colegiais, né? Mais ou menos, algo que aparece nesses filmes, tipo, olha, tem uma competição de adolescentes, entre colégios, participei muito de intercolegiais, e sempre, nessas viagens, a gente sempre saia com as meninas, né? Principalmente porque parece que elas eram presa fácil, olha o termo que eu to usando, presa, porque elas achavam você interessante, né? Assim como você vê um ídolo e falar: “ Olha, quero chegar próximo dele”, com as meninas era assim. Não vou falar que a gente era um galã, nada disso, mas, a gente tinha uma posição confortável, a gente era conhecido justamente por ser jogador de voleibol, né? Por ser atleta, tá? Então o pessoal achava interessante isso, e saía, conversava com a gente, pessoalmente, nessas outras cidades que agente ia competir, né?

Aos 15 anos, Fujji se sentia um atleta do vôlei, um esportista famoso, visto que se percebia extremamente popular e idolatrado, principalmente pelas garotas, o que lhe conferia “*um certo ar de ser até artista da Globo*”. Desse modo, toda vez que ele se perguntava “*Quem é o Fujji?*”, a resposta contemplativa era encontrada como nas águas espelhadas do rio de Narciso: “*Ahh, ele é jogador de vôlei, joga bem!!!*”. Nesse momento, Narciso desfilava seu charme frente às câmeras de um filme de fantasias onipotentes, no qual centrava em si os holofotes próprios do mérito de um ídolo cercado de coadjuvantes que lhe servissem de “*presas*”, ou seja, de meros instrumentos refletores do orgulho e da auto-afirmação narcísica.

Podemos compreender por meio da descrição de Fujji que todo o cenário montado na época, em sua concepção, estava a serviço de seu triunfo, visto que ele se percebia como sendo uma “*pessoa de destaque*”, com quem as meninas ficavam aprisionadas pelo seu irresistível encantamento e sedução, como as ninfas e jovens da Grécia, com Narciso, que por sua vez, como o nosso colaborador, permanecia insensível aos seus apelos.

Desse modo, o colaborador descreve sua experiência, na qual se encontra centrado em si mesmo, de tal forma, que, como Narciso, descobre-se apaixonado por si mesmo e confessa ser as garotas apenas “*presas fáceis*”, meros instrumentos de confirmação de sua auto-estima, a qual, nesse caso, como atesta Freud (1914, p.106), advém dos “*resíduos do narcisismo infantil*” e da “*onipotência*”, atestada pelas experiências que confirmam a realização do “*Ideal do Ego*”. Elas eram “*iscas fáceis*” do machinho em plena ascensão em sua masculinidade no contexto da sociedade moderna. (MCDUGALL, 2001).

Mas depois, aos 16 anos, eu tive assim, muitas namoradas, muitas mesmo. Tá namorando uma, de repente largar e estar namorando outra. E eu não sei, eu acho que isso daí, de uma certa forma, me influenciou negativamente, de não se apegar a uma mulher. Como a coisa era muito fácil, sempre estar trocando. Eu não sei o que a Psicologia fala sobre isso, mas, eu não sei se isso é uma verdade, mas eu acho que isso aí me influenciou negativamente. Eu não tinha rabo preso com ninguém, né? Sair, por exemplo, então você vai pra uma cidade vizinha, né, a gente pegava o carro escondido, e ia pra cidade vizinha, né? E chegava lá, saía com as meninas, conhecia outras meninas, e sempre nesse esquema assim de, né, de, enfim, de aventura mesmo. Sempre estar com as mulheres, as meninas... (...) Envolvia, mas sabe, aqueles namorinhos, mas não tinha realmente uma afetividade, vamos dizer, amor, não. Porque a gente achava tudo muito descartável, acredita nisso? A condição, tipo, um grande, um grande artista, parece que tá rodeado de mulheres, cê imagina um piloto de Fórmula 1, ih, tá cheio de mulheres bonitas rodeando ele, era mais ou menos uma situação parecida, só que numa escala bem diferente, mas era essa a situação que eu particularmente vivi, na fase de adolescente, rodeado de meninas, foi essa a vivência. Mas, experiência sexual, continuava sendo lá na zona, paradoxo, né? Mesmo cheio de mulheres, não havia tanta liberdade sexual, então no fim, a nossa experiência era lá.

Narciso, em sua busca incessante pelo amor inatingível, a sua própria imagem, lança-se à procura de intensas emoções, de forma inclusive a negligenciar perigos, pegando o carro escondido (onipotência), para satisfazer seu desejo de reconhecimento e de auto-afirmação. Assim, nosso colaborador, deslumbrado pelo seu poder de seduzir, cria em sua fantasia narcísica um cenário, onde “encarna” Don Juan por meio da conquista desenfreada das inúmeras ninfas (“presas fáceis”) que lhe cruzam o caminho, jamais se envolvendo amorosamente com nenhuma, visto que seu objeto de amor não era nenhuma delas, mas sim era encontrado por meio delas, com

a sedução e o atestado de seu poder irresistível, de sua imagem apaixonante. Assim, em sua fantasia narcísica, o colaborador se comparou com um piloto de fórmula 1, rodeado de mulheres bonitas e, portanto, satisfazendo-se com a situação de sedução e de reconhecimento de sua própria imagem de poder, e não pela relação com alguma dessas mulheres, visto que elas eram tão fáceis e menos interessantes que sua imagem, que apenas serviam de adorno no cenário de sua fantasia.

Desse modo, o colaborador vivencia, nesse momento de seu desenvolvimento, uma escolha de objeto definida por Freud (1914) como narcísica, que se baseia na ilusão do retorno ao narcisismo primário, momento em que a libido objetal e a libido do ego não podiam ser diferenciadas, resultando em uma situação ilusória de retorno à situação fusional da sexualidade primitiva, que caracteriza o pensamento onipotente narcisista em relação às suas próprias atitudes e realizações. Esse tipo de escolha pode ser caracterizada, segundo Freud (1914), pela sensação que o indivíduo sente de ameaça ao colocar a “catexia erótica” em um objeto que não seja em seu próprio Ego e ser, assim, sugado, de forma a se tornar insuficiente para alcançar seu Ideal de Ego.

Podemos compreender pelo relato sincero, com o qual Fujji nos presenteou até aqui, como parecia ser custoso tornar-se homem na cultura patriarcal machista, enfrentando, sem muita orientação, as cobranças de virilidade a respeito da realização de sua sexualidade, da sua potência masculina. Desse modo, parece-nos que Don Juan, em sua atividade incessante com a figura feminina, esconde em seu íntimo um Narciso deslumbrado consigo mesmo e ao mesmo tempo curioso, porém temeroso em abrir mão de sua “catexia erótica” e ficar absolutamente sugado e envolto pelo manto da dependência do objeto amado, a figura feminina, com a qual

tenta, no momento da adolescência, como nunca, se diferenciar, se distanciar para adentrar-se no mundo dos homens. Talvez, como consequência dessa necessidade de diferenciação, o distanciamento afetivo fosse uma forma de assegurar que toda sua energia estaria voltada para o objetivo de edificar de forma satisfatória o projeto de masculinidade, implícito nos conceitos transmitidos consciente e inconscientemente para o garoto, nas imagens das figuras parentais contidas em seu Ideal do Ego. (FREUD, 1914; EIGUER, 1998).

Nolasco (1997,p.20) desenvolve um argumento que converge com nossa compreensão até o momento, visto que para o autor, a aquisição da masculinidade caracteriza-se como uma experiência solitária, uma vez que o conceito de masculinidade na sociedade patriarcal, não permite a inclusão da vivência de intimidade, tida como característica exclusivamente do universo feminino. O autor define intimidade como sendo: “*íntimo, que está muito dentro (...) ligado por afeição e confiança*”, assim, essa noção de intimidade permanece negada no processo de aquisição da masculinidade e, portanto, impedida de ser desenvolvida.

Certamente, nesse sentido o relato de Fujji exemplifica esse processo, no qual o colaborador conta que não conseguia se envolver afetivamente, mas, apenas ficar contemplando à margem do rio a sua própria imagem, pois, talvez parecesse muito perigoso mergulhar em rio profundo!

Apesar da contemplação de sua figura de macho, por meio do espelho da confirmação da própria fantasia narcísica, baseado nas evidências de sucesso com as “presas fáceis”, a realidade impunha seus limites a essa fantasia, visto que a lei da cultura da época dificultava a liberdade sexual para as garotas de sua faixa etária, assim, mesmo com seu imenso poder de sedução e persuasão, o colaborador não

conseguia ter relações sexuais com essas garotas, tendo que se contentar ainda com quem o acolhia, a grande mãe, a Zona do Meretrício.

...Me mudei pra S P, praticamente a família toda mudou pra S P. Aí, já muda o panorama, já muda o cenário. Até eu me adaptar a esta realidade, fiquei convivendo com essas namoradinhas.. Só que em S P já senti um choque grande, tá? Vários colegas transavam, as meninas transavam mais que lá no interior, né? (...) 15 anos. Aí então, só que chegou em S P, eu já não era conhecido como aqui, como jogador de voleibol, né? Então as pessoas já me conheciam menos, tá? Mas acabei namorando. E de vez em quando, a gente ia visitar a chamada “Boca do Lixo” em S P, onde se via várias prostitutas na rua, e como estava acostumado no interior, o costume não se desfez tão fácil, né? Transava com algumas garotas de programa, tá?...

Apesar da maior liberdade sexual, nesse novo cenário, Fujji não era mais tão conhecido, o que certamente fez com que ele se sentisse menos popular, menos seguro para fazer as investidas do Dom Juan implacável do interior. Nesse contexto, relata que acabou namorando, e que, apesar de maiores oportunidades em relação à experiência de contato sexual com as garotas de sua faixa etária, até conseguir se adaptar a nova realidade, a “Boca do Lixo” ainda era um refúgio. Parece-nos que as “garotas de programa” representavam para o colaborador um referencial materno de contenção de suas angústias e incertezas em relação a sua masculinidade, por meio de experiências fusionais que reafirmavam sua fantasia de “continuidade narcísica”. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001; KAËS, 1998).

Assim, podemos observar aqui a influência da cultura, da política, da história e do tempo como fatores determinantes da experiência, e dos sentidos que essa experiência têm para os indivíduos, como denunciam os autores, sociólogos e filósofos estudados em nossa pesquisa.

...E, assim, eu achava que teria que ficar independente, que já não podia ficar em casa, ai foi, foi, a época de faculdade. Só que a época de faculdade, fiz em R P, distante dos pais, né? Aí passando a viver uma nova vida, a vida em república, né? Aí realmente, a coisa parece que mudou da água pro vinho, porque aí, depois dessa data, eu nunca mais procurei uma mulher de programa, nunca mais, tá? E cê quer saber, até hoje, não mais essa necessidade. Mas aí a época de faculdade, muita festa, festas em república, e aí sempre apareceram casos. E curioso que, assim, nessa época de faculdade, eu comecei a dar aula já, né? E quando eu comecei a dar aula, eu até me lembro assim, eu tava no segundo ano de faculdade, eu fui até a vizinha cidade de B. dar aula, já estávamos em 1977, as coisas já estavam mais liberadas, mas nem tanto. Mas mesmo assim, eu comecei a sair com as minhas alunas, sabe? Sempre, sempre, assim, é uma intensidade muito grande mesmo, a ponto de uma semana sair com fulana, outra semana sair com outra mesmo. Mulherengo, galinhão, é, galinhão. Um dia cê sai com...pô, um dia cê sai com, cê sabe, isso aí não saiu da minha cabeça, e hoje eu questiono isso aí. As mulheres eram muito fáceis, sabe?

Na faculdade o colaborador longe dos pais, vivendo em república, adquire um novo *status* perdendo a necessidade de procurar garotas de programa, visto que o ambiente festivo da faculdade no fim da década de 70, com a cultura da liberdade sexual em pleno fervor como consequência da luta do movimento feminista e de tantos outros em prol da democracia e do fim das desigualdades sexuais, sócio-políticas e raciais, como nos conta Hall (1998) e Lipovetsky (2004), favoreceu a liberdade sexual.

Como resultado de um cenário social em plena mudança de valores, Fujji relata que teve muitas oportunidades de se relacionar sexualmente com as garotas, suas alunas. A intensidade com que vivia as trocas de parceiras, não se prendendo a ninguém o intriga, fazendo com que se defina como um “galinhão, mulherengo”. Esse fato na atualidade parece causar-lhe espanto e certa inquietação, visto que confessa que isso não

lhe sai da cabeça! De certo modo, o colaborador acusa as moças de serem “*muito fáceis*” e justifica esse seu comportamento “*galinhão*” como sendo conseqüência da facilidade com que as mulheres viviam sua sexualidade.

Dessa forma, o colaborador continua com a necessidade narcísica de seduzir, sem se envolver, de modo que a mulher continua sendo para ele mera “extensão narcísica” para a realização de seu Ideal de masculinidade. (FREUD, 1914).

...E assim foi e na época de faculdade, eu cheguei a namorar durante 1 ano, mas foi muito difícil, porque dava cada escapada, falava que era namorada mas, chegava as festas lá, ia em festa, sempre pintava, e nessa época foi uma coisa um pouco pesada também, não só em termos de sexo, mas também foi em termos de drogas e rock n´roll, tá? Então realmente a gente chutava uns ai, e parece que até por conta de pela primeira vez, acho que foi quando, 77 mesmo, né, fazer as chamadas orgias, transar assim com 2, 3 casais, 2, 3 mulheres, essas coisas assim sabe, né? Parece uma experiência até rica, mas assim, se cê perguntar: “Se sentia bem?”, “sinceramente não”. Mas, é, acho que era tudo pela farra, né? Pela farra. E nessa época de faculdade, surgiram muitas coisas diferentes, né? Eu me lembro que até surgiu um colega meu que, eu nunca esperava isso dele, foi quando eu tive o primeiro contato com uma pessoa homossexual, e ele se revelou pra mim, tá? Então cê leva um susto... (...) Bom, essa foi a época de faculdade, muita farra, e orgia mesmo né? A gente usava uma expressão: “bacanal.

Fujji descreve o cenário no qual experimentou sua vida acadêmica, em meados da década de 70 e relata a dificuldade de ter um relacionamento de forma mais comprometida, com maior envolvimento, visto que os valores e a cultura da época propiciavam a vivência de um “*carpe diem*”, próprio de uma sociedade “hedonista consumista”, que incentivava a experiência definida pelo colaborador como as “orgias”

repletas de sexo, drogas e rock n' roll que rompiam com os limites da tradição e da moral imposta pelas instituições modernas, como a igreja, a família e a lei do Estado. Tratava-se da ocorrência de algumas mudanças sócio-políticas e culturais que sofria a sociedade moderna, definidas por Lipovetsky (2004) como uma transição de um estágio da modernidade para outro estágio, o atual, a hipermodernidade. A época descrita pelo colaborador é definida pelo autor como uma transição, o Pós-Modernismo, no qual houve a substituição da disciplina e dos mecanismos de controle, próprios da sociedade moderna, pela lógica da “sedução”. Assim, nesse momento surge a figura do “Narciso Libertário” que, desejoso de ficar liberto das pressões sociais e das repressões sexuais, vivenciou o culto do presente, do “hedonismo individualista” legitimado pela “emancipação dos costumes” e “revolução sexual” (Lipovetsky, 2004, p.62).

Portanto, nesse contexto a vivência da sexualidade consumista, descartável e descompromissada por Narciso era ainda justificada pela “contracultura” e pela luta por uma liberdade que, com o decorrer da história, na visão do autor, tornou-se, ao contrário disso, uma prisão consumista. Nesse sentido o próprio colaborador assume que, apesar de não lhe fazer muito sentido aquelas experiências de “orgias”, a necessidade da “farra”, do “carpe diem” de promessas libertárias impunha-se, em seu caso, como uma experiência pungente.

O colaborador conta que teve pela primeira vez contato com um homossexual e diz que naquela época “*surgiram muitas coisas diferentes*”, visto que para ele essas diferenças eram desconhecidas e, por esse motivo, diz ter levado um susto com a descoberta de que nem sempre a realidade é um espelho que reflete a familiaridade. Para o colaborador, fica a idéia de que essas experiências desconhecidas, as “orgias” e a “homossexualidade” surgiram, ou foram criadas naquela época. Essa sensação de Fujji

talvez tenha ressonância no fato de que anteriormente a esse momento de tentativa de mudanças de valores culturais, a sociedade moderna era alicerçada em instituições sociais autoritárias que impunham normas rígidas, padronizando a experiência humana em um formato único no que se referia aos papéis sociais e às experiências sexuais. Em consequência da estrutura social da modernidade, as diferenças humanas eram eliminadas e mascaradas, dando a impressão, como no relato de Fujji, que a heterossexualidade era algo tão antigo quanto a constituição do mundo e que a homossexualidade se apresentava como uma novidade de uma época de novas invenções caóticas (KATZ, 1996).

Apesar da cultura como estímulo às vivências de maior descomprometimento do indivíduo com os limites da realidade, a experiência de Fujji mostra como foi difícil para ele vivenciar a interdição, a internalização dos limites, mesmo que tais vivências não lhe fossem tão significativas (EIGUER, 1998).

...Cheguei a participar de algumas rodinhas, enfim, e éramos estudantes, estudantes revoltados, revoltados e atuávamos como líderes estudantis, né? Éramos posição de esquerda mesmo, e quando a esquerda se reunia, às vezes uma esquerda festiva, mas a gente discutia problemas políticos, sempre em festinhas também, sempre rolando sexo, droga, agora, não sei se você quer que eu fale, sobre essas experiências, não dos embalos, porque os embalos, eu fazia por fazer, porque eu não me sentia bem, né? Mas tive uma namorada, a gente transava, acho que aí eu comecei a sentir um pouquinho o que que é ter troca, numa relação sexual. Mas não sei também se foi uma troca intensa, tá? Dizer que eu estava amando, apaixonado, também não consigo dizer, acho que por conta de toda essa situação favorável, fácil...

Fujji relata ter participado de inúmeras manifestações estudantis que tinham um caráter de revolta e contestação. Entretanto, ele descreve esses movimentos como sendo altamente festivos, nos quais vivia-se o consumismo de drogas, sexo e cultura de forma hedonista e descompromissada. Para Lipovetsky (2004, p.62) esse momento sócio-político-cultural foi definido como Pós-Modernismo e tinha como expectativa o rompimento com a estrutura da sociedade moderna capitalista, entretanto, isso não ocorreu, visto que os movimentos contestadores como os movimentos estudantis de esquerda, os quais o colaborador diz ter participado, assim como maio de 68, caracterizavam-se, na visão do autor, mais como uma “revolta sem objetivo futuro, antiautoritária”. Assim, afirma ter sido a “libertação dos costumes” mais norteada pela festividade e contemplação das paixões do presente, do que a preocupação com as possíveis grandes conquistas do futuro.

O colaborador relata ter tido uma namorada com quem pôde viver, em pequeno grau um prenúncio de integração entre afeto e sexo. Entretanto, segundo Fujji, o momento, a cultura do culto ao “consumismo hedonista” e seu próprio funcionamento predominantemente narcisista o impediam de se envolver de forma mais significativa, de amar e viver maior satisfação em um relacionamento.(FREUD,1914; LIPOVETSKY, 2004).

## Velha Roupa Colorida

(Antônio Carlos Belchior)

Você não sente nem vê

Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo

Que uma nova mudança em breve vai acontecer

E o que há algum tempo era jovem novo

Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer

Nunca mais teu pai falou: "She's leaving home"

E meteu o pé na estrada, "Like a Rolling Stone..."

Nunca mais eu convidei minha menina

Para correr no meu carro...(loucura, chiclete e som)

Nunca mais você saiu a rua em grupo reunido

O dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor, quero cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente

E o passado é uma roupa que não nos serve mais

No presente a mente, o corpo é diferente

E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Como Poe, poeta louco americano, eu pergunto ao passarinho:

Black bird, Pássaro preto, o que se faz?"

E raven never raven never raven

Pássaro Preto, black bird me responde: "Tudo já ficou atrás"

E raven never raven never raven

Black bird, Pássaro Preto, Pássaro Preto me responde:

"o passado nunca mais"

### **Categoria III- A vida Adulta e suas vicissitudes**

...As mulheres, cê podia de repente com uma boa conversa, com um bom papo, você podia chegar lá e, né, acabar conseguindo. Tipo assim, “olha, eu consigo é, vou lá, que...”, por exemplo, qual é a minha intenção? Eu quero transar com fulana, então, eu não posso chegar e simplesmente falar: “ eu quero”, então vou fazer um serviço ali, vou jogar isca, vou batalhar, enfim, vou conseguir. E parece que ...ah, e quer saber, eu me achava o máximo, infelizmente. Cê se acha com um poder violento, porque você consegue persuadir, ou você consegue engambelar as mulheres, enganar até sabe, me sentia assim. Por isso que eu acho que é uma situação muito parecida com o que eu estava vivendo na fase de adolescência, porque aí eu passei a ser professor, né, e aí a faculdade vai *acabar, né, e* mesmo assim, acabando a faculdade, já era professor. Cê imagina um professor de cursinho, com 22 anos, começando a ganhar dinheiro, tendo um carro na mão, aí cê sabe o que eu fiz né? (...) Muitas mulheres novamente, tá? Muitas mulheres. Saía demais, assim, com as alunas, eu gostava dessa farra. Aí eu comecei a sair muito com aluna, eu e aluna, olha, mas eu já tava com 22, 23, e as alunas sempre bem mais novas, 17, 18 anos, né? E assim, às vezes não é só o fato de sair. Às vezes achava bom, porque um dia saía com uma, outro dia saía com outra, continuava com o mesmo pensamento, e invariavelmente nas saídas a gente acabava fazendo sexo, né, tive várias experiências.

Dom Juan, ao adentrar no caminho da vida adulta ainda percorre a trilha da necessidade narcísica de superar desafios e conquistar as mulheres, de modo que sua potência e sensação de dominação em relação à figura feminina o satisfaz mais do que a tentativa de estabelecer uma relação de intimidade, na qual a mulher não sirva apenas de isca para um caçador voraz por auto-afirmação. Há, segundo o colaborador, um “gozo” pelo triunfo e pela dominação do sexo oposto, o qual serve apenas como extensão do próprio desejo narcísico de Dom Juan de se auto-enamorar, ou seja, como definiu Freud

(1914, p. 110): “*O que ele projeta diante de si como sendo o seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal*”. Nesse momento, Fujji compreende que, apesar de já estar trilhando os caminhos da vida adulta, o seu comportamento e suas necessidades permanecem as mesmas da adolescência, visto o modo como se posiciona em relação ao seu desejo e em relação ao tipo de escolha de objeto que realiza, na qual ainda não há a inclusão do outro (a mulher) em sua configuração psíquica.

...Mas aí, curiosamente nessa época eu tava meio vacinado já, né? Apesar de tudo isso que eu passei, tá, eu nunca tive uma doença venérea, mas por cuidados também, não é chegar lá assim. E isso daí, realmente depois, eu tinha uma, um medo, medo porque um dia me aconteceu uma coisa. Eu estava namorando uma menina, e até hoje eu também não sei se isso é verdade, tá, e a gente tava namorando, e um certo dia a gente transou (...) passado dois meses a gente separado, e ela falou: “olha se você não sabe, eu fiz...” eu falei: “o que que ce fez?” “Eu fiz um aborto”, falei: “como?”, “é um aborto, lembra aquele dia?”, falei “lembro” “então mas eu não quero filho, então não queria nem te falar, então eu fui lá e fiz”. Eu realmente não sabia o que dizer pra ela, e não sei se é verdade também, tá? (...) E não conseguia sentir se ela tava mentindo, se ela tava falando a verdade. Então, a partir desse dia eu fiquei mais cauteloso, sabe? Então com essa pessoa que aconteceu, com essa mulher que aconteceu, eu comecei a desconfiar, desconfiar de muita coisa. *Ce quer saber? Até de mim, sabe?* A ponto de chegar, com farmacêutico, “deixa eu fazer um exame”, mas, não deu nada. Fiz até exame de espermograma, será

que eu sou fértil mesmo? Sabe, umas coisas começaram a passar pela minha cabeça. Isso aí, vou te falar, tava com uns 27 anos...

Tudo se desenrolava calmamente em uma trajetória familiar e facilmente controlável para Dom Juan, quando, certo dia, a realidade impõe-se à ilusão onipotente de controle absoluto de si mesmo e do outro. Assim, quando a ex-namorada de Fujji conta-lhe que havia feito um aborto sem ao menos comunicá-lo, o colaborador toma um choque, ficando paralisado sem saber o que dizer a ela, visto que compreende, de forma inesperada que o “outro” existe além de seu desejo e de sua ilusão de controle. Portanto, por esse motivo e por nunca ter desenvolvido a capacidade de estabelecer uma relação de troca e de intimidade, não conseguia discernir se o que sua ex-namorada estava lhe contando era verdade ou mentira. A partir dessa experiência, o colaborador começa a descobrir que não apenas não controla toda a realidade, assim como desconhece as diferenças e conseqüências da existência. Assim, Fujji relata a surpresa e angústia da descoberta da “alteridade” e das “diferenças” em relação ao “objeto de desejo”. (MCDUGALL, 2001).

Desse modo, nesse momento de abalo da onipotência narcísica, Fujji relata que começa a desconfiar de suas próprias ilusões, inclusive pondo em questão algo antes inquestionável, as certezas a respeito de si mesmo, como por exemplo, em relação a sua potencialidade de ser fértil. Nesse mesmo sentido, o colaborador começa a se preocupar com as conseqüências de seus próprios atos, visto que a realidade, como a da existência de doenças venéreas, as quais já tinha ciência, mas que, a partir dessa experiência começou a perceber que poderia ocorrer também em sua vida. Essa noção de uma realidade que exista independentemente de seu desejo foi sendo desenvolvida pelo

colaborador, a ponto de assumir que, apesar de não gostar de usar camisinha, adotou, pois percebeu que não vale a pena arriscar, como relata:

Em termos de sexo, aí, né, isso aí já vem de um tempinho (...)  
Preocupação com a AIDS, né, eu me cuido sim. E não me acostumei  
muito a fazer o sexo com camisinha, acho ainda um pouquinho  
desconfortável, não me sinto muito a vontade, tá? Mas não vale a pena  
o risco, então, quando se faz, lógico, sexo seguro.

Nesse momento, o colaborador abandona a forte defesa narcísica da onipotência e em um ato de “sobrevivência” entra em contato com a angústia da “castração”, aceitando a imposição dos limites da realidade, que, nesse aspecto, se convence de não poder manipular. (EIGUER, 1998).

Sendo assim, o colaborador conta que aquele sonho libertário da década de 70, de sexo livre, de prazer irrestrito, a partir do final da década de 80, começa a não ser mais possível de ser idealizado, visto que a realidade social é outra e novos desafios se impõem contestando a utopia da conquista de real liberdade das opressões. Fujji cita o advento da AIDS como uma pedra no caminho, rumo à ilusão do “Narciso Libertário”. Lipovetsky (2004) defende que a AIDS, assim como inúmeras outras conseqüências do aprofundamento da lógica capitalista hedonista na sociedade atual (hipermoderna), como a violência, o hipererotismo, a poluição, etc., mostram que a euforia do momento esperado como revolucionário do pós-modernismo não durou muito, visto que outras pressões surgirão para o indivíduo. A diferença consiste, no fato de que, segundo o autor, na sociedade hipermoderna, a pressão não vem da norma imposta pelas instituições sociais como na sociedade moderna, mas sim de uma realidade, fruto da exacerbação do individualismo e do consumismo, na qual o indivíduo perdeu

referências de instituições coletivas, que o oriente em suas escolhas, ocasionando um sentimento de solidão e temor frente às inúmeras conseqüências que a própria escolha individual pode acarretar.

Assim, Fujji descreve nitidamente seu percurso, com suas características psíquicas próprias, que foi sendo moldado segundo os valores e as mudanças desses no decorrer do desenvolvimento da sociedade moderna. Assim, percebemos como sua trajetória pessoal foi sendo delineada pela interlocução com os sujeitos coletivos em cada momento sócio-político-cultural que participou.

Decidi, comecei a ficar meio, meio esperto assim. Aí depois disso, comecei a namorar, namorar sério, sério que eu digo, só sair com uma pessoa mesmo, né? E com essa pessoa eu passei até a morar junto, tá, como se estivesse casado, mas oficialmente, nada. E, só que era uma relação muito conturbada, a ponto de ela a todo momento dizer o seguinte: “Eu quero casar com você”. Falei: “Mas, escuta, eu to muito novo ainda, não quero casar”, achando que tinha que aproveitar mais a vida, né, isso com 27 anos, nunca me passou essa idéia, mas morando junto. Só que, quanto foi, 5 anos morando junto, mas não foram 5 anos, foram 5 anos cronológico, mas acho que de trocar figurinhas, de trocar idéias, foi menos do que um ano, porque a gente era mais de cama mesmo, mais de sexo, não de troca de amizade, de cumplicidade, infelizmente. E acho que ela era meio... ela era meio tarada, acho que eu também, vou usar assim, acho que eu também, a gente era meio, meio, Michael Douglas, a gente gostava de fazer sexo. (...) Agora, a cumplicidade do amor, do companheirismo, isso quase a gente não tinha. (...) ...acho que pode até contar isso, nós ficamos, uma vez nós fomos pra motel, né? Não havia necessidade de motel, porque tinha o apartamento, mas nós fomos pro motel, e de ficar assim, o dia inteiro, tipo assim: “hoje é o nosso dia”, quer dizer, quem disse que agüentava o dia inteiro, era só meio só, depois dormia mesmo. Mas olha, essas loucuras que a gente fazia, né, é muito, muito sexo mesmo,

tá? E pouquíssima cumplicidade. *Enfim*, parece que sexo não segura casamento, sexo não segura uma união, só isso não segura. Acho que faltou uma das coisas que é o alicerce, que é a cumplicidade, tá?

Fujji relata que aos 27 anos, após ter questionado inúmeras certezas a respeito da forma como havia vivido até o momento, decide namorar sério, ou seja, ficar com uma pessoa apenas. Desse modo, o colaborador foi morar junto com sua namorada, comportamento impensável na sociedade moderna, nos anos de sua infância e puberdade, entretanto, com o processo de “emancipação dos costumes”, foi possível de ser vivido pelo colaborador (LIPOVETSKY, 2004). Assim, por intermédio dessa oportunidade, conta-nos que pôde vivenciar a experiência de união com uma mulher, sem precisar assumir formalmente, visto que ainda se sentia novo e incapaz de fazê-lo, apesar da freqüente cobrança de sua namorada.

O colaborador ao atribuir sentidos para sua experiência, observa que esse relacionamento resumiu-se à troca sexual, visto que cumplicidade e companheirismo não foram possíveis de serem vividos. Assim, para Fujji, essa relação não atingiu o nível necessário de profundidade para se constituir em uma união duradoura entre um casal. Visto que o colaborador descobriu que é necessário muito mais do que a troca sexual para duas pessoas se constituírem em um casal conjugal. Para ele, faltou a “*cumplicidade do amor*”, a “*troca da amizade*”, que definiu como sendo o alicerce de uma união.

Assim, ao viajarmos juntamente com Fujji em sua história, podemos observar que desde o início de sua vivência púbere, a figura feminina ficou cindida, na qual, cada metade dessa cisão representava a projeção de um significado. De um lado, a figura com quem sentia interesse em se relacionar, com a qual estaria proibida a vivência do prazer

sexual, permanecendo idealizada, do outro lado, estaria a mulher própria para realizar o prazer sexual, mas imprópria para se relacionar.

Parece que, ao fazer uma tentativa de relacionamento adulto, Fujji repete esse padrão conhecido, visto que, ao sentir-se despreparado para uma relação de troca psíquica, na qual o “outro” exerça um papel fundamental em sua própria mente, elege inconscientemente uma companheira que serviu de complementaridade para o sentido da representação do que poderia vivenciar em uma relação a dois. Assim, relacionar-se com uma mulher que lhe acompanhasse na intensidade sexual, mas que não fosse capaz de, com ele, formar um casal de possibilidades de troca afetiva parecia ser a “representação psíquica de casal” possível para o colaborador. Kaës (1998, p.09) ao explicar a transmissão psíquica entre gerações, observa que o que é transmitido por nossos ancestrais e pelo grupo em que vivemos são os objetos dotados de “vínculo” e os “sistemas de relação de objeto”. As características desses objetos transmitidos são positivas, como os “ideais”, os “mecanismos de defesa”, as “certezas” que sustentam os “vínculos intersubjetivos”, e negativas como a “falta”, a “doença”, o “recalcamento”, os “objetos perdidos”, etc.

Para Eiguer (1998, p.23), a transmissão psíquica entre gerações permite a herança do “modelo de parentesco”, o qual orienta os lugares de cada membro no grupo familiar, indicando com precisão as proibições, influenciando na constituição do superego individual. Assim, é por meio do vínculo afetivo existente entre o casal que se intercomunicam as “representações de objeto” e os sentimentos que irão ser transmitidos para o indivíduo. Essas representações e sentidos direcionam o tipo de parceiros, escolhido assim como o estilo de família que deseja constituir e os valores educacionais seguidos segundo o ideal familiar transmitido pelo modelo dos ancestrais.

Portanto, os “objetos ancestrais” podem ser atraídos para a ligação com outros objetos de outros indivíduos que possuam configurações, não raramente, complementares as suas.

Por esse motivo pode-se identificar a repetição de um padrão de escolha de um objeto com característica específica que configure o sentido necessário para a constituição da representação de casal e de família, de masculinidade ou feminilidade conforme lhe foi transmitido e simbolizado. Para Eiguer (1998), as “analogias” e “complementariedades” entre as representações ancestrais de cada casal resulta em uma configuração específica que pode ter uma tendência que se baseia mais na “castração” e, conseqüentemente, na individuação e, portanto, na existência do outro na relação, ou tendencialmente baseando-se na “sedução”, própria do narcisismo e da indiferenciação do Ego com o objeto.

Na experiência descrita por Fujji, o sentido da complementaridade das representações dele e da namorada como um casal era tendencialmente baseada na sedução, visto que havia uma impossibilidade de percepção da necessidade do outro e, portanto, da cumplicidade e intimidade afetiva. Essa dificuldade justifica-se na visão de Nolasco (1997, p.27), pois, *“para construir relações de intimidade é necessário primeiramente sentir-se e saber-se diferenciado”*. Quando isso não se faz possível, segundo esse autor, criam-se “estratagemas” para conseguir se relacionar como, por exemplo, o modelo “homem de verdade”, o próprio modelo machista de masculinidade patriarcal, o qual concebe o ser homem narcisicamente onipotente, impossibilitando-o de desenvolver o treino das relações de intimidade. Fujji em sua história conta-nos claramente o quão foi influenciado por esse modelo.

Longo em seguida já tava na fase dos “inta”, 32 e dois aí. Não achava ainda suficiente. Muitas viagens, dava as férias, saía viajando por aí, e invariavelmente acabava encontrando as mulheres, né? E isso acho que ficou assim. Aos 34, juntei novamente, mas assim, juntei com uma pessoa bem novinha, de 20 anos, e gostava muito dela, ainda assim, acho que é doença isso. Sexo também, sabe? A mesma história se repetiu com a primeira, a mesma história. Então, acho que sexo eu vivi intensamente, tá, intensamente, só que com ela foram 3 anos, tá, quer dizer, foi até mais curto que com a primeira. Aí, depois disso eu comecei, sei lá, comecei a questionar, sabe, que tava, que eu tava achando difícil ter relacionamento...”

Fujji continua sua trajetória em busca de seu objeto de amor, entretanto, apesar dos trinta anos, conta que ainda não achava suficiente tudo o que já havia vivido e continuava em busca de aventuras, de viagens e de mulheres. Dom Juan ainda dava os seus sedutores sinais, típicos do “homem de verdade”, incontestável nos pontos em que havia de ser, no sexo, porém inexperiente no calor da intimidade psíquica (Nolasco, 1997). O colaborador inicia uma nova relação amorosa, na qual o sentido da experiência vivida repete-se de maneira que o relacionamento possível traduz-se por meio, predominantemente, do contato sexual. Esse fato incomoda Fujji que resolve não mais morar junto, visto que começou a achar muito “*difícil ter relacionamento*”. O colaborador, ao relatar essa repetição histórica de sua vida, tem a percepção de que alguma coisa o impedia de viver algo diferente desse sentido que se repetia como uma farsa em seus relacionamentos amorosos. Por esse motivo, exclama indignado “*acho que é doença isso*”, uma vez que, talvez perceba que essa repetição caracterize-se por uma dinâmica inconsciente que o aprisiona.

Nesse sentido, Bollas (1989 **apud** MCDOUGALL, 2001), desenvolve os conceitos de “fado”, como oposição à noção de “pulsão de destino”. O primeiro define

todo o acontecimento que é independente dos esforços do indivíduo e sobre os quais não possui nenhum domínio, ou seja, o inexorável. A “pulsão de destino” refere-se ao desejo do indivíduo de “utilizar objetos”, com os quais consiga “articular” movimentações e mudanças em direção ao sentido de um self realmente percebido como autêntico. Ou seja, trata-se do potencial de iniciativa do indivíduo para modificar algum tipo de realidade interna ou externa.

Mc Dougall (2001) atesta que, no decorrer do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo, muitos são os desafios a serem transpostos para a superação dos estágios mais primitivos da sexualidade. Desse modo, esse desenvolvimento não ocorre de forma linear, pois pressupõe vivências traumáticas que expressam os conflitos psíquicos entre as pulsões internas e as forças repressoras externas. Certas vivências, sentidas como traumáticas pela mente ficam fixadas, sendo “relembradas” por intermédio de repetições de mecanismos psíquicos inconscientes, com o objetivo de dar uma resolução para situações primitivas que permaneceram incapazes de ser aceitas e integradas no psiquismo.

Essas repetições, na visão da psicanalista, não estão a serviço do instinto de morte, como defendia Freud, visto que para Mc Dougall (2001) elas servem como meio de o indivíduo tentar manter inatingível o sentimento de identidade sexual e subjetiva, entretanto, a dor psíquica dessa prisão, quando percebida, pode servir para o indivíduo rever suas verdades, a ponto de ir em busca de modificar o seu “destino”.

Fujji, no momento em que relata sua repetição, compreende o sentido de aprisionamento que o dificulta de estabelecer uma relação mais autêntica, mais própria de seu desejo de troca afetiva, que parece crescer com o avançar da idade, como continua a nos contar.

#### **Categoria IV- A reflexão dos ventos da meia-idade**

Depois disso, não juntei mais. Fiquei assim namorando só, e o último namoro mesmo, foi em 99, tá, 99. E um detalhe, todos esse namoros, sempre a mulher, mais nova do que eu. Primeiro as alunas, mas mesmo depois, quem eu namorei era bem mais nova do que eu até, sabe, não sei, parece que é aquela coisa de, vou usar uma expressão aqui “carne nova” , sabe? (...) ...chegou em 99, eu terminei um relacionamento, uma pessoa também bem mais nova do que eu, uma ex-aluna também. A gente viveu bons momentos, e com ela eu consegui de uma certa forma, mesmo tendo assim, um relacionamento de sexo, mas a gente conseguia ser um pouquinho cúmplice. (...) 2 anos que valeram a pena. Só não deu certo, porque depois ela foi estudar fora de R, e a gente acabou perdendo o contato...mas essa coisa boa que tinha, era o seguinte: era que a gente conseguia conversar, mesmo ela sendo bem mais nova que eu, ela foi uma pessoa muito, eu acho, vivida porque ela sofreu, né, em termos de relacionamento com pai e mãe, ela se virava muito bem. Ela tava muito firme nas coisas que ela queria, tanto é que ela batalhou, entrou na faculdade, (...) sendo que às vezes, eu que preciso disso, eu fico admirando essa pessoa. Então ela servia de exemplo pra mim, apesar de bem mais nova, né? Tirando obviamente essa parte de sexo. Então acho que essa é uma cumplicidade legal, de mesmo ela sendo uma pessoa mais nova, sentir que ela é uma pessoa firme, né, capaz de tomar decisões né, quer dizer, agir como uma pessoa adulta, mesmo tendo pouca idade, né, ela tinha 21 anos, isso eu achei legal. (...) Então acho que essa foi a cumplicidade, coisa que realmente eu não vi nas

outras. A gente via muito é sexo mesmo, e, como eu falei pra você, em parte eu acho que isso me atrapalhou. Durante esse longo tempo, acho que eu vivi uma coisa só, não soube enxergar um outro lado, tá?

Fujji volta-se novamente para algumas repetições em relação à escolha de suas companheiras amorosas, como por exemplo, o fato de serem bem mais novas do que ele e utiliza a expressão “carne nova” para justificar a sua atração. Parece-nos que mais uma vez o colaborador nos deu a dica a respeito do sentido que essa característica poderia estar representando em suas escolhas. Ao escolher mulheres muito mais novas do que ele, as chances de viver uma relação mais descomprometida com as obrigações da vida adulta, como a expectativa de casamento e filhos, eram muito maiores, visto que o interesse de mulheres mais novas certamente estaria mais de acordo com o mundo adolescente das descobertas e aventuras sexuais do que com o desejo das aquisições dos compromissos da vida adulta.

Entretanto, dessa vez, Fujji se surpreendeu, visto que mesmo sendo mais nova, sua namorada era, em sua definição, “*mais vivida*” e certamente mais amadurecida, por ter vivido algumas dores em sua história de vida, o que lhe proporcionou, em sua visão, maiores condições para “saber se virar”. Com essa garota, Fujji conta ter vivido pela primeira vez algum tipo de cumplicidade que ficou representada para o colaborador pela sua capacidade de conversar e de ser firme em suas atitudes, de “*agir como uma pessoa adulta*” ou seja, de transcender a condição de fusão da relação sexual insaciável que tomava todo o espaço de suas relações anteriores. O colaborador conta, então, como precisava de uma pessoa com essas características ao seu lado, alguém que lhe servisse de exemplo e lhe orientasse o caminho a seguir, visto que se sentia enfraquecido para

percorrer o caminho da vida adulta. Fujji se sente compreendido e satisfeito, quando consegue estabelecer uma relação com uma pessoa que lhe mostra a possibilidade de entrar no mundo simbólico da palavra, do sofrimento resultante das dificuldades com os “pais”, da firmeza inerente à vivência da lei do pai, único caminho possível para a conquista de aquisições pessoais realmente autênticas, as quais observou em sua companheira.

Por intermédio do conceito de transmissão psíquica entre gerações, Eiguer (1998) defende que o filho realiza uma fantasia a respeito do lugar que cada genitor ocupa na genealogia familiar, assim como a função de cada um no “vínculo de geração”. Da mesma forma, os pais também investem a criança desses afetos, funções e expectativas. Kaës (1994 **apud** EIGUER, 1998) ao compartilhar a concepção de que, por meio da “fantasia da transmissão psíquica” o indivíduo constrói inconscientemente uma idéia a respeito do lugar que ocupa no “vínculo de gerações”, conferindo um significado para o que lhe acontece como resultado de sua história ancestral. Ou seja, a fantasia de transmissão serve de “mediadora” para a construção da “representação psíquica”.

Entretanto, quando os “elementos psíquicos” não foram transformados e simbolizados pelas gerações anteriores, há a impossibilidade da transmissão acompanhada de fantasia. Nesses casos, a “transmissão bruta” torna-se traumática, ocasionando uma repetição dos “*objetos psíquicos não acolhidos pela função simbolizante da palavra*” por meio das gerações. (KAËS, 1994, **apud** EIGUER 1998, p. 39).

Tudo indica que Fujji começou a perceber os aspectos de sua vida mental, existentes em toda mente humana, que estão aprisionados na repetição de uma

configuração de objetos psíquicos que não puderam ser transformados pela função simbólica da palavra e, portanto, permaneceram no *status* das “coisas brutas”, que repetidamente pedem lugar mental de simbolização. Esses são os aspectos mentais que caracterizam o “fado”, o qual cada indivíduo fatidicamente herda, tendo, entretanto, a escolha, no decorrer de seu desenvolvimento pessoal de transformá-lo em “destino”, conforme seu desejo de modificar o rumo de sua história. Essa transformação dependerá da capacidade do indivíduo de responsabilizar-se pela relação de seus objetos internos, e pela forma como eles serão orientados, segundo a própria “pulsão de destino” (Bollas, 1998 **apud** MCDOUGALL, 2001, p.129).

Em seu momento de reflexão, Fujji tem um insight e conclui: “*A gente via muito é sexo mesmo, e, como eu falei pra você, em parte eu acho que isso me atrapalhou. Durante esse longo tempo, acho que eu vivi uma coisa só, não soube enxergar um outro lado, tá?*” O colaborador anuncia, então, os prenúncios do seu desejo de mudança, ao compreender que gostaria de mudar a direção do sentido de sua trajetória, ampliando os aspectos do que ainda poderia viver.

Tipo, a questão de você ter um filho, por que eu não tive um filho? (...) Eu acho que a partir do momento que você tem um filho, isso em tese, em teoria, a criança, ela tem que ter a figura do pai e da mãe, senão ela vai se, ela vai, entre aspas, ser “defeituosa”, e não adianta nada você falar assim: “mas a figura do pai não é importante, a figura da mãe não é importante”, os dois são importantes, e cada um acho que tem seu peso, na formação, personalidade da criança, sabe? E olha que eu leio bastante sobre criança, prá tê um dia, eu acho que poder se de repente eu falar assim: “ não, agora eu vou ter”, é um risco que eu corro, falar assim: “como é que é educar meu filho?”, qual é a melhor maneira, se é que existe a melhor maneira, não sei, porque também nunca criei, mas a gente se adapta a uma nova situação... (...) Eu acho que é isso...eu vi que... tinha muito medo, e tenho mesmo, medo de

por exemplo de, agora, eu tinha medo de criar um filho. Agora eu tô percebendo que o medo não é de criar um filho, sabe? Acho que é medo de não conseguir ter um filho, é...eu não posso ter um filho, com qualquer mulher, né? Lógico que eu tenho que procurar, mas , ce entendeu minha preocupação? Não posso sair caçando as mulheres, como às vezes eu fazia, né? (...) Se eu vou ser um pai biológico, tem que ser com uma mãe que pelo menos me dê essas coisas né? Que também tenha cumplicidade, que se não eu acho que não vale a pena, é preferível ficar pra titio mesmo, né? E se tiver que deixar uma semente, tudo bem, mas que seja nessas condições. E agora to... fez pensar nisso, por dois motivos: já tava sentindo que deveria mudar. Depois, com a morte da minha mãe, né? Acho que isso ajudou a acelerar...

Fujji se insere no cenário no qual se localiza o cerne de sua questão traumática frente a frente com a Esfinge da reflexão, realiza um insight a respeito de sua própria verdade, daquela que o submete à prisão psíquica. Lentamente o colaborador compreende o sentido de sua impossibilidade de ter tido um filho. Fujji tem um profundo insight ao perceber que não tem medo de criar um filho, mas sim de não conseguir ter um filho, visto que começou a entrar em contato com sua dificuldade de possuir a figura paterna e materna unidas como um casal, no cenário de sua vida psíquica.

Sendo assim, questiona-se como pode ser pai e sente dificuldade em formar com uma mulher um casal para ter um filho. Segundo a perspectiva psicanalítica, pode-se considerar que o colaborador está se referindo ao seu desejo de integrar a figura materna e paterna, por meio de reparações, de forma que não se sinta “*defeituoso*” nem de pai, nem de mãe, para poder exercer essas funções consigo mesmo, principalmente na ausência concreta dessas figuras na atualidade. E então, após essa conquista poder vir a ser pai, constituindo um casal com sua companheira para que esse ponto traumático de

sua história não seja transmitido como uma “herança fatídica”, fadada à repetição para seu filho. Assim, na explicação de Kaës, para que a experiência traumática possa ser transformada, os “objetos psíquicos” devem ser acolhidos por meio de representações simbólicas. A partir de então essas representações podem ser transmitidas por intermédio da “transmissão psíquica com fantasia”, com a qual o indivíduo pode ressignificar o conteúdo transferido, pois pode se posicionar dentro do sentido recebido nesse processo (KAËS, 1994, **apud** EIGUER, 1998, p. 39).

Fujji começa a perceber a sua responsabilidade nesse processo de compreensão dos sentidos inconscientes que lhe “pedem” simbolização, os quais são responsáveis por suas dificuldades de relacionamento de ser pai, ou seja, de sentir-se capaz para essas aquisições da vida adulta. O colaborador parece vivenciar um momento de intensa fertilidade em relação à percepção de suas questões mentais e parece esforçar-se para compreender a origem de seus conflitos. Parece-nos que Fujji caminha passo a passo em direção de sua verdade, atribuindo-lhe sentido, com o desejo de seguir a trilha da existência, marcando suas próprias pegadas.

Deixa eu contar o caso, 2002, foi mais ou menos nessa época de frio, em julho, eu não fui nem viajar, porque estava em dificuldades financeiras, mas nesse dia, eu comprei uma garrafa de vinho e, sozinho, eu falei: “bem que poderia ter uma companheira aqui”, mas não era isso que eu queria, eu queria que fosse uma reflexão da minha vida. O fato é que eu não consegui muito bem, porque eu acabei tomando a garrafa de vinho inteira, e eu fiquei meio grogue, fiquei meio atrapalhado, acabei dormindo. Mas no dia seguinte, deu pra retomar algumas coisas, acho que deu né, mas foi assim, uma tentativa de querer começar, digamos assim, uma maneira nova de encarar a vida, tá? Mas isso aí, assim, me trouxe algumas ansiedades, e a ponto de (...) eu ficar julho, agosto, setembro, outubro, sem sair com mulher. Falei assim : “ eu quero mudar”, e fiquei mesmo numa abstinência de

4 meses, sabe, acho que é até engraçado você ouvir isso daí, mas foi, isso que aconteceu, no sentido de refletir mesmo, sabe, né, tá bom (...) Então, quer dizer, até eu estranhei, eu falei: “poxa vida, mas deixa eu ver se eu mudo”, mas acho que, sei lá’, isso aí é pra enriquecer, a minha preocupação de querer mudar, sabe. (...) E eu espero, eu acho que estar ciente e achar que eu estou pensando corretamente, e que eu possa atingir esse novo objetivo, tá?

Em uma época fria do mês de julho, Fujji de férias, resolve comprar uma garrafa de vinho e sente o anúncio da falta: *“bem que podia ter uma companheira aqui”*. Entretanto, compreende que antes de conseguir viver a experiência do encontro, necessitava naquele momento olhar dentro de si, mesmo que a solidão da noite fria o levasse ao encontro com a dor da percepção dos limites de sua existência humana.

Nesse momento Fujji vive o desejo de reconhecer os seus sentimentos mais profundos, suas verdades, mesmo que por meio da dor e da sensação de vazio. Entretanto, o colaborador se entorpece no embalo dessa introspecção, regada a vinho, e adormece. No dia seguinte consegue retomar o sentido de sua vivência e compreende o seu desejo de desenvolver *“uma maneira nova de encarar a vida”*, ou seja, de mudar. Essa reflexão suscitou em Fujji certa ansiedade, resultando em uma tentativa de mudança pelo controle racional daquilo que o colaborador julgava ser o seu ponto fraco: o desejo insaciável de sexo.

Entretanto, ele observa que sua abstinência de sexo durante 4 meses foi apenas uma tentativa de assegurar sua vontade de mudança e sua capacidade para isso. Talvez uma forma de se forçar a ficar mais recolhido em si mesmo na tentativa de poder enxergar e pensar melhor em suas experiências.

Fujji, nesse momento de sua trajetória, encontra-se frente a frente com sua *“pulsão de destino”* e fica ansioso em conseguir mudar o *“fado”* psíquico, o qual

percebe estar delineando a sua história, o que não mais o satisfaz. Desse modo, Fujji começa a perceber as suas dificuldades em desenvolver-se em algumas áreas da vida adulta e a se responsabilizar por essas dificuldades. Essa compreensão produz em Fujji ansiedade e desejo de conseguir transcender esses limites e começar a escrever uma nova história, na qual ele possa direcionar o seu destino de forma mais consciente em relação a sua “herança fatídica” ( Bollas, 1989 apud Mc Dougall, 2001, p. 129).

Então hoje eu não vejo mais a companheira que eu quero apenas como sexo, eu acho que, mais do que nunca eu preciso dessa cumplicidade, eu preciso aumentar a minha, digamos assim cultivar mais o lado espiritual, sabe? Isso agora então tem que treinar, coisa que eu acho que eu nunca treinei, até agora. Então isso me incomoda um pouquinho, como fazer, acho que estou meio desorientado, né? Isso me incomoda e certas vezes me chateia. Que antigamente parece que eu não ligava ao sair com a mulher, hoje eu ligo em querer sair com a mulher, mas que ela seja companheira, e que não seja apenas uma mulher companheira pra sexo, sabe? Então acho que é esse, essa a mudança hoje. Afinal de contas, 46 anos, não sei, já é muito tempo, passou da hora de mudar. (...) Eu acho que se eu me envolver com uma mulher agora e partir pro desespero, eu vou simplesmente é quebrar a cara, aí vai ser pior depois remendar. Agora, eu também, por outro lado, já ouvi dizer o seguinte: se você não arrisca, ce também não vai ver nunca sua cara quebrada. Então também às vezes, vale a pena correr o risco, se não der certo, tenta de novo, sabe? Eu só não sei se eu tenho tanta paciência assim...sabe, sou do tipo assim, bem pé no freio...

Fujji, ao refletir, descobre que já houve mudanças em suas necessidades, visto que na meia-idade, o colaborador se importa com o fato de ter uma companheira com quem seja capaz de viver uma cumplicidade que se estenda além da cama e do prazer sexual. Essa necessidade não existia anteriormente, entretanto, ao vivenciar alguns desencontros, o colaborador começa a entrar em contato com suas fragilidades, ou seja, com a própria dor da existência o que o assusta, mas ao mesmo tempo o impulsiona a desejar dividir todas essas descobertas com alguém que o acompanhe, de forma a ser cúmplice dessa realidade existencial que se impõe.

Essa procura por um objeto diferente de si mesmo, o qual tenha que buscar fora de suas fantasias, e que, portanto, não consegue manipular e controlar, visto que esse existe independentemente do seu desejo, suscita no colaborador o temor de “*quebrar a cara*”. Ou seja, de investir em um objeto de amor (“escolha anaclítica”), de modo a ficar dependente afetivamente e correr o risco de não ser correspondido, o que lhe ocasionaria uma dor psíquica referente à ausência do “objeto amado”; a dor da falta, que desnuda a fatídica condição da incompletude humana, própria de um “ser castrado”. Assim, o colaborador vivencia o conflito entre permanecer no castelo de Eros, cego pela indiscriminação de seu “Ego” com seu “objeto de desejo”, ou ir em busca de seu “apetite de originalidade” ao aceitar a interdição paterna, rumo a individualidade. (BRANDÃO, 2003; EIGUER; 1998; FREUD, 1914).

Tanto é que hoje eu não procuro assim, chegar e ter qualquer relacionamento, já é bem seletivo, né, tanto é que, em janeiro agora eu tive uma conversa, com uma senhora de 47 anos, mais velha do que eu, a gente ficou junto, mas não pra fazer sexo, pra conversar, eu até me estranhei, sabe? Estranhei, então, eu não sei, sei lá, se é

amadurecimento, mas eu me estranhei, porque tava sentindo a necessidade de , sabe? Inclusive leituras que eu fiz do que que é você se doar, do que que é você, digamos assim, você se abrir pra outra pessoa, coisa que eu acho que nunca de fato eu fiz, apesar de ter passado um monte de mulheres por mim, sabe? Eu acho até que foi que pra mim um, digamos assim, um sinal de alerta, né? E hoje, às vezes, até eu brinco muito, mas hoje eu acho que se for começar um relacionamento, vai ser nesse esquema, não é nem do sexo, é da cumplicidade, sabe?

Fujji vai aos poucos se abrindo para novas experiências, inclusive no que diz respeito a faixa etária das companheiras, visto que começa a se permitir conhecer pessoas da sua faixa etária e nos relata que ao encontrar-se com uma mulher um ano mais velha que ele, teve uma experiência diferente da habitual, visto que não teve um encontro para relacionar-se sexualmente com essa mulher, mas sim para conversar e se conhecer. Nesse ponto, ele sente uma sensação de estranhamento, principalmente ao detectar que sua necessidade não era mais apenas de sexo, mas de cumplicidade. Fujji vive uma espécie de susto ao perceber sua necessidade de abrir-se para uma pessoa e de doar-se afetivamente, ou seja, assusta-se ao perceber o seu intenso desejo de vivenciar uma relação de troca afetiva.

Assim, o colaborador compreende que, por mais temor que tenha, está realmente decidido a investir sua energia libidinal em um objeto de amor, em uma mulher para quem possa doar parcela de seu afeto, cuidado e atenção, visto que relata sentir falta dessa troca que considera jamais ter vivido.

O desejo de mudança parece deixar o colaborador com a sensação de que para conseguir encontrar cumplicidade em uma companheira, deve abandonar o desejo de viver intensamente o seu desejo sexual, talvez porque perceba a função que o sexo teve

em sua história. Função de desviá-lo do caminho do vínculo afetivo, de justificar sua busca incessante por situações de indiscriminação entre seu próprio Ego e o objeto de desejo, dificultando assim o encontro entre Eros e Psiqué, ou seja, o encontro de dois seres discriminados (MC DOUGALL,2001).

Certamente Fujji acredite que, para alcançar a mudança a qual almeja, seria necessário destituir a mulher de seu potencial erótico, percebendo-a de modo tão respeitoso a ponto de concebê-la como uma “senhora”. Novamente observamos como a figura feminina fica cindida para Fujji, visto que demonstra dificuldade de conceber uma relação de troca afetiva e cumplicidade com uma mulher com a qual se realize sexualmente e vice-versa. Desse modo, amor e sexo também compõe, para o colaborador, um par de “oposições binárias” que dificultam a vivência de uma experiência amorosa mais completa e satisfatória.

Pode até ser uma pessoa nova, (...) Quando eu falo os mais novos, não é só na idade, é na quantidade de experiências também vividas, só que às vezes, nem sempre a idade cronológica traz pessoas, né, vividas, que acho que é meu caso, eu tenho até uma idade cronológica avançada, mas parece que vivenciar isso daí, eu não vivenciei muito, porque muitos relacionamentos foram exageradamente superficiais, né? E estar com a pessoa (...) e sabe aquela história de às vezes ficar “aí, eu não quero ficar mais com fulana, porque, aí, me enchia o saco”, muito eu, né, muito egoísmo, sabe? Isso acho que me atrapalha hoje em dia, me incomoda hoje. Justamente por falta de ter essa vivência, sabe, e muitos colegas me cobram e falam assim: “mas e, cadê a sua cara-metade?” , acho que estou procurando, sabe, e eu só acho assim que, hoje eu fico bem cauteloso, né, não é sair com qualquer uma que eu vou chegar a me envolver, vai ter acho que a hora certa, com a pessoa certa, né? Não é desespero isso não, mas acho que conversando, uma hora surge essa mulher, esse sexo oposto pra estar

fazendo isso aí, sabe? (...) Sabe... eu acho que, de fato, durante todo esse tempo, eu fui muito egoísta, pensei muito em mim, particularmente agora, coincidentemente, me vejo desprovido de pai e mãe. Sabe? Eu não tenho mais a figura do meu pai nem da minha mãe. E isso começou a me incomodar um pouquinho, sabe?

Ao olhar para trás, Fujji reconhece quanto tempo Narciso orientou seus passos na escolha de seus relacionamentos amorosos, em sua busca incessante por aventura, auto-afirmação e reconhecimento, não sendo possível, em sua visão, vivenciar uma relação de troca afetiva, que caracteriza a escolha de objeto anaclítica descrita por Freud (1914). Ao descrever-se em suas relações do passado, define-se como sendo muito “egoísta”, ao não suportar os limites e as dificuldades próprias da relação a dois. Ou seja, sempre que o reflexo da relação não espelhasse seu próprio desejo, a imagem do que desejava encontrar no outro, Narciso despedia-se e partia em busca de um novo cenário onde pudesse realizar seus desejos sem diferenças e constrangimentos. Nesse sentido, Mc Dougall (2001, p.X), ao descrever o processo de desenvolvimento psicosssexual do ser humano, observa que os conflitos psíquicos entre as pulsões e os limites da realidade externa, na busca do indivíduo por amor e bem-estar tem seu início no primeiro relacionamento sexual do bebê com o seio (primeiro objeto) que o seduz para o contato com o mundo.

Lentamente, por meio das frustrações e do ódio de não possuir o objeto sempre que desejado, a mente vai construindo a noção da existência de um “outro” separado do próprio “self”. Essas experiências resultam em certa forma de sofrimento e decepção que todo bebê sente em relação ao seu objeto de amor inicial. Para defender-se dessa realidade que impõe frustrações, a mente desenvolve defesas como a onipotência, a negação e a cisão para suprimir a diferença entre o “self” e o objeto.

Por meio de uma retrospectiva, Fujji compreende sua dificuldade ao afirmar que a capacidade de vivenciar um relacionamento amoroso com cumplicidade, independe da idade cronológica da pessoa, pois percebe que essa conquista resulta mais da capacidade psíquica de cada membro do casal em vivenciar uma relação de intimidade, compartilhando as emoções e limites da existência do companheiro.

Quanto mais as cortinas da consciência se abrem para Fujji, mais desejoso se torna da busca de sua “cara-metade”, dessa experiência de troca e integração que procura mesmo sem jamais ter conhecido, segundo o seu relato. Certamente o colaborador se refere não apenas à busca de uma mulher para se relacionar, mas acima de tudo ao desejo de poder integrar mentalmente esse casal que deseja constituir, juntando Eros e Psiqué em sua configuração psíquica. Eros parte em busca de Psiqué, procurando seu oposto, esse “*sexo oposto*” que lhe sinalize claramente a existência da diferença que possa completar-lhe. Ou seja, trata-se de integrar feminino e masculino, permitindo a entrada paterna nesse cenário mental, de forma a abrir mão da ilusão fusional com a figura materna (MC DOUGALL, 2001).

Fujji declara que com a morte de sua mãe, sentiu maior necessidade de mudar e de ir em busca de uma companheira de vida. A realidade da morte concreta de sua mãe e de sua percepção de não ter mais seus pais ao seu lado, faz com que cresça seu desejo de reparação dessas figuras e de integração das mesmas em seu mundo mental. Para que, então, Eros possa encontrar Psique e uma relação de cumplicidade a dois tornar-se realmente possível de ser vivenciada.

### **Categoria V- Os Sentidos da Heterossexualidade**

*E nessa época de faculdade, surgiram muitas coisas diferentes, né? Eu me lembro que até surgiu um colega meu que, eu nunca esperava isso dele, foi quando eu tive o primeiro contato com uma pessoa homossexual, e ele se revelou pra mim, tá? Então cê leva um susto, (...) Ele fazia o curso de Medicina, ele se revelou pra mim: “Olha, não gosto de mulher”, eu pensei, não é possível, não consigo entender isso. E na minha cabeça, eu naturalmente comecei a discriminá-lo, que eu não fazia idéia, não fazia a dimensão, do era ser homossexual, de fato, e tinha uma certa repugnância com isso. Sabia que já existia sim, mas não a ponto dum colega seu chegar e se revelar, isso me marcou, sabe? (...) Ele se suicidou, inclusive, não era surpresa, porque depois de muitos anos, ele deixou uma carta escrita pros pais, dizendo que era homossexual. E os pais também acho que nunca aceitaram isso aí. Na época, F., era muito difícil, você ter, você assumir, já pensou você na época assumir uma relação homossexual? Aquilo pra nós era novidade...*

Fujji ao entrar em contato pela primeira vez com um homossexual leva um choque, principalmente por se tratar de um amigo próximo. Para o colaborador a heterossexualidade é um pressuposto tão óbvio, que não consegue imaginar como poderia existir algo diferente. Assim, para ele a heterossexualidade parece tão natural e esperado que concebe a homossexualidade como sendo algo novo que surgiu naquele contexto de mudanças sociais.

Desse modo, podemos observar a influência da ideologia biologista e essencialista no modo de Fujji conceber a heterossexualidade. Como consequência disso, a homossexualidade por sua vez fica representada como algo tão “repugnante”, que o colaborador não se surpreende com o fato de seu amigo ter se suicidado. Podemos perceber que está implícito no discurso de Fujji a idéia de que a homossexualidade seria

uma anomalia, algo que percorreu o caminho inverso do esperado. Os sentidos dessa vivência está ancorada na concepção moderna que define a heterossexualidade como o modelo adequado e esperado socialmente e a homossexualidade como o desviante, e portanto problemático, como atestam a Igreja e o discurso médico na ideologia moderna. Nesse contexto, a homossexualidade é concebida como uma tragédia, e a intolerância frente a essa repugnante realidade, justifica para Fujji o suicídio de seu amigo. (KATZ, 1996).

Assim, Fujji, em sua vivência, é porta voz de uma realidade cultural, na qual a ideologia burguesa da modernidade tinha como padrão hegemônico a família tradicional constituída pelo patriarca, o chefe da família, macho provedor e pela mãe, mulher submissa, rainha do lar. Esse cenário constituía o ideal imaginário do casal parental, segundo o qual as imagos parentais eram estáticas dentro desse modelo, não cabendo nenhuma flexibilidade que possibilitasse a identificação com uma figura materna ou paterna que fosse em desencontro com a idéia de homem e mulher explícitas e bem definidas em seus papéis nesse padrão patriarcal (VAITSMAN, 1994).

Ser homem, então, nesse contexto era irredutivelmente ser heterossexual, uma vez que as identidades do homem e da mulher eram complementares, não havendo o espaço para uma concepção diferente que possibilitasse a experiência de qualquer outro formato de identidade sexual, visto que ser homem, ser mulher, assim como a atração de um pelo outro eram idéias tão inquestionáveis. Dentro desse paradigma, portanto, as diferenças eram tidas como ameaçadoras e, portanto, não podiam ser integradas. Assim, a heterossexualidade se configura como sinônimo do padrão de masculinidade, sendo esse predominantemente narcísico. (FREUD, 1914; KATZ, 1996; SCOTT, 1988).

Por esse motivo, a primeira experiência na qual o colaborador depara-se com uma diferença tão destoante de seu “ideal de ego”, rejeita-a e sente repugnância por tudo aquilo que parece pôr em cheque a hegemonia de sua verdade, a respeito de seu próprio ideal. Um ideal heterossexual que também se pressupõe hegemônico e que expressa as necessidades narcísicas do colaborador, as quais dificultam a percepção e aceitação de *um outro* que não reflita no espelho da relação humana a idêntica imagem e semelhança de seu *eu*.(FREUD, 1914).

### **Colaborador 2- Alexandre**

Na infância, o colaborador morava em uma cidade do interior do estado de São Paulo, sendo membro de uma família pequena. O colaborador diz lembrar-se muito pouco de sua infância, mas relata que tinha pouco diálogo com seus pais, principalmente à respeito de sexo.

Na adolescência, o colaborador relembra a intensa atividade masturbatória e, à partir dos 14 anos, a alta frequência com que visitava a zona de meretrício de sua cidade. O colaborador cursou faculdade na área de biológicas. Atua na educação.

Na vida adulta relata ter saído com muitas mulheres, mas nunca foi de se envolver, visto que seu desejo era tão somente a realização sexual. Entretanto, o colaborador conta que este comportamento mudou ao se casar, aos 26 anos, com sua esposa, com quem teve 2 filhos. O colaborador relata que sua relação com o sexo mudou depois do casamento, passando para um plano secundário, visto que os valores se modificaram. Passou a valorizar mais o respeito e a segurança, aprendendo a suportar as frustrações.

Na meia idade, seu maior objetivo é continuar alimentando sua relação de troca afetiva e companheirismo com sua esposa. A religião do colaborador é o catolicismo. Ele tinha 46 anos no momento da entrevista. Pertence a classe econômica A2.

### **Categoria I- A Infância: breves recordações**

*Eu lembro muita pouca coisa da infância, acho que eu lembro um pouco mais dos 7,8 anos pra frente, agora, eu descobri que eu tinha esse comportamento heterossexual, a partir dos 12 anos, quando começou a procurar as meninas e coisa e tal.(...) Olha, eu na infância e na juventude não tinha muito diálogo com pai e mãe, era bem diferente, mas eu tive, por exemplo tinha o pai do meu vizinho, eu tinha mais liberdade com ele, da gente falar as coisas, trocar idéia, do que com meus próprios pais, entendeu? E era muito menino, né, a meninada, lá da vizinhança, né? Então a gente trocava muito idéia e tinha assim oportunidade. Em casa era, assim, muito fechado, meu pai era muito conservador, minha mãe também, eu fui ter mais liberdade de conversar com pai e mãe depois dos vinte e poucos anos, quando já estava fazendo faculdade, antes disso não. Era o meu pai lá, eu tinha nele um uma pessoa...., minha mãe também, né, mas com o pai dos meus colegas eu tinha mais liberdade, entendeu, de trocar idéia, em casa era mais fechado”.*

Alexandre diz lembrar poucas coisas da infância, porém relata que em sua casa não havia muito diálogo como também não havia muita informação e orientação. As informações vinham da “*meninada da vizinhança*” e do pai de um amigo com quem tinha mais liberdade. O colaborador descreve uma dificuldade de ter mais abertura e proximidade com os pais para dialogar a respeito de suas dúvidas a respeito da sexualidade, visto que define seus pais como sendo muito conservadores.

Assim, a transmissão do modelo de masculinidade, por intermédio da figura paterna foi marcada pela transmissão por meio do silêncio e do distanciamento, visto que, como definiu Alexandre, essa figura parecia distante e reticente, como nos conta: *“Era o meu pai lá, eu tinha nele um uma pessoa....”*. Esse silêncio transmite a mensagem, a qual, segundo Nolasco (1997) define um dos pilares de sustentação da concepção do “homem de verdade”, a de que o homem ideal deve solitário e discreto e reservado em relação as suas experiências pessoais, visto que expressar emoções, deve ser reservado à figura da mulher. Nessa concepção, o homem deve dissociar seus projetos profissionais dos aspectos da vida íntima que não devem ser tocados ou comentados.

Esse conceito de masculinidade descrito por Nolasco (1997) vai de encontro com o ideal de homem descrito no início da sociedade moderna, durante a Revolução Francesa, que deveria abdicar de sua vida privada em nome da revolução, visto que o verdadeiro revolucionário deveria resumir a sua vida à vida pública, para que ninguém duvidasse de sua honra revolucionária. A partir desse momento, com o desenrolar da sociedade moderna, foi-se fazendo a distinção entre os mundos públicos e privados. Dessa divisão, surge o que Vaitsman (1994) define de divisão sexual do trabalho, na qual papel de homens e de mulheres deveriam ser bem definidos, aos homens caberia o mundo público do trabalho assalariado e à mulher o mundo privado da intimidade familiar.

Nolasco (1997) observa que o modelo “homem de verdade”, herdado dessa construção patriarcal, proíbe uma vivência autêntica de intimidade por parte do homem, visto que o que de fato lhe é esperado é a prova de sua masculinidade por meio da

iniciativa sexual com a mulher e de seu poder de se desenvolver no mundo público dos negócios, sendo um bom provedor financeiro no lar.

Esse modelo de masculinidade impossibilita o homem de assumir sua função paterna, permanecendo distante e transmitindo para o filho um exemplo de masculinidade que comporta apenas a função de “genitor” viril. Assim, a função de “pater” deve ser executada por outras figuras, quando o garoto tem a sorte de encontrar um mensageiro que assuma esse papel. No caso do colaborador essa função de orientação e transmissão de um modelo guiado pela proximidade da palavra, do diálogo foi vivenciado com os pais dos seus amigos e na rua com seus colegas (EIGUER, 1998).

Assim, temas que envolvessem intimidade não deveriam ser abordados no mundo privado do lar, mas sim na rua, denunciando a dicotomia rua versus casa citada por DaMatta (1997).

### **Categoria II- Nos tempos do Catecismo: descobertas adolescentes**

*“Ah, e assim, também, nós da minha geração, eu peguei muita mudança, né, eu peguei década de 60, quando inventaram a pílula, garotão, revistinha, caticismo, né, aquela coisa. Década de 70, a gente pegou aquela época mais intensa no Brasil, aquela música, das revoluções todas, é...como é que se fala, a liberação da pílula, faziam escondidas, as meninas mais velhas um pouco, não é verdade? E na minha cidade fundou uma faculdade, cidade do interior, fundou uma faculdade, começou a vir gente de fora, então ficou mais, agitou a cidade, né? A forma de paquera, que cê ia pra missa, depois pra praça, fazer o foot, de paquerar as meninas, aquela coisa, ia no cinema, depois eu peguei a década de 80, já tava na faculdade, 77, e eu lembro que eu entrei pra dar aula (...), 17 anos, aquela coisa, cheio de menina e elas dando em cima do professor, então a gente*

*tinha muita oportunidade, a gente escolhia, né, o que queria. E depois eu peguei década de 90 que foi essa liberdade toda que a gente vê aí, as meninas, dão de cima mesmo, e manda bilhete, e mesmo depois, professor, o senhor é casado, e porque o senhor não usa aliança, e não sei o que, e ficam de cima (...) Então a gente pegou muitas transformações, então, a gente nota, que a mudança, a mulher foi ganhando cada vez mais liberdade pra isso, muitas vezes procuram um homem pra ter relação sexual, mesmo, buscando prazer mesmo, sem o lado afetivo, mesmo. Então esse quase igualar com o homem, que a gente tá sentindo delas irem atrás mesmo, irem à luta, isso, às vezes choca um pouquinho. Não a mim, que eu já tô, sei, mas os meninos ficam meio assustados, a gente nota que a sexualidade dos meninos mais novos tá meio assim, são meio estranhos, então estas transformações de décadas, aí, olha...”*

Alexandre faz uma descrição minuciosa das mudanças sociais que acompanhou desde sua época de puberdade na década de 60, até os tempos atuais e nos conta como sentiu os resultados das mudanças em suas experiências. Na década de 60, vivia a puberdade, descreve-se como sendo “garotão”, as descobertas pelas revistas eróticas, enquanto isso no cenário social, ocorre o advento da pílula.

Esse momento de intenso desejo de vivenciar a liberdade sexual tão defendida no contexto histórico da revolução sexual é definido por Lipovetsky (2004) de pós-modernismo, no qual surge a figura do “narciso libertário”, que defende os valores democráticos e antiautoritários e disciplinares das instituições da modernidade, como a igreja e a família burguesa com seus valores. Entretanto, para esse autor, esse movimento foi menos revolucionário das estruturas capitalistas vigentes, visto que aprofundou ainda mais a idéia de um “consumismo hedonista”, assim como a individualização, rompendo com as instituições sociais e com o seu papel de orientar a conduta do indivíduo. Certamente essa última característica das mudanças ocorridas no

processo descrito pelo colaborador seja a responsável pelo “*choque*” que ele diz sentir e observar nos meninos, frente a “*liberdade toda que a gente vê aí...*” a partir da década de 90, na qual as garotas agem como os garotos agiam na sociedade moderna, descaracterizando os “lugares” e papéis pré estabelecidos pelas instituições sociais para cada gênero e seguindo a lógica da extrema individualização, na qual quem dita as próprias regras para sua conduta é o próprio indivíduo.

Desse modo, todas as instituições sociais ficam com seu valor enfraquecido frente à busca de prazer e de realização dos próprios desejos individuais. Nesse sentido Alexandre assusta, quando uma aluna na atualidade pergunta, em tom de interesse se ele é casado, e mesmo cientes dessa sua condição, as garotas continuam e “*ficam em cima*”. O colaborador diz observar que garotos mais novos estão assustados com essa idiferenciação de papéis de gênero, talvez por ter perdido um referencial institucional que lhe impusesse normas e regras mais definidas e claras do que lhe é esperado como garoto, como homem em sua masculinidade e em seu contato com a garota.

Será que esse também não é um susto para o colaborador? Será que o susto não se refere a constatação de que a mulher pode a partir de então também priorizar apenas a sedução, deixando de levar o “outro” em consideração, assim como no modelo narcisista patriarcal? (FREUD, 1914).

...agora, eu descobri que eu tinha esse comportamento heterossexual, a partir dos 12 anos, quando começou a procurar as meninas e coisa e tal. Quando você começa a descobrir a masturbação, entendeu, e ficava aquela coisa muito solitária e não era muito aquilo que me atraía, eu lembro que na época que a gente era garoto, existia aqueles livrinhos que o pessoal chamava de Catecismo, né, coisa antiga, e a gente procurava sempre olhar pro lado das mulheres, as revistas eram de mulheres peladas...pegava playboy que na época vinha dos Estados

Unidos, e que era proibido pra menor, a gente ia lá disfarçadamente olhar nas bancas, pra olhar as mulheres, depois veio a época da repressão, e estas revistas eram proibidas, mas a gente sempre procurava e conseguia com os colegas, aquela coisa. Eu lembro que a gente entrou pela idade dos 13, 14 anos na quinta série, primeiro colegial, existia os pôster das mulheres famosas, eu lembro da Catarina Deneuve, a Brigitte Bardot, Raquel Uelchi, então a gente colava aqueles pôsters na parede, recortava das revistas, então tinha tudo isto daí.

Alexandre descreve sua experiência pueril e contextualiza suas descobertas a respeito da sexualidade em uma época de repressões, não apenas dos valores culturais, mas da política com ditadura militar, que proibia as revistas eróticas. Nesse cenário, as descobertas dos garotos eram feitas de forma velada, escondida e vividas como algo que deveria ser absolutamente reservado. Apesar desse contexto de repressões, o colaborador relata que sempre conseguiam estar em contato com as revistas e pôsteres que tivessem a figura feminina, objeto de seu desejo.

Nessa fase, vivida a prática “auto-erótica” da masturbação com o auxílio das revistas como o “catecismo de Carlos Zéfiro”, no qual o que lhe chamava a atenção era a figura feminina, como na experiência de Fujji. Apesar dessa prática masturbatória ser recorrente, por ser uma atividade auto-erótica, o colaborador relata não gostar muito, pois achava um meio muito solitário essa forma de satisfação sexual. Podemos perceber sua ansiedade de vivenciar seu desejo por meio da satisfação sexual compartilhada com um objeto de desejo. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001).

*“Eu lembro que a minha primeira é, relação mesmo sexual, aconteceu eu tinha o quê, 14, 15 anos e foi uma menina que a gente foi, os colegas estavam de guarda no tiro de guerra e de repente essa menina apareceu e eles me chamaram e a gente foi todo mundo junto. E*

*aquele negócio, vai um primeiro, depois vai o outro, eu era o menorzinho era o último, né, e ali todo mundo, “ô, meu vai logo, que é minha vez”, e ali foi a minha primeira relação, e aí depois, a gente depois continuou indo, eu lembro que a gente era de menor, e a gente não podia ir na zona que tinha a zona muito famosa na minha cidade, mas a gente sempre dava um jeitinho, então ia pra lá, não tinha dinheiro, e a gente era bom de conversa e as meninas depois do trabalho delas, elas abriam a janela, a gente pulava e ficava lá....sem pagar nada, então eu me vejo heterossexual justamente nesse sentido...”*

Alexandre relata que sua primeira relação sexual aos 14, 15 anos foi guiada e compartilhada por colegas mais velhos, testemunhas de um momento em comum do exercício da masculinidade. Podemos perceber a cultura de uma cumplicidade em relação ao exercício da masculinidade, na qual o mais importante era a obtenção de prazer, independentemente com que mulher. Compartilhar o “objeto de prazer sexual” com os companheiros era ser incluído em um contexto da virilidade do mundo dos “homens de verdade” , como fizeram os companheiros de Alexandre ao chamá-lo, propiciando sua inclusão no mundo dos homens, ao serem testemunhas de sua primeira relação sexual com uma mulher. Trata-se do contexto social no qual o garoto aprendia as leis da masculinidade próprias do ideal de homem, descrito por Nolasco (1997) como o “homem de verdade”.

Nesse processo como já vimos em Fujji, os colegas mais velhos são os “mensageiros” da transmissão do modelo de masculinidade heterossexual. Essa transmissão é caracterizada pela “ação” e não pelo diálogo, pela “palavra”. Assim é transmitido o modelo de homem de verdade, definido pela ação sexual compulsiva com as mulheres e pelo silêncio em relação a intimidade e afetividade (EIGUER, 1998).

No exercício de seu potencial de sedução masculina, o colaborador conta orgulhoso que por ser bom de conversa conseguia convencer as mulheres da Zona do Meretrício deixarem-no entrar e “*ficava lá...sem pagar nada*”. Nessas experiências o colaborador passa a idéia de que se sentia aceito por essa figura feminina, que, mesmo sendo uma profissional do sexo não cobrava para ele ficar com ela. Alexandre conta que é pela percepção desses dotes de sedução e de iniciativa sexual em direção à figura feminina que se percebe heterossexual.

Agora...experiência que me marcou, acho que foi com esta menina que nós saímos em três, eu e mais meus colegas, então o que aconteceu, tinha um, e foi, na no banco de trás de um “Gordini”, pro cê vê a época que era, heim, e aí qual foi o problema, cada um teve lá as relações, mas tinha um dos meus colegas, o M, ele era um morenãõ forte e ele tinha um jeito de falar com as meninas que as meninas ficavam apaixonadas por ele, e a gente morria de inveja do filho duma mãe, ele era fácil. E aí, o que que aconteceu, esta menina teve relação com todos os três e aí depois ela foi na delegacia falar que tinha tido relação, que tinha ficado grávida, sei lá o quê e o M recebeu em casa, ele tinha 17 anos na época e eu lembro que ele chegou em casa, a polícia tinha levado uma intimação e eu lembro muito bem que a gente sentou assim no meio fio, na esquina e falava, e falava: “eu não caso, eu falei, eu também não caso”, bom, se ela falar que tem que casar...vai ser com você, comigo ela não casa, qualquer coisa a gente foge, mas casar ninguém casa, não tem nada a ver a menina, que negócio é esse, né? Eu sei que isto aí marcou bastante, faz tanto tempo e eu lembro disto daí, aquele medo de ter que casar, casar e viver do quê, afinal de contas se a menina teve relação com todo mundo, e naquela época tinha aquele negócio da virgindade, essa menina não era mais virgem, eu vou casar coisa nenhuma, então essa relação marcou bastante...

O relato dessa experiência marcante para o colaborador deixa bastante claro os valores sociais da época, segundo os quais os papéis de gênero eram ainda bem definidos e estabelecidos, visto que a experiência sexual dos garotos deveria ser vivida ou com as mulheres da Zona do Meretrício, ou com garotas de valores mais liberais, com quem eles exerciam em conjunto o ofício da virilidade masculina. Entretanto, como mandava a lei patriarcal, com essas garotas a vivência se restringia à obtenção de prazer sexual, sendo impensado a assunção de um compromisso mais sério, seja de namoro, quanto mais de casamento, visto que o valor da virgindade ainda era um parâmetro de segurança que norteava com qual garota o rapaz deveria investir sua libido com fins amorosos.

Desse modo, podemos perceber em seu relato a presença das dicotomias que caracterizavam as “oposições binárias” como masculino versus feminino, prazer versus compromisso, público versus privado, mulher para casar versus mulher para sexo que norteavam o discernimento do que era esperado de cada gênero (SCOTT,1988).

Seguindo a lei patriarcal definida e sustentada pelas oposições binárias, caberia à garota de família preservar sua virgindade para conseguir realizar a instituição social do casamento. Aquelas que não seguissem essa lei corriam o risco de não serem candidatas a um relacionamento baseado no compromisso social. Ao rapaz por sua vez, caberia iniciar sua vida sexual e se auto-afirmar por meio da intensa prática sexual com as mulheres, fossem elas da Zona do Meretrício, ou não, entretanto, com essas não deveriam envolver-se e assumir compromisso social, visto que não eram vistas como garotas de família, capazes de ser uma aquisição unicamente sua, criadas para o âmbito da vida privada, do amor romântico e da criação dos filhos. Nesse sistema, o prazer também ficava dissociado do projeto do casamento e família, visto que a mulher para

casar não era a mesma eleita para a obtenção de prazer. Da mesma forma, ao assumir um casamento, o rapaz assumia o compromisso com o que lhe caberia em seu papel de homem, o de ser o provedor financeiro dos filhos e da esposa.

Assim sendo, na situação relatada por Alexandre, observamos a preocupação com o fato de estar sendo exigido deles um papel de homem que honra por suas atitudes e assumir um possível filho e um possível casamento com uma mulher não aprovada socialmente para o âmbito da vida privada. Outra preocupação, vivenciada nessa situação, diz respeito à cobrança, como homem, de ter que arcar com seu ato e sustentar uma família, mas como se ainda não tinha conquistado o status de provedor financeiro, então o colaborador exclama no auge do desespero: “...*casar e viver do quê*”, então, surge outra alternativa, menos esperada de um “homem de verdade”, mas que naquela condição de desespero deveria ser considerada por eles, a de fugir: “... *qualquer coisa a gente foge, mas casar ninguém casa*”.

Nessa experiência, o colaborador foi ao mesmo tempo vítima da mesma ideologia patriarcal moderna, que intitulava a família burguesa e o casamento como dogmas, assim como a virgindade feminina, visto que a garota com quem ele e seus amigos saíram, usou da valorização dessas instituições e da visão da mulher como o “sexo frágil” para cobrar dos rapazes que bancasse o seu papel de homem e assumisse a responsabilidade pelo seu ato. Novamente a “oposição binária” que designa a mulher como sendo uma figura frágil desprovida de vontade própria, desejo e potencial fértil para participar de um ato sexual e engravidar e por outro lado, um homem potente, viril que faz praticamente sozinho um filho em uma mulher e por isso precisa responsabilizar-se quase que totalmente pela fertilidade da concepção, assim como pelo ato sexual em si. Nessa experiência, verificamos que essas concepções eram, como

defende Vaitsman (1994), legitimadas por instituições sociais, uma vez que, como nos conta Alexandre, seu amigo foi intimado por um órgão de regulamentação social, a polícia para explicar-se o que havia feito com a garota.

Certamente essa experiência expressou os dois lados da lógica da lei patriarcal moderna, que institui os lugares sociais definidos para cada gênero. Assim, a garota da história utilizou da hierarquia dos valores culturais para “engolfar” um dos garotos com quem saiu, o que resultou em uma experiência que desbancou a onipotência narcísica dos “homenzinhos de verdade”, e mostrou-lhes como um sistema de hierarquia um lado depende do outro para existir, de modo que não sabemos de onde pode ver a engolfada! (DAMATTA, 1997; FREUD, 1914).

“eu marcava uma garota e eu falava: eu vou sair com aquela garota, eu vou transar com ela de qualquer jeito e arranjava um jeito, então eu tinha estas arte manhas (...) eu sempre escrevi bem, eu escrevia, deixava as meninas meio apaixonadas, aí depois eu dava um jeito de sair com a garota, entendeu? (...) eu me envolvi muito pouco afetivamente, com duas pessoas, só, eu era muito, eu era terrível, (...) eu tinha 2, 3 namoradas ao mesmo tempo, eu fingia um punhado de coisa, eu fingia chora, (...) eu deixava as meninas tão envolvidas que chegava um momento que ela não sabia dizer “não”, então eu me pegava assim por este lado, aí, de repente, eu sumia, eu achava que se eu continuasse eu ia fazer a coitada sofrer demais, tchau (...) Três, quatro, cinco vezes, *eu sumia, porque ela começou a se apegar muito afetivamente, eu não tô ligado.*”

O modelo “homem de verdade”, altamente potente com as mulheres, permitia as inúmeras peripécias de um Dom Juan inclinado a exercer a qualquer custo a sedução da figura feminina, com o objetivo de saciar os desejos narcísicos de um jovem macho em processo de aquisição de sua segurança viril. Nesse percurso de auto-afirmação, o colaborador descreve as “*arte e manhas*” que utilizava pra seduzir as garotas e alcançar

o seu objetivo de conseguir conquistá-las, exercer seu poder viril, transando com elas, para então abandoná-las deixando-as, em sua fantasia narcísica, perdidamente apaixonada por ele. (FREUD, 1914; NOLASCO, 1997).

Dom Juan não media esforços para ludibriar sua próxima vítima de modo a deixá-la, em sua fantasia, entorpecida de paixão, graças aos seus poderes masculinos de sedução, os quais incluía sua audácia, sua capacidade de fingir e de envolver pelas palavras, ou seja, sua esperteza em jogar a isca para mais uma vítima dos encantos de Narciso. Nesse sentido, a experiência de Alexandre é convergente com a de Fujji que definia as garotas nessa fase como “presas fáceis” a sua engolfada.

Assim, nesse momento de seu desenvolvimento psíquico, as experiências relatadas pelo colaborador denunciaram suas necessidades narcísicas de comprovação de sua onipotência, segundo a qual a “escolha do objeto de desejo” define-se como uma escolha narcísica, que está a serviço das necessidades de indiferenciação entre o Ego e o objeto (FREUD, 1914).

...eu lembro que na faculdade eu era monitor oficial da disciplina, das disciplinas mais difíceis, e sempre tinha menina dando de cima da gente, eu morava em república e vamo embora, cê quer...vamo embora. Eu lembro de uma morena bonita, que ela só queria ir pra república pra transar comigo se tivesse maconha em casa, não tem maconha em casa, mas eu tenho que dá um jeito, eu tô cantando essa menina tem quase um mês, eu não vô...e a gente saiu bebendo nos botecos perto da faculdade e eu levei ela até o boteco mais perto de casa e eu falei: vai ter o quê? Onde que eu vou arranjar maconha pra essa fia duma mãe, eu tô aqui quase na boca de casa. Eu sei que eu falei, vamo que lá em casa tem, então vamo, mas tinha nada, eu lembro que eu fiz uma porcaria que eu não lembro do que que foi e ela acabou fumando aquilo, achando que era maconha e eu consegui

transar com a filha da mãe da menina, entendeu, mas enquanto eu não conseguia, eu ficava deste jeito, na faculdade eu era terrível, né?

Ao descrever o cenário descomprometido dos anos de faculdade, Alexandre relata que nesse momento, a conquista não era mais tão simples como anteriormente, visto que a garota também usava de interesses e “arte manhas” para topar ser conquistada e seduzida. Certamente, podemos associar esse fato ao processo de mudanças sociais que ocorriam naquele momento histórico, como consequência do movimento feminista e da ideologia que lutava pela igualdade de todas as castas, tidas como discriminadas socialmente, como descreve Hall (1998).

Na experiência relatada acima, percebemos que a garota que o colaborador estava tentando conquistar, há um mês, colocou uma condição para aceitar o seu convite, de modo a exigir que Alexandre mostrasse sua potência e sua esperteza para conseguir satisfazê-la e, só então, ela cedeu a sua sedução. Nesse momento, de fim da década de 70 e início da de 80, verificamos a vivência do desejo de “carpe diem” dos anos de luta pela libertação dos costumes, do “consumismo hedonista”, no qual emerge “Narciso libertário”, figura tão bem representada pelos anseios tanto de Alexandre quanto da garota com quem ele saiu na experiência relatada, visto que ambos procuravam a liberdade e felicidade dos sentidos, por meio do prazer momentâneo, sem o comprometimento com o prazer do outro com quem compartilhavam a experiência. Muito menos estavam preocupados com as consequências de seus atos no momento posterior. Essas seriam exatamente as características de “Narciso Libertário”, descrito por Lipovetsky (2004).

Alexandre descreve-se como sendo “terrível” naquela época, por conseguir ter a lábia de sair com as garotas que queria, sem se envolver, simplesmente acumulando experiências sexuais com as mulheres. O colaborador conta suas peripécias com um tom de orgulho da própria capacidade de seduzir e dominar a figura feminina com o poder irresistível de sua masculinidade. Trata-se de um modelo narcísico de masculinidade que preza a sedução em detrimento do vínculo e compromisso afetivo com a parceira.(FREUD, 1914).

### **Categoria III- A vida adulta e suas vicissitudes**

Lembrei de outro caso também, de uma menina que eu tinha um caso com ela em V, saía com ela sempre, e de final de semana tava lá, pá pá, e aí, eu fui trabalhar no E S, né, e tava morando no hotel, né, e namorando uma menina muito bonita, uma graça de menina, que era filha do prefeito, eu lembro que eu comecei a namorar a menina num dia, quando foi no outro dia de noitinha, o porteiro do hotel disse: “olha, aqui em baixo no hotel, tem uma garota de V querendo falar com você”, eu falei, uai, quem será? A garota subiu, sentou assim, começou a chorar, aí eu falei: “Uai, mas o que que foi, fulana, né? O que que tá acontecendo?” Ela olhou pra mim e falou: “estou grávida”, eu disse: “mas o que que houve, né?” e ela falou: “e o filho é seu” eu disse: “não, não é meu, não pode ser”, então ela disse: “é seu”, e eu disse: “mas quanto tempo a gente não sai, não sei o quê” e a menina ficou meio apavorada. Aí eu falei: “Vamo fazer o seguinte, você fica calma, vai pra V, nesse final de semana eu vou pra lá e a gente conversa melhor (...) Eu lembro que este dia eu saí pela cidade ali, e fiquei: gente do céu, e agora, tô namorando agora a menina aqui, tô aqui, é a filha do prefeito, super conhecida na cidade, como é que eu vou chegar agora pra menina, eu não vou poder ter esse relacionamento, porque simplesmente tem uma outra lá em V e a menina tá grávida, como é que eu vou fazer, e eu me lembro que eu

fiquei andando, andando, bolando as coisas, e pensei, não pode ser, eu vou deixar quieto aqui e vou lá pra V ver o que que era. Aí depois eu descobri que a garota, como eu deixei ela de lado, ela ficou, queria uma resposta e queria firmar um compromisso mais seguro comigo, pegou a urina da irmã (...) que tava grávida pra tentar, por este meio tentar me segurar, como eu arrumei um advogado e disse, não nós vamos conversar isto daí a nível de advogado, aí ela acabou contando, né, ficou com medo, aí eu falei pronto, me livrei desta, continuei namorando com a outra...

Dessa vez Alexandre nos conta uma experiência em que ele não era o caçador, mas a caça, ou seja, a vítima da tentativa de uma “*arte manha*” de uma garota que, desejando “*firmar um compromisso sério*” com ele, utilizou-se do meio pelo qual, naquela época, o poder feminino falava mais alto do que o masculino, a invenção de uma gravidez. Esse relato denuncia como os valores instituídos na sociedade moderna patriarcal que norteavam o imaginário feminino e masculino, estavam ainda tão presentes, mesmo com o advento do processo de abertura e libertação dos costumes e a relativização dos valores da modernidade, como os do amor romântico, da família tradicional burguesa.

Na percepção do colaborador, quando a garota percebeu que o colaborador queria apenas sair e relacionar-se sexualmente com ela, e que depois ele a “*deixou de lado*”, ela inventou a gravidez para tentar “*segurá-lo*”. Novamente, nesse contexto, a pressão para que o homem fosse honrado o suficiente e assumisse o que fez para a garota. Entretanto, novamente o colaborador utiliza de sua perspicácia, não conta para ninguém o ocorrido, para não pôr em risco seu namoro com a outra menina, e relata o alívio ao conseguir desvendar a mentira e o orgulho pela sua esperteza: “*aí eu falei pronto, me livrei desta, continuei namorando com a outra...*”

Dessa forma, Alexandre demonstra como aprendeu a sobreviver no sistema patriarcal, no qual as relações de gênero são marcadas pela hierarquia e desigualdades, o que configura um padrão narcísico de relacionamento, no qual quem engolfa o parceiro está pensando exclusivamente em seus desejos, “usando” o outro como mero instrumento para satisfazer suas próprias necessidades. (FREUD, 1914; SCOTT, 1988).

“Bom, é...aonde eu me senti, realmente...homem foi quando eu realmente casei, porque, eu acho que o casamento pra mim foi aquele marco: bom cabô agora, agora você é homem, tem lá a sua mulher, respeito por ela, de ter um relacionamento mais forte com ela e os filhos interferem muito nisto daí, entendeu. Agora, deixar de olhar as meninas, as belezas, estas coisas, a gente não deixa, mas eu antes de, de de sair com outra garota fora do casamento, por estas coisas, não tem mais sentido, perdi aquele sentido da da de paquerar, às vezes eu brinco com os meninos, olha, perdi o jeito de paquerar, não sei mais como é, e olha que eu era um rapaz que tava sempre paquerando, correndo atrás, né? Depois do casamento isto mudou, mudei a filosofia, botei o sexo como algo, não digo em segundo plano, mas em um plano mais elaborado, não aquele que a gente tinha que era sexo por sexo, que aquele desejo mesmo no homem, de macho atrás mesmo de uma fêmea. Aquilo pra mim passou a não ter muito sentido...”

O colaborador relata que, ao se casar, sentiu a responsabilidade de agir como homem, de assumir uma relação a dois, os filhos e bancar o peso de ser um homem, provedor, chefe de uma família. Assim, compreendeu que a sua vivência deveria ser outra, diferente do padrão de relacionamento que estava habituado a ter, no qual sua escolha era pela superficialidade das relações, as quais serviam mais para a autoafirmação de sua vaidade de macho, do que para a troca entre duas pessoas em um relacionamento adulto.

Assim, ao casar, Alexandre faz um outro tipo de “escolha objetal”, a escolha “anaclítica”, segundo a qual o objeto amado tem uma existência em seu mundo psíquico, ocasionando uma experiência de separação entre Ego e objeto, visto que ao ser capaz de se envolver com sua mulher, ele assume que deveria abrir mão de uma parcela de sua libido investida em si mesmo para investir em doação e cuidado da esposa e dos filhos. Essa mudança de padrão, vivenciada pelo colaborador, o satisfaz ao perceber que foi capaz de entrar no universo da vida adulta e construir uma família, conforme os valores da família tradicional burguesa. (FREUD, 1914).

Entretanto, o colaborador relata que a experiência do casamento, apesar de mais profunda, ela não pode comportar a vivência de uma vida sexual mais ardente, própria do instinto entre fêmea e macho, certamente porque o registro dos papéis de gênero entre esposa e marido, no casamento burguês da modernidade, não permitia que a mulher fosse uma fêmea capaz de viver com um homem seus desejos mais instintivos, visto que esses apenas eram permitidos às mulheres que não eram para casar. Ou seja, a mulher para casar era para ser esposa, companheira e o homem no casamento também deveria ser simplesmente esposo, provedor da família. Percebemos novamente a dicotomia entre mundo público e privado, no primeiro era permitido ao homem viver seu lado macho, o que não ocorria no mundo privado com sua mulher. Outra dicotomia a favor da “oposição binária” diz respeito à idéia de natureza, instinto e cultura (SCOTT, 1988). O colaborador diz ter deixado de lado, sem tanta ênfase seu lado mais instintivo para viver uma união de troca, porém moldada, segundo os padrões de uma cultura que não comporta a integração dos aspectos biológicos, e cultural e simbólico do ser humano, seja ele homem ou mulher, na vida pública ou no arredor dos muros da casa, onde se encontra a instituição da família.

#### **Categoria IV- A reflexão dos ventos da meia-idade**

...e até hoje eu, eu sou preocupado com este tipo de coisa e se eu tô com a minha esposa e a gente não tem uma química pra ter uma relação, prefiro... a gente prefere não ter. Do que ter pelo simples prazer físico, não é por aí que a gente consegue, não, acho que ficou mais maduro esta relação. Outras coisas foram adicionadas que apimentou mais isto daí, então, além do gostar, do prazer físico, do gostar da pessoa, de gostar da pessoa, de tá com a pessoa aumentou bastante isto daí, e aproximou mais” (...) Segurança, eu acho que segurança vale bastante. Eu acho que aquilo que eu quero pra mim, eu quero pra ela também, não...aquela coisa de você ter um prazer isolado não tem mais sentido, o gostoso é o prazer dos dois, entendeu, o prazer dela me dá prazer. Antigamente não tinha muito disso, era ali, cabô, fim de papo, cada um pro seu lado, e hoje não é mais assim, aprofundou isto.

Alexandre nos conta que os ventos da maturidade fizeram-no encontrar um sentido na busca de prazer na meia-idade, diferente do da juventude, visto que suas necessidades emocionais se modificaram. Narciso disfarçado de Dom Juan, não mais impera no cenário de sua vida psíquica, visto que a necessidade de auto-afirmação narcísica por meio da sedução, desprovida de vínculo, em relação ao objeto de prazer, foi substituída pela necessidade do calor da troca afetiva, que pressupõe a capacidade do indivíduo de vincular-se a um “objeto de desejo” que não esteja contido em si mesmo. Nesse sentido, o colaborador define seu amadurecimento para vivenciar um relacionamento adulto de troca, apontando para sua capacidade atual de tolerar o limite do outro e poder postergar a obtenção momentânea de prazer, para que esse prazer pudesse ser compartilhado pela dupla na relação amorosa.

Assim, Alexandre nos conta que se tornou capaz de vivenciar uma relação de vínculo afetivo, superando o temor de se tornar dependente do afeto que investiu na

mulher amada, de modo a abrir mão de realizar seus desejos instantaneamente, quando a necessidade de sua esposa não vai de encontro com a sua, para poder sentir prazer com o prazer de sua mulher. Nesse sentido, Freud (1914, p.105) relata que ao fazer uma escolha do tipo “anaclítica”, o indivíduo pode vivenciar um amor verdadeiramente autêntico, de troca com o “outro”, assim, *“Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte do seu narcisismo, que só pode ser substituído pelo amor de outra pessoa por ele.”*

Sendo assim, ao abrir mão de parte de seu narcisismo para vivenciar essa relação amorosa, o colaborador observa que trocou a obtenção de prazer momentâneo e isolado pelo prazer a dois e pela segurança e confiança que construiu com sua esposa na cumplicidade que garante a certeza de que, ao doar-se à mulher amada, estará recebendo o mesmo em troca. Ou seja, ao se entregar e abrir mão de apenas pensar em seus próprios interesses, o colaborador pôde ter segurança de receber o mesmo em troca, não ficando assim desprovido dessa energia investida fora de si.

Assim, Alexandre nos conta que, após um longo percurso de busca, finalmente Eros embrenha-se pelo caminho que o levaria até Psiqué, quando o amor encontra seu lugar dentro da própria alma do amante, podendo só então ser compartilhado com um “objeto de amor” diferente e desconhecido para o indivíduo que ama.

### Categoria V- Os Sentidos da Heterossexualidade

...então eu me vejo heterossexual justamente neste sentido e sempre trilhei por esse caminho, né? Eu namorei várias meninas e fiquei noivo de uma muito tempo, e acabamos não casando, sempre fui muito audacioso, assim no ímpeto, eu já no primeiro encontro tentava alguma coisa e ali eu ia insistindo e não tinha jeito, lá pelo, se a menina se apaixonava mesmo, eu já tava tendo relação com ela, não tinha jeito, eu não conseguia ficar enebando, esperando lá, né? Eu já ia direto mesmo, né? E depois eu acabei casando e continuei com o mesmo comportamento, heterossexual, não tenho nada contra o homossexualismo, mas eu sou uma pessoa que me vejo desde a infância por opção, eu segui o caminho da heterossexualidade... (...) Então eu sempre me vi heterossexual, eu nunca, que eu me lembre, eu fui tê, procurar menino, o meu relacionamento foi sempre heterossexual, sempre fui atrás das meninas.

Alexandre diz perceber-se heterossexual desde sua infância, e justifica sua opção argumentando que jamais foi de “*procurar menino*”, porque o seu interesse era sempre direcionado às meninas. O argumento, na definição do colaborador, que confirma o sentido da verossimilidade de sua heterossexualidade refere-se à “*audácia*” com a qual ele se comportava com as garotas, ou seja, o “*ímpeto*” com o qual ele tomava iniciativa sexual com as garotas. Desse modo, para Alexandre, esse ímpeto audacioso em relação a sua iniciativa com as garotas seria o atestado de uma verdadeira essência e inclinação a respeito de sua opção heterossexual. Sua concepção, como a de Fujji foi fortemente influenciadas pela ideologia essencialista que acredita em uma essência biológica que define o verdadeiro ímpeto heterossexual de um homem.

Podemos encontrar no relato de Alexandre uma definição de heterossexualidade que contém implícitos valores que definem o modelo de masculinidade no sistema

patriarcal da sociedade moderna, que define segundo Nolasco (1997) um ideal narcísico de homem o “de verdade”, segundo o qual uma das características seria a prova de sua virilidade por meio da prática e sucesso sexual com as mulheres. A representação social do “homem de verdade” determina que o homem seja reservado em suas experiências pessoais, superficiais em suas relações, porém deve ser orientado pela ação, pela iniciativa e pelo realizar atividades comprovando suas habilidades na sedução da figura feminina. (FREUD, 1914).

### **Colaborador 3- Nilton**

Na infância, o colaborador vivia com sua família, de muitos irmãos em uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo. Quando criança teve uma vida bastante simples e humilde, repleta das brincadeiras de garoto, entretanto bastante distante do contato com o sexo oposto e sem orientação e diálogo com os familiares.

Na adolescência, vivia os flertes com as garotas, mas sempre muito temeroso em relação a este assunto desconhecido. O colaborador relatou que a experiência vivida pela maioria dos meninos de sua idade na zona de meretrício não o atraía e, portanto, apenas a partir dos 17 anos começou a ter contato com mulheres, inclusive de forma sexual. O colaborador fez a faculdade de administração.

Em sua vida adulta, o colaborador teve alguns relacionamentos, dentre esses, conheceu uma mulher com quem viveu intensa paixão, porém desistiu de vivê-la por acreditar que ambos eram muito diferentes e que seria impossível dar certo. Casado, desde os 29 anos, teve 2 filhos.

Na meia idade, ao refletir em sua vida, o colaborador revela seu intenso desejo de viver uma relação onde a relação sexual se integrasse à cumplicidade do amor. O colaborador descreveu-se como espírita, e tinha 45 anos no momento da entrevista. Pertence a classe econômica A2.

### **Categoria I- A Infância: breves recordações**

Na infância foi tudo muito simples, isto por decorrência de diversos problemas, de família,, uma família muito simples, morando em um bairro muito simples, não tinha diálogo, né? Eu acho que foi de uma forma bem... a convivência não sexual, mas a convivência de garoto, de brincar, de jogar, de fazer esporte, estas coisas, mas não tive uma interação com o outro sexo até os 17 anos. Uma coisa muito calma (...) até com um certo preconceito, não tinha com quem me informar, não tinha com quem pudesse me orientar (...) eu acho que as coisas foi sendo conhecidas sozinhas, o que eu tive de informação a respeito de sexo.

O tema da sexualidade não era vivenciado para Nilton com tanta naturalidade na infância quanto para Fujji e Alexandre, visto que o colaborador classifica essa fase como sendo de uma convivência “não sexual”. Essa vivência é justificada pela falta de diálogo. Podemos pensar como a “repressão” das suas pulsões, devido valores familiares que lhe foram transmitidos, podem ter influenciado nesse sentido não sexual de sua infância.(EIGUER, 1998; MCDOUGALL, 2001).

Desse modo, Nilton nos conta que a transmissão dos significados a respeito do tema da sexualidade em seu grupo familiar foi realizada por intermédio do “não dito”, o que propiciou a influência de inúmeros preconceitos na construção da representação, a respeito do sexo e do contato com o sexo oposto. Por esse motivo, o

colaborador nos conta que foi aos poucos desconstruindo as idéias equivocadas a respeito da sexualidade, tornando-se capaz de estabelecer maior contato com o sexo feminino e iniciar a vivência em direção a sua inclinação sexual (EIGUER, 1998).

### **Categoria II- Nos Tempos do Catecismo: descobertas adolescentes**

Como eu te falei, na minha família não tinha informação nenhuma, era por tabu, por ignorância, agora, o garoto, ele tinha aquele receio de chegar, de conversar, de...Aquela época de minha vida, aquela época de 60, pra mim era dificuldade de tudo, eu tinha às vezes um flertezinho, mas tinha receio de abordar a menina, pensava o que poderia acontecer de eu abordar uma moça, na verdade não tinha nem onde, se ela topasse alguma coisa, a onde levar esta pessoa, era tudo muito difícil, né?

Nesse momento do discurso de Nilton, percebemos como ele se sentida desprovido de referencial, sem uma concepção, que lhe norteasse a respeito de como agir em função de seu desejo, em seu papel masculino, de macho, frente à figura feminina. Parece-nos que as dificuldades concretas que a realidade o impunha para um encontro íntimo vinha fortalecer seu temor de não ser homem o suficiente para bancar um encontro a dois, inclusive no plano material, tão cobrado do provedor “homem de verdade”. (NOLASCO, 1997).

Podemos perceber também uma dose de pudor no discurso de Nilton, divergentemente de Fujji e Alexandre nessa fase da adolescência. Nilton revela sua insegurança e preocupação com a garota, caso ela aceitasse sair com ele. Ou seja, ele parecia não saber utilizar as “arte manhas” do homem de verdade para conseguir o que desejava. (NOLASCO, 1997).

O colaborador se refere aos tabus e “repressões” que lhe foram transmitidos em sua família, o que certamente contribuiu para sua dificuldade e insegurança no contato com os sexo oposto. (EIGUER, 1998).

O meio onde vivia, então tinha aquelas aflições, tinha desejo, aquilo era óbvio, latente, e como é hoje ainda, não tinha jeito de realizar aquilo que desejava. Tinha às vezes acesso a poucas revistas, na época, você nem deve ter tido acesso, era época de vedetes, então às vezes você tinha acesso a uma revista daquilo e aquilo excitava, como todo garoto, vivia aquela fase de masturbação que era a única coisa que se era permitido, né? E foi, não foi coisa rica, de infância, mas tudo normal, com todos aqueles medos e aflições, com uma família que não te dava um embasamento de tudo que deveria saber, não tinha diálogo, sabia alguma coisa de rua que era tabu, que era que não procedia a verdade, mitos, certas coisas absurdas... (...) Como, se você mantivesse, botasse...uma menina, só de encostar já engravidava, camisinha naquela época não existia. Coisas de moleque de rua, todos semi analfabetos, que não podia pegar na mão das meninas, que não sei o quê, que não podia se masturbar muito que o padre achava, que ia pro fogo do inferno, é... E que não tinha nada a ver, né? Uma coisa tão boa e não se imaginava porque que teríamos que ter um castigo por algo tão bom. Uma fase muito cheia de tabus e que demora pra você sair daquilo e perceber a realidade que não é nada daquilo o que falam e sua cabecinha é controlada.

O colaborador observa como a falta de diálogo na família a respeito das vivências sexuais foi sentida como uma proibição em relação ao próprio desejo, que contribuiu para que os “*tabus*” próprios das instituições da sociedade moderna, como a igreja, servissem de referencial que norteasse em algum grau o comportamento sexual do colaborador. Podemos observar no relato de Nilton a presença da dicotomia entre

“*rua*” e “*casa*”, própria da ideologia moderna, a qual dividia o que deveria ser atribuído ao familiar e o que deveria ser vivido e aprendido na “*rua*” (DA MATTA, 1997).

Desse modo, Nilton expressa como as instituições da modernidade, como a família e a Igreja exercia um poder discriminatório e repressor em relação à vivência da sexualidade. (FOUCAULT, 1980). Essa repressão é internalizada pelo colaborador que vive um intenso conflito entre sua vida pulsional de adolescente e os valores, idéias e identificações recebidos do meio religioso e familiar (EIGUER, 1998; MCDOUGALL, 2001).

Desse modo, como nos aponta Vaitsman (1994), a rigidez caracterizada pelas dicotomias da sociedade moderna, com seus conceitos inflexíveis a respeito da feminilidade e da masculinidade, regida pela ideologia autoritária das instituições modernas como a igreja, o estado e a família burguesa impossibilitava maior autonomia na atribuição de sentidos para a sexualidade, principalmente em famílias que em sua dinâmica inconsciente foram altamente influenciadas e moldadas por esses valores sócio-político-históricos e culturais.

... o acesso a esta vida, a estas emoções foi muito difícil, porque...pessoa muito simples, não tinha carro, não tinha possibilidade. Então, através de amigos, tinha uma namoradinha, tinha uma outra amiga, aí nós saíamos juntos íamos na casa deste rapaz, e alguma coisa, mas sempre assim, uma coisa...não te digo, como é que eu vou te falar...foi uma coisa muito simples, assim, estes primeiros contatos, já que eu não freqüentava estes lugares.(...) Me lembrei, quando eu tinha uns 17 anos, eu conheci uma pessoa, uma filha de um engenheiro e era uma coisa boa, mas o único acesso que a gente tinha era um cineminha de domingo à tarde em que a gente ia, uma coisa maravilhosa, e era a única coisa, porque não tinha aonde ir. O pai dela não queria e era óbvio e não se podia ir à festa, não tinha carro, então,

com a irmã dela a gente ia ao cinema, era maravilhoso. Agora eu não senti a cobrança de fora a respeito de ah, você tem que namorar, isso e aquilo, eu acho que isto porque eu trabalhava muito, estudava sábado pra concurso, então isso foi tomado por estas obrigações que eu tinha, né? E esses namorinhos que poderiam ter sido realidade na minha vida se eu tivesse tido acesso a clube, não tinha acesso a clube, jogando alguma coisa tudo, mas não tive isto, escola à noite, estudando pra concurso, então eu não tive muita minhoca na cabeça quanto à cobrança de mostrar serviço, porque tinha outras obrigações com a família”.

Nilton justifica sua dificuldade em acessar as emoções do encontro erótico pela sua condição econômica desfavorável, entretanto, esse parece ser apenas um dos aspectos que influenciou sua experiência. O colaborador, na verdade, parece ter respeitado o seu tempo de amadurecimento, para se libertar das “repressões” e se sentir mais seguro para, então, viver tais emoções. Esse percurso parece ter feito tanto sentido para ele, que aos 17 anos apenas ir ao cinema com a garota era altamente satisfatório.

Assim, Nilton diferente de Fujji e Alexandre, não tinha predominante em si a necessidade narcísica de auto-afirmação da masculinidade, por meio do “controle onipotente” da figura feminina. Apesar do desejo latente, podia satisfazer-se com um contato mais genuíno e menos interesseiro em relação a garota. (FREUD, 1914; NOLASCO, 1997).

Assim, o colaborador esclarece que sua necessidade de sobrevivência colocou-lhe mais cedo em contato com a realidade o que proporcionou, em seu caso, um descentramento de sua energia psíquica de si mesmo, de modo que o modelo narcísico do “homem de verdade” em sua exigência onipotente em relação à reafirmação sexual por meio da sedução incessante da figura feminina não fez sentido na formação de sua identidade masculina.

Tive experiências na cidadezinha onde eu morava, alguma coisa com meninas que trabalhavam em loja, depois de algum tempo quando eu fui para S P, ali que eu pude vivenciar alguma coisa mais...ali com namorada. Aí já tive acesso a uma outra condição financeira, com carro, já podia ir a motel, drive, e coisas assim, alguma viagem curta, praia, e coisas boas até (risos) e acho que estas experiências trazem de tudo prá gente, né?

Em um contexto cultural diferente, mais liberal, o colaborador relata ter conquistado uma condição financeira melhor, o que influenciou na sua auto-estima, aumentando sua confiança para poder lançar-se no caminho do desejo e da descoberta da troca sexual com a figura feminina, descobrindo as diferenças e inúmeras possibilidades de representar a vivência de Eros.

Nesse momento, Nilton sente-se mais liberto dos valores repressores, sendo capaz de realizar descobertas dentro do possível naquele momento em sua realidade. Sendo assim, conta como sempre respeitou os limites da realidade externa e de sua condição psíquica para viver suas experiências. Por esse motivo, não precisou atuar, tendo comportamentos incompatíveis com sua condição de adolescente inseguro e inexperiente. Essa sua conduta está intimamente relacionada com a experiência da interdição paterna, na qual os limites à realização dos desejos representam a sensação de cuidado e proteção que é internalizado pelo indivíduo que se torna capaz de tolerar os seus próprios limites. (EIGUER, 1998).

Neste universo, nestes relacionamentos a gente encontra várias pessoas, com várias opções e com vários gostos e que casa também com o gosto da gente e você... encontra mulheres mais liberais, outras mais recatadas, em termos bem mais simples, pessoas que topam tudo e que não topam. E, às vezes, se prende por uma simples paixão, um

simples...não uma coisa de amor, uma coisa...mais suave, mais leve, mais de tato, não, às vezes, até uma coisa mais firme, não é violento, mas uma coisa mais chocante um pouco, mais quente, mais aberto, mais...em termos gerais seria quase que um vale tudo, né? E você vive, se você gosta, é obvio, se você tem uma receptividade, é gostoso, tal, então a coisa rola muito gostoso assim...e diversas experiências em todos os sentidos, pessoas às vezes com problemas, às vezes que só quer conversar, a outra reclama de que não é daquele jeito, de que o sexo não é isto, então é uma gama, uma variedade de cabeças de pensamentos, enfim, todos os tipos...

Tão logo Eros foi libertado das amarras de sua insegurança, adentrou-se aos caminhos da consciência das diferenças humanas, conseguindo discernir os caminhos da paixão, dos caminhos do amor, assim como com que tipo de mulher poderia viver um ou outro percurso. A sede de Eros consistia em descobrir por meio da troca, as diferenças e possibilidades de construir uma experiência de prazer e bem-estar mútuos, libertando-se dos rígidos freios da repressão, entretanto, respeitando a possibilidade da realidade criada pela dupla de amantes. Essas descobertas adolescentes ocorriam em meio à liberação dos costumes em um contexto que, certamente, auxiliou na libertação de Eros da repressão sexual exercida pelas instâncias disciplinares da sociedade moderna.

Apesar disso, o colaborador, segundo o seu relato, não apresenta como necessidade predominante a sedução narcísica, o comportamento altamente individualizado e indiscriminado em relação ao “objeto de desejo”. Ao contrário, a necessidade mais significativa e o que mais fascinava Nilton era a descoberta da diversidade, das inúmeras diferenças que poderia encontrar em suas experiências com as mulheres, também percebidas por ele como diferentes umas das outras. Assim, compreendia que, com cada uma, viveria prazeres específicos, os quais não dependeria

apenas dele ou tão somente de sua companheira para serem produzidos, mas da troca dos dois. Trata-se de uma tendência de se posicionar de forma mais discriminada em relação ao objeto de desejo, realizando escolha de objeto de desejo denominada de “anaclítica” por Freud (1914).

### **Categoria III- As Vicissitudes da Vida Adulta**

Teve, teve uma experiência marcante, com uma pessoa, casada, em uma fase da minha vida e marcou muito, muito, muito. Eu acho que no decorrer disto, de todas as pessoas, eu acho que passam por uma coisa, eu acho que tem que passar por isto mesmo, porque se não tiver uma paixão, acho que não vale a pena, não, né? É uma coisa total, uma coisa boa... mas às vezes você, quando mais novo, você age com outros pensamentos, então você começa a analisar a pessoa e eu achei que naquele momento não valeria a pena arriscar naquilo em decorrência de...da personalidade da pessoa, que era uma pessoa meio instável, sexualmente era o que eu poderia desejar na minha vida, né? E era uma pessoa instável emocionalmente, meio agressiva e isto de certa maneira me afastou, mas aí, a, uma coisa maravilhosa, de vivência experiência sexual, né? E eu sempre pensando de uma maneira mais sensata, não sei se é o melhor caminho, por aí, mas eu tenho que sempre pautar por isto, obedecer a personalidade, né? E eu achei que não valeria a pena ir por ali, se eu fiz certo ou não, não sei, mas que foi uma época, um ano, dois anos maravilhosos da minha vida, foram. E eu tive, não sei mensurar, 10, 15 ou 20 , por aí, mas nada que marcasse como esta experiência. Uma coisa muito profunda, muito...um sexo bom, havia conversa, uma pessoa até inteligente, então...porque eu não creio que o sexo possa perdurar, se não tiver conversa, se não tiver... (...) Em parte sexual, cê vê que não é muito rico, mas esta experiência que eu tive foi muito marcante, não foi suave, porque a personalidade muito forte da pessoa, mas foi muito...como eu gosto, muito cheia, muito plena, muito, muita vida,

né? Já há algum tempo isto, mas ainda hoje ainda bate... eu acho que estas coisas marcam muito a vivência da pessoa... Uma coisa de paixão, afeto, muito desejo, porque sexo quando casa os dois no mesmo desejo, na mesma intensidade, no mesmo gosto, a coisa aí pega e pega feio, feio não pega e pega até bonito. Agora as variações disto que, às vezes, por esta coisa ser tão boa, tão total, é que cria algum, outros sentimentos que eu não sei, ou de ciúmes, ou de desejo, posse e tal, que machucam um pouco, né, da pessoa querer ter aquilo só pra si e eu acho que...eu gosto de um sexo pleno e total, mas às vezes eu gosto de uma coisa após o, ou a posterior uma coisa calma, tranqüila, eu acho que é um complemento, nunca uma relação conflituosa, né? Mas talvez seja da personalidade de cada um e isto de certa maneira separou mesmo. Agora isto foi, eu não sei se você quer saber alguma coisa de agora, nesta idade, porque nesta época eu tinha meus trinta e poucos anos, eu já estava mais, sabendo já o que gostava, já tinha passado por algumas coisas, vivido algumas experiências, mas não tão marcantes.

Nilton relata sua emocionante vivência de paixão e envolvimento com uma pessoa em uma fase de sua vida, na qual já havia tido outras inúmeras experiências que lhe tinham permitido realizar um discernimento das diferenças individuais, decorrentes da personalidade de cada pessoa e, portanto, do que seria possível viver com cada mulher em específico. Baseando-se nesse discernimento e na consciência do que desejava para si de uma relação amorosa, Nilton fez sua escolha, pautado na compreensão que tinha a respeito de si mesmo, de seus valores. Assim, apesar de totalmente envolvido pelo encanto de uma relação repleta de paixão, satisfação sexual e identificação intelectual que o fazia sentir-se absolutamente vivo, Nilton percebe certa “instabilidade emocional” em sua amada, o que não o agrada, a ponto de abrir mão desse ardente desejo, dessa intensidade própria das paixões arrebatadoras, em nome de

algo mais “*suave*”, de “*tranqüilidade*” nos momentos “posteriores” a relação fusional de sexo.

Talvez o colaborador possa ter percebido a proposta de sua companheira em estabelecer uma relação marcada pela indiscriminação, própria da sexualidade “pre-genital”, em que “Ego” e “objeto” ainda estão indiferenciados na vida psíquica do indivíduo (MCDOUGALL, 2001). Dessa proposta inconsciente feita pela mulher amada, a qual o colaborador parece ter intuído, surgiam os sentimentos de ciúmes excessivo, de posse em relação a ele. Esse fato o incomodava, visto que a dificuldade de separação e indiscriminação de sua companheira, a qual o colaborador se refere na expressão “*da pessoa querer ter aquilo só pra si...*” o aprisionava em um contexto descrito por ele como sendo de uma “*relação conflituosa*”, a qual percebeu que não queria viver.

Desse modo, Nilton nos conta o esforço que fez para abrir mão dessa experiência que o seduzia em sua ilusão de prazer total, nirvana absoluto, em nome de uma maior tranqüilidade, paz e individuação. Isso pois, Nilton relata ter percebido intuitivamente que aquela proposta de prazer total, Édem, não era positiva em sua totalidade, visto que após o desenlace dos corpos apaixonados, na luz da realidade, não havia a possibilidade de um encontro autêntico, marcado pela liberdade da troca de duas pessoas que pudessem existir livre e separadamente, segundo suas próprias individualidades. Então, primando por sua verdade, representada por sua necessidade de escolher a primazia da troca e não apenas do prazer indiscriminado, como já vimos na história de Nilton, mais uma vez nosso colaborador escolheu abrir mão da sedutora ilusão narcísica, da atitude de onipotência frente ao objeto. Assim, em função de seu senso de realidade, realiza uma escolha, a qual define como sendo “*sensata*”, que está

de acordo com sua personalidade, apesar de ainda lembrar-se dessa experiência como sendo a representação do Paraíso perdido.(FREUD, 1914).

Podemos observar como os sentidos transmitidos entre as gerações orientam o tipo de escolha de parceiros, segundo o ideal familiar recebido pelos ancestrais. Para Nilton a representação ancestral de casal tinha como configuração a tendência à castração diferentemente, do que tudo indica, a da sua parceira, que seguia a tendência à sedução narcísica. (EIGUER, 1998).

Em decorrência disso, Nilton então, nos conta como o modelo “homem de verdade” em sua diversidade sexual dissociada de troca e afeto e de intimidade não lhe sacia o desejo de compartilhar momentos afetivos de contemplação, beleza e inteligência com a mulher amada. Assim, o colaborador descreve o seu ideal de relacionamento afetivo e sexual :

O ato simples sexual de entrega e depois não ter nada, ele está fadado a pouco tempo, ele não vai durar muito, estas coisas são tão gostosas, às vezes partilhar sexo, partilhar uma leitura, um música, uma conversa, um passeio, um cinema, observar um quadro, porque eu acho que tudo isso faz parte desse universo, ou se integra, ou faz parte de um acabamento, de uma coisa gostosa, de uma vivência, né?

O colaborador mostra a sua descrença em uma relação que se baseie simplesmente no prazer sexual dissociado do afeto e da condição simbólica da poesia e da intimidade.

## **O Homem e a Mulher**

(Victor Hugo)

"O homem é a mais elevada das criaturas;  
A mulher é o mais sublime dos ideais.  
O homem é o cérebro; a mulher é o coração.  
O cérebro fabrica a luz; o coração, o Amor.  
A luz fecunda; o amor ressuscita.  
O homem é forte pela razão;  
A mulher é invencível pelas lágrimas.  
A razão convence, as lágrimas comovem.  
O homem é capaz de todos os heroísmos;  
A mulher de todos os martírios.  
O heroísmo enobrece; o martírio sublima.  
O homem é um código; a mulher é um evangelho.  
O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.  
O homem é um templo; a mulher é o sacrário.  
Ante o templo nos descobrimos;  
Ante o sacrário, nos ajoelhamos.  
O homem pensa; a mulher sonha.  
Pensar é ter no crânio uma larva;  
Sonhar é ter na fronte uma auréola.  
O homem é um oceano; a mulher um lago.  
O oceano tem a pérola que adorna;  
O lago, a poesia que desnuda.  
O homem é a águia que voa;  
A mulher é o rouxinol que canta.  
Voar é dominar o espaço;  
Cantar é conquistar a alma.  
Enfim, o Homem está colocado onde termina a Terra,  
A Mulher, onde começa o Céu!

#### **Categoria IV- A reflexão dos ventos da meia-idade**

Após isto a coisa veio caminhando sem sobressalto e até hoje ainda tem alguma relação e tudo, mas coisa sem importância, sem nenhuma ligação, né? Uma coisa, até meio sem sentido, às vezes até pra satisfazer um desejo e tal, mas eu não acho que venha sobrar nada disso, que eu possa ter hoje uma relação, um pequeno encontro. Eu acho que isto não sobra nada, eu acho que aí é que dá o vazio, porque é como eu te falei lá atrás, se não tiver algo mais, sexo só, ele não pode satisfazer, não satisfaz o homem, a não ser que a pessoa seja abrutalhada que não tenha sentimento, vive aquele momento e pra ela basta e não quer mais nada, né? Não é o meu caso...

Nilton ao se referir ao seu momento de vida na atualidade, não fala de sua relação com sua esposa, assim como de seus filhos. Ele assume, entretanto viver alguns encontros sexuais com a finalidade de satisfazer alguns desejos, mas que não tem um valor afetivamente significativo, o que lhe suscita um sentimento de “vazio”, visto que observa sua necessidade de integrar à satisfação sexual a relação de intimidade afetiva, de “sentimento”.

Entretanto fica-nos a curiosidade a respeito do porquê que Nilton não falou de sua relação com sua esposa? Será que o colaborador ao falar de sua sexualidade, de seus desejos não conseguiu incluir sua companheira, mãe dos seus filhos nesse aspecto da sua vida? Será que a “tranqüilidade” e a “satisfação” da troca afetiva, a qual o colaborador desejava viver para preservar sua individualidade foi alcançada em sua relação conjugal? Se esse aspecto foi possível de ser alcançado, tudo indica, pelo relato do colaborador que, em contrapartida, a satisfação sexual não pode ser integrada nessa escolha à tranqüilidade conjugal, visto que tem necessidade de ter encontros extraconjugais com o único objetivo de satisfazer seus desejos sexuais, como nos conta:

*hoje ainda tem alguma relação e tudo, mas coisa sem importância, sem nenhuma ligação, né? Uma coisa, até meio sem sentido, às vezes até pra satisfazer um desejo e tal...".* Será que a dicotomia dos conceitos dos papéis sexuais para homens e mulheres próprios da sociedade moderna influenciaram nessa dificuldade do colaborador em unir sua realização sexual com a afetiva? Será que por maior que fosse o seu desejo de integrar essas duas realidades, a dicotomia “casa” versus “rua”, que aprendeu na adolescência não influenciou sua vivência, deixando-o impedido de viver em seu lar os desejos que apenas na “rua” podiam existir e serem compartilhados? Será que a reflexão a respeito da própria vida afetiva e sexual na “idade do Lobo” se apresenta de modo tão angustiante, que esses dados concretos de sua vivência não podem ser acessíveis em seu relato?

Essas são algumas reflexões a respeito da vivência do colaborador que, por falta de dados simbolizados explicitamente em seu relato, deixaremos em aberto como indagações a respeito dos sentidos de suas experiências afetivas e sexuais.

Mas o que me chama a atenção às vezes, são mulheres, né? Tão distintas, o que que uma gosta, a outra não gosta, uma é tão pudica, a outra é tão liberal, e o universo feminino que eu acho tão diferente do homem, esta coisa...da sensibilidade, da dosagem exata pra ela, o homem é uma forma mais brutalhada, mais animalesca, eu acho, a maioria deles. Um homem vendo uma mulher passar, mais insinuante, ou com um corpo bonito, com uma bunda bem delineada, é invariável que ele já pensa em cama e eu vejo, às vezes conversando hoje, a mulher, não sei se culturalmente, ou instintivo, ou o lá de trás, ela traz uma carga emocional quanto ao envolvimento, os caminhos dela dentro do sexo, dentro do começo, são muito diferentes do do homem. Eu não vejo de forma errada isto, não, viu, mesmo porque eu não

gosto desta forma do homem entre aspas, cantar, pegar, levar, e então, não se completa isto, não acrescenta... (...) Agora eu falo por mim isto, né, porque eu acho que eu tenho uma carga mais acentuada de sensibilidade, não sei, e que a maior parte das pessoas não tem...

As diferenças entre as mulheres, assim como entre a feminilidade e a masculinidade consistem em uma questão intrigante, na visão do colaborador, a qual parece tentar compreender, de modo que possa encontrar um ponto de convergência no qual haja uma comunicação entre esses universos distintos. Nilton ao definir as diferenças entre a masculinidade e a feminilidade, descreve a mulher como um ser “sensível” que carrega consigo uma “*carga emocional*” em direção ao envolvimento afetivo, por outro lado, descreve o homem, em sua maioria, como tendo uma forma mais “*abrutalhada, mais animalesca*”. Nilton se refere ao modelo patriarcal, próprio da concepção moderna de masculinidade e feminilidade, a qual postula o universo feminino como sendo o representante das emoções, da intimidade afetiva, e o masculino sendo simbolizado pelo “modelo do homem de verdade”, no qual o homem deve diferenciar-se da figura feminina, negando qualquer relação de envolvimento e intimidade por meio da atividade sexual intensa com inúmeras mulheres. (LOBATO, 1997; NOLASCO, 1997).

Segundo Nolasco (1997), esse modelo patriarcal de masculinidade demonstra como os papéis de mãe e pai, construídos no cerne da ideologia moderna, não são facilitadores do desenvolvimento de uma maior integração emocional dos homens, visto que eles se restringem a responder a estímulos do meio externo. Nilton observa que não se percebe tão de acordo com esse modelo de masculinidade, visto que possui necessidades afetivas que vão além da necessidade da auto-afirmação do “*cantar, pegar, levar, e então, não se completa isto, não acrescenta...*” Assim, o colaborador

parece admirar a condição da mulher de vivenciar mais livremente sua sensibilidade. Da mesma forma, orgulha-se de perceber que não se enquadra totalmente nesse modelo masculino.

Certamente, o colaborador nos conta de sua necessidade de representar seu desejo e sua masculinidade, por meio da reflexão, do pensamento e sentimento, não por meio da “ação” compulsiva que dificulta essas vivências. (EIGUER, 1998). Apesar de ter se identificado com aspectos da figura feminina que lhe conferem uma carga maior de sensibilidade, o colaborador parece ter o desejo de integrar dentro de si feminino e masculino, que parecem ter ficado bastante distantes, devido à influência dessa dicotomia apregoada na cultura patriarcal.

Assim, se Nilton encontrou satisfação afetiva, de troca a dois, como desejava em seu casamento, realizou as necessidades mais características da figura feminina. Entretanto, como o modelo masculino apenas podia encontrar satisfação sexual fora do casamento, o colaborador não consegue satisfazer com a mesma mulher o desejo de integrar com a mesma mulher essas vivências.

### **Categoria V- Os Sentidos da Heterossexualidade**

...eu acho que desde garoto, bem lá atrás, eu tinha aquela coisa de garoto, de flertezinho, aquela coisa bem simples, até infantil, né? Receio de enfrentar esse novo mundo, como é que eu ia saber, tinha até medo mesmo, né? Até essa idade dos 17, sempre trabalhando, e não vivi de forma nenhuma esta coisa, precocemente, eu acho que foi até tardiamente, né? E tinha interesse por mulheres, sempre sexualidade em mim foi uma coisa acentuada, gostava, mas...e foi engraçado, porque...enquanto os amigos às vezes, nesta faixa, freqüentavam prostíbulos, tal foi uma coisa que nunca me agradou,

nunca me chamou a atenção. Pelas próprias condições, do ambiente, de como eu poderia encontrar a pessoa que estava ali, elas estariam pressionadas por uma condição, e isso não me atraía e como não me atrai até hoje. Agora, a partir desta idade, então, 17,18 anos fluiu melhor. Foi conhecendo, gradativo, vencendo barreira, tabu, a gente vai crescendo e aí, então a gente vai se relacionando com várias pessoas, eu me relacionei, coisas boas, coisas ruins (...) Agora a percepção quanto a sexo, isso pra mim sempre foi latente, gostava, gosto, e acho muito bom, não tenho conflito acentuado com isto, acho que se existir de uma forma muito agradável e prazeroso.

Nilton relata que divergentemente da maioria dos garotos de sua época, assim como de Fujji e Alexandre, não se atraía pelas descobertas sexuais na Zona, assim como não se identificava com o modelo ativo e exigente da masculinidade patriarcal. Assim, conta não ter precisado se submeter às leis da ideologia patriarcal para se auto-afirmar e apesar de considerar que começou sua vida sexual tardiamente, esse fato não lhe causava conflitos e inseguranças em relação a sua escolha sexual, porque sentia que a sexualidade, o seu desejo por garotas era acentuado.

Desse modo, o colaborador pôde ter tolerância com seus limites e vivenciar cada conquista com a figura feminina, segundo sua condição psíquica e material, não precisando se refugiar em uma “identidade de fachada” do “homem de verdade”. Assim, conseguiu ser mais coerente com sua real condição de garoto aprendiz, descobrindo com as meninas de seu próprio convívio como era ser um machinho em cada momento de sua história. Sendo assim, a heterossexualidade do colaborador foi sendo construído ao longo de sua história, como uma conquista de méritos pessoais e de modo a comportar limites, inseguranças, e prazeres que configuraram uma experiência calcada nas possibilidades da realidade. (NOLASCO, 1997).

Certamente essa experiência reflete a capacidade de Nilton ter vivido de modo mais consistente a experiência da interdição paterna, que lhe possibilitou entrar em contato com a angústia do complexo de castração, não precisando se defender fortemente por meio das defesas narcísicas, como a onipotência e a negação dos limites humanos e masculinos. Assim, o colaborador pode vivenciar as faltas e sensações de incompletude e insuficiência ao entrar em contato com suas dificuldades adolescentes, familiares e materiais. Isso porque ao ter internalizado o limite e a proteção da função paterna, o colaborador é capaz de vivenciar a angústia da falta e de suas dificuldades sem sentir-se absolutamente ameaçado por isso, sem sentir que sua identidade pessoal e heterossexual estaria sendo aniquilada, destruída. (EIGUER, 1997; MCDOUGALL, 2001).

Nilton relata que, desde muito garoto, percebia o seu desejo sexual, seu interesse pela figura feminina que se expressava em sua concepção de forma simples e até um pouco “*infantil*” por meio dos “*flertezinhos*”. O colaborador relata que, apesar de perceber sua sexualidade como algo “*acentuado*”, no sentido de ter um intenso desejo sexual, observa que foi viver intimidade sexual a partir dos 17 anos, e considera ter sido de forma tardia. Nilton depõe que diferentemente da maioria dos seus colegas, não se sentia atraído pelas experiências que os garotos vivenciavam, nessa época, nos “*prostíbulos*”, visto que em sua percepção as mulheres da Zona do Meretrício estariam “*pressionadas por uma condição*”, a qual não o atraía.

Assim, o colaborador relata que sua identidade heterossexual foi sendo construída gradativamente em suas experiências, conforme foi sendo possível “*vencer barreiras, tabus*” e por meio do crescimento e desenvolvimento de sua auto-estima em

relação a sua masculinidade, foi se aproximando mais do sexo oposto e aos poucos conseguindo se relacionar com várias pessoas e adquirindo maior experiência.

Apesar de acreditar ter iniciado tardiamente a trajetória prática no exercício da sua heterossexualidade e de se perceber diferente de muitos amigos que vivenciavam essa prática mais cedo nos prostíbulos, o colaborador, em relação a sua inclinação sexual, observa não ter vivido maiores conflitos, visto que sempre sentiu o quanto era “*latente*” o seu desejo sexual pela figura feminina e confessa não ter muitos problemas nessa área, desde que seja vivido de forma “*prazerosa*” e “*agradável*”.

Nilton, apesar de sua insegurança, do “*medo*” de “*enfrentar esse novo mundo*” da aquisição da masculinidade por meio da expressão de seu desejo com a figura feminina, não precisou recorrer a inúmeros artifícios para se auto-afirmar na aquisição de sua heterossexualidade, pois parece-nos que, para o colaborador, o modelo “homem de verdade” não suscitou uma exigência muito rígida em relação à comprovação de sua masculinidade.

Segundo o relato de Nilton, não foi preciso que ele se submetesse a situações que não lhe atraíam como os “prostíbulos”, para que ele se auto-afirmasse. O colaborador conta que, ao discernir sua necessidade de não se submeter a essa cultura da época, pôde viver a cada momento de seu desenvolvimento o que era permitido com as garotas de seu círculo social, até que fosse possível, aos 17,18 anos, fazer suas descobertas sexuais, por intermédio das relações que por seu próprio mérito e segurança pôde vivenciar. Como consequência dessas peculiaridades de suas vivências, percebemos que a necessidade de uma atitude mais “agressiva” em relação às conquistas sexuais encarnadas por Dom Juan, ou seja, a representação do “homem

de verdade” não era a necessidade mais predominante na aquisição da heterossexualidade de Nilton.

## **Eros e Psiqué**

(Fernando Pessoa)

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

## Colaborador 4- Pedro

Na infância, o colaborador morava em um grande centro urbano e pertencia à uma família grande, com inúmeros irmãos. Em suas lembranças de infância, relata ter sido muito “paparicado” (palavras do colaborador) pelas professoras e vizinhas, que gostavam de dar-lhe banho, o que, para ele, ficou representado como o sucesso que já fazia com a figura feminina.

Na adolescência, o colaborador lembra da explosão de sua sexualidade, que era realizada por intermédio da masturbação, com a revista catecismo do autor Carlos Zéfiro e de sua iniciação sexual na zona do meretrício. Logo depois, começou a namorar sério, namoro que durou 7 anos, com quem se casou pela primeira vez aos 20 anos. Esse casamento durou um ano e meio, do qual nasceram duas filhas. O colaborador fez faculdade na área de humanas e trabalha com educação.

Logo depois, já na vida adulta, o colaborador casou-se novamente, permanecendo casado por mais de vinte anos. Desse segundo casamento nasceram dois filhos. Entretanto, o colaborador divorciou-se novamente e se apaixonou por outras duas pessoas, com quem não conseguiu prosseguir, pela diferença de idade entre eles (elas eram vinte anos mais novas), sentida como um obstáculo por parte de suas companheiras.

A partir de então, já na meia idade, o colaborador continua sua busca por uma mulher companheira para dividir seu objetivo de amar e ser amado de forma intensa, sexual e afetivamente. Há dois anos o colaborador iniciou uma relação com sua atual companheira, com quem diz ter encontrado cumplicidade e aceitação, com quem está esperando seu próximo filho. O colaborador possuía 56 anos, se diz ateu e pertence a classe econômica A2.

### **Categoria I- A Infância: breves recordações**

...desde criança quando, a professora, é, é. sempre fui bom aluno era sempre paparicado pelas professoras primarias e tudo é, vizinhas, vizinhas que gostavam de dar banho em mim e aí era uma delicia porque aí teria tomado banho com elas, ainda na fase da banheira quando criança, em cinqüenta e pouco.

Em seu relato, Pedro descreve uma situação simbiótica, na qual, com a figura feminina experimentava o deleite da sensação de gozo total e absoluto, isento de diferenças e faltas. Experiência essa característica da sexualidade pré-genital vivenciada pelo bebê no início de seu desenvolvimento psicosexual. (MCDOUGALL, 2001). Assim, o colaborador deixa a sensação de acreditar ser desde pequeno irresistível em seus encantos para a figura feminina, sendo assim, incondicionalmente desejado.

### **Categoria II- Nos tempos do Catecismo: descobertas adolescentes**

E aí, é, e aí, obviamente, na minha fase de, de, da primeira relação sexual, com os valores que tinha na época, as namoradas, não davam prá nós, então aquela que acabou sendo minha primeira esposa, também não tinha, não tinha, não tínhamos a intimidade pra isso. Então foi um, numa zona e, e ali, sim, eu poderia ficar traumatizado porque, ainda bem que não fiquei, mas é, é eu tinha a tal da fimose e não sabia, e como foi com uma puta, na hora, na hora da relação sexual eu sangrei e ela me deu muita bronca e me expulsou da sala, do quarto dela, da sala dela e, e, e cobrou o dinheiro e eu sai de lá meio correndo, com medo de toda essa historia que contam a respeito de puteiro e, bom. Mas isso felizmente não afetou, não, não é? Porque acabou sendo, embora, embora constrangedor do ponto de vista da relação ó, da relação é, é, do sangue, acabou sendo bom. Então muito

melhor do que apenas uma masturbação e tal. Então essa, a primeira, a primeira é, relação foi contundente porque ela poderia perfeitamente eu passar a ter medo, vergonha, é, mas nem aí, nem aí isso me afetou. É isso. Então. Aí depois a primeira, as primeiras relações com a minha já esposa, porque, né, os carinhos mais avançados assim, ela me masturbava e nunca se deixou se masturbar, e então, e todas as outras mulheres com as quais eu estive, jamais pensei em outra coisa que não seja mulher.

Pedro, como Fujji descreve o *script* de sua primeira experiência sexual, na Zona do Meretrício e declara que naquela situação, sim, ele poderia ter ficado traumatizado, visto que não bastasse todo o contexto da ansiedade da iniciação sexual, o cenário da Zona, ainda por motivos de desconhecimento de sua fimose, o colaborador sangrou na sua primeira relação, sofrendo crítica e desaprovação da mulher com quem estava.

Desse modo, Pedro observa que, além do impacto do sangue, ainda precisou ser recriminado e pagar por tudo aquilo, tendo que sair expulso dali, como se tivesse feito algo muito inadequado. Essa experiência pode ter suscitado no colaborador a angústia de castração, visto a semelhança da situação descrita. Certamente essa experiência atualizou na vida mental do colaborador vivências edípicas, visto que ao iniciar sua vida sexual é intensamente recriminado pela mulher da Zona que realiza a função superegóica de gerar punição por um ato inadequado. Associado a esse fato real que provavelmente suscitou intensos temores de ser castrado, o sangue parece ter sido um elemento concreto que pode ter gerado ainda mais vivacidade as suas fantasias de castração. Talvez por isso afirma tanto como poderia ter ficado traumatizado com essa experiência. (EIGUER, 1998; MCDUGALL, 2001). Entretanto, afirma que nem assim foi afetado em sua essência heterossexual.

Nesse contexto social do modelo do “homem de verdade”, os valores patriarcais, que definiam os papéis de gênero, marcados pelas “oposições binárias”, proibiam a vivência sexual para as mulheres de família, próprias para casar e impunham a obrigação do “macho” exercer sua virilidade, por meio da prática sexual na Zona do Meretrício. Com base nesses valores da época, o colaborador conta que sua namorada, futura esposa, permitia algum tipo de transgressão dessas regras sociais, ao masturbá-lo, entretanto, ela não permitia que ele a masturbasse, certamente pela concepção de que a mulher deveria casar-se intacta em sua virgindade, e além do mais a obtenção de prazer sexual nesse sistema de valores deveria se restringir à figura do homem, do macho de essência imperiosamente sexual (NOLASCO, 1997; SCOTT, 1988).

...é aí, aí é troca, a coisa é assim, quando a mulher ela é profissional no assunto, normalmente a gente, no meu caso é claro, né? Na fase de puberdade, né, eu tinha que aprender e a nossa, a gente não aprendia com a namorada como hoje em dia se aprende e a namorada com o namorado, aprendíamos com as profissionais no assunto e, provavelmente isso foi marcante na minha conduta na relação sexual, porque, embora eu não tenha pretensão de ser um profissional nisso, eu acredito, por algumas experiências que, é, eu consigo agradar as pessoas...

Pedro atribui a responsabilidade da sua aprovação sexual com suas parceiras ao fato de ter aprendido com mulheres profissionais que lhe ensinaram estratégias de como ser um bom amante. Nesse momento de sua história da aquisição de sua masculinidade, o colaborador novamente atribui à figura feminina o papel do cuidado e da transmissão da sensação de aprovação ao aceitar compartilhar e ensinar a ele os caminhos da

conquista e sedução da mulher, ajudando-o a desenvolver o seu potencial masculino. Assim, como resultado dessa experiência compartilhada, desse contato educativo e auto-afirmativo com a figura feminina, Pedro orgulha-se de ter sido um bom aprendiz na habilidade de realizar as travessuras de Eros. Assim, o colaborador relata como se sentiu orientado pela figura feminina na assunção de sua masculinidade, sentindo-se quase que identificado com o *status* de profissional no assunto, ou seja, sendo quase uma extensão dessa figura feminina poderosa.

O colaborador conta como em sua fantasia sua virilidade heterossexual foi identificada pela figura feminina e aprimorada por meio da absoluta aceitação por parte dessa figura. Assim, nessa relação fusional, a profissional do sexo transmite o conhecimento, o saber erótico como uma tutora, de modo que por meio do espelho de seu olhar, Pedro encontra o seu ideal de homem, reafirmando sua fantasia narcísica de ser quase um profissional na arte da masculinidade.( EIGUER, 1998; FREUD, 1914).

e eu agrado não é porque sou um, um atleta sexual, é porque eu, eu sou liberto sexualmente (...) a minha estratégia de ação, primeiro fazer de tudo com que a mulher sinta, se destrave, sinta ela o orgasmo, ou próximo do orgasmo, não me preocupo muito comigo, prá que, prá que ela possa estar liberta né? Porque orgasmo é bom , é natural é, é gostoso e pelas histórias que a gente escuta falar inclusive das próprias meninas com os namorados possíveis delas. É, há uma brutalidade vulgarizada por aí que o cara tenta se satisfazer e esquece ...então quando a gente inverte uma situação dessas, eu, eu me privo nos primeiros momentos prá dar a ela a coisa agradável, ela sente, a mulher, ou as mulheres, né, sentem a diferença, do tipo de tratamento é, e prá que depois eu me realize aí com a explosão da vontade dela, ela quer me realizar, a partir do momento em que ela se sentiu realizada ou quase realizada. Então a minha conduta normalmente é

essa daí, é lógico que já houve também aquelas rapidinhas (risos) de que, e que não consigo às vezes satisfazê-la é lógico né, isso aí existe por mil motivos até, né psicológico ou não, mas o normal da conduta quando a relação sexual é aberta ela tem um tempo, um tempo de dedicação prá aquele ato sexual, que ele seja mais longo, que seja, né que seja uma só, mas que seja longo, que seja apreciado, que seja com vontade, que seja, é, a minha conduta é essa e tudo indica que, que eu estou no caminho certo, (...) né, esse caminho não sei se certo ou errado mas, pelas respostas que as mulheres dão, é, pelas respostas, me parece que eu agrado nesse sentido né, não por ser atleta, não por dar três, dar quatro que isso não existe, mas por dar uma só mas que ela tenha sido inesquecível, embora não pense nisso na hora, claro, mas é, eu acho que é isso (...) Porque a, porque é coisa da experiência, é, o tempo vai fazendo a gente conhecer a mulher, os livros vão fazendo a gente conhecer a mulher. (...) ...estou me lembrando de um livro lido há três anos aproximadamente sobre a descoberta na época do renascimento cultural (...) quando um anatomista, é, membro da igreja, (...) descobre o clitóris e o autor do livro fala "pois é, ele descobriu no século VI coisas que muita gente não descobre até hoje". Então é, o tempo, a experiência, a prática, o exercício da sexualidade é, me levou descobrir onde estão as partes (...) da mulher, que pra mim é muito importante realizar (...) é importante ter tentado, essa realização."

Pedro orgulha-se do aprendizado que realizou com as figuras femininas que passaram em sua história, pois relata o seu empenho em "fazer a diferença" como homem na cama com uma mulher. Conta que sua "*estratégia*" consiste em primeiramente pensar totalmente no prazer de sua parceira, seduzindo-a e envolvendo-a, de forma que ela se entregue e se "*destrave*", a ponto de chegar ou no orgasmo ou perto dele. Nesse momento, a sua satisfação maior é perceber sua capacidade de ser potente, a ponto de oferecer muito prazer a mulher. A partir desse momento, aposta ter conseguido envolvê-la de tal modo, que ela irá desejá-lo intensamente, de modo que "*pra que*

*depois eu me realize aí com a explosão da vontade dela, ela quer me realizar*". Desse modo, o colaborador nos conta que sua próxima satisfação fica representada pela sensação de ser irresistivelmente desejado, como consequência de sua habilidade para oferecer prazer.

Pedro então relata a sua preocupação em se diferenciar dos homens comuns de "brutalidade vulgarizada", presos ao padrão de masculinidade patriarcal que não considera o prazer da mulher, mas apenas as suas próprias necessidades, oriundas da concepção de macho viril. Como decorrência da preocupação de diferenciar-se desse modelo, pois acredita que a mulher vai perceber a diferença de tratamento, esforça-se para ser muito envolvente com as mulheres, de modo a satisfazer suas necessidades, para então, se sentir especial, "inesquecível" em sua capacidade de ser um amante viril, porém com características raras. Por meio dessa "estratégia", o colaborador reafirma a sua necessidade narcísica de ser diferente de todos os outros "machos" aos olhos da figura feminina. Ou seja, de ser incomparável, quase um profissional na arte erótica.

Desse modo, Pedro arrumou uma "estratégia" para sair da competição com os outros homens, negando a existência do terceiro elemento entre ele e a figura feminina ao negar o "padrão homem de verdade", aproximando-se do universo feminino, compreendendo suas necessidades, para então poder satisfazê-las de forma sedutora. Assim, por intermédio dessa estratégia, o colaborador reafirma sua "fantasia narcísica" de permanecer de tal forma fusionado à figura feminina, que acredita poder ser o "homem ideal" inesquecível e insubstituível nessa relação. (FREUD, 1914, NOLASCO, 1997).

Em seu mecanismo, o colaborador utiliza o discurso da atitude sensível com a mulher, porém deixa claro que sua intenção mais implícita é receber o reconhecimento

da figura feminina por ser um “macho” especial, diferente de todos os outros. Ou seja, sua preocupação não era predominantemente com o prazer da mulher, mas se reafirmar em sua fantasia narcísica onipotente, por meio da ilusão de ser o seu próprio Ideal de Ego. (FREUD, 1914).

### **Categoria III- A vida Adulta e suas vicissitudes**

o primeiro casamento depois de um namoro de sete anos, seis, sete anos, foi um casamento que durou, que durou um ano e meio, dois, o suficiente pra tirarmos e darmos um ao outro, né, duas filhas maravilhas, mas, é, a nossa separação naquele momento pelo menos não foi uma questão de desamor, foi uma questão de plano de vida diferente. É, a vida pra mim, tem uma determinada, um determinado sabor, a vida pra ela tinha outro sabor, outros valores, então nossos planos de vida começaram a se desencontrar e, por uma questão de honestidade, é, eu resolvi tomar a atitude de me separar dela, não havia pessoa nenhuma ainda, outra pessoa, então a falência foi dentro do próprio relacionamento. Agora, enquanto relacionamento, foi bom, mas foi se desgastando porque vinha sempre, como vem agora em minha cabeça, é, as atitudes de plano diferentes, algo do tipo, a minha filha pega um pincel com tinta e pinta um pé de tomate. De branco. Eu achei maravilhoso ela ter pintado um pé de tomate. Um ano e meio tava engatinhando pra aprender a andar e a mãe deu uma surra porque não existe tomate branco. E a minha filha dizendo que queria ver tomate branco, então, a partir do momento em que o meu plano é outro, eu quero a loucura dos meus filhos nesse sentido de descobrir coisas, descobrir vida, descobri cheiros e descobrir liberdades. Eu fui percebendo, tanto tempo depois, que os padrões estabelecidos por ela eram os convencionais (...) Demorei pra descobrir. Então o primeiro fracassou por isso, não era desamor, hoje é desamor mesmo, hoje é bastante desamor.

Pedro relata que após 6 anos de namoro, ao casar-se com sua primeira esposa, em 2 anos de casamento descobre as diferenças de valores entre o casal. O colaborador conta-nos como se incomoda com a atitude reguladora, de sua ex-mulher em querer ensinar para sua filha que não existia tomate branco, visto que compreende tal atitude como um ato conservador de aprisionamento da atitude libertária em relação aos fatos da realidade da vida.

Desse modo, o colaborador não tolera conviver com as diferenças de valores de sua parceira, visto que em seu ideal de relacionamento, sentia a necessidade de ser amado de forma “libertária”, sem tantos limites concretos. Em seu relato, o colaborador parece ter se identificado com a filha, que ao seu ver não pôde ser amada e admirada, apesar da transgressão das regras, ou seja, não pode ser aceita incondicionalmente, independentemente de estar ou não nos padrões do que a realidade impõe como regra. Certamente o colaborador nos conte de sua necessidade de estar ao lado de uma companheira que pense como ele, para que ele possa se sentir amado de forma total, incondicional.

Assim, as diferenças entre o colaborador e sua ex-esposa tornaram-se um fator que o agredia, criando um abismo entre a realidade do relacionamento em que estava inserido e o “ideal” de uma relação, no qual o amor se concretizasse pela aceitação das transgressões dos padrões que delimitam o desejo. Esse seu “ideal” fica representado naquilo que Pedro expressa desejar para os seus filhos: “...*eu quero a loucura dos meus filhos nesse sentido de descobrir coisas, descobrir vida, descobri cheiros e descobrir liberdades...*”

Pedro relata, assim, que a descoberta dessas diferenças o decepcionaram de forma que o que era amor, tornou-se “desamor”, ou seja, desencanto, desilusão. Certamente o colaborador nos conta sobre a sua decepção ao perceber que, ao aproximar-se mais de sua companheira, no casamento, na vida a dois, não mais encontrava sua imagem refletida, nos olhos da mulher amada. Assim, outra imagem distorcia-se no espelho do encontro com o outro, tornando-se indesejada e incompatível com as necessidades de “Narciso”, sedento pela busca de liberdade, definida pela total ausência das diferenças e faltas no contato amoroso.

A experiência de Pedro reflete sua dificuldade em aceitar as diferenças que pressupõe “separação” e ausência de satisfação absoluta. Ou seja, trata-se da dificuldade das vivências da sexualidade pré-genital de discriminação do Ego com o objeto de desejo, assim como com a vivência da aceitação da lei paterna que inscreve os limites para a realização do desejo. (EIGUER, 1998; MCDOUGALL, 2001).

Agora o segundo, que durou vinte e tantos anos e que nos deu dois filhos também, nos demos um ao outro, dois filhos, é, foi murchando, foi murchando, provavelmente porque até, é até dentro da sexualidade ela não tinha fervor, não tinha a busca por mim como nos primeiros tempos, é, não sei julgar responsabilidades se dela ou minha, mas, é, então, foi murchando, foi murchando até que também a minha atitude, né? Já que está murchando, no caso do segundo casamento já tinha aparecido uma outra pessoa mesmo com a qual me relacionava com, com todo tesão, com toda paixão, com toda entrega, com tudo e, e eu não quis ser o canalha de ter duas mulheres ao mesmo tempo, uma que me satisfizesse lá fora e outra que segurasse a barra social e isso aí é hipocrisia, e atitude de, de separação. (...) prá não ser hipócrita eu propus a separação. E acho que acertei nisso porque essa segunda esposa é minha grande amiga é, é e nos damos bem e tudo mais, que eu não sou apenas um cara que a sustenta com uma pensão alimentícia

mas alguém que me recebe quando vou a cidade de S. P. e que educa meus filhos e que, bom, então são dois casos diferentes. E a partir daí, desse segundo, dessa segunda separação a minha tentativa de minha entrega, é, não só como amante, mas como parceiro da tal pessoa que, que foi o fator desencadeador da lucidez da minha separação. Porque se, já estava meio morto antes, quando eu percebi que eu não estava morto ainda para a vida, porque fui capaz de amar uma mulher, outra é, aí veio, veio a vida que me separou também dessa outra aí e tem sido assim até, até há pouco tempo...

Pedro relata que o seu segundo casamento foi “murchando”, uma vez que observa que sua ex-esposa não tinha o mesmo interesse sexual dos “primeiros tempos”, não tendo o mesmo “fervor” e iniciativa em demonstrar desejo por ele, como descreve: “...*ela não tinha fervor, não tinha a busca por mim como nos primeiros tempos...*”. Esse foi o motivo, segundo o colaborador, para que a relação fosse perdendo o seu encanto. Nesse contexto, o colaborador começa a sair com outra mulher com quem inicia uma relação de entrega total, como relata: “*já tinha aparecido uma outra pessoa mesmo com a qual me relacionava com, com todo tesão, com toda paixão, com toda entrega, com tudo...*”. A partir de então ele resolve se separar de sua mulher para ir em busca dessa vivência de satisfação absoluta.

Percebemos no relato de Pedro, o seu intenso desejo de ser desejado, “buscado” pela mulher, de ser reconhecido em seu potencial de amante sedutor. Assim, Pedro observa que com o passar do tempo, a relação conjugal com sua mulher começou a ficar marcada pela realidade da convivência, de modo que a paixão de fervor absoluto dos “primeiros tempos” foi diminuindo e juntamente com ela, o seu interesse pela relação.

Desse modo, o colaborador nos conta de sua necessidade de sentir-se vivo por intermédio de uma relação de intensa paixão, caracterizada pela fantasia da totalidade, do prazer absoluto, da completude, na qual não haja faltas, diferenças e mudanças com o decorrer do tempo. Certamente o colaborador nos descreve sua necessidade de se sentir vivo por intermédio do reconhecimento e do desejo do “outro”, pois quando isso não ocorre ele também se sente “murchando”. Trata-se de sua dependência vital (fusional) do outro para se sentir existindo (FREUD, 1914).

Nessa incessante busca de um sentido pleno para sua existência, Narciso enxerga, no outro, a projeção de seu próprio ideal, construindo a fantasia de que o outro, em uma relação fusional, isenta de diferenças, poderá viver com ele a plenitude da liberdade e do amor indiscriminado, sem limites. Assim, ao realizar uma escolha narcísica, segundo Freud (1914, p.101): *“O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal”*.

Nesse caso, a grande parcela do desenvolvimento do sentimento de auto-estima resulta dos “resíduos do narcisismo infantil” e da “onipotência”, atestadas pelas experiências que confirmam a realização do “ideal do ego” (FREUD, 1914). Nesse sentido, o colaborador acreditava que a responsável por ele se sentir vivo ainda para a vida, foi essa nova mulher que surgiu, com quem disse estar vivendo na época uma *“paixão total”*.

Do mesmo modo, Pedro confessa acreditar ter acertado na sua opção de se separar, visto que assim pôde ficar apenas com o que lhe completava na relação com sua ex-mulher, a sua amizade e consideração. O colaborador reconhece a necessidade de

não se sentir apenas o homem que paga pensão alimentícia para a ex-mulher. Pedro conta que se sente satisfeito ao perceber que, se ela não pôde se manter todo o tempo com intenso fervor sexual por ele, pôde, entretanto considerá-lo, acolhê-lo, cuidar dos seus filhos. Ou seja, percebeu que mesmo após uma separação, ele pôde ser acolhido na “casa mental” de sua ex-mulher e que pôde também reter o que ficou de bom em si, mesmo estando separado. Essa satisfação pode estar comprovando o oposto da fantasia que o colaborador poderia ter de que, ao se separar, nada iria sobrar, visto a dificuldade de diferenciação do “Ego” com o “objeto de desejo”. Entretanto, Pedro nos conta que a realidade não confirmou a sua fantasia, o que lhe deixou satisfeito e com a sensação de ter ficado com algo de bom dessa experiência, apesar de ter resultado em uma separação. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001).

...acho que tem uma experiência interessante, é que eu estava no motel e, com uma pessoa queridíssima. E ela, eu, eu abraçado a ela, sobre ela, ela olhou pro espelho no motel e disse "estou vendo sua bundinha" e aí, e aí eu perguntei assim, cê acha que dá pra ser veado com essa bunda? Ela falou assim "pela bunda não e pelo resto também não." É essa a liberdade que eu falo, que tem que ter, sabe, é uma pena a falência desses encontros (pausa).

Essa situação descrita por Pedro representa claramente o seu desejo de viver uma relação fusional com a figura feminina, de modo que o espelho dos olhos feminino reflita a imagem da sua potência masculina, a qual talvez Pedro acredite ser provida por intermédio da total e absoluta aprovação da mulher. Essa sensação de absoluta aceitação só é possível de ser sentida pelo colaborador em uma relação na qual, no espelho, a imagem refletida apresenta-se indiscriminada entre o “Ego” e o “outro”, como em seu depoimento: “*E ela, eu, eu abraçado a ela, sobre ela, ela olhou pro espelho no motel e*

*disse "estou vendo sua bundinha". Então, Pedro lhe pergunta se "que dá prá ser veado com essa bunda?"*, ou seja, se ela o discrimina e é capaz de senti-lo como homem. Na seqüência, quando a sua companheira reflete por meio dos seus "olhos", a imagem esperada pelo colaborador da confirmação de sua potência viril, então ele sente uma sensação de liberdade, a qual parece buscar incessantemente. (FREUD, 1914).

Trata-se da idéia de uma liberdade possível apenas em uma situação de fusão absoluta, na qual sente-se reconhecido por acreditar ter conseguido ser o seu próprio "Ideal de Ego", o que pressupõe uma sensação de auto-estima, de gozo total, e daí o sentimento de liberdade. Entretanto, o colaborador lamenta-se pela realista percepção da falência desses encontros, na vida real.

Eu também rompo valores porque é, pela própria profissão minha assim, todas as pessoas com as quais eu me relacionei após minha separação, tem no mínimo metade da minha idade e isso também ia chocar pessoas, embora eu não faça para chocar, eu faça para amar, mas é, eu imagino que um, alguém que assumia sua homossexualidade, é, para os padrões de hoje é corajoso. (...) ...porque as negações da sexualidade são muito grandes ainda hoje... (...) Como me parece como educador, assim, quando toca nesse assunto ele continua sendo talvez, não tabu, mas continua sendo assim um limite (...) disso devemos falar, e disso não devemos falar, é, devo me comportar assim, o que vão pensar de mim. Então, ainda, ainda tem essa coisa toda, né?(...) Então, é, da hipocrisia, da possível hipocrisia porque não conheço esse metiê todo aí né, mas é, por exemplo, em sala de aula ou num buteco conversando e tal, as pessoas (...) todas elas são livres, verbalmente são livres, mas a partir do momento que a gente, é, é cobra dela um exercício da liberdade que ela exterioriza ter, ela se fecha e, e não se realiza com aquela liberdade que a pessoa disse ter. É, me parece (...) que é muito conservadorismo nessas relações todas, porque não há autenticidade entre, entre a palavra e o

gesto, a palavra é de liberdade, sou livre, sou legal, sou gostosa,(...) e a conduta não é exatamente essa né...

Pedro se sente rompendo com valores, ao tentar se relacionar com mulheres mais novas do que ele e percebe, nessa situação, os limites provindos das regras e normas sociais que impedem as pessoas de assumirem socialmente uma relação amorosa fora dos padrões convencionais. Desse modo, descobre que a liberdade não é um conceito que pode ser vivido em sua totalidade, e, portanto, assumir uma relação diferente do esperado socialmente exige coragem, que poucas as pessoas, em sua visão conseguem ter. O colaborador nos conta como se sente na margem do processo de aceitação social ao escolher mulheres mais novas para se relacionar e sentir a dificuldade de conseguir realizar uma relação amorosa nesse formato, devido aos limites que a situação lhe impõe, aos quais denomina de hipocrisia social.

Nesse sentido, compara sua dificuldade à dificuldade de uma pessoa homossexual em assumir sua escolha e se sentir “livre” em sua escolha. A percepção desses limites parece indignar Pedro que denuncia, com certa decepção, sua descoberta da impossibilidade de viver um amor absolutamente liberto, inclusive de qualquer amarra social, no qual sua companheira o assumisse acima de qualquer diferença e que a sociedade reconhecesse o seu ato transgressor como um ato de amor e não de horror.

O colaborador nos conta das experiências com que se defronta sua “fantasia narcísica” de onipotência, em relação ao “objeto de desejo” e em relação aos limites da realidade. Essas vivências suscitam em Pedro muita raiva frente a frustração de não se sentir incondicionalmente aceito em sua proposta de completude e liberdade. Dessa forma, a realidade da existência repleta de limites vai confrontando as ilusões narcísicas

do colaborador, que revive sentimentos de ódio, abandono e insuficiência provenientes das vivências inconscientes dos tempos primitivos da mente. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001).

É, caiu na minha cabeça algo do tipo assim da relação, da falência das relações. Toda relação tem muita coisa positiva, e toda relação, também tem coisas negativas. E que, normalmente, é, uma das duas partes da relação, é, se apega no que foi negativo e destrói tudo o que foi positivo. Sem medir, sem medir-se. Claro, se a maior parte está falida, tá falida toda a essência, agora de repente a maior parte foi positiva e aquela coisa negativa, é, não foi gerenciada a ponto né, de, de, de nós nos apreciarmos pela diferença e não pelas igualdades e tal, né? Então, é, não sei, passou isso pela minha cabeça (pausa)

Pedro, nesse momento, realiza um *insight*, no qual compreende que não há a possibilidade da relação amorosa ser totalmente prazerosa, satisfatória, uma vez que sempre existirão pontos positivos que agradam os parceiros e pontos negativos, que não vão de encontro com o ideal de relacionamento ou de parceiro que ambos imaginavam. Essa compreensão talvez lhe faça tanto sentido, que o colaborador sente ter “*caído em sua cabeça*” essa idéia que parece esclarecer o sentido das “*falências*” de seus relacionamentos amorosos. Assim, o colaborador percebe que a intolerância às diferenças entre o casal no relacionamento faz com que um dos companheiros transforme essas diferenças em impossibilidade de encontro, de satisfação e tome a parte pelo todo, não conseguindo sentir-las como complementariedade, mas sim como empecilhos para a realização de um amor idêntico ao idealizado, isento de faltas e de frustrações. O colaborador descobre, assim, as diferenças e alteridade do objeto de desejo. (MCDOUGALL, 2001).

Por meio dessa reflexão, talvez Pedro tenha percebido que viveu essa dinâmica em alguns de seus relacionamentos mais antigos e que nos atuais, com as mulheres mais novas, tenha vivido essa mesma situação, entretanto em outra posição, naquela de quem é abandonado pela intolerância. Certamente por esse motivo, Pedro possa estar compreendendo o sentido dessa dinâmica que contribui para a “falência” de suas relações.

### **Categoria V- A reflexão dos ventos da meia-idade**

*Então, é, eu acredito que mudou bastante minha relação com a figura da mulher, porque, porque eu vou, eu vou com o tempo, eu estive com o tempo descobrindo a mulher que existe na mulher, no aspecto da sexualidade, da afetividade, o que que eu não devo falar, o que que eu não devo fazer, é, e com outra pessoa o que que eu e essa mesma coisa que eu não posso com uma talvez a outra queira e, e coisas do tipo assim. Então, é, foi mudando, a minha história foi mudando assim no sentido de apreciar melhor o corpo do outro, é, respeitando aquilo que o outro quer e pode dar. E talvez eu tenha mudado minha visão de mim, é... talvez tenha mudado, exatamente, exatamente porque, como essas coisas, é, é, se fazem a dois, a partir do momento que eu aprendo a dar, a outra pessoa, ela está apta também a dar. No mesmo grau de intensidade, no mesmo grau de liberdade, de ação*

Pedro aponta para as mudanças que ocorreram dentro de si mesmo, resultantes do aprendizado proporcionado em suas inúmeras relações amorosas. Assim, descreve a sua descoberta das diferenças entre as pessoas, assim como das diferenças entre homens e mulheres. Começa, então, a discernir a realidade do “outro” de sua própria realidade e que cada mulher com quem se relaciona, descobrirá realidades e necessidades afetivas e

sexuais distintas. Assim, o colaborador explica que a mudança consistiu em sua compreensão das necessidades do “outro” e sua visão de si mesmo, visto que afirma ter aprendido a doar-se e a respeitar o limite de sua parceira, daquilo que ela pode e deseja oferecer. Desse modo, Pedro parece nos contar sobre a sua descoberta das “diferenças sexuais” e da existência da “alteridade” na relação amorosa e a satisfação que sente ao perceber-se em dupla nessa situação de troca (MC Dougall, 2001).

Então, então muda também é, é lógico, principalmente numa relação, numa relação (...) que seja mais duradoura, que dure um ano, que dure dois anos, como uma relação que dure cinco anos, como foi o último caso, seis anos quase, é, então a gente vai aprendendo a, a receber sem pedir, porque a outra pessoa está recebendo sem pedir, porque já descobrimos o que a outra pessoa precisa e quer, e deseja. É, e inclusive, o que é mais gostoso, é quando se descobre, a gente descobre um novo dentro daquilo que estamos acostumados a fazer. Um gesto, uma atitude, um passar de mão, um, uma coisa bem, bem nova, então, então se nós estamos procurando um novo é sinal de que nós estamos nos renovando, enquanto dois, né e é, é biunívoca, não tem, né, é, não é só dar e também não é só receber então acho que aí que tá o encontro né, é, é dar recebendo e receber dando.

Pedro relata que pode vivenciar as mudanças que ocorreram dentro dele, conseguindo em uma “relação duradoura” experimentar a troca própria de um relacionamento, no qual os dois parceiros foram capazes de doar-se espontaneamente, sem cobranças, visto que ambos se preocupavam com as necessidades do outro, não restringindo a atenção apenas para suas demandas pessoais. A descoberta daquilo que não é sempre igual, do imprevisível, de “*um novo*” e diferente caminho que a dupla pode seguir, parece fascinar Pedro, visto que compreende que, ao descobrir as diferenças entre as necessidades de sua parceira e suas próprias necessidades, descobre

as diferenças em si mesmo e a possibilidade de renovar-se, de mudar, de separar-se e, ainda assim, descobrir-se em si mesmo. Ao perceber-se separado, talvez o colaborador tenha descoberto que também tem muito para doar em uma relação com a mulher amada, ao contrário do que certamente fantasiava em seus antigos relacionamentos, nos quais acreditava que a mulher iria sempre lhe prover de vida e potência. Da mesma forma, com a descoberta da existência autônoma do “objeto amado”, pode suportar melhor o tempo da ausência para receber a afeto da mulher amada. Desse modo, Pedro parece encontrar grande satisfação em sua capacidade de doar e receber em uma relação “*biunívoca*”, marcada pela sensação de real de “*encontro*”, uma escolha do tipo anaclítica. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001).

Meu atual relacionamento, começou com a cantada dela. Ela me cantou. Eu jamais cantaria essa mulher. Que ela, ela chorando, como aluna, pai tinha quebrado, financeiramente,(...) e depois eu vim saber que era verdade mesmo, que eu não cai e, em, em jogada aí tal, é ela não poderia pagar o cursinho, ela tinha que sair, e queria medicina e queria pedir uma ajuda material, no sentido de conseguir com a escola uma bolsa, ou qualquer coisa e, e eu me mobilizei porque eu acreditei (...) citei qual era aluna, e aluna, era brilhante aluna e, e, resolvi, resolvemos, se a escola não desse nós daríamos, nós daríamos uma bolsa prá ela, cada um pagaria uma parte do estudo dela, então jamais, por uma questão de ética eu iria, eu iria tomar qualquer atitude porque seria, um desastre prá minha formação. Mas a partir daí começamos a nos aproximar com, com coisas culturais né? E acabou até que um determinado dia ela já, ela, que além de toda apreciação que tinha por mim como, pessoa, humana, pessoa, como educador, como pessoa e tal, isso tudo foi construindo né, um tesão por mim, é que provavelmente não tinha visto com os jovens da idade dela ou com outra pessoa de outra idade, sei lá, portanto a primeira né, o homem tá aprendendo com a mulher, eu poderia simplesmente ter aceitado o tesão dela, ter tido a relação com ela e não ter tido mais nada com ela.

Mas foi tão glorioso prá mim ter tido o tesão dela, que começou com tesão mesmo, e depois tá virando, tá virando o que tá virando, vida a dois, vida é, legal, sem matar o tesão inicial, que é legal né. Então o homem tá mudando, tá mudando porque a mulher tá mudando e não tem como mudar sozinho, não tem como mudar sozinho, sabe. Tudo a ver. Foi maravilhoso, maravilhoso, ela ter chegado, é, eu me senti, me senti honrado né? É, e confessei a ela falando foi bom você ter dito porque você jamais ouviria isso de mim. Por causa do nosso primeiro encontro, seria canalhice minha cantar essa mulher. Então eu poderia ter, poderia ter passado a minha vida inteira pensando nela e só pensando nela, como mulher e eu pensei nela como uma pessoa que precisasse de mim, como precisou e, e naquele momento, era confundida claro, mas era, era fundamental resolver o problema dela, material.(...) Portanto foi, maravilhoso, foi um encontro de tesão, só que revelado por ela, então né, então é obvio que aprendemos juntos né,(...) e naquele nosso primeiro encontro de tesão, a única coisa que eu pedi a ela mesmo assim pelas experiências anteriores, é que não seja só uma simples trepada. E a história nossa tem provado que está sendo não só uma simples trepada, mas uma grande trepada e que dura quase dois anos já (pausa).

Pedro descreve uma história diferente das anteriores, pois conta-nos que o seu primeiro contato com a sua atual mulher foi marcado pelo desejo altruísta de ajudá-la como pessoa. Desse modo, conta que abriu mão de olhá-la e desejá-la como mulher para poder ajudá-la. Pedro nos conta, então, da sua capacidade de “enxergá-la” como uma pessoa diferenciada, com necessidades específicas, a qual poderia ajudar e, não apenas, como uma possível mulher atraente com quem poderia realizar suas necessidades emocionais e ou sexuais.

Assim sendo, respeitando o compasso do limite para a realização de seu desejo, Pedro foi capaz de aguardar o tempo do despertar do desejo em sua companheira,

deixando-a expressá-lo, no momento da possibilidade de sua realização. O colaborador parece compreender que o tesão de sua companheira foi sendo construído com o tempo de convivência que lhe permitiu ter tesão pela sua pessoa como um todo, na sua figura intelectual, como educador, ou seja, na essência, a qual ele se define. Inicia-se, assim uma nova proposta de relacionamento, no qual após um longo caminho em busca da individualidade, Psiqué pode encontrar-se com Eros. (BRANDÃO, 2003).

Assim, o colaborador conta ter se sentido honrado por ela tê-lo escolhido como “objeto de desejo”, de modo que ele se sentiu verdadeiramente reconhecido em sua capacidade de amar e de ser interessante não apenas como um homem, mas como uma “*pessoa humana*”. A partir dessa escolha feita de forma a considerar a realidade da existência do outro, os dois juntos conseguiram transformar o tesão inicial em “vida a dois” sem, entretanto, confundir-se e perder-se um no outro de modo a esgotar, “matar” o interesse, o tesão do relacionamento, devido a negação da “alteridade”. (FREUD, 1914; MCDOUGALL, 2001).

e...e agora tá bom....agora tá bom demais, uma parceira, maravilhosa, companheira, é, companheira de trabalho, de estudo, de briga pela vida, aceitação social, é, não cem por cento, mas uma porcentagem que eu nunca tive. É...mais nova também, mais nova também. Só que trazendo pai, trazendo mãe pro nosso relacionamento, eu levando meus filhos pro nosso relacionamento e, e a coisa mais atual e felizmente com um filhinho aí na barriga de três meses, quatro meses aproximadamente. E curtindo isso com uma felicidade que, que é, to me sentindo mesmo assim, eu estou coroadando minha capacidade de amar, amando uma mulher que resolveu me dar um filho.

O colaborador conta-nos estar “*coroando a sua capacidade de amar*” ao ser capaz de vivenciar uma relação de maior cumplicidade e amadurecimento, visto que define sua relação como sendo de companheirismo, de divisão de responsabilidades e de “*briga pela vida*”, encarada nesse momento como sendo cheia de desafios e limites. Com essa mudança de atitude em relação à realidade, o colaborador pode conformar-se que a “*aceitação social*”, devido à diferença de idade do casal, não seja cem por cento, mas que o que é possível já representa algo que jamais havia conquistado. Ou seja, Pedro relata estar conseguindo, com o amadurecimento da meia-idade, aceitar os limites da realidade, assim como os seus próprios limites, sentido-se por consequência mais satisfeito com suas conquistas.

Nesse relacionamento, Pedro conta que o casal está sendo capaz de integrar as realidades e limitações de ambos na relação de troca afetiva. Assim, sua companheira pode assumi-lo para sua família, encarando a diferença de idade entre eles, assim como a sua história e os filhos dos seus relacionamentos anteriores. Apesar das dificuldades que encontrou para vivenciar um relacionamento em um formato não convencional, segundo a ideologia da família moderna burguesa, podemos perceber que ao transformar a dinâmica que estruturava os alicerces de seus relacionamentos amorosos, o colaborador foi capaz de vivenciar a transgressão, porém levando em conta os limites da realidade psíquica do outro, assim como os limites das imposições sócio-culturais e políticas.

Trata-se do que Bollas (apud MCDUGALL, 2001) define como a assunção do indivíduo de sua “pulsão de destino”, quando transforma o fado, a configuração vincular de seus objetos internos. Ou ainda, como concebe Eiguier (1998), quando por

intermédio da interdição, dos limites próprios da função paterna, o indivíduo sofre uma crise em seu narcisismo para assumir seu destino.

Desse modo, o colaborador vivencia uma situação familiar próxima daquela, descrita por Katz (1996) na contemporaneidade, na qual o padrão burguês não se apresenta mais como um padrão hegemônico. A mudança de comportamento, assim como as inúmeras possibilidades de formatos para a vivência da sexualidade e da constituição familiar na sociedade contemporânea gera a diminuição do preconceito em relação ao que era convencional no mundo moderno burguês, entretanto, como relatou nosso colaborador, esse preconceito ainda existe e deve ser compreendido como um limite a ser assumido para ser verdadeiramente simbolizado e transgredido, como fez Pedro.

Para completar a sensação de realização de Pedro, sua mulher em sua percepção não o escolheu apenas como homem, mas como pai de seu filho! A forma como o colaborador nos conta essa sua conquista de estar sendo “coroadado em sua capacidade de amar”, sugere que pela primeira vez ele sente que está construindo uma família realmente sua, visto que sente-se liberto de seu “fado” psíquico, da sua necessidade de repetir relações fusionais com a figura feminina. Nesse momento parece descrever-se realmente livre para amar e ser amado de modo discriminado, podendo assim, escrever sua história com seus próprios punhos, por meio da consciência de si mesmo e guiado pela torrente de sua “pulsão de destino” em direção a sua autêntica existência. (MC DOUGALL, 2001).

Assim, Pedro não só realizou uma reflexão fecunda em sua meia-idade, como uma transformação em seus valores e forma de viver.

### **Categoria V- Os Sentidos da Heterossexualidade**

é, eu jamais tive, tive, não sei se a palavra é essa, intenção ou observação, é por homem, nunca me passou pela cabeça isso ao contrário, desde criança quando, a professora, é, é. sempre fui bom aluno era sempre paparicado pelas professoras primarias e tudo (...) E, então a presença do homem, em mim. sempre foi tão natural que eu não, eu jamais cheguei a questionar a minha, a minha sexualidade, talvez esteja agora questionando, quer dizer, tá dando prá pensar porque que eu sou hétero, porque eu nunca fiz essa pergunta pra mim mesmo, então é, sei lá, na fase de masturbação com revistinha de sacanagem, é, o que mais me atraía claro era o desenho da mulher na fase do Carlos Zéfiro lá famoso do, dos catecismos que tinha escondido da mãe e tal, é, então ir à missa e saber que com a mão suada ainda eu ia ver a menina que eu ia namorar e o primeiro beijo, então, então eu nunca coloquei do ponto de vista racional o questionamento da minha heterossexualidade.

Pedro conta que jamais havia questionado a sua heterossexualidade, visto que sempre sentiu a presença do “homem” em si mesmo de uma forma muito natural, de modo que desde criança era “paparicado” pelas professoras primárias, o que lhe parece reafirmar como a mulher, desde que ele era pequeno, também identificava o seu potencial masculino, uma vez que era reconhecido pelo olhar da figura feminina. O colaborador observa que por ter sido muito “*natural*” a sua inclinação heterossexual desde criança e também na puberdade, o seu interesse direcionado para a figura feminina, ele jamais havia questionado a sua heterossexualidade e portanto, apenas no momento dessa entrevista parou para pensar racionalmente em sua sexualidade. Assim,

Pedro relata jamais ter tido a “*intenção*”, ou a admiração por homem como “objeto de desejo sexual”.

Talvez contribua pouco né, porque nunca passou outra opção, nunca passou. Ou era masturbação mesmo ou era o ato sexual e, e aí eu sou, eu me considero nesse aspecto um homem, é, dentro do limite da heterossexualidade, um homem livre para amar uma mulher e deixar que a mulher, sendo mulher, me ame da maneira como ela julgue que deve ser, pelas atitudes dela e, e normalmente é, ela, elas se libertam mesmo numa relação porque eu não tenho regras para isso, não. Eu não tenho. Dentro desse limite da heterossexualidade eu não coloco obstáculos com as atitudes que ela vai tomar, com as atitudes que eu vou tomar. E é assim ate hoje, porque num tem outra coisa, num tem, nunca pensei nisso né, o porquê da minha hétero, ela veio, não sei se essa palavra existe no teu trabalho ou não, ela veio naturalmente, veio, não é só, não é nem só questão de ser educado, ter sido educado para ser homem, é claro que eu fui educado para ser homem, mas, além disso todas as condutas minhas, em todas elas jamais é, passou em minha cabeça uma relação que não seja essa.

Pedro observa que talvez contribua pouco para a pesquisa, pois concebe a sua heterossexualidade como sendo algo tão espontâneo, que “*veio*” tão “*naturalmente*”, que acredita ter pouco o que questionar, ou explicar, visto que sua opção hétero se constitui, em sua visão, como algo tão essencial de sua pessoa, que existiria, independentemente de ter sido ou não criado para ser homem. E por esse motivo jamais pensou em ter outra relação que não fosse com a figura feminina.

Katz (1996) defende que a heterossexualidade, na sociedade contemporânea, representa o ato sexual reprodutivo dos sexos, ou seja, é sinônimo da diferença dos sexos e o mesmo que o erotismo de homens com

mulheres. E que esse conceito foi construído no cerne da sociedade moderna, como resultante de um contexto sócio-político e cultural específico, que fez emergir uma ética heterossexual da normalidade, que se opõe à homossexual. Os termos homo e heterossexualidade, assim como os sentidos atribuídos a um ou outro formato da experiência sexual, na visão do autor, são resultado da produção ideológica do paradigma moderno a respeito da sexualidade.

Desse modo, essa ideologia, para o autor, se sustenta nos argumentos do determinismo biológico que postula a existência de uma essência biológica que define “a priori” o sentimento de existência, de identidade do indivíduo. Ou seja, que a verdade a respeito das vivências de um indivíduo independem dos valores culturais transmitidos nas relações vinculares dos seres humanos. (KATZ, 1996).

Seguindo esse mesmo sentido, Hall (1998) observa que, por intermédio dos argumentos deterministas, a sociedade moderna alicerçou o conceito de identidade individual, a qual era concebida como sendo estável, única, imutável e inquestionável, visto que se tratava da imposição da essência natural, verdade absoluta que brotava de dentro de cada indivíduo.

Ao relatar o sentido de sua heterossexualidade, Pedro revela a influência dessa ideologia moderna em sua forma de conceber os significados atribuídos a sua identidade sexual, visto que atribui a uma essência que “veio naturalmente” de seu íntimo, de sua inclinação sexual. Assim, acredita que mesmo se não tivesse sido “*criado para ser homem*”, ainda assim essa essência seria forte o suficiente para defini-lo como heterossexual.

Em sua representação, podemos verificar que, para o colaborador, ser heterossexual é sinônimo de ser homem. Podemos verificar então, a influência do modelo de “homem de verdade” que pressupõe que para vingar a masculinidade de um garoto, é preciso que ele se diferencie tão claramente da figura feminina (materna), que seja capaz de se relacionar sexualmente com ela, de forma intensa e diversificada com o objetivo de expressar a virilidade masculina (Nolasco, 1997). Nesse sentido, Pedro também define e reafirma sua heterossexualidade, observando a liberdade que possui, “*dentro dos limites da heterossexualidade*” de se relacionar sexualmente com as mulheres, de forma a fazê-las de fato se “*liberarem*” sexualmente.

Assim, essa necessidade de diferenciação do homem em relação à figura feminina, definindo a heterossexualidade como sinônimo do modelo ideal de masculinidade, tem como alicerce as “oposições binárias”, que concebem “masculino” como oposto de “feminino”, “passivo” de “ativo”, “público” de “privado”, “cultura” de “natureza” (SCOTT, 1988, p.14).

Desse modo, as representações culturais alicerçadas nessas dicotomias geraram “relações hierárquicas e complementares”, nas quais as instâncias de maior poder “engolfavam” as inferiores. (DAMATTA, 1997).

Para Pedro, assim como para Fujji e Alexandre, a heterossexualidade é representada pelo modelo do “homem de verdade”, caracterizado pela onipotência e indiscriminação entre seu Ego e o objeto de desejo, a mulher. (FREUD, 1914).

Podemos verificar no relato do colaborador a influência desse contexto da sociedade moderna, no qual a percepção de sua identidade sexual expressa a ideologia desse momento histórico em relação a própria verdade a respeito de si mesmo.

### **Colaborador 5- Luis**

Na infância, o colaborador morava em uma cidade do interior do estado de São Paulo, sua família era composta de pai, mãe e irmã mais velha. Descreve sua infância como sendo uma vivência lúdica, de muitas brincadeiras, principalmente com sua irmã. Conta-nos que sua irmã o ensinava atividades consideradas femininas que ele gostava muito, porém ficava preocupado se aquele comportamento era adequado a um menino. Relembra das reuniões de família na varanda de sua casa e das estórias do “Pedro Malasartes”, que a avó contava.

Na adolescência, o colaborador se recorda da grande influência de sua irmã mais velha, com quem aprendeu a fazer tricô e que o orientava bastante. Conta, também, da intensa atividade masturbatória dessa fase, visto que não tinha relações sexuais com mulheres, mas vivenciou, no início da puberdade, algumas relações que ele denominou como “troca-troca”, nas quais, segundo seu relato, apenas conseguia ser o ativo. O colaborador relata com espanto que um comportamento denominado por ele como homossexual tenha lhe ajudado a se perceber heterossexual. O colaborador fez a faculdade de jornalismo.

Em sua vida adulta, o colaborador casou-se, permanecendo doze anos casado e tendo uma filha dessa união. Separou-se e casou-se novamente aos 44 anos com sua atual esposa.

Aos 49 anos, o colaborador conclui que, apesar dos doze anos do primeiro casamento e dos cinco anos do atual, tem dificuldades em estabelecer uma relação profunda afetivamente. Seu objetivo futuro é fazer uma nova faculdade e abrir um bar. O colaborador se diz ateu e pertence a classe econômica B1.

### **Categoria I- A Infância: Breves Recordações**

Lembro também que eu era bem preconceituoso porque o pessoal perguntava. Eu devia ter uns 5 anos, me lembro mas era novo. A pessoa perguntava: "O que você vai ser?". Eu dizia que iria ser médico. Aí continuavam: "Mas, quando a mulher for como você vai consultar ela?". Eu respondia que iria consultar daqui até aqui, depois aqui e depois ali. Eu deixava os seios e a vagina de fora. Isso era preconceito. Sei lá, nem sei se era preconceito, mas eles morriam de rir. Eu lembro que eles perguntavam e eu falava, falava isso. Não tinha televisão, fui ter tv em casa com 16 anos. Não tinha telefone. Meu pai não tinha carro. Fui ter minha primeira bicicleta na segunda série (...) Que eu fiquei prá segunda época e minha irmã disse que se eu passasse ela me dava uma bicicleta. Eu passei ela me deu. E minha mãe, meu pai, minha família a gente tinha esse costume de conversar no alpendre, na varanda. Então a gente sentava lá e ficava conversando e as crianças ficavam ali. Minha avó contando histórias do Pedro Malasartes. Então eu fui uma criança que teve uma infância muito lúdica, muito essas histórias e assim muito difícil porque meu pai era um homem que tinha dinheiro e depois perdeu tudo. Então eu senti essa decadência nos meus 10, 11 anos de idade. Via que assim a gente tinha casa própria, tinha num sei o que tal, mas eu via que a gente tava perdendo dinheiro. Meu pai acabou dando uma pirada uma época. Acabou com tudo. Ficou no B. M.(hospital psiquiátrico) internado. Então eu tive uma infância muito gostosa nesse sentido. Muito de brincar mesmo, de brincar de caminhãozinho. Quando chovia pegava lata de cera e ficava jogando água na rua. Sabe essas coisas? Foi muito lúdica mesmo minha infância. Com rádio. Meu pai era um homem que lia muito e ouvia muito o rádio. Meu pai assinava o "Estadão" e a "Folha", aí eu recortava as propagandas dos filmes e colava nos cadernos. Então eu lembro que eu tinha um monte de caderno usado, uns 10 cadernos com filmes, cartazes de filme que sai no jornal. Eu curtia essas coisas, depois com o futebol, com notícia do Corinthians. Não tinha essa coisa de colecionador, mas gostava.

Luis descreve como gostava de atividades lúdicas, nas quais utilizasse a imaginação e define sua infância como sendo gostosa por ser lúdica, porém difícil, por ter visto a decadência do seu pai, que foi perdendo dinheiro, até “acabar com tudo” e ser internado em um hospital psiquiátrico. Descreve a imagem de um pai informado, que gostava de cultura, porém uma figura frágil, do qual assistiu a decadência não apenas material, que definia um pai de família naquele contexto patriarcal da sociedade moderna, mas também sua decadência psicológica, a ponto de presenciar a sua interdição concreta em um hospital. Esses fatos podem ter dificultado a continência de determinadas demandas emocionais de Luis em relação a essa figura paterna. Luis conta-nos da lembrança de sua irmã impondo-lhe um limite ao negociar a nota na escola com a bicicleta, ao passo que a lembrança de sua pai ficou marcada por uma figura que foi perdendo a condição de viver e transmitir limites.

Assim, apesar de descrever a figura feminina como continente e percebida em sua vida afetiva, o colaborador relata que devido a fragilidade de seu pai, as experiências de limite erram impostas por sua irmã, figura referência para ele, já que quase não fala da mãe. Dessa forma, as funções maternas e paternas transmitidas pelo modelo de parentesco podem ter ficado confusas para ele, visto a fragilidade da figura paterna em assumir seu papel de interditor, essa experiência era vivida em algum nível com as figuras femininas, que são descritas, entretanto, por ele como sendo afetivas e permissivas. (EIGUER, 1998).

Foi assim e muito sem falar de sexo. Eu lembro que eu devia ter uns 13, 12 anos, num concurso de miss era perguntado: "Num sei que quanto. Busto? Tanto". Tinha um vizinho que tinha uma televisão branca e preta, que quase num pegava e ia todo mundo assistir lá. Um dia todo mundo na sala e eu falei: "O que que é busto?". E todo

mundo "Shhhhh". Como se fosse uma coisa do outro mundo e pensei: "Putz fiz uma puta besteira". Aí meu amigo sinalizou, mostrando o que que era. Foi muito sem informação. Eu não tinha diálogo com meu pai, quando eu nasci, meu pai tinha 56 anos, já conheci meu pai velho. A gente nunca teve essa coisa de "Oh vai prá zona". Nunca tive isso. Então a infância sem informação, mas muito gostosa, assexuada. Eu lembro que dormia com minha irmã, brincava. Minha irmã tinha um monte de amiga e a gente brincava. O sexo só veio mesmo na pré adolescência, na juventude. Agora na infância foi um negócio muito assim, simples. (...) eu fui um garoto muito caseiro, sabe? Não solitário. Tanto é que eu fui sair eu tinha 12,13,14 anos. Saí para ir à noite no jardim, depois ficava em casa desenhando. Puta desenhava a noite inteira, o dia inteiro. Agora de dia eu era moleque, saía, jogava bola, fazia caverninha, mas assim eu sempre fui um cara que ficava em casa. Inclusive minha irmã brinca que eu não virei viado, porque não era prá ser mesmo. Ela me ensinava fazer tricô. Eu sabia fazer sapatinho, cachecol...aí tinha uma vizinha, que era uma figura maravilhosa, uma senhora que um dia me ensinou fazer bandeja, forrar bandeja, decorar, coisa e tal. Aí eu perguntava prá minha irmã: "Isso não é coisa do viado". Ela dizia "Não..". Tinha um cara que era decorador lá, que não era viado. Fulano de tal faz e eu achava que era. Então eu sempre gostei muito disso. Depois, numa certa idade, com uns 14 anos, eu gostava muito de escrever. Aí eu ficava, escrevia conto, poesia, peça de teatro. Então eu sempre fui assim desde moleque.

Luis nos relata seu intenso desejo de compreender os sentidos das mensagens transmitidas em seu grupo social e familiar, assim como o seu papel que aí deveria ocupar. Entretanto, a transmissão desses sentidos foi caracterizada pelo “não dito” ou pelo “dito” que não esclareceu suas dúvidas a respeito de si mesmo. Assim, o silêncio e a ausência do pai e as mensagens ambíguas das figuras femininas que lhe serviram de identificação fazia surgir no colaborador o desejo de saber, de conhecer a expectativa

que essas figuras afetivas tinham ao seu respeito, assim como o “lugar” que deveria ocupar no grupo familiar. Isso fica claro quando o colaborador pergunta para sua irmã: “Isso não é coisa de viado?”, ao ensiná-lo a fazer tricô.

Podemos então inferir que na experiência psíquica de Luis pode Ter havido uma queda do “investimento libidinal da mãe”, surgindo, então, “vácuos da não representação”, o que caracteriza aqueles conteúdos psíquicos que não puderam ser “pensados”, por meio da transmissão psíquica doada de fantasia.

Desse modo, o colaborador relata a ausência de representação de seu pai como um modelo de genitor que o incentivasse, por exemplo ir para a Zona, como era esperado pela cultura patriarcal do “homem de verdade, assim como um “pater” que exercesse sua função paterna de imposição dos limites aos seus desejos, um interditor que lhe oferecesse orientação e discriminação par seu mundo interno. (EIGUER, 1998; NOLASCO, 1997).

Desse modo, o colaborador deixa-nos entender a falta que pode ter sentido dessa participação mais ativa de seu pai em sua vida de moleque. Ou seja, como a figura paterna ficou ausente como um modelo acessível em suas identificações, com quem pudesse ter uma referência, pois sentida como distante e frágil essa figura certamente não foi facilitadora para que Luis vivesse a demanda emocional proveniente das pulsões de amor e ódio destinadas às figuras parentais (MC DOUGALL, 2001). Luis conta que a identificação com o universo masculino se processou por meio do silêncio e da distância, próprios da ideologia que sustenta a identidade do “homem de verdade”, limitado em sua capacidade de estabelecer intimidade (NOLASCO, 1997). Conforme o relato de Luis, seu pai silenciou-se inclusive na cobrança ou na transmissão dos

conceitos machistas que definiam a identidade masculina pela idéia do sucesso em executar atividades, provando a habilidade viril do “homem de verdade”.

Por outro lado, Luis lembra-se do contato intenso com sua irmã, das brincadeiras com ela e suas amigas, mas nada sexual, apenas brincadeiras, ou seja, um universo mais presente com sentidos afetivos mais explícitos, por meio das representações mais acessíveis em seus significados. Assim, o contato com a figura feminina representada por sua irmã, por sua avó, por sua vizinha ficou mais acessível para sua identificação por meio das “representações de palavras”, visto que, acolhido nesse universo feminino, podia expressar o seu medo de não estar sendo homem por identificar-se tanto com atividades instituídas como femininas. Desse modo, Luis conta que a sua referência de identidade masculina foi reafirmada por meio da figura feminina e, mesmo assim, o colaborador relata que continuava sem definir ao certo o limite desses universos dentro de si, como expressa em suas palavras: *“Aí eu perguntava prá minha irmã: "Isso não é coisa do viado". Ela dizia "Não..". Tinha um cara que era decorador lá, que não era viado. Fulano de tal faz e eu achava que era...”*

Nesse contexto de sua vivência afetiva, certamente o colaborador não se sentisse seguro em sua masculinidade, visto que não se sentia reconhecido pelo olhar de seu pai em sua condição de menino, “homenzinho”. Isto pois a identidade para o homem, como afirma Nolasco (1997, p.23) *“...se constitui por meio do reconhecimento e do aceite, por parte do pai, de suas potencialidades e limitações”*. Assim, o silêncio e a distância afetiva do patriarca certamente eram sentidos como uma herança de falta de cuidado e de amor, atingindo diretamente o sentimento de auto-estima do filho.

### **Categoria II- Nos Tempos do Catecismos: Descobertas Adolescentes**

A minha primeira relação, eu já tinha meus 15 anos ou 16, acho que era 15, puta eu não tinha transado com mulher, puta mas aí eu sonhava, masturbava prá caralho, fazia aquelas coisas. Eu sempre fui muito tímido, até um dia que um amigo meu que tinha carro me chamou prá sair. Então, a minha primeira relação foi como uma prostituta, inclusive tava tendo uma festa em V, nós encontramos essa figura e nós andamos e andamos prá achar outra. No final não achou e os dois acabaram transando com a mulher. Nós dois assim um de cada vez, dentro do carro. Também coincidentemente tinha sido a primeira vez dele, desse cara. Nós começamos a ter uma atividade sexual mais ativa, mas com prostitutas. Tanto que sabia onde ia e coisa e tal. E isso deu mais um alívio, sobre saber transar com mulher coisa e tal. A partir daí era gozado porque, quando eu ia transar com uma mulher, meu único pensamento era o tesão, o gozar coisa e tal.

O colaborador relata que sua iniciação sexual com uma mulher foi na adolescência com uma prostituta de um modo bastante característico para o contexto da época; em um carro junto com um amigo na mesma condição que a sua. Foram, assim, um cúmplice da experiência do outro, como ocorreu com todos os outros colaboradores, exceto com Nilton. Assim um era testemunha do outro na entrada para o mundo dos homens de verdade. (NOLASCO, 1997).

A partir dessa experiência conta que começaram a ter uma vida sexual mais ativa na zona do meretrício e que essa prática lhe conferia um alívio em relação a sua inclinação sexual, ou seja, em sua sensação de fazer parte do grupo de homens potentes que gostam e “sabem transar com uma mulher”. Certamente em seu relato, Luis nos conta o quanto a ideologia patriarcal heterossexual influenciou para que ele se aterrorizasse com a idéia de não fazer parte do grupo de homens, machos viris que

dominavam aqueles que com eles não se integrassem. Ao começar a transar com mulheres se sente livre para ter prazer, visto que se sente cometendo uma atitude permitida socialmente, não havendo nessa situação conflitos com seu desejo e a imposição de um superego coletivo (EIGUER, 1998).

### **Categoria III- As vicissitudes da Vida Adulta**

... um dia que minha mulher pediu se eu podia fazer não sei o quê. Eu “pô, claro que pode”, mas assim, até hoje isso me culpa um pouco, me grila um pouco quando minha mulher chega em mim e meio que pede se pode... Como se você como sendo homem teria poder em cima dela. "Oh, posso ir na boate ? " Entendeu? Então sempre tive isso de eu estar com ela e de sempre achar que a gente tem o mesmo nível, mesmo direito e que a gente tem que respeitar. Por exemplo, quando eu tô transando, é lógico é legal fazer mil coisas, mas assim eu prefiro sempre que seja uma coisa bem legal. Nada forçado do tipo "Vô fazer prá te agradar". Acho isso uma merda (...) Mas prá isso os dois têm que estar no mesmo nível de poder. Não existe um mais poderoso do que o outro. Quando eu me sinto assim eu fico meio assustado ou como já aconteceu várias vezes eu fico meio assim, num sei o que falo, quando ela fala "O que você quer que faço pra te dar prazer? Qual que é teu desejo?" Assim eu num falo nada "Ah sei lá faz o que você gosta e tal" . Então isso é uma coisa que me incomoda, incomoda muito (...)Então isso é uma coisa muito maluca, que eu não sei, eu não sei transar legal muito isso, esse poder. Na cama muita pergunta, muito questionamento: "O que você faz? O que você gosta?". Eu gosto de ser uma coisa mais que você saca, que você está junto (...) Eu não sei porque, mas eu tenho assim a intuição que as mulheres, pelo menos as que eu tive coisa assim, querem ter alguém assim poderoso, poderoso no momento do ato ou até assim meio que serviçal do estilo "Eu vou fazer assim que eu sei que você gosta". (...)Uma vez, (...) com uma figura que a gente trabalhava junto no jornal, muito bonita e todo

mundo cobiçando. Ela veio e me cantou. (...) A gente ficou um ano e eu lembro o dia que ela falou isso pra mim: "Faz o que você quiser comigo". Eu pensei: "Caralho meu, porque faz o que quiser? Não vou te dar uma porrada. Vou ter relação anal com você, mesmo você não gostando porque eu gosto, porque é legal e você vai ter que agüentar". Não...tem que ser tipo isso eu gosto, isso eu não gosto. Então isso é uma coisa que eu tenho, que eu sinto. Essa relação de você ter que se mostrar, num sei se superior, mas assim comandar. Você ter o timão. Isso é uma coisa que eu sinto e que não me agrada muito. Eu prefiro muito que seja uma coisa igual. Ninguém é dono de ninguém. Ninguém manda em ninguém. Se você está por cima de mim, pela posição, você pode comandar. Não é porque você é mulher ou homem, mas sim pela posição, não pelo sexo, se é homem ou mulher. E... uma certa cobrança de você ter sempre que ser o macho.

O colaborador descreve seus temores e fantasias referentes às vivências sexuais as quais podem indicar resquícios das experiências "arcaicas" do período do desenvolvimento sexual pré-genital. Luis descreve seu incômodo com a situação de uma relação na qual haja uma hierarquia de poder, visto que essa diferença suscita-lhe a idéia de dominação violenta. Dessa forma, quando está com uma mulher que se situa na relação em um papel muito submisso, sente-se assustado, pois fantasia que ela esteja esperando que ele encarne o "homem de verdade" em sua versão sádica, tornando-se violento. Desse modo, quando a mulher lhe disse: *"Faz o que você quiser comigo"*, o colaborador assustou e associou: *"Eu pensei: "Caralho meu, porque faz o que quiser? Não vou te dar uma porrada. Vou ter relação anal com você, mesmo você não gostando porque eu gosto, porque é legal e você vai ter que agüentar"*. Ou seja, reviveu fantasias "anais-sádicas" nas quais a angústia de ser aniquilado ou aniquilar o objeto é vivida de forma intensa e apavorante.

Mc Dougall (2001, p.XVI) explica que a cena primária fica armazenada como registro psíquico na mente humana, como sendo o acúmulo de “saber inconsciente” e da ficção pessoal que a criança reuniu a respeito das relações sexuais entre o casal parental. Esse “saber” constitui-se pela somatória das vivências da sexualidade pré-genital, juntamente com os conflitos próprios da sexualidade genital-fálica e da crise edípica.

A cena primária fica, então, marcada por intermédio de fantasias pré-genitais, citadas por Mc Dougall (2001, p.XVI), como as “*orais-eróticas, orais-devoradoras, as anais-eróticas, as anais-sádicas, as confusões bissexuais, as fantasias arcaicas de trocas vampirescas, ou o medo de perder o sentimento de identidade*”. As dificuldades da criança em vivenciar as fantasias arcaicas pré-genitais imbuídas de amor e ódio pelas figuras parentais, resulta em incômodo para o indivíduo adulto com o sexo, visto que esse toma a conotação de um ato violento de destruição e desintegração, assim como o amor pode tornar-se sinônimo de aniquilamento e morte. (Id., 2001, p. 142, 143).

Luis conta-nos como certas situações como as descritas por ele dificultam sua obtenção de prazer, devido a atualização dessas fantasias em sua vivência psíquica.

Eu lembro uma vez que fui transar com uma figura, que eu meio que idolatrava, ela era candidata a deputada, hoje uma figura que tá lá em B.coisa e tal. A gente tinha um grupo, grupo estudantil que tava fazendo a campanha dela. De repente, ela me pega pelo braço e diz "Vamo bora você vai dormir comigo. Vai dormir na minha casa. Pá pá pá" inclusive, até hoje os amigos da rodinha que sabiam, brincam "Ah a A.C. te comeu". Eu fui com essa sensação "ela vai me comer". Eu lembro, cara, que a gente tava num bar, onde tava rolando uma festa prá arrecadar dinheiro prá campanha dela e rolou muita cachaça. A gente chegou se beijando no elevador e tal. Mas eu sempre tendo ela como uma figura muito forte, porque ela era toda mesmo, daquelas trotskistas, fodida. A gente morria de medo dela, porque ela não

admitia que a gente bobeava e tal. Aí eu lembro que, a hora que eu tava transando com ela, eu senti que eu tava tendo poder sobre ela. Aí eu lembro claramente disso, num lembro o que ela falou que eu pensei "Pô cara tô acima da C., saca?" Isso foi uma coisa que me marcou. Depois inclusive nós saímos, jantamos, acabei ficando dois dias na casa dela. E sempre assim, quando a gente ia falar de política, era a C., que eu idealizava que tinha aquele poder todo. Agora quando a gente ia beijar, namorar, porra mudava, sabe quando os papéis se invertiam?

O modelo descrito pela sensação de ser violentamente devorado por C, mulher idealizada e tida como extremamente poderosa para Luis, fica representado em sua fala: *“Eu fui com essa sensação "ela vai me comer"”. O colaborador nessa experiência, reedita um modelo biparental inconscientemente internalizado, representado pelas fantasias orais-devoradoras e anais-sádicas. As primeiras representadas pelo modelo da fusão, que destrói o objeto, e as segundas representadas pela fantasia do controle sádico e onipotente do objeto. Esse modelo representa a concepção de relação entre masculino e feminino segundo a ideologia do sistema patriarcal, uma vez que, como afirma DaMatta (1997, p.42), no plano sexual, o detentor do poder ("homem") comia, "engolfava" o outro ("mulheres e veados") que realizavam sua função de "comida" passiva. Essa estrutura também se expressava, como afirma o autor, no plano jurídico, pela adoção do nome do pai e por sua obediência incontestável. Na fantasia de Luis, nesse momento, ele se identificava com a “comida” que seria “engolfada” pela poderosa “trotskistas, fodida”. (MCDOUGALL, 2001).*

Desse modo, ao descrever sua relação com C., relata que, na política, no âmbito público, sentia-se dominado por essa mulher idealizada em seu poder, visto que no âmbito do simbólico, da “lei” ela determinava as regras, fazendo o papel de um pai castrador nos moldes do soberano patriarca. Já no momento da fusão sexual, ao

perceber que C. tornava-se submissa, assumindo o papel de “comida”, o colaborador realizava suas fantasias orais-devoradoras e anais-sádicas, como relata: “*pensei pô cara tô acima da C., saca?*”. Desse modo, o colaborador conta como oscila entre os papéis de “ativo” e “passivo”, entre o “feminino” e “masculino”, e como o modelo da vida sexual pré-genital de um tempo de indefinição dos papéis sexuais está presente no funcionamento de sua vida mental na fase adulta.

Desse modo, a vivência erótica do colaborador denuncia uma funcionamento marcado pela indiscriminação das pulsões de amor e ódio e das diferenças sexuais, próprio das vivências da sexualidade pré-genital. (MCDOUGALL, 2001).

#### **Categoria IV- A reflexão dos ventos da meia-idade**

Mas...na questão afetiva eu sempre tive algum problema, que eu acho é difícil ser resolvido. Porque, enquanto a mulher gosta muito de carinho e tal, eu tenho uma visão muito racional da vida. Apesar de gostar também. Eu não sou muito assim, de ficar beijando toda hora, você tem que ficar pegando na mão e abraçando. Isso, às vezes, influencia o afetivo, parece que você não gosta num tá dando atenção. Então eu tive alguns problemas. Por exemplo a minha primeira mulher ficava puta comigo, dizendo que eu num tinha ciúme dela e que ela queria que eu tivesse. Ela tinha um puta ciúmes de mim e ela queria que eu tivesse também, mas eu não tinha. Inclusive ela era muito bonita e havia pessoas que não sabiam e diziam: "Putá, quem é essa gostosa?" e eu respondia: "É minha mulher". (...) Se eu desconfiar que você tá me traindo. Acabou. Eu puxo meu carro. As pessoas acham isso muito frio; "Pô, como é que você larga uma figura, você se relaciona, daí vai embora e tudo bem (...). Eu acho que isso é até uma educação muito do meu pai. Meu pai pensava assim: "Meu, eu tô com você, se num der mais não

precisa ficar sofrendo". (...) Então eu tenho uma grande dificuldade desse lado afetivo por isso...

O colaborador relata que senti dificuldade de se envolver afetivamente e de se enquadrar no papel de homem ideal, esperado pelas mulheres, inclusive no que diz respeito ao modelo do “macho” possessivo do “homem de verdade”, proprietário inclusive de sua parceira. (NOLASCO, 1997).

Esse fato certamente reflete as dificuldades que o colaborador enfrentou ao longo de sua história, em seu desenvolvimento psicosssexual. Isso porque já vimos como os “vácuos da não representação” se impuseram como obstáculos para as relações erótico e afetivas de Luis. Tudo indica que a dificuldade de envolvimento afetivo que sente e de formar um casal com uma mulher seja a consequência dessas experiências marcadas pela transmissão psíquica isenta de fantasia, impossibilitando, assim, a simbolização dos sentidos transmitidos. (EIGUER, 1998).

Desse modo, a vivência da intimidade e de configuração afetiva por um casal pressupõe discriminação Egóica, aceitação das diferenças sexuais e da alteridade do objeto de desejo, tal como conquistada por Psiqué em seu longo caminho de desenvolvimento psíquico. Entretanto, essas são experiências ainda desconhecidas por Luis que dificulta-lhe realizar um encontro a dois.

Apesar da percepção dessa dificuldade, o colaborador parece indiferente à iniciativa de mudança e expressa a herança transmitida por seu pai, ao descrever o mecanismo de defesa da racionalização, contra a angústia da falta, da rejeição provocada pelo “não saber”. Assim, é por meio da negação da dor psíquica que o colaborador se defende dos “vácuos da não representação” que o “desinvestimento da libido materna” pode Ter ocasionado em seu psiquismo. Essa experiência fica

representada e atualizada ao dizer que se for traído, simplesmente vai embora, sem sentir dor. (EIGUER, 1998).

### **Categoria V- Os Sentidos da Heterossexualidade**

Na verdade eu acho assim que, quando você fala que não precisa ser na época e tal, mas eu acho que eu tive um momento que eu saquei que eu era heterossexual. E foi com homem. Quando a gente era garoto naquele negócio de fazer troca-troca. E eu tinha um amigo, que era assim morava duas ou três casas da minha e ele meu grande amigo, um puta dum amigo. Começou rolar esses assuntos de homem com homem, querer fazer coisa e tal. Ele até que propôs coisa e tal. Quando eu tava comendo ele, quando eu era o ativo, mas na hora deu puta...eu falei “Não, cara”. Recusei. A gente começou ter um papo, tendo um tipo de relação homossexual. Foram algumas vezes, não foram tantas, mas foram algumas, talvez umas 6 vezes. Mas assim eu nunca gostei. E naquela época, anos 60, a gente tinha muito essa história de troca-troca, porque você começava ter sua vida ativa sexualmente com um homem, com o teu amiguinho. Aí eu começava pensar “Porra meu, não consigo. Eu não vou ter esse lance”. Então isso foi muito claro prá mim nessa época, eu era garoto mesmo. Então eu saquei que era heterossexual e depois, inclusive mais pra frente um pouco, tinha um outro amigo nosso, que a gente nunca imaginava que ele fosse. Ele veio um dia conversar comigo em casa a noite e tal. A gente tava discutindo sobre Copa do Mundo e tal e ele fez uma aposta comigo que eu tinha certeza absoluta que eu tava certo. (...) Aí ele propôs uma aposta e quem perdesse tinha que dar pro outro. Ele perdeu e eu transei com ele... aí depois que eu saquei que ele era homossexual, mas ele não tinha trejeito nenhum. Depois ele veio me procurar, eu andei transando com ele assim. Isso então pra mim... foi um puta dum lance, porque assim num tinha lugar pra transar, num tinha namorada, a gente era tudo moleque, doze anos sei lá, pô e tinha

um cara querendo. Então isso pra mim era pra queimar. Isso me deu assim, essa foi uma época que eu tive certeza absoluta, uma confirmação de que eu não ia ter lance com homem.

Luis considera que descobriu sua heterossexualidade por intermédio do contato sexual “*com homem*”, ou seja, suas primeiras experiências sexuais foram vividas por meio dos “*trocas-trocas*” com seu amigo. Relata que nessas experiências, enquanto estava sendo o “*ativo*”, conseguiu concretizar a vivência, mas na hora de trocar de papéis, ele não conseguiu e então refletia: “*Porra meu, não consigo. Eu não vou ter esse lance*”. Nesses momentos o colaborador acreditava ter descoberto que era mesmo heterossexual. Entretanto, mesmo dizendo não gostar daquelas experiências, Luis considera ter vivido “*um tipo de relação homossexual*” com esse amigo e justifica o seu ato pela falta de oportunidade naquela época de ter experiências sexuais. Baseando-se na mesma justificativa, Luis repete com outro amigo essa experiência, entretanto, nesse caso, Luis diz ter percebido que seu amigo era homossexual. O colaborador nos conta como se sentiu seduzido pelo fato de ter um amigo procurando-no para transar e novamente justifica o seu desejo de aceitar o convite, como fez ao concordar com a aposta por meio do argumento de que não tinha outra opção e oportunidade de transar com namorada. Então, Luis aceita e se sente satisfeito, mesmo que seja com um garoto. Nesse momento, o colaborador relata como era indiferente com que sexo estava se satisfazendo sexualmente, o que importava era que estava tendo uma prática sexual e principalmente que estava sendo “*procurado*”, desejado para essa realização. Isso pois, como diz Luis: “*Isso então pra mim... foi um puta dum lance, porque assim num tinha lugar pra transar, num tinha namorada (...) pô e tinha um cara querendo.*” É nesse contexto, de modo contraditório, que Luis diz ter percebido ser heterossexual.

Agora isso na minha adolescência foi um lance muito maluco. Eu comecei a pintar a fazer curso de desenho. O cara que dava aula pra mim era homossexual e eu convivia com homossexuais. Então começou a ter as cantadas prá cima de mim. O gozado que eu jogava futebol e eu era goleiro. Era uma coisa meio interessante, porque jogando futebol eu era aquele macho, futebol e aquela coisa toda e eu também pintava, fazia exposição de arte. Tudo isso com meus quinze anos de idade. Mas, aí foi uma época que eu saquei que nem como ativo eu tinha condições. Teve um cara até, um tal de O., ele era um pianista...hum...não vou dizer famoso, mas assim ele era muito bem conceituado. Ele vivia viajando (...) Um dia esse amigo meu que era professor de pintura, um dia chegou em mim e falou “Olha o O quer que você vai morar com ele em S. P. Ele alugou uma casa, comprou uma casa..num..sei. Tem uma casa pra você ir”. Aí eu falei “Num vô cara, sabe?” e ele retrucava “Não, porque, blá blá blá” e eu reafirmei “Não vô”. Esse cara mesmo que era meu professor já tentou me agarrar, né? Aí nem isso... eu pensava ”porra cara eu sou homem” e não era nem uma questão machista, porque eu tava ali pintando, até o pessoal do futebol me gozava e o pessoal que pintava me gozava demais. Então isso uma coisa que uma época eu tive um pouco de medo de ser homossexual, isso eu me lembro muito vagamente: “Pô cara e se eu for homossexual?” (...) Um dia eu até perguntei prá esse professor de desenho, porque ele um cara bonito prá caralho (...) Aí eu perguntei: “Como que você sacou?” e ele respondeu: “Foi um sonho, eu sonhei aí eu saquei...” me contou mais ou menos a história. Então eu me preocupei com isso “Será que um dia vou ter isso? Será que, de repente eu sonho e acordo homossexual?” Eu tive essa preocupação. Eu tive essa dúvida, não foi nada muito preocupante. Depois eu vi que não ia rolá, eu tinha asco, sabe? Assim o toque da pele. Esse pianista, o O. era um cara fantástico. Ele tinha uma irmã muito bonita, J., linda. A gente ia pra S. P. e eu lembro, frio prá caralho e ela super bem vestida, bonita e ele também era um cara bonito. Eu pensava ”Porra meu e esse cara afim de mim” Ele pegava na minha mão, prá brincar ele ficava pegando meus dedos, porque ele era pianista: “Oh, mexe assim o dedo” e eu pensava “Putz”. Eu ia até ali. Depois eu começava

a imaginar, até a viajar e pensava, como era moleque: “Bom, se o cara me forçar até que transar num é problema, mas o cara vai querer beijar, entendeu? E eu não consigo beijar um homem”. Puta e isso me dava um asco, abraçar um homem...porque é diferente quando você abraça com carinho, amizade ou quando você abraça com um tesão. Aí eu falava “Bicho não é minha área”. Eu sentia mesmo uma repulsão.

Divergentemente dos outros colaboradores, Luis descreve suas experiências por intermédio das quais foi tentando definir o seu sentimento em relação a sua inclinação sexual. O relato desse percurso é definido por um discurso e uma prática marcados pela contradição, visto que o colaborador permite ser seduzido por figuras masculinas, as quais aparecem com muita frequência em sua história desejando-o, fato que parece deixá-lo vaidoso e em dúvida a respeito de sua própria opção sexual.

Desse modo, o colaborador assume que o questionamento em relação a sua identidade dentro dessas experiências foi um tema importante na sua vida, visto que percebia algumas contradições em sua forma de ser que o deixavam com dúvida em relação a direção de seu desejo sexual. Esse fato é descrito, ao assumir que na adolescência viveu dúvida e preocupação de poder descobrir-se homossexual: “*“Será que um dia vou ter isso? Será que de repente eu sonho e acordo homossexual?” Eu tive essa preocupação.*” Em seu relato, observamos como era “*preocupante*” pensar em ser homossexual, assim como a idéia de que um dia, após um sonho, a sua essência homossexual poderia aflorar, contradizendo toda a verdade heterossexual, menos “preocupante”, que ele estava construindo para si, em sua imagem. Em seu relato está implícita a idéia de que a homossexualidade seria algo indesejável, o que reflete os valores sociais da sociedade moderna, segundo os quais a forma legítima e saudável da sexualidade resume-se na vivência heterossexual. Na definição de Katz (1996), trata-se

da influência da ideologia da cultura moderna, legitimada pelo discurso médico-científico o qual determinava a normalidade heterossexual ou a “preocupante” anormalidade nessa área, a homossexualidade. Nesse sentido, o colaborador expressa sua preocupação perguntando “*será que eu vou ter isso?*”, como se ser homossexual fosse ser acometido por algum mal indesejável.

O colaborador parece fazer um esforço para compreender e definir sua identidade, tentando integrar as contradições que, ao seu ver, pareciam incompatíveis, as quais temia que fossem um sinal de uma suposta dúvida em relação a sua identidade heterossexual. Luis parece ficar confuso em relação a orientação de seu desejo. Isso fica representado em sua dificuldade de pôr limite nas “*cantadas*” que recebia, visto que dizia incisivamente e repetidamente que não ia ceder à sedução de seu amigo, dizendo para si mesmo: “*”porra cara eu sou homem!*”, entretanto, não conseguia colocar um limite claro, deixando-o ir até certo ponto de intimidade e sedução, como nos conta: Podemos identificar na fala do colaborador como a identidade masculina, ser homem se traduz pela definição da heterossexualidade, da virilidade por meio do desejo pela mulher, sendo a dúvida em relação a essa identidade uma ameaça à definição do que é ser “homem de verdade”. (DAMATTA, 1997; NOLASCO, 1997).

Desse modo, podemos encontrar em seu discurso as contradições que vive em relação às identificações com seus aspectos femininos e masculinos, os quais, em sua fala, ficam representados na pintura e no futebol respectivamente. O colaborador conta-nos a sensação de confusão que vivencia em relação a auto-imagem ao perceber que possui dois lados contraditórios os quais talvez sinta que não conseguiu integrar dentro de si, não conseguiu definir, com clareza a sua identidade. Nesse sentido, Mc Dougall (2001) observa que a percepção da “diferença sexual” ocorre muito antes do momento

da resolução edípica. Desse modo, essa descoberta gera intensa angústia que deve ser acolhida pelas “figuras afetivas” para proporcionar um amadurecimento psíquico na identidade sexual da criança. Assim, a criança, por meio do discernimento da diferença sexual, juntamente com os valores culturais e as representações mentais do “inconsciente biparental” constrói uma noção de pertencer a determinado gênero.

Posteriormente, na crise edípica, em seus aspectos homo e heterossexuais, o indivíduo é forçado a entrar em acordo com o desejo impossível de ser dos dois sexos e de possuir os dois genitores. Essa realidade pode gerar várias formas de defesas, as quais configuram o cenário pelo qual a identidade sexual e as vivências sexuais podem assumir as “múltiplas faces de Eros”. Isso pois, nesse momento do desenvolvimento, o indivíduo vivencia um abalo na sua ilusão narcísica de poder possuir os ilimitados mistérios e os poderes do homem e da mulher, ao imaginar possuir os órgãos dos dois genitores, assim como o amor exclusivo de cada um deles. Para defender-se da angustiante realidade da “monossexualidade” que pressupõe diferença e separação, ou seja, pressupõe dependência de um objeto externo, o qual o ego não controla, a mente encontra uma resolução para conseguir “sobreviver psiquicamente” ao deparar-se com as frustrações da realidade. A dificuldade de enfrentar essa realidade pode prejudicar a formação da identidade sexual do indivíduo. Assim, para a autora, a identidade do indivíduo constitui-se no contraste entre o que é semelhante e o que é diferente do próprio ego, o que exige a vivência de um processo de luto pelo abandono do desejo de ser o que é diferente de si mesmo. Só após esse processo há a possibilidade de *“internalização de uma representação simbólica da complementariedade dos dois sexos”* (MC DOUGALL, 2001, p.6).

Nos cenários descritos por Luis, nos quais Eros percorria em busca de satisfação, o colaborador sempre possuía como alternativa uma figura feminina e outra masculina, em sua visão, potencialmente disponíveis de seduzi-lo e serem seduzidos por ele. Como no caso de seu amigo O. e sua irmã, ambos, em sua definição “lindos”: “... o O. era um cara fantástico. Ele tinha uma irmã muito bonita, J., linda. A gente ia pra S. P. e eu lembro, frio pra caralho e ela super bem vestida, bonita e ele também era um cara bonito. Em seu relato, o colaborador sugere um ar de sedução, de ter percebido ambos como possíveis de ser eleitos como “objeto de desejo”. Certamente, o colaborador nos conta de sua dificuldade, no decorrer de seu desenvolvimento, de abandonar a ilusão narcísica da bissexualidade, gerando contradições em sua forma de perceber e sentir a sua identidade sexual. Esse fato fica explícito, também, nas contradições de seu discurso a respeito de sua identidade, visto questionar-se a respeito da possibilidade de ser homossexual. O colaborador expressa o quanto se apresenta contraditório e ambígua essas questões ao se contradizer em relação ao grau de preocupação com que levou esse questionamento: “*Eu tive essa preocupação. Eu tive essa duvida, não foi nada muito preocupante.*”

Desse modo a indiscriminação nessa área expressa-se como uma consequência da história de Luis que pudemos acompanhar até o momento.

Até por exemplo, a última proposta séria que eu tive, foi com um, por incrível que pareça, com um dos maiores bailarinos do mundo, o I.I. Eu conheci ele em V., eles foram dançar num balé de V. Aí eu fui pra S.P. com 18 anos pra estudar e tal. Logo que eu cheguei, fui ver uma peça de teatro “Moquinpó” e ele fazia um personagem, um anjo. Aí pensei: “Putá o I.I”, mas ele não era famoso. Fui lá conversar com ele e ele me convidou prá ir no bar, putz aí ele se apaixonou por mim. Ele ligava prá mim, eu ia num bar e ele ia atrás, dizendo que a gente ia

dançar. Ele pegou no pé demais. Num sei se você conhece ele fisicamente, mas ele é um crioulo bonito e minhas amigas ficavam: “Putá L., num acredito”. Eu lembro que um dia ele tava num bar e eu tava com uma menina e ele chegou e tal. Eu já tinha uns 18 anos, as pessoas brincavam comigo e eu falava “Bicho, num tem jeito”. Então foi sempre uma coisa muito clara pra mim. Porra, num dá. É diferente tocar numa pele feminina. É bem claro isso pra mim, apesar de ser meio maluco eu sacar que eu sou hétero a partir de uma relação homo.

Podemos observar a contradição no discurso de Luis, visto que inicia contando-nos como se sentiu seduzido por um bailarino, “*um dos maiores do mundo*” ter se interessado por ele. Ao vê-lo atuar em uma peça de teatro, o colaborador o procura, aceita o seu convite para ir a um bar e revela sua satisfação de perceber que o bailarino se apaixonou por ele, de modo a “*pegar no pé*”, “*ir atrás*”, ligar. Novamente o colaborador descreve uma cena, na qual está com uma moça no bar e o bailarino aparece atrás dele, descrevendo a dupla possibilidade de escolha para a sua satisfação sexual, a qual em sua descrição parece-nos ser alcançada pela fantasia de não precisar abrir mão de nenhum dos “*pares de genitores*”, não necessitando definir-se em sua monossexualidade.

Desse modo parece que Luis provocava situações de contato com pessoas homossexuais, as quais eram vividas nesse momento mais no nível da fantasia, na qual o “outro” queria seduzi-lo e ao mesmo tempo vivia situações com garotas de uma forma mais explícita e concreta, visto que era a forma mais admissível da expressão de seu desejo. Entretanto, conforme a sua necessidade de não abrir mão da ilusão de sua bissexualidade, vivenciava essas situações dúbias que eram justificadas para si mesmo por meio de crenças narcísicas, como a de estar sempre sendo desejado por ambos os sexos, tendo as duas opções sempre em aberto. (MCDUGALL, 2001).

Outro aspecto importante nos *scripts* descritos pelo colaborador se refere aos detalhes que acompanham essas situações, como o fato de não ser qualquer homem que o desejava, mas um grande bailarino, ou um pianista viajado, “bem sucedido”, ou seja, homens “poderoso”, cheios de atributos interessantes, que aparentemente o seduziam.

Novamente o colaborador descreve o homem interessado por ele como sendo “*um crioulo bonito*”, mas atribui essa atração sexual às amigas que ficavam indignadas e o invejava (em sua fantasia) pelo seu poder tê-lo seduzido, como nos relata: “...*ele é um crioulo bonito e minhas amigas ficavam: “Putá L., num acredito”*.. Apesar de toda essa situação ideal, desejada segundo os olhos dos outros, o colaborador nega a possibilidade de desejar um homem, apesar de assumir ser “*maluco*” sua definição heterossexual resultar de uma relação definida por ele como homossexual.

**Mulheres de Atenas**

Chico Buarque

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Vivem pros seus maridos  
 Orgulho e raça de Atenas  
 Quando amadas se perfumam  
 Se banham com leite, se arrumam  
 Suas melenas  
 Quando fustigadas não choram  
 Se ajoelham, pedem imploram  
 Mais duras penas, cadenas

**Super-Homem, a Canção**

Gilberto Gil

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria  
 Que o mundo masculino tudo me daria  
 Do que eu quisesse ter  
 Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara  
 É a porção melhor que trago em mim agora  
 É o que me faz viver  
 Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera  
 Ser o verão no apogeu da primavera  
 só por ela ser  
 Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória  
 Mudando como um Deus o curso da história  
 Por causa da mulher  
 Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória  
 Mudando como um Deus o curso da história

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Sofrem pros seus maridos  
 Poder e força de Atenas  
 Quando eles embarcam soldados  
 Elas tecem longos bordados  
 Mil quarentenas  
 E quando eles voltam, sedentos  
 Querem arrancar violentos  
 Carícias plenas, obscenas

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Despem-se pros maridos  
 Bravos guerreiros de Atenas  
 Quando eles se entopem de vinhos  
 Costumam buscar um carinho  
 De outras falenas  
 Mas no fim da noite, aos pedaços  
 Quase sempre voltam pros braços  
 De suas pequenas, Helenas

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Geram pros seus maridos  
 Os novos filhos de Atenas  
 Elas não tem gosto ou vontade  
 Nem defeito, nem qualidade  
 Têm medo apenas  
 Não tem sonhos, só tem presságios  
 O seu homem, mares, naufrágios  
 Lindas sirenas, morenas

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Temem por seus maridos  
 Heróis e amantes de Atenas  
 As jovem viúvas marcadas  
 E as gestantes abandonadas não fazem cenas  
 Vestem-se de negro, se encolhem  
 Se conformam e se recolhem  
 As suas novenas serenas

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Secam por seus maridos  
 Orgulho e raça de Atenas

## Colaborador 6- Rui

Na infância, o colaborador morava em um grande centro urbano, pertencia a uma família grande, com muitos irmãos, inclusive mais velhos. O colaborador teve contato com pessoas mais velhas desde menino, o que o ajudou a se inserir socialmente e ter acesso às informações a respeito da sexualidade. Além disto, lembrou-se da marcante presença de seu pai em sua infância, servindo-lhe de modelo de identificação masculina, visto que ele estimulava o colaborador em relação às meninas do seu bairro. Por esses motivos, o colaborador acredita ter começado a namorar cedo.

Na adolescência, os pais do colaborador se separaram, o que conferiu-lhe maior liberdade, permitindo-lhe, até seus 19 anos, viajar pelo Brasil inteiro em acampamentos, em lugares diferentes, nos quais teve a oportunidade de realizar uma atividade sexual intensa com diferentes mulheres. O colaborador fez a faculdade na área de exatas.

Em sua vida adulta, aos 28 anos casou-se com sua esposa, com a qual está há 18 anos. Teve 2 filhos. Relatou as dificuldades vividas na vida sexual após o casamento, pelo fato de sua esposa ter tido uma educação muito repressora. Relatou também ter alcançado aos 46 anos, maior amadurecimento para se relacionar com a mulher, inclusive sexualmente.

Seu objetivo, atualmente, consiste em alimentar sua relação afetivo-sexual com sua esposa de forma a proporcionar maior qualidade de vida e felicidade, visto que, na atualidade, se sente mais preparado para tentar ser mais feliz em seu relacionamento. O colaborador é católico, tinha 46 anos na época da entrevista e pertence a classe econômica A2.

### **Categoria I- A Infância: breves recordações**

bom, eu recordo muito assim de meu pai, desde, desde menino né, sempre me orientando e, é orientando sobre muitas coisas da vida, não só na parte sexual como uma orientação geral. Quando começaram a acontecer as primeiras meninas, assim na turma, eu morava, eu tinha, tenho cinco irmãos mais velhos e morava numa rua com muita criança, com muita gente, então tinha a turma dos mais velhos, dos mais, do pessoal do meio e dos mais moços, onde eu me encaixava. Então, na minha turma, já com os meninos, a gente já observava a turma dos mais velhos, os namoradinhos, toda aquela coisa, né. E os meus irmãos também, minhas irmãs em casa e meu pai sempre muito presente nesta parte, embora ele quase nunca estava em casa né, é contraditório porque ele viajava 20 dias por mês, mas nesses dez dias presentes, alternados, ele sempre questionava muito, é, e na minha turminha dos mais moços tinha lá uma menininha e meu pai mesmo me chamava a atenção, que eu reparava muito nela, e eu, um dia ele falou assim pra mim, porque você não pede ela em namoro, eu tava dentro do carro com ele e acho que eu tinha uns dez anos. E, eu saí do carro e pedi ela em namoro, ela aceitou e eu voltei correndo pra dentro do carro e falei: “pai ela aceitou!!!”(risos) como se perguntasse e agora né, que que eu faço. Então é uma coisa que me marcou bastante...

Desde muito criança, as lembranças de Rui vão ao encontro da temática da masculinidade patriarcal, visto que parece ter compreendido muito cedo o papel de “macho” que deveria assumir em seu grupo familiar. Conta-nos que se sentiu sempre

muito estimulado pelo contexto familiar e social a inserir-se nessa comunidade masculina “ativa”, que executa seus potenciais, confirmando a crença da virilidade inerente a sua linhagem ancestral. Rui relata a presença de seu pai que o estimula e o acompanha nessa necessidade de tão cedo mostrar sua coragem, sua destreza. (EIGUER, 1998).

No relato de sua experiência que diz ter sido “marcante”, o colaborador enfrenta o desafio, sugerido pelo pai, de pedir a menina em namoro, entretanto, quando ela aceita, sente-se assustado e retorna rapidamente para tomar mais uma lição com o seu mentor da virilidade. O colaborador parece ter se sentido assistido e acompanhado nesse seu processo de aquisição da masculinidade por essa figura de referência. Pode-se observar que o modelo de masculinidade “homem de verdade” apregoado em sua educação foi explicitamente compartilhado, por meio do diálogo, o que certamente contribuiu para que Rui recebesse uma mensagem bastante nítida dos valores que deveria seguir. (NOLASCO, 1997).

...então eu, eu tive a oportunidade de presenciar a história do meu avô, do, da época de 1920, quando ele tinha dezoito pra vinte anos, o que aconteceu com ele, com as histórias que ele me contava, com as histórias que meu pai contou e é, e é interessante porque, é, ele prendeu muito meu pai, mandou pro colégio militar, então meu pai pra fazer as coisas foi muito difícil, então meu pai casou mais ou menos sem muita experiência, ele foi fazendo depois de casado e meu avô já não. Meu avô era o contrário, era pessoa que vendia moralidade pro meu pai, mas ao mesmo tempo era daqueles coronéis, dono de fazenda que tava dentro de todos os bordéis da cidade, né? Então eu me identifiquei mais com o meu avô, nesse sentido tá, do que com o meu pai, porque é, meu pai vendeu essa moralidade pra gente, só que depois nós fomos descobrir ele tinha cinco famílias, sabe, tinha uma nos Estados Unidos, quatro no Brasil. Era uma realidade né, é, então

essa coisa de mulher de sexo, essa, ela foi sempre muito forte sabe, eu, eu posso falar prá você assim que, eu tive isso muito presente, eu, eu consigo enxergar uma mulher de várias formas sabe (...) dentro do mundo que eu vivi, eu não consigo olhar uma mulher e separar a sexualidade dessa mulher, entendeu, eu consigo enxergar os pontos que eu considero que essa mulher, sabe ela deve... ter um parceiro então... Todo esse filme passa pela minha cabeça, como é que ela se comporta com o parceiro, é, chega a ser uma loucura, um delírio que a gente tem, mas é, são as fantasias que a gente acaba trazendo pra dentro de si, dentro do sexo (...) Então talvez em função da, da, do histórico familiar eu tenha tido mais acesso com mais rapidez até do que todos da minha turma...

Rui em seu depoimento descreve duas figuras masculinas que serviram de identificação em sua história de vida. De um lado, o seu avô, “*coronel, dono de fazenda*” freqüentador dos “*bordéis*” da cidade, típico patriarca detentor de poderes e inserido na definição mais precisa do “*indivíduo moderno*”, segundo Vaitsman (1994), “*proprietário*”, “*provedor do lar*” e detentor dos privilégios conferidos para essa categoria de pessoas, como o de visitar livremente os “*bordéis*”. Esse modelo de masculinidade, representado por Nolasco (1997) pelo “*homem de verdade*”, exercia sobre a família um poder absoluto, por meio do qual configurou-se um modelo rígido e autoritário de castração, no qual, segundo a visão do colaborador, restringiu a condição de seu pai simbolizar o sentido da masculinidade, transmitida pela figura patriarcal do seu avô.

Desse modo, Eiguer (1998, p.32) observa que, no conceito de “*arcaico*” freudiano, encontram-se os elementos da transmissão psíquica entre gerações como: “*o traumatismo que precede a vida dos genitores, a designação de uma lei, a transmissão inconsciente através de mensageiros intermediários.*” O ancestral primitivo, nessa

concepção, pode ser equivalente ao ancestral do pai, o avô mais próximo que inspira as ações dos pais e faz renascer a *“lembrança do temor da violência primitiva”*, como aquelas que envolvem a castração e a cena primária.

Assim, segundo a sua compreensão a respeito da história de seus ancestrais, seu pai se sentiu muito impedido de realizar-se como homem, por meio da exploração de sua virilidade masculina, o que resultou na necessidade de construir mais quatro famílias, de forma a afirmar-se, por intermédio da vivência de outras inúmeras experiências como patriarca. A história que seu pai viveu com seu avô, denuncia o absoluto poder do patriarca naquele momento histórico do início do século XX, poder esse que lhe dava o direito de decidir pelo destino dos membros da família, como o fez ao mandar o pai do colaborador para um colégio militar. Nesse sentido, DaMatta (1997, p.42) esclarece: *“...o pai não era apenas um representante de sua família, como quer a ideologia moderna, mas, no contexto legal e público, ele é a sua família.”*

O colaborador observa que seu pai, devido a repressão que sofrera e os costumes que já começavam a se modificar, possuía o discurso de moralidade e uma prática oposta a esse discurso, descoberta com o tempo. O seu avô, por outro lado, vivenciava uma vida de *“bordéis”*, permitida para o seu *status* de patriarca, visto que era *“legitimada”* pela ideologia da masculinidade patriarcal do *“homem de verdade”*, em uma época na qual os papéis sociais e de gênero eram inflexíveis. Seguindo essa ideologia, na qual o privilégio era exclusivo e absoluto do patriarca, não foi possível dividi-lo com seu filho, pelo contrário, esse privilégio masculino foi para ele dificultado, ao ser internado em um *“colégio militar”*, regido pelos conceitos de ordem e disciplina.

Desse modo, Rui conta-nos que se identificou mais com seu avô, com sua mensagem mais clara, mais onipotente, menos ambígua em relação à virilidade masculina. Assim, o colaborador sublinha como o tema da expressão da masculinidade patriarcal foi importante em sua história familiar, estando sempre presente por intermédio da expressão do desejo pela figura feminina. O colaborador atribui a essa herança histórica o seu precoce contato com a vivência de sua opção heterossexual, visto que muito cedo entrou em contato com a sexualidade por meio dessas figuras de identificação, o que, em sua crença, lhe transmitiram um interesse especial pela figura da mulher, como nos conta: “...*então essa coisa de mulher de sexo, essa, ela foi sempre muito forte sabe, eu, eu posso falar prá você assim que, eu tive isso muito presente, (...) dentro do mundo que eu vivi, eu não consigo olhar uma mulher e separar a sexualidade dessa mulher...*”.

Nesse sentido, Eiguer (1998) colabora para que compreendamos a percepção de Rui, afirmando que os elementos que influenciam na educação da criança, assim como na transmissão psíquica dos sentidos que irão determinar as identificações entre as gerações, podem ser representados pelo avô paterno, pelo tio materno, pelo nome de um morto próximo ou de um santo de devoção. Essas identificações irão plasmar um sentido na identidade do indivíduo, que será transmitida entre gerações de modo inconsciente. Assim, delineia-se a expectativa a respeito do projeto que se idealiza para a criança.

## **Categoria II- Nos tempos do Catecismo: descobertas adolescentes**

... as meninas da minha época, elas só namoravam, dificilmente você fazia alguma coisa mais com uma namorada do que um beijo, quando você beijava uma menina já era assim é, a nível de namorada uma coisa assim extraordinária. (...) É, o que me marcou muito, foi que como eu comecei a viajar muito cedo também, meus pais acabaram se separando eu tinha uns treze prá catorze anos, facilitou até eu sair de casa, viajar, então eu tive um contato sexual muito precoce talvez, com treze anos já, conhecendo as mulheres, então eu posso dizer o seguinte, eu conheci todos os tipos de mulheres que até hoje, eu fico pensando, é até difícil encontrar mulheres hoje como eu encontrei naquela época, tá, é começando a se libertar, mulheres que queriam fazer as coisas e não podiam, então as primeiras oportunidades faziam escondido, porque os pais não podiam saber. (...) eu tive uma fase assim de prospecção muito grande, né, até os dezenove anos, viajei o Brasil inteiro, viajava de carona, então foi mais assim, já não na parte de namoro, mas assim já como atividade sexual e, com mochila nas costas, acampamento...

O colaborador aponta para os valores da época, segundo os quais as meninas que eram para namorar não tinham intimidade sexual, sendo o beijo o limite permitido. Entretanto, com a separação de seus pais, o colaborador tem uma maior liberdade para viajar e descobrir novas experiências. Rui nos conta como iniciou sua trajetória prática da sua heterossexualidade e como trilhou, seguindo os passos do modelo patriarcal recebido pelas figuras masculinas desde criança. Logo cedo saiu para viajar, como nos contou presenciar o seu pai fazendo, desde que era criança. Nessas viagens praticou todos os princípios que mandava a lei do modelo do “homem de verdade”, se relacionou sexualmente com muitas mulheres diferentes, de modo que, em sua fantasia narcísica,

Rui acredita ter conhecido “*todos os tipos de mulheres*” existentes, inclusive alguns tipos que ele pensa não haver mais na atualidade. (NOLASCO, 1997).

Assim como a maioria dos colaboradores a vivência da heterossexualidade de Rui se configurou como uma experiência altamente narcísica. (FREUD, 1914).

Nesse momento de sua adolescência, o colaborador descreve uma intensa prática sexual com mulheres as quais ele acredita que queriam se “*liberar*” das repressões próprias do sistema patriarcal e por isso, “*na primeira oportunidade*”, “*faziam escondido*”, sem que os pais soubessem. Nesse período, o colaborador conta ter vivido uma fase de “*prospecção muito grande*” em relação à realização da sua masculinidade, visto que conheceu muitos lugares do Brasil, teve um vasta experiência sexual, ou seja, tornou-se experiente e sabido como todo “homem de verdade” deve ser, segundo a ideologia patriarcal.

...eu com dezoito anos, já chegava a ficar com cinco mulheres numa noite, tá, então é, o que que significa ficar com cinco mulheres assim, é a cada, é, tinha festa nos camping, as primeiras duas horas eu estava com uma moça, depois saía, encontrava outra e foi e rolou a noite inteira sabe, e, existia assim as moças que queriam se libertar, elas tinham uma tendência da primeira oportunidade, deu uma vasa, ‘pumba’ né, já queriam é, se descobrir né. Então, prá quem estava, vamos dizer assim, naquele momento como eu tava, como viajava era bom, porque prá gente era uma maravilha, chovia, cê não precisava ir atrás. E eu ainda tinha uma facilidade de falar muito, F..., então, acabava cativando, sabe. E, eu te falo assim, eu sempre fui muito romântico, eu tenho assim, uma historia de romantismo, que eu, que eu tento passar pros meus filhos também, aprendi isso com meu pai também, sempre a respeitar uma mulher, acho que eu nunca desrespeitei uma mulher, eu tinha amigos assim que saíam e falavam



demais, sabe, eu me lembro de fazer amizade com todas as prostitutas, eu tinha jeep, então é, eu passei muito de jeep, eu chegava às cinco horas na, na casa das prostitutas lá, nem sei como é que chama, enchia o jeep com as moças, ia toma é, cafezinho na padaria, pagava pão, leite, tudo sabe, e vivi muito sabe, eu gostava, eu curtia, eu curtia a noite, eu levava todo mundo prá, prá boates, sabe? Dançava nas boates com as moças. Eu, eu, eu acredito que vivi bastante, não tive preconceito sabe, é cheguei a viajar, com amigos que nunca tinham tido nenhuma experiência e aí, nessas viagens, passavam a ter as primeiras experiências, então pude participar da experiência de amigos também, e até teve uma coisa engraçada na, nas turmas que eu vivia porque, de repente, o pessoal falava assim, ah ó, vou sair com o R....., porque ele sabe como é que faz como é que é, então sempre tinha gente querendo sair...

“Narciso Libertário”, sempre em procura de novas experiências, procurando ser diferente de tudo o que era convencional de modo a se sobressair, a se destacar pela conhecimento e pelo controle de situações inusitadas. Desse modo podemos verificar a necessidade do colaborador de se perceber acima dos limites e definições sociais, ao pegar as garotas de programa e ir tomar café ou levá-las às boates, o que para ele ficava como prova de sua capacidade de ser isento de qualquer preconceito. Ou seja, de não possuir limite, acreditando em sua fantasia onipotente ser capaz, inclusive, de prover momentos de uma negação do próprio contexto social e de suas determinações que, na realidade, iam além de sua capacidade para modificar, como a realidade das mulheres dos “prostíbulos”. Com esses comportamentos, o colaborador parecia se sentir vivendo uma experiência de totalidade, de modo que, em sua fantasia, estivesse ultrapassando os limites da própria realidade e realizando a ilusão narcísica de ser absolutamente livre, inclusive das regras sociais e dos “preconceitos”.

Podemos, então, perceber como o modelo de masculinidade patriarcal apreendido tão de perto pelo colaborador com as figuras masculinas de referência familiar, em especial, tornou-se o guia de suas ações em relação a sua masculinidade. Assim, o novo “macho” da “genealogia familiar” perpetua, na adolescência, o modelo narcísico de masculinidade patriarcal, no qual realiza o papel do super-homem provedor, o qual tudo consegue por meio de seu poder e sedução. (EIGUER, 1998; FREUD, 1914).

*...houve uma transformação muito grande nesses trinta anos né, na sociedade, no relacionamento entre homem e mulher, então eu, eu acredito que eu tenha participado, assim, duns três ou quatro, dumas três ou quatro épocas diferentes, tá, eu encontrei, assim, aos trinta anos meninas de dezoito, vinte anos que falavam assim, não eu tenho que casar virgem, eu tenho que é, o relacionamento tem que ser puro, não sei o quê, eu via tanta coisa, porque eu tinha irmã de, treze anos mais nova do que eu, então, participava da vida dela com as amigas, é e essas meninas, às vezes, sem orientação nenhuma dos pais. Então, através da minha irmã eu ficava sabendo e, em casa, eu reunia todas as meninas e ficava conversando com elas, então tentando, é, passar alguma coisa prá essas meninas sabe? Muitas delas engravidaram muito cedo, e, não sabiam como, e nem a quem recorrer, acabavam fazendo aborto aí, com aqueles, com as pessoas não apropriadas, se é que existe pessoas apropriadas né, uma vez que é ilegal...Mas partiam assim num desespero (...) então eu participei de muita coisa sabe, é, como eu te falei, irmãos de treze anos mais velhos que eu tenho e irmã de treze anos mais nova. aí minha mãe uma vez, foi levá-la prá abortar e a minha mãe hiper católica, aí, de repente, achou que se o papa descobrisse ia esconjurá-la da religião, então ela sofreu demais...*

Rui aponta para os valores da modernidade, nos quais as mulheres eram criadas para casar virgens e para ser donas de casa e mães, como foi a sua mãe. Entretanto, aponta para o processo de mudanças desses valores e se orgulha de ter acompanhado toda essa mudança. Rui parece se colocar como um aprendiz das situações, entretanto sem se envolver muito, visto que estava sempre no papel de provedor, pois sempre acreditava saber muita coisa e atribui esse aprendizado graças a sua história, cheia de irmão com quem aprendia a lidar com os “temas” que a vida lhe apresentava. O colaborador relata que, naquele contexto patriarcal da sociedade moderna, quando as garotas ficavam grávidas tentavam o aborto de forma perigosa por ser ilegal, em nome dos valores morais da época. Assim, conta-nos que, quando sua irmã engravidou e sua mãe precisou ajudá-la para abortar, o conflito com os padrões da moral religiosa foi intenso, visto que os valores da família burguesa moderna, baseados nos alicerces da moral cristã, eram estruturantes nas vivências de sua mãe, de modo que, em sua fantasia narcísica, acreditou em uma punição direta do papa por sua ação transgressora da “lei do pai”. Desse modo, o colaborador nos conta o contexto e valores que permearam a construção de sua vida psíquica, assim como as figuras de identificação com quem partilhou sua herança, seus ideais e defesas psíquicas (KAËS, 1998).

### **Categoria III- As vicissitudes da Idade Adulta**

eu tenho que agradecer demais a história da minha vida, porque ela me possibilitou viver muita coisa sabe F....., então é, o momento em que essa vivência que vai, do campo material até o espiritual também, ela me permite hoje passar por cima de qualquer rancor, de qualquer mágoa, então no meu caminho de vida eu tive desilusões com amigos, brigas de amigos, de amizades, brigas com mulheres (...) às vezes, eu conto pra minha mulher, encontrei fulano, mas como é que cê teve

coragem, cê contou que teve uma decepção, falei é, mas essa decepção foi há muitos anos atrás, eu superei isso (...) então ela fala comigo que não conseguiu ainda chegar nesse estágio, de superação (...) namoradas que eu tive que aconteceram problemas, né, que na época falava nunca mais quero ver, hoje eu encontro e, e assim abraço, e vejo e sento e converso tá, e (...) na verdade eu percebo que eu tô ajudando a pessoa, porque ela, né, de repente, ela acaba acompanhando o raciocínio e passa por cima de tudo e de repente a gente tá amigo de novo, entendeu, então isso eu devo muito à minha mãe também, porque minha mãe superou tudo essa característica assim, depois que eles se separaram, meu pai acabou voltando pra casa e quem cuidou do meu pai foi minha mãe, tá, e, depois ele teve que ficar internado, (...) na ilha do governador, um hospital, (...) era uma casa de idosos (...) Meu pai acabou ali, e ele é, de fim de semana ele convidava minha mãe, minha mãe saía de S. P., ia pro R. de J. prá é, no sábado à noite tinha o baile dos velhinhos. Então é, e eu vi muitas historias do meu pai com essas mulheres todas que ele teve, é, o que o sexo foi importante na vida deles, né, todas essas mulheres seduziram meu pai sexualmente, tá, inclusive minha mãe, mas o amor, ele retornou, porque realmente foi a mulher da vida dele foi ela, primeira que no caso foi minha mãe, porque além do sexo ele a amava, então ele tinha um..., mas ele demorou muito para entender tudo isso, né, e mesmo que ele entendesse, talvez, ele não tivesse ficado com ela, pelas é, é pela repressão que o meu avô exercia sobre ele.

O colaborador descreve a trama de sua história familiar e conta-nos com quais aspectos do casal parental se identificou mais expressivamente. Rui posiciona-se, compartilhando sua versão a respeito de sua história familiar e acredita que o drama que desvelava o conflito de seu pai com a figura de seu avô, definiu a vivência do relacionamento conjugal com sua mãe, marcado pela descoberta de uma vida paralela, a qual era desconhecida pelos membros de sua família. Rui parece compreender

empaticamente os motivos que levaram seu pai a agir desse modo, entendendo suas necessidades de “homem de verdade”, como nos conta:

Então ele tinha essa necessidade de conhecimento, de conhecer outras mulheres, de fazer orgias, de fazer tudo que um homem faz durante a vida que, pra minha geração era natural o homem fazer e o homem deveria fazer...

O colaborador descreve, também, com orgulho, a atitude de sua mãe, de receber seu pai de volta e acolhê-lo, visto que relata ter-se identificado com essa característica, a qual ele definiu como uma capacidade de “*passar por cima de qualquer rancor, de qualquer mágoa*”. Desse modo, o colaborador acredita que ao se esforçar para não ter limites para o perdão estaria ensinando quem o magoou essa característica que ele acredita ser “*superior*” inclusive “*espiritualmente*”, a qual aprendeu e se identificou com sua mãe, na história que ela viveu com seu pai.

Parece-nos que Rui está se referindo a uma necessidade narcísica de negar o seu próprio ódio, a sua vulnerabilidade em relação à atitude do “outro”, acreditando em sua possibilidade onipotente de ultrapassar os limites, as dores, seus “*rancores*”, inclusive por tudo o que aconteceu em sua história familiar, talvez para poder guardar essa herança de forma positiva. Rui parece nos apontar que identificou-se com os mecanismos de defesa de sua mãe para suportar a dor em relação a realidade de separações e desilusões que viveram.

Certamente podemos identificar no relato de Rui a influência dos valores da família tradicional burguesa, segundo os quais, caberia a mulher o cuidado e devoção ilimitados por seu esposo e seus filhos (LOBATO,1997). Nesse modelo de família,

segundo a autora, o amor romântico servia de embasamento ideológico para assegurar a divisão dos papéis de gênero e os “lugares” sociais definidos para cada um, visto que em sua concepção, esses papéis considerados opostos complementavam-se, de modo a configurar o cenário do casamento feliz coroado pelo amor conjugal “escrito nas estrelas”. Essa idéia parece estar presente na concepção que Rui tem do amor entre seus pais, e por isso acredita que apesar dos desencontros, sua mãe era tão devota a seu pai e este sempre a procurava para cuidar dele. Em suas palavras: “...*todas essas mulheres seduziram meu pai sexualmente, tá, inclusive minha mãe, mas o amor, ele retornou, porque realmente foi a mulher da vida dele foi ela, primeira que no caso foi minha mãe...*”

Desse modelo romântico surgem as crenças das “mulheres de Atenas” em sua obrigação eterna com seu esposo e filhos, visto que sua identidade, como define Vaitsman (1994), restringia-se a esse papel “doméstico”, o de servir como esposa e o de servir como mãe. Poderíamos supor que, como já vimos anteriormente, sendo esse sistema sustentado pela ideologia patriarcal que define um modelo de masculinidade Super-Homem, autocentrado, autoritário e narcísico, certamente o modelo de feminilidade, sendo complementar a esse, deve ser propício na manutenção desse funcionamento, ou seja de uma mulher submissa, serviçal. Assim, o colaborador parece contextualizar a sua história familiar nesse cenário patriarcal.

Rui faz referência, então, à transmissão psíquica herdada por ele, segundo os seus ancestrais, visto que, segundo Kaës (1998, p.09) o que é transmitido são objetos dotados de seus “vínculos” e “sistemas de relação de objeto”. Para o autor, uma característica dos objetos de transmissão psíquica define-se por aquilo que não se “lembra”, como: “*a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e*

*ainda enlutados.*” Entretanto, outros conteúdos mais acessíveis também são transmitidos como os “ideais”, os “mecanismos de defesas”, as “certezas” e “identificações” que sustentam os “*vínculos intersubjetivos*” e as “continuidades narcísicas”. É no grupo de referência, portanto, que essas configurações de objetos serão vivenciadas pelo sujeito.

Desse modo, é por intermédio do vínculo do casal que se edificam os outros vínculos familiares, definindo-se as diferenças e na visão da criança, inaugurando a origem da família. Sendo assim, a transmissão psíquica entre gerações permite a herança do “modelo de parentesco”, o qual orienta os lugares de cada membro no grupo familiar, indicando com precisão as proibições, influenciando na constituição do superego individual, assim como moldando os projetos de vida de cada um de seus participantes, por intermédio da transmissão dos mitos e de seus ideais. Por meio do “modelo de parentesco”, nesse processo, surgem as falhas da transmissão, as quais, influenciam na estruturação do superego, ocasionando as possíveis insuficiências superegógicas, ou um superego altamente rígido.

Rui faz menção a essa transmissão psíquica do “modelo do casal parental” e aponta-nos para os mitos incorporados nessa transmissão, como o de perpetuar a “continuidade narcísica”, herdada pela identificação com a figura materna em seu papel familiar de provedora da sabedoria afetiva, da onipotência materna, assim como os ideais narcísicos do modelo de “homem de verdade”, assimilados por intermédio do “objeto da transmissão psíquica entre gerações, o “mensageiro” por meio do qual transmite-se o “parentesco”, a “cultura” e a “lei”. Esse “mensageiro”, no caso da identificação com o modelo de masculinidade, ficou representado pelo colaborador pelas figuras masculinas de sua genealogia familiar que, por meio do vínculo inter-

subjetivo, indicaram o lugar e o papel de homem que o colaborador deveria ocupar, segundo essa herança psíquica da história ancestral. Essa percepção fica evidente na seguinte fala de Rui:

...Então, a minha atração por mulher vem de um histórico familiar muito forte, né, desde pequenininho antes de eu pensar em mulher já me faziam pensar em mulher através do meu pai, do meu avô, dos meus irmãos, então eu nunca tive é, nenhuma preocupação por um outro lado que não fosse esse, porque foi uma coisa muito forte...

É, portanto, por meio desses vínculos inter-subjetivos que a transmissão da vida psíquica entre gerações manifesta-se pelas inúmeras possibilidades de representação dos “papéis simbólicos” assumidos pelo pai, pela mãe e pela criança, segundo a função correspondente a cada um no grupo familiar (Eiguer, 1998, p. 33). Esses lugares e papéis familiares foram descritos com clareza por Rui, segundo a sua representação da configuração vincular familiar por ele vivenciada e significada.

...eu quando casei com minha mulher, posso falar prá você. F....., sou fiel a minha mulher até hoje, tenho é, dezoito anos de casado entendeu, é, sempre deixei bem claro prá ela a, a pessoa que eu era. Ela foi conhecendo aos pouquinhos, eu sou um pouco gozador nisso tudo, eu acho que as pessoas tinham que falar nisso com mais naturalidade, encarar isso com mais naturalidade, porque elas sofrem demais com a sexualidade, a minha mulher sofreu demais. O pai dela hiper machista, tudo era proibido, tudo era proibido entendeu? Então, e ela com vontade de fazer tudo, porque toda mulher tem essa vontade, mas a repressão era tamanha que o medo, às vezes, dificultou demais prá ela ser feliz. No meu relacionamento sexual, no meu relacionamento familiar com ela, tudo foi muito difícil, muito difícil sabe, é até demonstrar prá ela que uma mulher que fizesse a ou b, não era uma prostituta, aquilo era um caráter que você é, que é, que a mulher que fizesse aquilo ela, estaria é caracterizada como uma

prostituta. Então, eu era uma pessoa muito liberal, sou uma pessoa, me considero muito liberal, mas preservo os valores, sabe, é, eu não admito um monte de coisa por outro lado sabe, então não sou a favor de libertinagem de, de sexo grupal, de um monte de coisa que você perguntar não, não sou a favor, não significa isso, mas eu acho que a sexualidade entre o casal, ela tem a sua liberdade, tem o seu mundo de fantasia, sabe? Tem, eu acho, que um casal tem que trazer as suas fantasias pra ser feliz sexualmente, pra alimentar o sexo ele tem que trazer muitas coisas, porque o sexo, quando é jovem, ele se alimenta sozinho pela beleza, que o Vinicius falava a beleza é fundamental é, né, se você só encarar a beleza, mas se houver outras coisas ou o amor, você automaticamente vai alimentando, não só o amor como sexo, e se você conseguir incrementar essas coisas dentro do seu relacionamento, eu acredito que a gente tenha chance de levar o casamento eterno ou por muitos anos, ou prolongar, porque a tendência de um casamento, relacionamento é ir se extinguindo e os problemas que a gente passa no dia a dia, filhos, trabalho, tudo; se você não alimenta e num trazer essas coisas e as suas próprias experiências, você pode realmente, de repente, se deparar num vazio muito grande. Então eu sou uma pessoa que tento levar pra minha vida do dia a dia as experiências da minha vida, é, as minhas fantasias, eu fantasio tudo, mas não é só no sexo, eu fantasio a minha vida de uma forma geral, né, porque é uma forma de você, é, buscar sempre alguma coisa mais...

Rui conta-nos que, ao escolher a companheira para se casar e constituir uma família, repetiu uma história bastante conhecida por ele. Escolheu uma parceira que teve uma educação muito machista e que se enquadrava no padrão de feminilidade, ditado pelo sistema patriarcal, com a qual a vivência da sexualidade, assim como a do relacionamento familiar, era muito difícil, visto que a repressão sexual a qual fora alvo, era um obstáculo à satisfação sexual e o relacionamento do casal, visto que impossibilitava maior intimidade entre os universos femininos e masculinos.

Nesse sentido, Eiguier (1998, p.23,24) observa que a escolha do parceiro, como o estilo de família que deseja constituir, baseado nos valores educacionais escolhidos é guiada pelo ideal familiar recebido pelo modelo de parentesco dos ancestrais. Seguindo essa lógica, os “objetos ancestrais” podem ser atraídos a ligar-se a outros objetos de outros indivíduos que possuam configurações, não raramente, complementares as suas. Isso explica, segundo o autor, as atrações devido o “desejo de reparação” em alguns casos. Esses motivos que exercem a atração na escolha amorosa, operam, na maioria das vezes, sem que os indivíduos tornem-se cômnicos deles.

Assim, o colaborador apesar de ter o discurso da liberdade sexual, ao escolher uma mulher para ser sua esposa, escolhe uma figura com a qual repete o formato da constituição do casal parental, o qual teve como “modelo de parentesco”. Essa escolha lhe traz inúmeros conflitos, visto que, ao tentar acompanhar os valores de “libertação dos costumes”, de abolição das diferenças, idealiza poder viver a realização afetiva e sexual, sem tantas imposições da realidade, em sua relação conjugal. Entretanto, sua escolha inconsciente dificulta essa expectativa de liberdade, própria do “Narciso Libertário”.

Ao ter escolhido uma configuração conjugal tão parecida com o modelo de parentesco vivida em sua genealogia familiar, o colaborador certamente estivesse guiado por um forte desejo de “reparar” a situação familiar vivida, sendo capaz de encontrar dentro do relacionamento conjugal uma possibilidade de satisfação que lhe permita fazer de seu casamento uma união eterna. Com esse objetivo, conta ser fiel há 18 anos com sua esposa, o que demonstra uma tentativa de fazer de sua história uma história diferente da que presenciou pelos seus pais. (EIGUER, 1998).

Podemos observar como houve, também, forte identificação com esse ideal romântico no que se refere ao envolvimento afetivo, tornando-se bastante idealizada a idéia de um relacionamento conjugal. Esse fato pode apontar, também, para uma forte identificação, nesse aspecto com a figura feminina. Desse modo, o colaborador diz que, apesar de se definir como uma pessoa muito liberal, conserva alguns valores, ou seja, que, apesar de sua necessidade narcísica de estar acima da “lei”, de transgredir as “regras” e limites, no que diz respeito à família, à relação afetiva o seu modelo continua sendo o da família burguesa patriarcal.

Entretanto, expõe o seu desejo de encontrar liberdade dentro desse formato de relacionamento conjugal, de forma a “*ser feliz*” de um modo completo com sua esposa, tentando propor como solução uma maior entrega sexual, regado a um romantismo dos contos de fada. Como não é essa a realidade que vivencia, o colaborador conta que recorre para o artifício da fantasia, na qual ele pode viver tudo o que desejar, sem os impedimentos da realidade.

Desse modo, ao invés de sair com outras mulheres como fazia o seu avô, ou de construir outras famílias como fez seu pai, o colaborador refugia-se em seu mundo de fantasia e recordações de sua vida, para suportar as limitações que a realidade de uma relação a dois, com filhos, da vida adulta suscita. Sendo assim, Rui descreve que se não fantasiar a sua vida e tentar “*levar alguma coisa a mais*” em sua existência, sente um “*vazio enorme*”, visto que observa que a beleza, a sedução dos tempos de juventude não mais conseguem sustentar o sentido da existência, tornando-se necessário acrescentar algo mais. Do que será que o colaborador sente falta na relação conjugal e tenta buscar em suas fantasias? Será que de sentir-se integrado, em “si mesmo” individualizado e portanto capaz de viver intimidade afetiva em um relacionamento a dois? Essa pode ser

apenas uma hipótese imaginária que nos suscita nesse momento de viagem na bela história que nos relata.

Parece que a “identidade de fachada” descrita por Nolasco (1997), como sendo a do “homem de verdade”, com o passar dos anos, com a queda da ilusão narcísica, representada pela perda da “beleza” e do *frenezi* dos tempos de Narciso Libertário, vai se tornando incapaz de satisfazer os anseios de um verdadeiro encontro amoroso consigo mesmo. Ou seja, trata-se, talvez, do desejo de conseguir estabelecer uma ligação realmente autêntica de intimidade, podendo internalizar as dores e os afetos vividos com um “objeto de desejo” que não mais seja a extensão de si mesmo, mas que, verdadeiramente, possa realizar troca afetiva por estar discriminado o suficiente do próprio ego. Certamente o colaborador nos conta de seu desejo de que “Psiqué” encontre de fato “Eros” nessa longa caminhada, em direção à descoberta de sua própria existência psíquica.

#### **Categoria V- A reflexão dos ventos da meia-idade**

É, quando você é moço, vamos dizer até vinte anos, você faz o sexo, quer fazer e não tá nem aí pro depois, depois dos vinte aos trinta você faz com a mesma força, mesma vitalidade, já começa a preocupação com o depois, cê já seleciona, então vou poder encontrar fulana, beltrana, depois, né, depois disso eu praticamente tava casado né, então existia uma preocupação já no meu casamento....mas você cobra a participação da mulher. É difícil ainda nessa idade, o homem entender que a mulher realmente tem os seus momentos, tá, tem a sua tpm, tem a sua adversidade em casa, filho, é, profissionalmente, então, cê só vai entender realmente a mulher, sexualmente, eu acho, no meu caso, eu só fui entender realmente uma mulher a partir dos quarenta anos, então passei a valorizar a mulher de uma outra forma. Primeiro,

porque a mulher tem aqueles dias em que ela quer ter relação sexual, nesses dias a mulher é maravilhosa. Isso eu já entendia dos trinta anos prá frente tá, e quando você tem relação com uma mulher que quer ter relação é, fantástico tá, e uma mulher que vai ter relação por ter relação, que isso aí é uma coisa natural, vai ter então, a mesma mulher que cê pega num período maravilhoso e pega num período que não é maravilhoso, é totalmente diferente tá, mas aos quarenta anos você passa a não cobrar o sexo mais da mulher, o sexo acontece naturalmente, então o que significa isso, ele vai acontecer naqueles dias que a mulher realmente está bem na vida de um casal, tá, os outros dias o homem acaba de certa forma, é, ou ele se conforma, tá, é, em não ter a relação naquele período e passar a valorizar a mulher nesse período, dar mais atenção prá ela, porque ela tá nervosa, porque ela tá, então conversa mais com a mulher, fica mais ao lado dela, participa mais com a mulher do que os, os, a hora que ela melhorar e ela sentir que o libido dela estiver extravasando, ela já automaticamente vem e aí é fantástico, então melhora muito, por isso que falam ah, depois dos quarenta é melhor, não é, prá mulher é que a mulher de quarenta já está tendo relação com homens mais velhos, são homens que compreendem a mulher, então quando ela tem a relação é uma relação de explosão realmente prá mulher. Então, eu acredito que a mulher seja é, boa de relação sexual a vida inteira, é que ela não tem homens bons de relação a vida inteira, ela, aos vinte, ela tem um menino de vinte que só quer aquela loucura de sexo, aos trinta é, é um homem que tá preocupado muito com ele também e aos quarenta já é um homem que quer aproveitar o que tiver de melhor de tudo, da relação em si. Então é melhor, é bom, é melhor para o homem, o sexo é melhor para o homem nessa idade, prá mulher, se a mulher descobrisse isso, eu acho, que ela ia ter um sexo maravilhoso a vida inteira. E se o homem valorizasse a mulher a vida inteira, eu valorizava no sentido, no aspecto de respeito, mas eu não entendia o organismo da mulher, eu passei a entender o organismo sexual da mulher...

Rui descreve o seu processo de mudança de sua expectativa em relação à figura feminina, assim como perante um relacionamento conjugal. Relata que os anos de casado fizeram-no aceitar o fato de que nem sempre a sua mulher estaria a sua disposição no momento de seu desejo. O colaborador nos conta que até próximo dos quarenta anos, cobrava a sua mulher para ter relação sexual de uma forma satisfatória e que, com o tempo, começou a compreender que existem momentos em que o “outro” não vai estar disponível para satisfazer o seu desejo de forma imediata, conforme o idealizado pela fantasia onipotente. Essa compreensão, veio a partir dos quarenta anos segundo o colaborador, quando ele descreve que deixou de se preocupar apenas com ele e passa a querer *“aproveitar o que tiver de melhor em tudo, na relação em si”*.

Desse modo, o colaborador começa a aceitar a imposição dos limites e realidades da vida, que fica simbolizada no nervosismo, na TPM e nos limites da sua companheira. O colaborador transmite, entretanto, a idéia de que o homem não deveria ter limites para compreender a mulher, visto que acredita: *“... que a mulher seja é, boa de relação sexual a vida inteira, é que ela não tem homens bons de relação a vida inteira”*. Assim, se por um lado Rui abandona sua necessidade de satisfação imediata e reconhecimento pelo ato sexual, criticando a necessidade pueril de virilidade, por outro impõe um outro padrão, o qual o homem maduro deve atingir e que se trata do clímax de sua capacidade de ser um “bom homem”. Nesse modelo, o homem deve saber discernir os dias que a mulher não está bem, para abrir mão de sua satisfação sexual e ouvir a mulher, dando-lhe absoluta atenção e compreensão.

Entretanto, os dias em que a mulher esteja com grande desejo sexual, a sua realização é *“maravilhosa”*. Parece que Rui nos conta que se adequou a realidade para conseguir continuar em sua relação conjugal, criando mecanismos nos quais sua

exigência consigo, como homem, parece continuar intensa, aliada a sua fantasia narcísica de sempre poder prover as necessidades do casal, “aparar as arestas” do desencontro, da falta, da frustração. Desse modo, poderíamos perguntar: e quando Rui está em um mal dia, no seu limite?

Rui acredita que se se esforçar para compreender totalmente as necessidades do corpo feminino, irá aplacar a sensação da falta, da indisponibilidade do “outro”, por meio da fantasia onipotente, na qual idealiza sua ilimitada capacidade de compreensão, podendo assim, suportar a espera para o momento de satisfação, e do encontro com o objeto desejado. Podemos perceber no discurso do colaborador a idealização intensa da figura feminina, a qual aplaca a experiência de “ódio” pela percepção da “falta do objeto”. (FREUD, 1914).

Desse modo, como define Eiguer (1998), a escolha do par conjugal e a dinâmica instalada pelo casal pode seguir duas tendências: uma baseia-se na castração, enquanto a outra na sedução ou narcisismo. Rui constrói uma dinâmica em seu relacionamento conjugal que denuncia sua necessidade de repetir situações fusionais, nas quais reedita dificuldades de individuação pelo desconhecimento de um modelo paterno que o possibilitou vivenciar de forma consistente a experiência da castração, de limite e individuação, daí a necessidade narcísica de se posicionar como um provedor onipotente de bem-estar na relação conjugal.

### **Categoria VI- Os Sentidos da Heterossexualidade**

*É, eu assim da turma eu era o mais novinho, eu era o menorzinho né, então não sei o fato de eu ter muitos irmãos e todos eles estarem*

*namorando já desde cedo e, então eu falava muito (...) sempre gostei de falar, sempre gostei de achar as razões das coisas, então eu tive muita facilidade, assim, no contato com os moços, com as meninas desde cedo sabe, e a turma era muito grande, então, a gente era, por incrível que pareça, aquela época a gente era muito assediado pelas meninas (...) Eu viajei muito, acampeei (...) nunca tive problemas que não fosse assim um relacionamento homem-mulher, prá mim foi uma coisa assim muito natural, cada vez atraía mais, mais e mais, então eu tive uma vida muita intensa até vinte e seis anos, quando conheci minha mulher e, e depois começamos nosso relacionamento e tamos até hoje aí, praticamente com 24 anos juntos (...) é isso que eu posso te falar assim, a origem de uma atração sexual, né, no caso.*

O colaborador atribui, como responsável pela origem de sua atração sexual pela figura feminina, a sua história de vida, na qual identificou-se com os modelos masculinos em sua percepção tão viris, os quais lhe transmitiram, em sua visão, o claro significado da herança heterossexual, vivenciada por seus ancestrais. Rui relata como essa herança conferia-lhe segurança na aquisição de sua masculinidade, visto que sentia-se acolhido e incluído na concepção desse universo masculino. Por esse motivo, define sua atração heterossexual como sendo “*uma coisa muito natural*”, a ponto de cada vez atrair mais mulheres interessadas pelo seu potencial masculino. Em sua autodefinição, sua virilidade dava sinais “*desde cedo*”, por meio da sua facilidade de se comunicar com as moças, de ser sedutor pelas idéias, de “*achar razão para as coisas*”. Esse potencial, na sua visão, era a razão do assédio das meninas. (EIGUER, 1998).

*...e meu pai também é, ele sempre questionava a gente, você já teve a primeira relação? Embora ele saiu cedo de casa, mas eu lembro ele sempre perguntado é, você já virou homem, aquela coisa toda né, meu avô também, o pai do, do meu pai, e ele me adotou assim desde pequenininho também como um, uma pessoa sei lá, não sei, talvez até como um filho e eu acompanhei a vida dele inteira até ele morrer.*

Então, dos treze anos até, ele morrer (...) até os vinte e seis anos eu acompanhei meu avô. No final da vida até como motorista, e quando a esposa do, minha avó faleceu, foi em 1970, então eu vivi mais catorze anos com meu avô e ele solteiro e esses catorze anos eu fui motorista dele, eu levava ele prá todos os hotéis de S. P., do R. de J., M. G. Ele contratava numa agência e essa agência selecionava uma mulher prá passar um mês com ele, uma semana (...) ele me convidava prá ir junto, então eu ia como motorista, ficava no hotel né, até a moça chegar, quando a moça chegava, eu ia embora e depois eu voltava prá pegá-lo. Então, eu tive é, oportunidade de curtir demais com meu avô, sabe? E assim, de ser parado na estrada em alta velocidade o guarda fala assim cadê os documentos, ele tirava da carteira, o documento era a mulher com quem ele ia se encontrar no hotel, então, o guarda falava, mas o que que é isso, aí ele falava não, eu sou advogado, isso aqui é uma brincadeira, então já começava a conversar. Nunca fui multado, ele mandava eu “chinelar”, então eu sempre dirigi, sempre corria ou participava de, de corrida de carro e tudo, quando encontro um avô maluco que mandava correr (risos) naquele época com uma Brasília eu andava a 160 por hora nas estradas. Um carro que não tem estabilidade. Então essa sexualidade, na minha família foi muito presente, ela é italiana, daqueles machistas, meu avô, meu pai, e eles passaram isso pros meus irmãos e veio prá mim ...

O colaborador conta a relação que teve com seu avô, na qual se sentiu “adotado” por ele, quando o seu pai saiu de casa. Por meio desse vínculo com essa figura masculina, Rui se sentiu acompanhado e incluído no modelo de masculinidade, idealizado em seu contexto familiar. Nesse contato, houve a transmissão do ideal de masculinidade a ser seguido. Apesar de seu pai ter saído “cedo” de casa, Rui observa também sua participação nessa transmissão do sentido da heterossexualidade patriarcal, por meio das perguntas típicas como “*você já virou homem?*”, que carregavam em si todo o conceito do ideal “homem de verdade”, muito cedo compreendido como o modelo a ser perseguido.

Desse modo, Rui refere-se à transmissão psíquica, baseada na história das gerações e a influência de seus personagens na forma como se delineou sua identidade heterossexual. Segundo Eiguer (1998, p.33), “*O olhar do (s) outro (s) conta muito para que o papel se desenrole e seja assumido.*” Seguindo esse mesmo raciocínio, Eiguer (1998, p.33) observa que o “*ancestral se apresenta como um outro (do) pai*”, sendo a relação da criança permeada por “*pais interpostos*”.

Rui relata, com muita satisfação, a história cheia de aventuras que pôde viver com seu avô e diz que se sentiu “adotado” como se fosse “um filho”, visto que realizou com ele o seu sentimento de filiação de forma mais próxima. Esse fato parece ter contribuído bastante na formação de sua segurança, em relação a sua aceitação como homem. Por meio desse referencial sentido como acolhedor, o colaborador relata ter experimentado um sentimento positivo de auto-estima, em relação a sua identidade masculina. Isto pois, segundo Nolasco (1997, p.23) o sentimento de se perceber em “si mesmo” define o sentimento de identidade, o qual para o homem “*se constitui por meio do reconhecimento e do aceite, por parte do pai, de suas potencialidades e limitações.*”

Os sentidos do modelo de masculinidade transmitidos para o colaborador, de forma clara por seu avô, configuram a representação do “homem de verdade”, na qual a virilidade é constantemente expressa pela atividade sexual intensa com inúmeras mulheres, visto que essas são definidas no contexto patriarcal como o “objeto de desejo” masculino, sempre prontas para servir às “engolfadas masculinas”, como define DaMatta (1997, p.43) ao referir-se à idéia de passividade que representa a figura feminina no cerne da ideologia patriarcal. E esse modelo, como observa Nolasco (1997), é definido pela demonstração contínua das habilidades masculinas em realizar

tarefas, como a de se relacionar sexualmente com as mulheres, de “dirigir” com destreza, como relata Rui orgulhoso de sua capacidade.

Dessa forma, esse padrão, para Nolasco (1997), prioriza o reconhecimento constante das potencialidades centradas no próprio indivíduo, ao invés de propiciar a capacidade para o relacionamento inter-subjetivo de intimidade e troca afetiva. Com base nessa definição, podemos verificar as características narcísicas desse modelo transmitido para o colaborador. Os limites do “outro”, da “lei”, simbolizados pela polícia rodoviária no discurso de Rui, eram totalmente negligenciados e transgredidos por meio do poder social e de sedução, pela “lábria” do patriarca frente a situações de regras e limites de convivência social. Essa característica narcísica suscitava a idéia no colaborador de um “mestre” da masculinidade, detentor de um poder ilimitado, que parecia lhe sugerir a ilusão de uma liberdade e segurança também ilimitadas, que ficam simbolizadas no relato de Rui por ousar correr de carro a 160 por hora com um “carro instável”, sem medo de que essa sua atitude tivesse alguma conseqüência.

Sendo assim, o colaborador nos conta que o modelo de masculinidade, herdado em sua transmissão psíquica, comporta um funcionamento predominantemente narcísico, sendo dificultada a experiência da castração pela figura paterna, representada pelo Narciso patriarca, produto de um sistema de valores que, segundo Nolasco (1997), não propicia a vivência do encontro afetivo. Nesse sentido, o autor afirma que o sentimento de ser homem, nesse contexto, dá-se por meio das realizações de atos externos e não pela internalização das experiências afetivas, o que define para o autor uma “identidade de fachada”. Assim, para Rui, ser heterossexual e vivenciar sua sexualidade é exercer o modelo patriarcal de masculinidade apreendido segundo sua herança familiar.

## **Homem com H**

(Ney Matogrosso)

Nunca vi rastro de cobra

Nem couro de lobisomem  
Se correr o bicho pega

Se ficar o bicho come

Porque eu sou é home  
Porque eu sou é home  
Menino eu sou é home  
Menino eu sou é home

Quando eu estava pra nascer  
De vez em quando eu ouvia  
Eu ouvia mãe dizer  
Ai meu Deus como eu queria  
Que essa cabra fosse home  
Cabra macho pra danar  
Ah! Mamãe aqui estou eu  
Mamãe aqui estou eu

Sou homem com H

E como sou  
Estribilho

Eu sou homem com H

E com H sou muito home

## *CAPÍTULO 7*

### ***OS SENTIDOS CONVERGENTES E DIVERGENTES DA HETEROSSEXUALIDADE: DA RUPTURA DO SILÊNCIO A REFLEXÕES DE PARADIGMAS***

Como pudemos compreender, nossos colaboradores desde crianças foram influenciados pelos valores da sociedade moderna patriarcal que apregoava definições rígidas de papéis de gênero. Assim, as identidades de gênero eram definidas segundo a ideologia essencialista que defendia a idéia de que ser homem e ser mulher eram conceitos fixos determinados por uma essência biológica, que diferenciava apenas alguns detalhes próprio da singularidade para cada ser humano. Nesse paradigma, ser homem deveria ser o oposto de ser mulher, sendo, um, naturalmente, o complemento do outro. Essa idéia era legitimada por meio da reprodução, concebida pelas instituições modernas como a ordem natural e inquestionável da vida, como pregava a Igreja. (KATZ, 1996; SCOTT, 1988; VAITSMAN, 1994).

Nessa concepção o “homem de verdade” deveria ser bem sucedido profissionalmente, sendo um bom provedor da família, entretanto, deve abster-se de relações de intimidade afetiva, inclusive no âmbito familiar, ambiente reservado com exclusividade para a mulher. Além disso, ele deve ser ativo, e hábil na realização de funções que designem “ação”. O outro aspecto no qual deve ser inquestionavelmente ativo é no âmbito da sexualidade, no contato com a figura feminina. Nesse sentido, deve ser onipotentemente irresistível e sedutor, de modo a manter relações sexuais frequentes com diversas mulheres. (DAMATTA, 1997; NOLASCO, 1997).

Essa concepção de masculinidade influenciou fortemente a formação da identidade heterossexual dos nossos colaboradores, assim como delineou singularidades

de suas vivências afetivo e sexuais. Assim, na adolescência, fase de auto-afirmação da identidade, os colaboradores vivenciaram fortemente as exigências do modelo “homem de verdade”, experimentando angustiantes situações e conflitos ao sentirem-se impelidos a ingressar no mundo dos homens por meio da atividade sexual compulsiva, como na iniciação sexual na Zona do Meretrício, experiência da maioria dos colaboradores.

A exigência de virilidade somada à cobrança de ser um “macho puro”, isento de características femininas como a afetividade, configuram essa masculinidade como um padrão narcísico, que dificulta o vínculo afetivo do homem com seu objeto de desejo. Por esse motivo, esse homem definido no cerne da sociedade patriarcal é muito bem representado pelo personagem Don Juan, compulsiva e irresistivelmente sedutor, porém incapaz de entregar-se em uma relação afetiva.

Dessa forma, para os colaboradores a heterossexualidade foi representada como sinônimo de masculinidade, sendo essa concebida segundo uma essência, um ímpeto, uma herança natural que brotou do íntimo espontaneamente. Por esse motivo, Pedro, por exemplo, acredita que mesmo se não tivesse sido criado para “ser homem”, ainda assim essa sua essência seria mais forte e definiria sua masculinidade. Essa concepção de heterossexualidade foi unânime no relato dos colaboradores, sendo que para Luis, esse tema se constitui em um intenso conflito, pois, ao questionar sua escolha sexual, sentiu o enorme “peso” de não ser incluído nesse universo masculino e, portanto ser enquadrado em outra categoria (homossexual) socialmente desvalorizada.

Assim, o sentimento de Luis fica compreensível, visto que no sistema de valores do patriarcado, o homossexual é visto como o homem mole, desvalorizado como a mulher, vítima de preconceito e desigualdades. Assim, no homossexual fica projetado o

oposto do Ideal de Ego esperado pelo “homem de verdade”. Esse sistema é constituído pela dicotomia feminino versus masculino, na qual essa última domina a primeira. Entretanto, conforme DaMatta (1997), há na sociedade brasileira uma hierarquia de categorias intermediárias dentro dessa dicotomia, que aumenta o seu valor quanto mais se aproxima do masculino e vice versa.

Seguindo essa lógica, quanto mais o homem se aproxima do masculino, maior o poder, ou seja, quanto mais “macho”, mais potente. Quanto maiores as características definidas como femininas em um homem, mais próximo da mulher ele está, e portanto menos potente se torna. Assim, o homossexual masculino nesse sistema não é considerado homem, sendo concebido como a potência masculina que não vingou, devendo ser tratado como se tratam as mulheres, com dominação por meio das “engolfadas” sexuais, sócio-políticas, econômicas e morais por parte do homem viril heterossexual. (DAMATTA, 1997).

Segundo Nolasco (1997, p.20) o modelo “homem de verdade” é transmitido pelo exemplo que o garoto vivencia por meio da ausência e o silêncio de seu pai, visto que essa relação é marcada pelo ensinamento e exigência de habilidades que um garoto deve saber, não sendo possível a experiência de uma relação íntima de afetividade. Nessa cultura para o autor, intimidade se refere a uma experiência restrita ao feminino, visto que trata-se do *“íntimo que está muito dentro (...) ligado por afeição e confiança”*. Desse modo, a masculinidade se traduz por uma experiência solitária e superficial que deve ser orientada pelo “fazer” em detrimento do “sentir”, e por isso a função do pai no patriarcado se resume em prover satisfatoriamente a vida material da família. O reducionismo dessa função dificulta o desenvolvimento da criança que possui demandas afetivas que se estendem muito além desse cuidado.

O modelo de mulher que faz par complementar ao “homem de verdade” se configura metaforicamente pelas “mulheres de Atenas” que foram excluídas do conceito de indivíduo, na constituição da sociedade moderna, definindo suas identidades como complementares e dependentes do *status* de esposa e mãe. Nesse paradigma, então, a mulher é uma extensão narcísica de seu marido e de sua condição materna, visto que é concebida como sendo dotada de instintos e dons naturais para o cuidado afetivo da família e do lar. (LOBATO, 1997; VAITSMAN, 1994).

Esse é o modelo de casal parental arraigado na fantasia arcaica, na “transmissão de parentesco” dos nossos colaboradores. Esse modelo parental dificulta a superação do narcisismo primário pela criança, uma vez que a mulher não possuindo uma experiência de individualização, torna-se dependente da função materna para se sentir existindo, o que dificulta uma atitude mais facilitadora de sua parte em relação à independência da criança no que diz respeito aos seus cuidados. Para complementar, a figura paterna nessa cultura também não facilita a vivência da interdição, visto que o modelo “homem de verdade” transmitido pelos ancestrais com sua forte exigência viril faz renascer a “*lembrança do temor da violência primitiva*”, como aquela que envolve a castração e a cena primária, não permitindo que a criança entre em contato com a angústia de castração, desenvolvendo fortes defesas contra essa angústia, como a onipotência narcísica, uma das principais características do modelo “homem de verdade”. (FREUD 1915 **apud** EIGUER, 1998, P.32, 33).

Por esse modelo, esse padrão de masculinidade é transmitido, por meio da repetição compulsiva, da transmissão psíquica sem fantasia, impossibilitando os indivíduos de pensarem e simbolizarem o seu lugar dentro do grupo familiar e social, no qual esses significados transmitidos possam lhes fazer um sentido verdadeiramente

autêntico. (KAËS, 1998). Trata-se da dificuldade do indivíduo em tornar-se “sujeito” dentro de sua história coletiva, por meio da lei da interdição paterna que “*provoca e intretém uma crise no narcisismo, uma machucadura no destino do ego...*”, lembrando o indivíduo de todas as suas faltas e falhas humanas, o que lhe serve de condição para se separar, se individuar, se sentir castrado o suficiente para desejar traçar a originalidade de sua existência. (EIGUER, 1991 **apud** EIGUER, 1998, p. 61).

Assim, os conceitos de masculinidade e feminilidade dificultam esse processo, gerando inúmeros desencontros e insatisfações nas relações de gênero e familiares, assim como na satisfação pessoal de homens e mulheres, visto que nesse paradigma, os homens são proibidos de expressarem sua afetividade, tendo que negar seus sentimentos, enquanto, as mulheres são proibidas de exercerem seu potencial criativo, se restringindo a função de dona de casa e mãe, visto que nem mesmo sexualmente podiam encontrar prazer, visto que esse era restrito aos homens, considerados instintivamente mais necessitados dessa satisfação.

Essas concepções influenciaram as experiências dos colaboradores, uma vez que suas escolhas amorosas na vida adulta foram marcadas por esses esteriótipos, sendo que exceto Alexandre e Nilton, os outros colaboradores relataram dificuldade de se envolverem afetivamente. Alexandre e Rui, por exemplo, ao manterem um casamento no formato tradicional burguês vivenciam dificuldade de se realizarem sexualmente, visto que suas esposas se enquadravam no modelo descrito, no qual a esposa não deve ser amante. Da mesma forma, Nilton expressa seu desejo de vivenciar uma relação com satisfação afetiva e sexual com uma mesma mulher, visto que busca satisfação sexual fora de sua relação conjugal. Fujji e Pedro relatam uma longa busca pelo amor, com histórias de repetição de desencontros que são gerados pelo forte funcionamento

narcísico, que dificultava uma troca autêntica e afetiva dos colaboradores com suas companheiras. Esses desencontros denunciavam a dificuldade no processo da vivência da interdição paterna, resultando na impossibilidade dos colaboradores viverem de modo individuado a relação amorosa, como Psiqué, que, só depois de ter se encontrado consigo mesma, pôde encontrar Eros.

Os reflexos do sistema de valores patriarcais fazem com que a maioria dos colaboradores identifiquem as dificuldades em suas vivências, sendo experimentado por alguns colaboradores, como para Fujji, Nilton, Pedro e Rui o desejo de mudar, de encontrar um sentido mais completo e satisfatório para suas existências e co-existências. Certamente, esse desejo de mudança seja também influenciado pelas mudanças sócio-políticas-econômicas e culturais que a sociedade contemporânea tem passado, uma vez que se torna cada vez mais divulgado, após a “libertação dos costumes” o direito dos indivíduos de se tornarem sujeitos de suas histórias, buscando na originalidade a tentativa do encontro com a felicidade.

Assim, no momento de transição da sociedade moderna para a sociedade atual hipermoderna, segundo a concepção de Lipovetsky (2004), houve inúmeros movimentos sociais e mudanças na configuração sócio-política-econômica e tecnológica que caracterizaram um momento de transição definido pelo autor de Pós-modernismo. Nessa transição, nas décadas de 60 e 70, houve a febre da ideologia consumista, a luta pela queda das instituições repressoras do indivíduo, com um conseqüente culto ao presente e ao hedonismo individualista. Nesse contexto localizam-se os movimentos sociais que reivindicavam a igualdade social, como o feminista que lutava por direitos iguais para homens e mulheres. Surge, então, na década de 60 o conceito de identidade de gênero que define a masculinidade e a feminilidade como sendo o resultado de

valores e vivências transmitidas pela cultura por meio de suas instituições. Esse conceito se contrapõe aos argumentos da ideologia essencialista que defende a existência de uma essência feminina ou masculina universal e estática. Assim, faz-se uma diferenciação do conceito de gênero e de sexo, rompendo com o sistema no qual as diferenças biológicas justificavam as desigualdades entre os gênero.

Nesse processo, a mulher começa a conquistar mais espaço no mercado de trabalho, assim como conquista o direito de exercer seu erotismo com maior liberdade, controlando seu corpo, a partir do surgimento da pílula anticoncepcional na década de 60. Essas mudanças se somam a um movimento de maior abertura para a inclusão da diversidade sexual, uma vez que os homossexuais e transexuais também saem à rua reivindicando seus direitos. Nesse pulsar social, há um assustador aumento do índice de divórcio de casais heterossexuais que compunham o formato da família tradicional burguesa, vindo à tona na mídia escândalos de casais heterossexuais famosos. Todos esses acontecimentos abalam a hegemonia da família heterossexual burguesa, surgindo outros formatos possíveis de família, como a homossexual e a composta de pessoas separadas, viúvas, com ou sem filhos e agregados de outros relacionamento. (KATZ, 1996).

O novo contexto paradigmático que se impõe, é marcado pelo aprofundamento da “lógica do mercado”, pela “revolução cibernética” e “globalização liberal” que abalam os pilares da sociedade moderna; suas instituições: o Estado, a Igreja e a Família burguesa, por exemplo. Desse modo, há uma desvalorização dessas instituições que perdem sua força como detentoras de verdades absolutas que ditam para os indivíduos os seus valores e comportamentos. Trata-se do que Lipovetsky (2004) define de “surto de individualização”, no qual o próprio indivíduo dita as regras para o seu

comportamento. Como consequência desse processo, configura-se uma sociedade estruturada no paradoxo entre a cultura do excesso, do exagero, do desequilíbrio, da violência e desemprego desenfreados, e dos comportamentos que tentam realizar uma contenção dos danos desse desequilíbrio, como a cultura da preservação, da saúde, do equilíbrio dos bons hábitos. Surge, assim, um indivíduo cheio de dúvidas e contradições.

Sendo assim, no cenário da contemporaneidade, a prática os valores patriarcais não definem mais de modo hegemônico as experiências e relações de homens e mulheres, porém, como pudemos observar nos relatos de nossos colaboradores, esses valores ainda norteiam o discurso dos homens em relação a sua auto-imagem e papéis sociais. Certamente trata-se de um indivíduo marcado pelas contradições próprias da cultura da sociedade hipermoderna caracterizada pelo “caos paradoxal” da coexistência de valores e práticas contraditórios.

Segundo Lipovetsky (2004), o indivíduo hipermoderno se caracteriza menos pela busca desenfreada de prazer do “carpe diem” e mais pela ânsia de encontrar um sentido que guie suas experiências frente os inúmeros desafios da realidade atual, como a violência, o desemprego, as doenças, as mudanças nas relações de gênero e familiares. Assim, para o autor, com o enfraquecimento das instituições controladoras da modernidade, os indivíduos tornam-se mais frágeis para enfrentar tais desafios, sem um referencial que lhes indique um sentido, realizando a função de um “interlocutor coletivo”.

**O que foi feito deverá**

(Milton Nascimento/ Fernando Brandt)

O que foi feito amigo

De tudo o que a gente sonhou  
O que foi feito da vida

O que foi feito do amor  
Quisera encontrar  
Aquele verso menino  
Que escrevi a tantos anos atrás

Falo assim sem saudade  
Falo assim por saber  
Se muito vale o já feito  
Mais vale o que será  
E o que foi feito  
É preciso conhecer  
Para melhor prosseguir

Falo assim sem tristeza  
Falo por acreditar  
Que é cobrando o que fomos  
Que nós iremos crescer  
Outros outubros virão  
Outras manhãs plenas de sol e de luz

Alertem todos os alardes  
Que o homem que eu era voltou  
A tribo toda reunida  
Ração dividida ao sol  
De nossa Vera Cruz  
Quando o descanso era luta pelo pão  
E aventuras sem parar

Quando cansaço era rio  
E rio qualquer dava pé  
E a cabeça rodava  
Num gira-girar de amor  
E até mesmo a fé  
Não era cega nem nada  
Era só nuvem no céu e raiz

Hoje essa vida só cabe  
Na palma da minha paixão  
De vera nunca se acabe  
Abelha fazendo seu mel  
No canto que criei  
Nem vai dormir como pedra  
E esquecer o que foi feito de nós

## Horizontes

A compreensão que pudemos realizar até o momento em relação à vivência da heterossexualidade na meia-idade, define uma experiência da masculinidade marcada por intensas cobranças viris que exige do homem uma atitude de fortaleza própria das máquinas, um Super-Homem imbatível em seus poderes que devem ser ilimitados para que ele possa ser enquadrado no *status* do “homem de verdade”. Esse homem deve ser detentor de uma essência exclusivamente masculina e portanto inquestionável em sua veracidade. Essa essência tem como parâmetro de definição, o seu oposto, a essência feminina. Desse modo, o mundo patriarcal é definido por esses dois prismas considerados absolutamente diferentes. Entretanto, essa diferença compõe um cenário de *desigualdades*, derivadas do peso valorativo atribuído ao conceito de ser homem e ser mulher.

As mudanças sócio-culturais-políticas e econômicas na sociedade atual desvendam como esse sistema impedia os homens também de vivenciarem relações amorosas e familiares de modo mais satisfatório, podendo entrar em contato com seus sonhos e seus sentimentos. Essa dificuldade, como já vimos advém de um modelo narcisista de masculinidade que impede ao homem sua entrada no mundo dos mortais, e por isso é um formato de identidade marcada pelo silêncio, onipotência e distanciamento afetivo. Esse padrão de masculinidade é transmitido psiquicamente, segundo o modelo de parentesco de geração em geração, por meio do silêncio e do estranhamento da figura paterna que suscita medo. Trata-se, portanto, de uma transmissão psíquica sem fantasia, na qual os sentidos não puderam encontrar representações em forma de palavras, ou seja, não foram elaborados pelas gerações

anteriores, ocasionando em uma repetição dos objetos psíquicos em sua “forma bruta”. (EIGUER, 1998).

Assim, esses sentidos transmitidos que constituem a identidade heterossexual sofreram ao longo da transmissão psíquica entre gerações um desinvestimento libidinal pelos mensageiros da transmissão, os ancestrais, impossibilitando a representação de linguagem, se caracterizando como uma representação de objeto impensável. (EIGUER, 1998). Certamente por esse motivo, a masculinidade como sinônimo da heterossexualidade foi simbolizada e vivida por meio do silêncio e da repetição de um padrão que se aprende pelo distanciamento.

As mudanças na sociedade atual propiciou à mulher quebrar essa complementariedade de papéis, rompendo também com a idéia de que a masculinidade e a feminilidade são definidas por uma essência que se dá em um “a priori” às relações sócio-políticas e culturais. Como consequência, encontramos a oportunidade de questionar o pressuposto inquestionável da heterossexualidade masculina, para que possamos conhecer o que por tanto tempo se ocultou pelo silêncio.

Segundo Nolasco (1997) as análises e pesquisas referentes ao tema têm sido cada vez mais aceitas pela sociedade e divulgada pela mídia, visto que compreende-se que não se trata de um enfoque individual, mas da crise de valores culturais. O autor revela que esse movimento em busca do conhecimento desse silencioso assunto auxilia na libertação dos homens de um modelo de exigências robóticas de perfeição, possibilitando uma maior humanização da concepção de masculinidade. Assim, o autor vê a cobrança atual da maior participação do homem no ambiente familiar como algo positivo, visto que abre a possibilidade de se democratizar o “espaço privado”, como ocorreu com o público em relação às mulheres. Como vimos, entretanto, há uma

contradição entre a vivência prática e o discurso a respeito da vivência desses papéis de gênero. Esse fato certamente se relaciona com a dificuldade de simbolização, da capacidade de pensar todos esses sentidos do que foi feito e do que se faz ou se espera que se faça das relações de gênero, da masculinidade e feminilidade na atualidade.

Podemos, então, questionar qual o parâmetro está sendo usado pelos homens da geração de nossos colaboradores para transmitirem o modelo de masculinidade para seus filhos adolescentes? Como podem sustentar o discurso da masculinidade heterossexual patriarcal frente às novas cobranças advindas inclusive da mulher? Assim, como seus filhos podem ter uma compreensão clara da mensagem sobre a masculinidade marcada pela contradição entre o discurso patriarcal da sociedade moderna e a experiências de situações que negam os fundamentos desse sistema de valores? Trata-se de um contexto paradigmático “esquizofrênico”, como definiu Lipovetsky (2004).

Assim, compreendemos que cabe a todos os cidadãos, em especial os pesquisadores, educadores, profissionais da saúde, políticos propiciar o conhecimento do vivido para podermos transformar o “fado”, o impensado em reflexão sobre nós mesmos, e deixarmos nossa marca de originalidade por meio de uma nova história coletiva marcada pela nossa força transformadora, nossa “pulsão de destino”. Como, então podemos ser os mensageiros intermediários que auxiliie na transformação de um modelo patriarcal marcado pela compulsão a “ação” em uma nova possibilidade de concepção mais integrada com a experiência afetiva? Questionar o impensável não seria o princípio desse nosso compromisso como pesquisadores, profissionais da área da saúde? Não seria nossa função promover a angustia própria do “pensamento crítico”, na tentativa de estimular nos indivíduos um “Eu metafórico” capaz de assumir essa história

coletiva como sua e transformá-la em um novo sistema de relacionamento mais adequado às novas demandas da vida atual em sociedade?

Entretanto, para realizar esses desafios se faz necessário o incentivo de pesquisas na área, de modo *que “o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir”* (NASCIMETO e BRANDT). Para isso não nos cabe interrogar qual o sentido da libertação dos costumes, das conquistas femininas e das novas propostas de relacionamento de gênero tanto para homens como para mulheres? Se não pensarmos nessas mudanças, não estaríamos novamente agindo compulsivamente, sem assumirmos como sujeitos os rumos que daremos a essa nova história? Como transformar o futuro sem refletir no vivido e se responsabilizar pelos novos sentidos possíveis dessas vivências? Assim, não estaríamos reproduzindo uma sociedade Esquizofrênica que não sustenta suas práticas em comunhão com seu discurso? Como mudar o comportamento sem atingir o imaginário coletivo, sem propiciar novos sentidos sonhados e pensados para o vivido?

Desse modo compreendemos que em uma sociedade que prega a diversidade e a inclusão, como não assumirmos como cidadãos nossa responsabilidade na transformação das relações de gênero que propicie maior qualidade de vida e satisfação para as pessoas? Ao visualizarmos um horizonte mais autêntico para o indivíduo hipermoderno, compreendemos a necessidade da integração das diferenças e diversidades dentro e fora de nós, assim como Psiqué ao reconhecer em si masculino e feminino, força e fragilidade, atividade e passividade, podendo, então existir em suas contradições, saindo do sono mortífero da atitude narcísica que nega as diferenças, assim como a realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS\*:

- ARANHA, M. L. D.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São Paulo: Moderna. 1986.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. ABEP. Informação: < www.abep.org > Acesso em 22 Out 2005.
- BELCHIOR, A. C. Velha roupa colorida. Interprete: Ellis Regina. **Ellis por ela**. Editoração Eletrônica: Index Ltda, p [199-?]1CD. Faixa 4.
- BOAL, A; HOLLANDA, C.B. Mulheres de Atenas Interprete: Ney Matogrosso; Secos e Molhados. **Ney Matogrosso & Secos e Molhados**. Continental, p[19--?] 1 CD. Faixa 8.
- BRANDÃO, J.S. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. v 2. p.155-156.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. 12ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. v 2. p. 209.
- CÁRDIA, G. Baseado na obra de Carlos Zéfiro. In: **Marisa Monte barulhinho bom: uma viagem musical**. Emi music Ltda. p 1996. 1 CD. Ilustrações apresentadas no encarte.
- DAMATTA, R. Tem pente aí? In: Caldas, D. (org) **Homens: comportamento, sexualidade, mudança...** São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 31- 49.
- DARTIGUES, A. **O que é Fenomenologia?** São Paulo: Moraes. 1992
- D' ONOFRIO, S. **Poemas e narrativas: estruturas**. São Paulo: Duas Cidades, 1978. p.79-126.
- EIGUER, A. et al. **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. Tradução Lúcia Helena Siqueira Barbosa et al. São Paulo: Ed. Unimarco, 1998. p. 21- 81.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FREUD, S. Sobre o Narcisismo: uma introdução. 1914. In: \_\_\_\_\_; FREUD, A. **A história do movimento psicanalítico**. Tradução do Alemão Jayme Salomão. Tradução Themira de Oliveira Brito et al. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v 14. p. 85-119.

---

\* De acordo com:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, S. **O Ego e o Id.** 1923. Tradução do Alemão Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.19. p. 13-89.

GIL, G. Super-Homem: a canção. **Gilberto Gil: mestre da MPB.** Warner music Brasil, p1992. 1CD. Faixa 4.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-2ª ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud.** Rio de Janeiro. Imago. 1996. (série analytica). p 338; 355; 412.

HUGO, V. **Paralelos: o Homem e a Mulher.** [18--] Disponível em:  
< <http://www.apaixoadas.net/artigos/poesia2.html> > Acesso em 24 de Setembro de 2005.

HUNT, L. Revolução Francesa e vida privada. . In: Michelle Perrot (et al.) **História da Vida Privada:** da revolução francesa à primeira guerra. Direção; tradução Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v 4. Parte 1. p. 21-52.

KAËS, R. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. **In: EIGUER, A. A transmissão do psiquismo entre gerações:** enfoque em terapia familiar psicanalítica. Tradução Lúcia Helena Siqueira Barbosa et al. São Paulo: Ed. Unimarco, 1998. p. 05-21.

KATZ, J. N. **A invenção da Heterossexualidade.** Rio de janeiro: Ediouro, 1996.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 8ª ed.- Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

LOBATO, J. P. **Amor, desejo e escolha.** Rio de Janeiro. Ed. Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de Gênero. In: LOPES, M. J. M., MEYER, D. E. & WLADOW, V. R. (orgs) **Gênero e Saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 7-18.

MARDEGAN, E. Jr. **Homem quarenta graus:** a hora do lobo. São Paulo. Ed. Mercury, 1997.

MARTINS, J, BICUDO, M. A. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia:** Fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, [São Paulo]: EUC ( Editora da PUC-SP), 1989.

MARTINS, I. R. ; FARINHA, M. F. **Temas fundamentais da Fenomenologia.**

Organizador Beirão dichtschevenian. Ed. Moraes, São Paulo, 1984. Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo. p 35-54.

MATOGROSSO, N. **Homem com H.** Disponível em:

< <http://ney-matogrosso.lettras.terra.com.br/lettras/47726/>>. Acesso em 24 de Setembro de 2005.

MCDOUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros:** uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon et al. 1<sup>a</sup> ed. 2<sup>a</sup> triagem. São Paulo: Martins Fontes, 2201.

NASCIMENTO, M; BRANDT, F. O que foi feito deverá. Interprete: Ellis Regina. **Ellis por ela.** Editoração Eletrônica: Index Ltda, p. [199-?]1CD. Faixa 5.

NOLASCO, S. Um Homem de Verdade. In: Caldas, D. (org) **Homens:** comportamento, sexualidade, mudança... São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 13-31.

PERROT, M. Introdução. In: \_\_\_\_\_. et all. **História da Vida Privada:** da revolução francesa à primeira guerra. Direção; tradução Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v 4. p 9-14.

PESSOA, F. **Ficções do Interlúdio.** Organizador Fernando Cabral Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 103- 104.

REIS, L.M.A. **50/60 anos além da idade do lobo:** a vitalidade da segunda juventude. 2<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação.** (Coleção polêmica do nosso tempo). v. 38. São Paulo: Cortez, 1990.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2003.

SCOTT, J. W. **Gender and the politics of History.** New York Columbia University Press. 1988. Part I: p.1-50.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e Plurais:** identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

**Anexo A**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP**

---

**Of.CEtP/036/2002/28.8.2002**

Senhora Pesquisadora:

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "SER  
HOMEM DE 45 A 55 ANOS NA RELAÇÃO HETEROSSEXUAL: DA RUPTURA DO  
SILÊNCIO A REFLEXÕES DE PARADIGMAS", foi analisado pelo Comitê de Ética  
em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 21<sup>a</sup> Reunião Ordinária, realizada em  
27/8/2002, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo  
CEP-FFCLRP nº **063/2002** - 2002.1.870.59.9.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos  
de estima e consideração.

Atenciosamente,



**Prof. Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean**  
Coordenadora do CEP-FFCLRP-USP

Ilustríssima Senhora  
Maria Fernanda Marrega  
Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP

**com cópia para Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns**

**em mãos**

## Anexo B

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Departamento de Psicologia e Educação

### Termo de consentimento (Anuência do entrevistado)

**Nome da pesquisa:** “ Ser Homem de 45 a 55 anos na Relação Heterossexual: da Ruptura do Silêncio a Reflexões de Paradigmas”

**Pesquisador Responsável:** Maria Fernanda Marrega

Descrever abaixo as informações dadas aos participantes da pesquisa:

1. Justificar os objetivos da pesquisa
2. Procedimento que será utilizado ao seu propósito , bem como a identificação dos procedimentos que são experimentais

As informações supracitadas devem ser redigidas em termos simples , conhecidos pelos participantes e de forma que estes possam entender :

Sou Psicóloga e estou realizando uma pesquisa para a obtenção do grau de mestre em Psicologia, na área de sexualidade, pela Universidade de São Paulo. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os homens entre 45 e 55 anos que se percebem como heterossexuais, vivem suas relações amorosas e sexuais, no contexto sócio econômico atual, onde mudanças de valores e costumes ocorrem com rapidez. Visamos compreender quais foram e são as vivências mais importantes que fizeram com que o homem se percebesse heterossexual e como está sendo vivenciar sua sexualidade neste momento atual, no qual os papéis sociais da mulher e do homem se modificam com tanta rapidez. Assim como os valores sociais e os padrões sociais, como a família, por exemplo.

Eu vou lhe apresentar uma pergunta e vou fazê-la de várias maneiras, se ainda assim você não entender, eu refaço. O importante é que a gente se entenda. A pergunta é a seguinte: Na sua história de vida, como e quando você começou a se perceber heterossexual e como isto tem sido? Ou seja, quais experiências mais importantes da sua história de vida fizeram você perceber que tinha atração sexual por mulher e como foi desde então suas experiências? Como você se sente sendo heterossexual, no seu relacionamento com a mulher ao longo de sua história de vida? Na infância, na adolescência, atualmente?

Sempre que eu tiver também alguma dúvida poderei te pedir para me contar mais a respeito de algum fato, desta forma, é provável que possamos precisar de mais de um encontro para completar a entrevista, se você estiver de acordó. Peço a você autorização para gravar sua resposta. Gostaria de explicar-lhe que sua participação é voluntária e que seu nome não será exposto no trabalho, sendo substituído por outro nome. Outra coisa que eu quero lhe dizer é que após você falar de sua vida, nós

podemos ouvir toda a fita e caso você discorde de alguma informação, você poderá retirá-la, ou desistir de participar desta minha entrevista e eu lhe entregarei a fita.

Quero dizer que coloco-me ao seu inteiro dispor para todos os esclarecimentos necessários através dos telefones : (16) 6023675, 6023793, ou 6023681.

Desde já agradeço por suas informações.

---

Pesquisador responsável

**EU:**

---

\_\_\_\_\_, R.G. : \_\_\_\_\_, abaixo assinado ,  
concordo em participar desta pesquisa , tendo recebido as informações contidas  
acima em ciente dos meus direitos abaixo relacionados :

1. A garantia de receber esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, benefícios e outros relacionados com a pesquisa ;
2. A liberdade de retirar meu consentimento durante a entrevista e deixar de participar da pesquisa, neste caso não assinarei este termo ;
3. A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade ;

**Tendo ciência do exposto acima , subscrevo este documento .**

Ribeirão Preto , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante